

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Infraestrutura como espaço agregador

Flávio de Sousa Ferreira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteta Patrícia Maria Pontes Serra Mendes Barbas, Professora
Auxiliar Convidada,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Diogo Aguiar Pinto Carvalho Moreira

outubro, 2024



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Infraestrutura como espaço agregador

Flávio de Sousa Ferreira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteta Patrícia Maria Pontes Serra Mendes Barbas, Professora
Auxiliar Convidada,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Diogo Aguiar Pinto Carvalho Moreira

outubro, 2024

1º edição de
“ARQUITECTURAS NA MARGEM: O QUE TE FAZ FELIZ?”

INFRAESTRUTURA COMO ESPAÇO AGREGADOR

Flávio Ferreira

Orientação de Patrícia Barbas e Diogo Aguiar
Apoio de Francisco Freitas

outubro 2024

ARQUITECTURAS NA MARGEM
O QUE TE FAZ FELIZ?

1º edição de
“ARQUITECTURAS NA MARGEM: O QUE TE FAZ FELIZ?”

INFRAESTRUTURA COMO ESPAÇO AGREGADOR
Flávio Ferreira

Orientação de Patrícia Barbas e Diogo Aguiar
Apoio de Francisco Freitas

outubro 2024

INFRAESTRUTURA COMO ESPAÇO AGREGADOR

Flávio de Sousa Ferreira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à professora Patrícia Barbas e ao Diogo Aguiar por toda a dedicação e apoio dados para que este projeto se concretizasse.

Ao Francisco Freiras, por toda a ajuda e disponibilidade ao longo de todo este ano.

À minha família que me apoiou sempre e nunca me deixou desistir dos meus sonhos.

Às minhas algarvias que estarão sempre comigo.

Ao Duarte, por todas as ajudas incansáveis, por estares sempre ao meu lado e me fazeres feliz todos os dias, um obrigado especial a ti.

E por fim, um obrigado à família que o Iscte me deu, Beatriz Duarte, Beatriz Ribeiro, Diogo, Filipe, Matilde e Rita. Ao longo destes (quase) 5 anos, mostraram-me que a família também se escolhe e que sorte a nossa nos termos escolhido. Obrigado por todos os momentos, por todos os risos e por todos os choros, esta grande etapa nunca teria sido a mesma sem vocês. Obrigado para sempre.

Obrigado

RESUMO

Num cenário em que a central hidroelétrica da barragem do Cabril é desativada, novas possibilidades surgem para reconhecimento e transformação de um território vastamente alterado. Assim, dois concelhos divididos por um curso de água artificializado, ganham uma nova perspetiva de reabilitação.

O muro de betão que interrompe o rio Zêzere, é atualmente apenas reconhecido como um troço da Estrada Nacional 2 (N2) e utilizado como via de acesso por automóveis que pretendem atravessar as margens desse rio.

O meu gesto justo passa pela transformação dessa estrutura num espaço onde as comunidades se encontram e trocam culturas, costumes e sabedorias, unindo assim as freguesias de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno.

Para além disso, o redesenho desta via partilhada possibilitará a simbiose harmoniosa entre o homem e o animal, continuando a permitir a travessia automóvel.

O muro da barragem e a Nacional 2 passam, então, a ser lugar de permanência da comunidade.

ABSTRACT

In a scenario in which the Cabril dam hydroelectric power station is decommissioned, new possibilities arise for recognizing and transformation of a vastly altered territory. Thus, two municipalities divided by an artificialized watercourse gain a new perspective on rehabilitation.

The concrete wall that interrupts the River Zêzere is currently only recognized as a section of the National Road 2 (N2) and used as an access route by cars wishing to cross the river banks.

My fair gesture involves transforming this structure into a space where communities meet and exchange cultures, customs and knowledge, thus uniting the parishes of Pedrógão Grande and Pedrógão Pequeno.

In addition, the redesign of this shared road will enable a harmonious symbiosis between man and animal, while continuing to allow cars to cross.

The dam wall and National 2 will then become a place for the community to stay.

	RESUMO		13
	ABSTRACT		15
	INTRODUÇÃO		19
01	ESPAÇO COMUM	A CULTURA DO LAZER	22
		LISBOA: UMA REMINISCÊNCIA DOS MERCADOS	24
02	(INFRA)ESTRUTURA	ENTRE PONTOS	48
		ABRIGO E PERMANÊNCIA	50
03	NA MARGEM	RECONHECIMENTO DE UM TERRITÓRIO	64
		COSTUMES E TRADIÇÕES	70
04	INFRAESTRUTURA COMO ESPAÇO AGREGADOR	O HABITAR DA N2	86
	CONSIDERAÇÕES FINAIS		117
	BIBLIOGRAFIA		120

INTRODUÇÃO

O rio Zêzere é severamente marcado pelas três grandes barreiras que possui, a barragem do Cabril, a barragem da Bouçã e a barragem de Castelo de Bode. É na primeira barragem que recai o foco deste projeto, deixando como principal questão, “o que aconteceria se a central de hidroelétrica da barragem do Cabril fosse desativada?”. Infraestrutura como Espaço Agregador, explora de que forma esta infraestrutura de 136 metros de altura poderia ser reinventada. Ao longo de toda a história, as pontes desempenharam um papel fulcral para o desenvolvimento das cidades. Inicialmente utilizadas apenas como plataforma de atravessamento, foram mais tarde reimaginadas como ruas adicionais, onde eram construídos edifícios de habitação e novos comércios. A história da ponte habitada serve como ponto de partida para este projeto.

Como nos situamos num meio rural, foi importante estudar as localidades que fazem margem ao rio Zêzere - o município de Pedrógão Grande e a freguesia de Pedrógão Pequeno, e entendendo assim as suas necessidades os seus costumes e tradições, para desta forma lhes oferecer uma melhorada qualidade de vida. Se outrora a Estrada Nacional 2 (N2), que desenha a barragem, era a única forma de atravessamento entre estas duas localidades, a sua nova função passa, agora, por também por ser um ponto de encontro entre as mesmas.

Desta forma nasce o Mercado da Margem, onde a infraestrutura transformada não se limita a uma função de travessia, mas procura fomentar o encontro e o intercâmbio cultural, promovendo uma maior coesão social e integração das populações locais através de um espaço público comum.

O ESPAÇO COMUM

01

“(...) o homem é a maior alegria do homem”¹

1. Verso presente no manuscrito da Edda Poética, o poema *Hávamál*, século XIII.

A CULTURA DO LAZER

Desde o início dos tempos, o homem tem a necessidade de conviver e de se agregar. Somos seres sociais que procuram o conforto na comunidade. Onde quer que estejamos, desde a mais pequena aldeia, à maior e mais povoada cidade, há sempre espaços reservados para a realização de atividades onde os indivíduos se podem reunir e relacionar.

Os parques, praças, centros comunitários e mercados, funcionam como centros de interação social, promovem um sentimento de identidade partilhada entre grupos diversos. Uma plataforma para o envolvimento cívico, a troca de culturas e atividades recreativas.

“What attracts people most, it would appear, is other people”²

O espaço público, partilhado por todos nós, é o local de maior significado para o desenvolvimento de uma cidade, vila ou aldeia. É o ponto de encontro e expressão dos indivíduos e, representa as condições para a vida urbana e rural. Essas condições passam pela criação da identidade do espaço. Uma comunidade faz-se de pessoas, e as pessoas fazem o espaço, é um ciclo eterno onde um depende do outro para a sua existência e o seu funcionamento.

Podemos dizer que um espaço também se faz de caminhos, os caminhos do quotidiano que já se fazem de memória. Jan Gehl, descreve-os no seu livro *Ciudades para la gente*, (2014), “caminhar é muito mais do que circular! Há contato entre as pessoas e a comunidade, desfruta-se do ar fresco, da permanência no exterior,³ dos prazeres gratuitos da vida e das diversas experiências sensoriais”. Percebemos que os caminhos não são os de alcatrão que servem como vias rápidas de atravessamento e passagem, mas sim os feitos pelo próprio pé, caminhos que contam uma história e uma vida. Desta forma, o espaço público assume-se fundamental para o funcionamento urbano e rural, pelo seu papel integrador, estabelecendo ligações contínuas pelo território. Marca ainda a identidade do espaço pelo seu caráter simbólico, as lembranças que trazem da vida social e quotidiana dos cidadãos que nele criam e consolidam laços sociais.

“O espaço público deve ser considerado fundador da cidade (poder-se-à dizer em todas as épocas e em todos os regimes)”⁴

Rua Augusta is Lisbon's lively central pedestrian street...
 a world class vista through the arch to the river.

Beer at Concha D'Ouro Lisbon 7.19.11



2. "O que mais atrai as pessoas, ao que parece, são outras pessoas" Whyte, William H. *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York, Project For Public Spaces, 1980, pp. 19.
3. "caminar es mucho más que solo circular! Hay contacto entre las personas y la comunidad, se disfruta del aire fresco, de la permanência em el exterior, de los plácemes gratuitos de la vida y de las diversas experiencias sensoriales." Gehl, Jan. *Ciudades Para La Gente*. Buenos Aires, Infinito, 2014, pp. 19.
4. Indovina, Francesco. *Cidades - Comunidades e Territórios*, dez. 2002, pp. 119.
5. "A Rua Augusta é a animada rua pedonal central de Lisboa, com uma vista de classe mundial através do arco para o rio." Richard, James. *Rua Augusta*, Lisboa, 2011.

LISBOA: UMA REMINISCÊNCIA DOS MERCADOS

O desenvolvimento dos meios urbanos e rurais, está profundamente ligado aos seus espaços públicos, principalmente as cidades europeias, que se formaram a partir da tradição desse mesmo espaço enquanto elemento articulador do tecido urbano.

Portugal, devido à sua localização geográfica, sendo o país no extremo mais a Oeste da Europa, foi durante muitos séculos o núcleo das rotas marítimas e comerciais. Lisboa, a sua capital, albergava inúmeros portos de naus que vinham dos oceanos e descarregavam as mercadorias oriundas de todo o mundo.



Conhecida por zona ribeirinha, esta área delimitada pelo rio Tejo, foi um dos troços mais importantes para o desenvolvimento comercial da cidade de Lisboa. Surgiu durante a época medieval, no período em que Lisboa, de modo a proteger-se dos conflitos com Castela, expandia o seu limite fortificado. A muralha, passa a ter uma presença bastante considerável na frente ribeirinha, pontuando assim a praia medieval. Este areal, fronteiro e exterior às muralhas da cidade, transforma-se no cais onde eram recebidas as comitivas reais, onde se consertavam e se construíam navios, mas também onde eram estendidas as redes de pesca. Adquiriu assim, e pela sua proximidade da Porta da Oura⁷, uma importância avassaladora para a capital.

Em meados do séc. XVI, vive-se o momento em que há um avanço do espaço urbano sobre o rio, conseqüente das transformações da cidade manuelina. Os sucessivos aterros sobre o Tejo, causaram importantes remodelações na frente ribeirinha de Lisboa que agora se encontrava em expansão, associada à renovada importância da sua ligação com o rio. Assim, entre os anos de 1500 e 1505, o monarca D. Manuel manda construir um palácio à beira do Tejo, para que possa continuar a acompanhar as atividades navais e a construção das naus de das galés nos armazéns banhados pelo rio. Nasce então o Paço da Ribeira, cais onde eram recebidos os produtos conquistados, prestando apoio aos armazéns da Casa da Mina,⁸ atividades que permaneceriam ativas até pós formação do Terreiro do Paço em 1508.

Na segunda metade do séc. XVI, o amplo terreiro da Ribeira Velha, atual Campo das Cebolas, onde se aportavam pequenas embarcações, adquire uma renovada frente urbana, composta por novos palácios de nobres e burgueses comerciantes. A instalação do Mercado da Ribeira Velha, nesse mesmo espaço, veio trazer um papel marcante a esta área urbana, tornando-se um dos mais importantes mercados da cidade no século XVII, até à catástrofe natural de 1755. A este mercado correspondiam um aglomerado de cabanas, espalhadas pela praça, que ofereciam uma variedade de produtos alimentares - frutas, leguminosas, peixe, carne de caça e de gado, mel, pão, manteiga, entre outros.

“(…) numa parte da qual se agasalham e compõem as barcas de pesca de alfama (...) e na outra parte estão trinta e quatro cabanas”⁹

6. Autor desconhecido. Miniatura que reconstrói o momento em que Marco Polo deixa Veneza e toma a Rota da Seda, Séc. XV.

7. Porta da cidade de Lisboa, inserida na cerca fernandina da cidade.

8. Também conhecidos como Casa da Guiné, foi a designação atribuída aos armazéns reais portugueses na segunda metade do séc. XV, altura dos Descobrimentos.

9. de Oliveira, Nicolau. *Livro Das Grandezas de Lisboa*. Edições Vega, 1620.

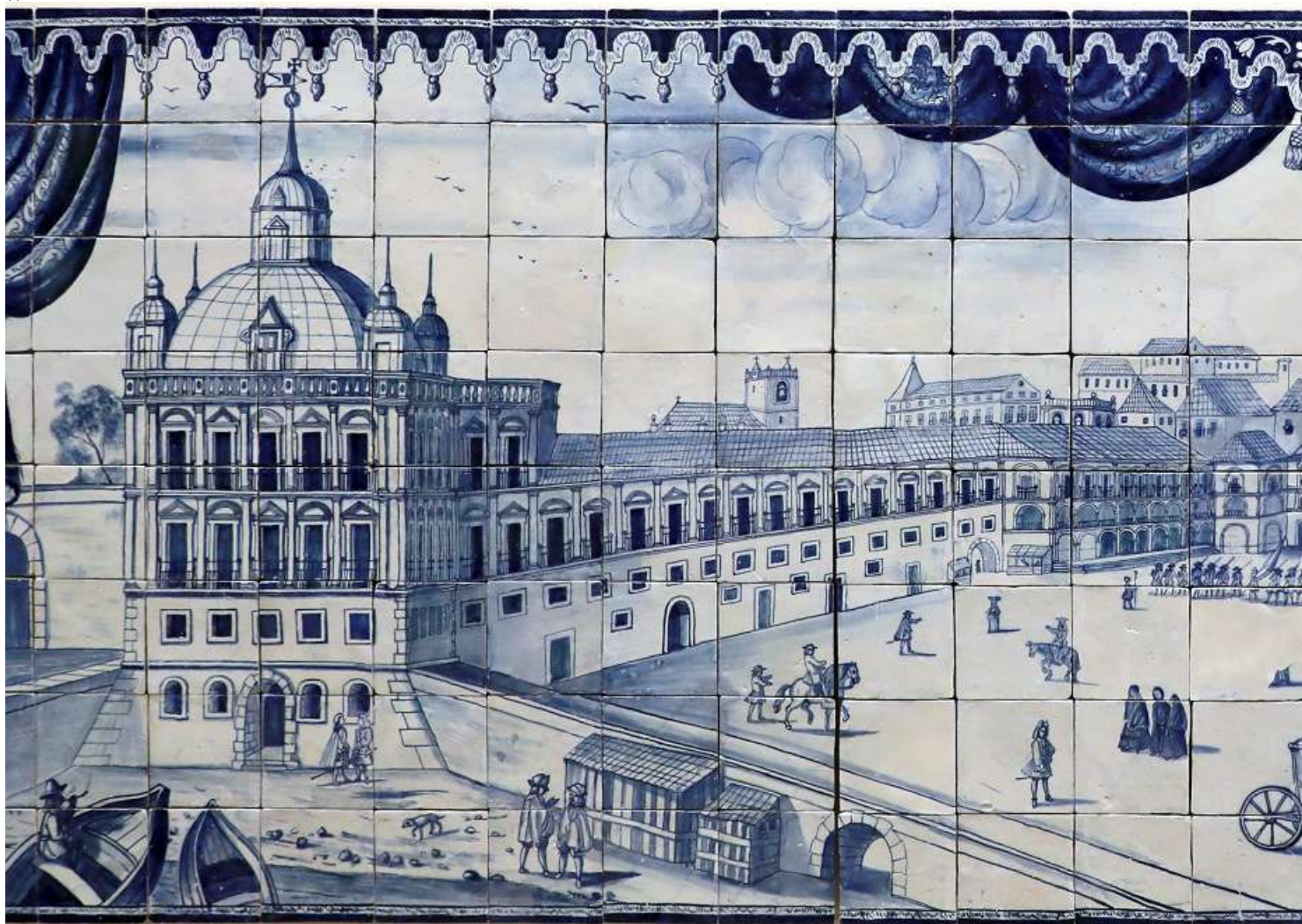




Toda esta área mercantil lisboeta, em ascensão, da zona ribeirinha, ficou reconhecida a nível europeu, “o centro naval, commercial, aristocrático, e político, de Lisboa”.¹¹

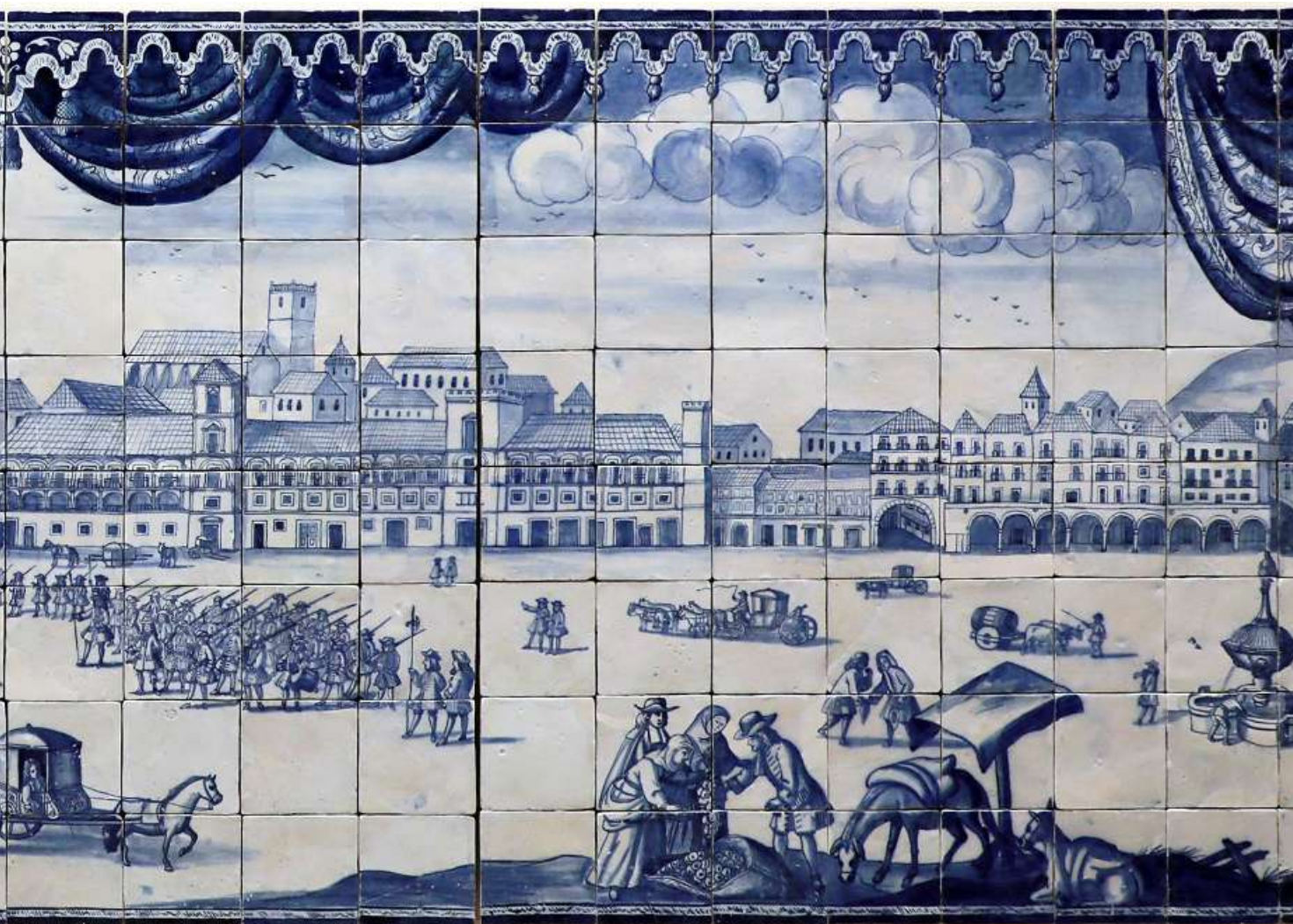
Em 1730, um autor estrangeiro faz a descrição daquilo que era a vivência desta praça, o coração do comércio lisboeta “São as paredes interiores revestidas de azulejo, e cobertas de grossa quantidade de peças de carne, penduradas na altura de seis pés, e d’ahi para cima. Cada comprador aponta para a fazenda que deseja, e logo os moços, collocados n’uns balcões ou estrados em volta, lha entregam ao longo de uma taboa disposta a rede”,¹² “Mais a diante, ao Norte - (do terreiro do Paço)- vê-se o açougue, onde toda a casta de carnes se vende segundo taxa estabelecida, taxa ali colocada à vista do publico todas as semanas”.¹³

14





10. Mestre P.M.P. Mercado da Ribeira Velha. Primeiro quartel. Séc. XVIII. Fonte: Museu de Lisboa.
11. Júlio de Castilho. *A Ribeira de Lisboa*. Imprensa Nacional, 1893, pp. 239.
12. Júlio de Castilho. *A Ribeira de Lisboa*. Imprensa Nacional, 1893, pp. 432.
13. Júlio de Castilho. *A Ribeira de Lisboa*. Imprensa Nacional, 1893, pp. 432.
14. Autor desconhecido. Painel de azulejo com a representação do Terreiro do Paço antes do terramoto de 1755. Início do séc. XVIII. Fonte: Museu de Lisboa.
15. Autor desconhecido. Mulher amanhando peixe. Séc. XVIII. Fonte: Museu de Lisboa.



O Terreiro do Paço, simbolizava a maior sede do poder em Portugal. Inicialmente proposto como terreiro da casa real da época, tornou-se no centro da vida da corte, o espaço onde revoltas, coroações, trocas comerciais e outros tipos de atrações de cariz festivo e religiosos aconteciam. O verdadeiro centro cívico, político e social da cidade.

16



A 1 de novembro de 1755 dá-se a catástrofe natural que destrói toda a cidade de Lisboa, sendo a zona costeira a mais lesada. É a partir dessa data que se dão grandes mudanças na malha urbana da cidade, e consequentemente a reabilitação e reurbanização da frente ribeirinha, enquadrada no plano de reconstrução da baixa de Lisboa.

Apesar das alterações e melhorais que se assitiam, as ruas da cidade eram continuamente vistas e usadas como local de venda de produtos, causando desta forma problemáticas na organização da mesma. Assim, por ordem do Marquês de Pombal, em 1766, e numa tentativa de reorganizar a capital portuguesa, manda deslocar o Mercado da Ribeira Velha para a zona do Cais do Sodré, onde se encontra até aos dias de hoje. Em 1771 o Mercado 24 de Julho é repensado pelo engenheiro Ressano Garcia, que instala um corredor de água central, para higienizar as bancas e conservar as mercadorias ali vendidas. Em 1882 é então inaugurada e descrito como -

“(…)1 de Janeiro de 1882 o magnifico mercado, sucessor melhorado da demolida Ribeira Nova;”¹⁷

18

— 99 —

Mercados

Praça da Figueira.—Bello mercado coberto, sobre os quatro lados d'uma extensa praça, que fica a par do Rocio, no topo da rua da Prata. Tem arvores pelo centro, e entre ellas a fonte de que acima fallámos. Ahi se vendem aves de toda a qualidade, fructas, hortaliças, ovos, leite e flores. É fechado todas as noites, com as portas de ferro, á similhaça do Passeio Publico.

Ribeira Nova.—Mercado de peixe, mas onde se encontram tambem fructas e hortaliças. Está situado em uma boa praça junto ao caes de Sodré; tem logares cobertos como a Praça da Figueira. Na frente do mercado, junto ao rio, está a casa fiscal da administração do pescado.

Ribeira Velha.—Mercado de carnes de porco e fructas seccas do Algarve. É muito regular e aceiada, constituindo um dos lados da rua entre o *Vér-o-peso* (antigo local da Alfandega das Sete Casas) e o Terreiro do trigo.

Praça do peixe.—Ao Terreiro do trigo. É um pequeno mercado com mesas de pedra, destinado exclusivamente á venda do peixe.

— 100 —

Praça do peixe.—Em Belém. É local mais vasto. Foi concluido ha poucos annos com bastante gosto.

Vér-o-peso.—Assim se chama ao mercado de azeite e vinho, por grosso, estabelecido á Ribeira Velha.

Matadouro

Era antigamente no Campo de Santa Anna. Agora acha-se edificado com toda a vastidão e commodidade no sitio denominado Cruz do Taboado.

As rezas são ali desmanchadas com todo o aceio, havendo um cirurgião veterinario destinado a examinar o estado de saude dos animaes que, para consumo da capital, se votam á morte.

16. Stoop, Dirk. Terreiro do Paço no séc. XVII. 1662. Fonte: Museu de Lisboa.

17. Júlio de Castilho. *A Ribeira de Lisboa*. Imprensa Nacional. 1893. pp. 662.

18. Bordalo, J.J. *Novo Guia Do Viajante Em Lisboa E Seus Arredores Cintra, Collares, Mafra, Batalha, Setubal, Santarem, Etc.*, 1863, pp. 99 e 100.

Apesar da sua reabilitação o mercado continua a receber sucessivas remodelações e ampliações até 1926, data em que foi demolido, para dar lugar, em 1930, ao novo mercado projetado pelo arquiteto João Piloto.

19











© AML



© AML

Simultaneamente, o Campo das Cebolas era também alvo de obras de requalificação, um novo quarteirão de prédios fronteiro à Casa dos Bicos, ficando esta área conhecida como Terreiro das Farinhas. Esta zona foi escolhida pelo Marquês de Pombal para acomodar a instalação de pequenos comércios assim como grandes armazéns e depósitos. Foi durante a segunda metade do séc. XX, com a monopolização crescente da área metropolitana da cidade, que este mercado desaparece.

O espaço conhecido como o Campo das Cebolas, que outrora servia as necessidades dos comerciantes, onde se faziam não só trocas comerciais, como também se passavam tradições e conhecimentos locais, dá lugar a uma enorme parque de estacionamento. As antigas bancas são substituídas por automóveis e os comerciantes já não lá vendem mais os seus produtos. A atividade mercantil portuária da frente ribeirinha desapareceu.

19. Autor desconhecido. Mercado da Ribeira na sua primitiva forma, gravura, 1771-1882.

Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

20. Benoliel, Joshua. Mercado da Ribeira Nova, o peixe antes da licitação. Avenida 24 de Julho, 1906. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

21. Benoliel, Joshua. Vendedeira de figos no mercado da Ribeira Nova. Avenida 24 de Julho, 1910. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

22. Autor desconhecido. Mercado da Ribeira Nova. Avenida 24 de Julho. 1933 in Arquivo do Jornal O Século. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

23. Benoliel, Joshua. Venda de legumes no mercado da Ribeira Nova. Avenida 24 de Julho, 1910. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

24. Benoliel, Joshua. Gente de Lisboa. Varinas à porta do mercado 24 de julho, 1909. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

25. Autor desconhecido. Gente de Lisboa. Varinas a lavar o peixe no Cais da Ribeira Nova, 19--. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

26. Autor desconhecido. Mercado 24 de Julho, corpo central. Avenida 24 de Julho, 1882 - 1893. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.

27. Autor desconhecido. Mercado 24 de Julho, interior. Avenida 24 de Julho, ant. 1893. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.





28. Guedes, Paulo, Campo das Cebolas. 19--.
 Fonte: arquivo municipal de Lisboa.
 29. Portugal, Eduardo. Campo das Cebolas.
 1930-1939. Fonte: arquivo municipal de
 Lisboa.
 30. Panorâmica sobre o Campo das Cebolas
 e a Sé de Lisboa. Serôdio, Armando Maia,
 1969. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.
 31. Fotografia aérea da zona do Campo das
 Cebolas em Lisboa. junho, 2007. Fonte:
 Google Earth.

Atualmente, e dadas as inúmeras renovações e transformações, encontramos-nos perante dois espaços que comportam diferentes propósitos e funções. O Mercado da Ribeira, a partir do ano de 2014, passa a acolher um projeto inovador, o *Time Out Market*. Este espaço renovado acolhe um maior leque de serviços, as bancas mercantis continuam a ser um dos principais pontos de atração mas agora servem também os diversos restaurantes que tomam o seu lugar neste extenso mercado. Para além da atividade ligada ao comércio alimentar, o antigo Mercado da Ribeira recebe, no seu primeiro piso uma sala multiusos onde se dão inúmeros eventos, e espaços de coworking, tornando assim este espaço, um mercado com uma prestação de serviços bastante completa e versátil.

32



33



34



Em 2018, no Campo das Cebolas, o arquiteto Carrilho da Graça dá por concluída a sua intervenção ao antigo mercado de Lisboa. De forma a evidenciar a sua história urbana, é redesenhado um jardim onde outrora centenas de carros tomavam lugar. Um regresso às origens onde agora as pessoas podem voltar a percorrer esta nova área arborizada. O estacionamento passa ser feito no subsolo, sob um desenho que segue topografia deste terreno. O Campo das Cebolas é novamente vivido como uma zona de passeio, a plantação de vegetação e o pensamento por detrás deste projeto, confere uma nova vida à antiga zona mercantil.

35



36



Vivemos numa era de mudança rápida e constante, onde predomina o consumismo e o ter é sinónimo de poder. Consequentemente, a cidade precisa evoluir ao mesmo ritmo, provocando assim constantes transformações urbanas que influenciam o espaço público. O automóvel, que tanto veio ajudar na evolução da locomoção, veio também reduzir a qualidade do espaço. Os locais que se destinam aos pedestres, como as praças e os passeios, são invadidos e cortados por estacionamento de modo a conseguir acomodar e suportar o excesso de veículos. Esta troca do espaço público pelo espaço alcatroado tem repercussões severamente significativas ao nível da poluição visual e atmosférica que tem vindo a aumentar.

A crescente gentrificação faz perder a memória do caminho, o espaço público, usado como local de troca, comércio e comunicação, é substituído pelas grandes superfícies comerciais. O espaço público tem vindo a ser abandonado, perdendo assim a sua função de sociabilização, numa consequência do humano, como um ser cada vez mais individual.

Por consequência, o espaço público trona-se inevitavelmente menos seguro, o que leva a que seja ainda menos frequentado, tornando-se por sua vez, ainda menos seguro, caindo assim neste ciclo vicioso.

O propósito para este projeto, *Infraestrutura como Espaço Agregador*, é reavivar a vida pública, fazer do pedestre o protagonista. Enfrentar a invasão automóvel e proporcionar um equilíbrio entre homem e maquinaria, trazendo assim um novo carácter ao local.

“(…) cada vez que se transforma uma estrada ou uma praça num espaço pedonal libertando-a, portanto da invasão dos automóveis, ele torna-se imediatamente um polo de sociabilização, um lugar fortemente frequentado ou até um local de atividades lúdicas, com comedores de fogo, malabaristas, vendedores ambulantes, etc.”³⁷

32. Pavão, Luís. Mercado da Ribeira, 2019. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.
33. Pavão, Luís. Mercado da Ribeira, 2019. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.
34. Pavão, Luís. Mercado da Ribeira, interior, 2000. Fonte: arquivo municipal de Lisboa.
35. Carrilho da Graça arquitectos, fg+sg - fotografia de arquitectura. CAMPO DAS CEBOLAS AND DOCA DA MARINHA, 2018.
36. fg+sg - fotografia de arquitectura. Campo das Cebolas, 2017.
37. Indovina, Francesco. Cidades - Comunidades e Territórios, dez. 2002, pp. 119.
38. Autor desconhecido, 1570-1620. Fonte: PÚBLICO Comunicação Social SA. <https://www.publico.pt/2015/12/10/ciencia/noticia/a-quinta-avenida-do-seculo-xvi-ficava-em-lisboa-1716946>





(INFRA)ESTRUTURA

02

“Conjunto de instalações, equipamento e serviços, geralmente públicos (...) que garantem o funcionamento de uma cidade.”

[Filosofia] “Conjunto das relações sociais e económicas uma dupla funcionalidade, que fundamentam determinadas ideologias.”³⁹

A necessidade de estabelecer ligações entre pontos, conectar civilizações e povos, é algo presente em toda a história da humanidade. No entanto, quando confrontados com a presença de certos obstáculos geológicos — na presente área de estudo, falamos do rio Zêzere — que impossibilitavam a continuação dos percursos pedonais, o homem foi obrigado a pensar numa infraestrutura que pudesse ligar duas margens de forma rápida, dando, deste modo, origem às pontes.

Uma infraestrutura que se espalhou por todo o mundo. Atualmente as pontes ocupam um espaço central na cidade, são passagens que canalizam o fluxo da vida e o seu crescimento. Mesmo quando construídas a grandes distâncias destes centros de vida, manifestam a sua presença, impulsionando a sua expansão. São tentáculos que estabelecem ligações entre terras, mas acima de tudo entre gentes.

Inicialmente projetadas como uma via que unia dois pontos, as pontes eram fruto da imaginação do homem. Tirando proveito daquilo que a natureza oferecia, estas infraestruturas apareceram inicialmente na forma de troncos de árvores, pedras largas, lianas, etc.

De forma a manter a sua sobrevivência, o antigo Homem, foi obrigado a alargar a sua área de caça e assim percorrer novas terras. Esta contínua exploração e ocupação de novos territórios, tornou necessário estabelecer ligações permanentes entre as terras separadas por obstáculos naturais -rios, falésias, grandes depressões etc-. Nasce assim o conceito de ponte.

“As primeiras pontes terão sido construídas para ajudar as tribos de caçadores-recoletores a chegar mais longe.”⁴⁰

Com o passar dos séculos, a agricultura desenvolveu-se, as pequenas comunidades tornaram-se vilas e mais tarde cidades-estado. Deu-se assim um crescimento populacional e o ser humano necessitou que estas estruturas pedonais se acomodassem novamente aos novos tempos.

Maioritariamente construídas sobre cursos de água, estas pontes tinham um período de duração bastante curto, devido à sua construção em madeira que rapidamente se decompunha. Para além desta problemática, o seu material inflamável, era constante vítima de fogos ateados por ataques de povos rivais. Consequentemente, e de forma a permitir a proteção das cidades e dos seus habitantes, os tabuleiros das pontes eram recolhidos e novamente colocados sobre a sua estrutura diariamente.

A civilização romana, dita a mais evoluída e a primeira no desenho e projeção das pontes, de modo a resolver os problemas que enfrentavam em manter estas estruturas seguras, repensam na forma como estas são construídas e alteram-na. É então que a pedra é inserida como material de construção da infraestrutura. Às antigas pontes de madeira, é

lhes acrescentado elementos em pedra, nomeadamente na sua estrutura, o que permitia uma maior resistência a ataques e elementos naturais referidos anteriormente.

A grande resistência deste material permitiu uma evolução na concepção destas infraestruturas e conseqüentemente num novo pensamento construtivo, que deixou a sua marca e influência por toda a Europa.

O conceito de via pedestre destinada à ligação de dois lugares, associado às pontes, começa a ser pensado mais além e a ganhar outro significado.

Em 312 a.C., Appius Claudius Caecus e Caius Plautius Venox, dois políticos da gente Cláudia — uma das casas patrícias da Roma Antiga cuja origem vinha desde o início da República Romana — mandaram construir o primeiro aqueduto conhecido deste império. A ponte de Caecus e Venox não só acabou por constituir-se enquanto mote conceptual para futuras construções, uma vez que foi com estes dois membros patrícios que nasceu a ideia de ponte que adquire uma dupla funcionalidade, mas também como mote funcional, visto que esta infraestrutura não só continuou a desempenhar a função de unir dois pontos, mas também passou a destinar-se a conduzir e distribuir água aos residentes da Roma Antiga. A ponte primitiva antes conhecida deu, então, lugar ao aqueduto, que prevaleceu no Império Romano e deu origem a uma enorme rede infraestrutural.

41



Acqueducs de l'Appia.

40. "The first bridges would have been built to help hunter-gatherer tribes range further afield". Browne, Lionel. *Bridges*. Todri Productions, 1996.

41. Tofaneli, Agostino. *Acqueducs de L'Appia*, 1833.

Ao eixo horizontal que estabelecia a comunicação e ligação entre dois polos, é-lhe adquirido uma nova dualidade dando, portanto, lugar a novos pensamentos e filosofias. Seria possível uma ponte ser mais do que um cordão umbilical entre territórios? Visto que esta construção de pedra tinha uma importância fundamental para o crescimento e comunicação das cidades, porque não tirar o máximo proveito dela?

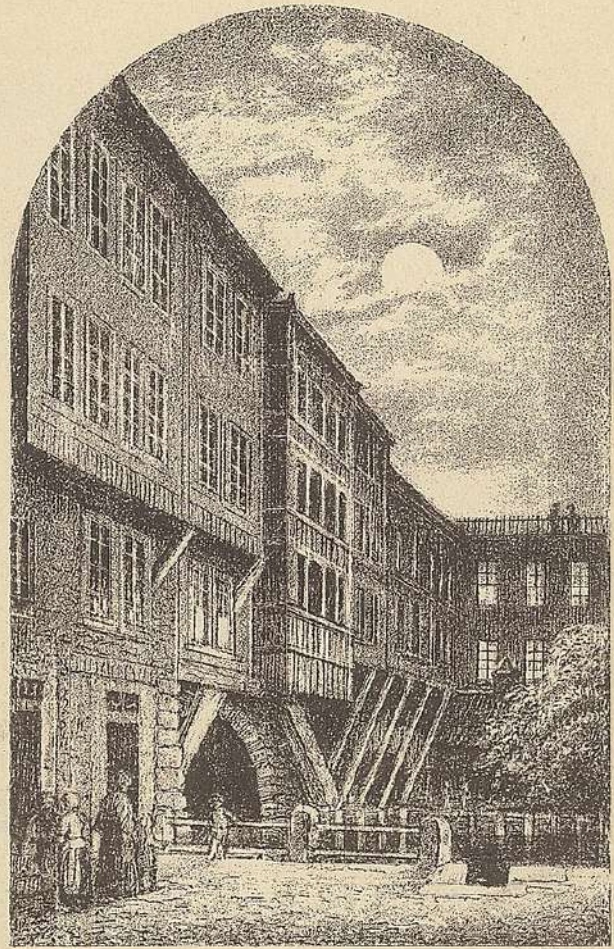
Estas questões levaram a muitas outras e desse modo ao repensar do significado da ponte em si. Até então era, como já foi mencionado anteriormente, uma infraestrutura que permitia a permeabilização entre terras, o atravessamento de culturas, histórias, mercadorias e muitos mais, era também uma construção fundamental para o saneamento, por ser através dela que a água chegava às cidades, servindo assim as suas populações.

As cidades continuavam a expandir-se, e tudo o que nelas existia acompanhava esse crescimento. As pontes, por sua vez, mantinham o seu papel essencial, como sempre haviam feito. No entanto, os antigos arquitetos e engenheiros desafiaram essas estruturas a atingir o seu pleno potencial, permitindo que, além da sua função principal, também ajudassem a resolver outros problemas urbanos, tais como, a escassez de habitação. O seu método construtivo é repensado e modificado, a estreita faixa que delimitava o tabuleiro de passagem, é então alargada de modo a dar lugar e acomodar os novos lotes de comércio e habitação que se estendiam ao longo da sua área. Consequentemente, o antigo troço linear que era apenas visto como um eixo de união e atravessamento, ganha uma nova ambiência, uma nova vida e um novo carácter, passando a ser também reconhecido como um local de paragem e permanência, assim como um novo lugar de habitação.

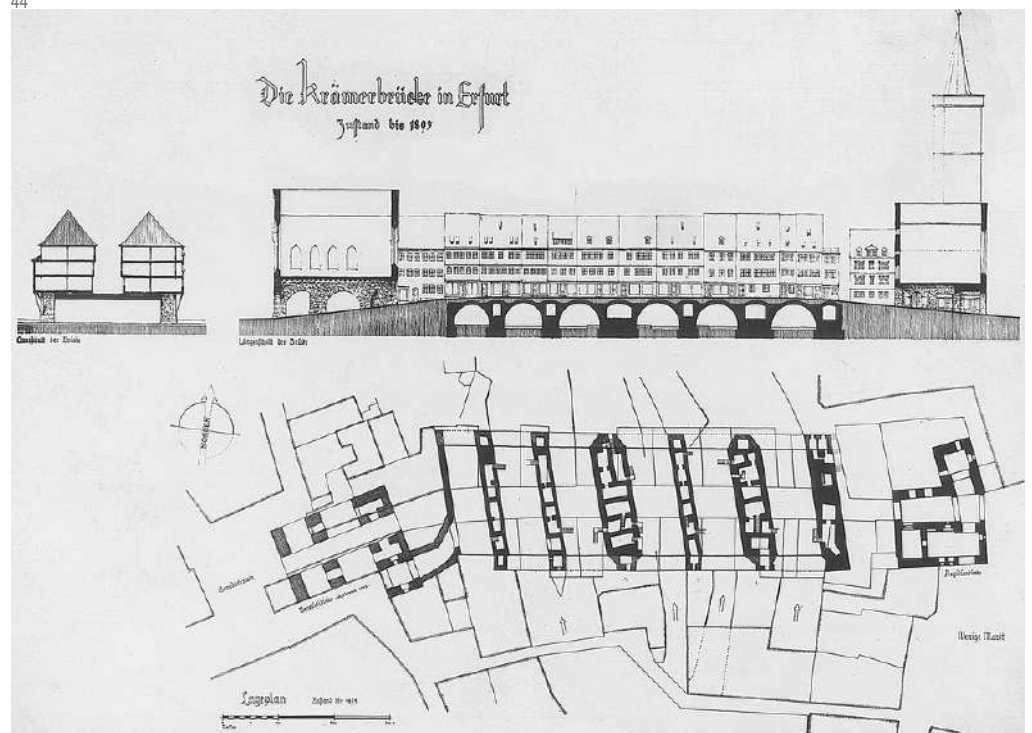
A ponte Krämerbrücke — ponte dos comerciantes — localizada em Erfurt, na Alemanha, é uma das únicas pontes habitadas, ainda existentes. Construída em 1156 sobre um dos braços do rio Gera, une duas praças da cidade alemã, Benediktsplatz e Wenigemarkt. Pertencente a um troço da Via Régia -rede rodoviária medieval de comércio e peregrinos, que ligava Roma ao Mar Báltico-, tinha um papel importante nas trocas comerciais, assim como no caminho da peregrinação, por ser uma das principais rotas do Caminho de Santiago. Por estes motivos tornou-se num importante centro comercial na Idade Média.

“pons rerum venalium”⁴²

O desenho da sua planta faz com que esta ponte se torne em mais um bairro da cidade. Uma rua central longitudinal ladeada de edifícios habitacionais de três pisos, que alojam pequenas lojas comerciais, no seu piso térreo, abertas para a rua. Estas características dão um sentido de conforto à infraestrutura que, consequentemente, faz com que esta seja bastante movimentada e frequentada.



Krämerbrücke.



42. "uma ponte de mercados", 1156.
 43. Autor desconhecido. Desenho da ponte Krämerbrücke, 1870.
 44. Autor desconhecido. Desenhos técnicos da ponte Krämerbrücke, 1895.

Por todo o mundo começaram então a surgir pontes habitadas cujos propósitos estavam divididos entre mobilidade, habitação e comércio.

Em Inglaterra em 1209, é finalizada a Old London Bridge. Reformada por Peter of Colechurch —clérigo e arquiteto inglês— esta construção sobre o rio Tâmara, unia a cidade de Londres a Southwark ficando também para a história como a maior ponte habitada alguma vez construída.

“Calcula-se que as suas 140 casas albergavam 800 pessoas no século XIV, e a população da Ponte era em média de 500.”⁴⁵

A sua planta tinha um desenho semelhante à da ponte alemã, cada lote de habitação continha no seu piso térreo uma loja, maioritariamente destinadas ao comércio retalhista e grossista de mercadorias, abrindo uma rua central que percorria toda a infraestrutura. Ao seu centro, a *Chapel of St. Thomas on the Bridge*, uma capela dedicada a São Tomás de Cantuária.

O seu carácter comercial deu a esta ponte um reconhecimento enquanto ponto central e fundamental para o funcionamento desta cidade inglesa em expansão ficando deste modo autenticada como um dos bairros mais movimentados de Londres e a primeira galeria comercial.

46



A Old London Bridge perdurou durante largos séculos acompanhando o crescimento urbano londrino até meados do século XVIII, altura em que deixa de conseguir acompanhar a gentrificação da capital. Primeiramente são feitas alterações estruturais no alargamento da dimensão dos arcos que suportavam a ponte, de modo a que o fluxo do rio pudesse aumentar a sua fluidez, diminuindo desta forma a probabilidade do seu congelamento no inverno. Ao nível do seu tabuleiro, foram derrubados edifícios com o propósito de alargar a estrada para permitir o atravessamento das novas carruagens e impedir o congestionamento. No entanto estas alterações não foram suficientes para acomodar a cidade londrina e, em 1824 o rei William IV inaugura a nova “Ponte de Londres” pondo assim fim à antiga ponte medieval.

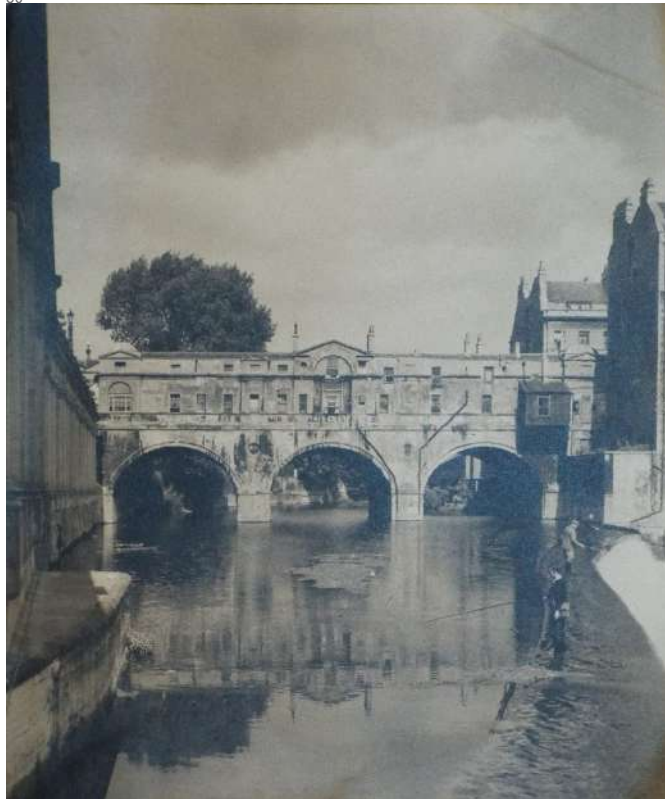
45. “It is calculated that its 140 houses housed 800 people in the fourteenth century, and the Bridge’s population averaged 500.” Hayden, Chris Van. *History of the Old London Bridge, the Original Bridge over the River Thames*. *Guide London*, 24 mar. 2024.
46. de Jongh, Claude . *Old London Bridge*, 1630.



A sul da Europa, em Itália, é destacada a construção de edifícios sobre pontes. Em 1345 com a ponte Vecchio, em Florença e em 1588 com a ponte Rialto, em Veneza.

Estas duas infraestruturas mundialmente conhecidas foram projetadas mais uma vez para servir as necessidades urbanas da época, davam continuidade a esta fusão entre a infraestrutura e a habitação tornando-se simultaneamente os centros comerciais e financeiros. Continuamente eram alojadas nestas pontes aqueles que seriam os mercados mais importantes das cidades conferindo-lhes este caráter de aglomeração populacional até aos dias de hoje.





47. Bellotto, Bernardo. The Ponte Vecchio, Florence. (s.d.).

48. Marlow, William. The Rialto Bridge, Venice, 1780.

49. A., Normand. LANDERNEAU. Pont Coté de La Mar, 1892.

50. Autor desconhecido, "Pulteney Bridge from the weir". (s.d.).

Em 1510, França segue igualmente este conceito e inaugura a ponte Rohan, em Landerneau, uma das últimas pontes habitadas na Europa, onde a água doce do rio Elorn se cruza com a salgada do oceano Atlântico. Séculos mais tarde, Inglaterra volta a inaugurar outra ponte habitada, desta vez em Bath, conhecida como ponte *Pulteney* sobre o rio Avon, em 1773. Projetada por Robert Adam, esta ponte foi inspirada nas pontes italianas mencionadas, durante uma viagem feita pelo arquiteto, e veio igualmente servir os mesmos propósitos das outras pontes anteriormente descritas.

Desviando-nos daquelas que são as normas da definição de ponte, podemos pressupor que estas infraestruturas de cariz de permanência, assumem um significativo e novo papel no crescimento das cidades. Mais do que apenas elementos de conexão entre duas margens, as pontes habitadas tornam-se centros comerciais vibrantes e espaços de convergência comunitária. Ao agregarem atividades económicas e sociais, estas infraestruturas transformam-se em importantes núcleos de interação urbana onde o comércio, a cultura e o próprio quotidiano se fundem, desempenhando não só um papel central na dinamização das cidades medievais, assim como, na criação de novos polos de desenvolvimento.

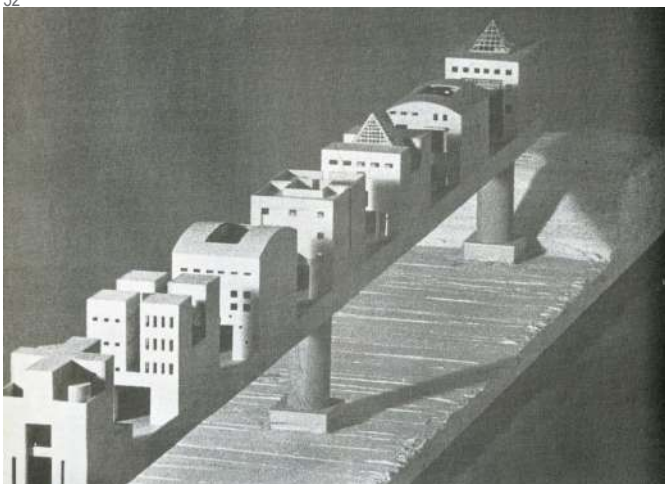
“Era comum na Idade Média encontrar pontes habitadas em cidades, pontes residenciais, porque eram lugares estratégicos e nessa altura os núcleos populacionais eram muito concentrados e as pessoas utilizavam todos os metros quadrados disponíveis para se estabelecerem”.⁵¹

Já no século XX, no final da década de 1970, o arquiteto Steven Holl dá continuidade à antiga premissa arquitetónica da ponte enquanto estrutura habitada, desta forma, é especulada a relação urbana da ponte com o tecido urbano e de que forma essa infraestrutura consegue criar espaços coletivos como uma extensão ou alternativa às ruas tradicionais. Apresenta assim duas propostas cujo objetivo seria encontrar uma solução espacial para a relação entre a ponte – área pública para transito- e a habitação sobre ela – área privada para se viver.

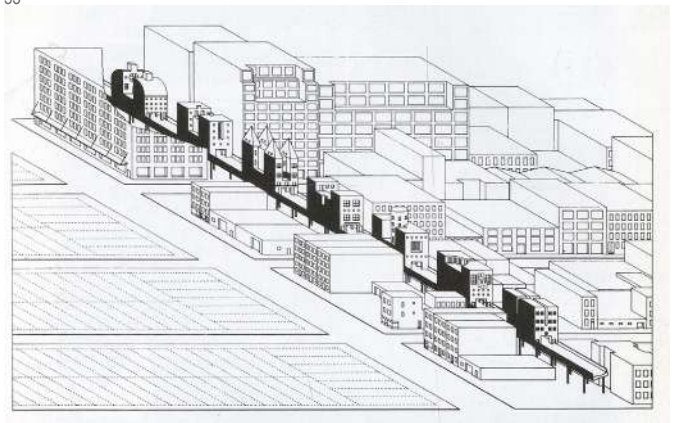
As suas propostas para Melbourne e Nova Iorque visam o aproveitamento de linhas de comboio existentes que rompem o desenho das cidades, oferecendo a estas infraestruturas uma nova oportunidade de diálogo com o meio urbano em que se inserem. Nenhuma das suas propostas foi realizada, no entanto, em 2009, sobre a abandonada linha de comboio nova-iorquina, onde Steven Holl propunha a construção de habitação, é inaugurado um parque mundialmente conhecido como the high line.

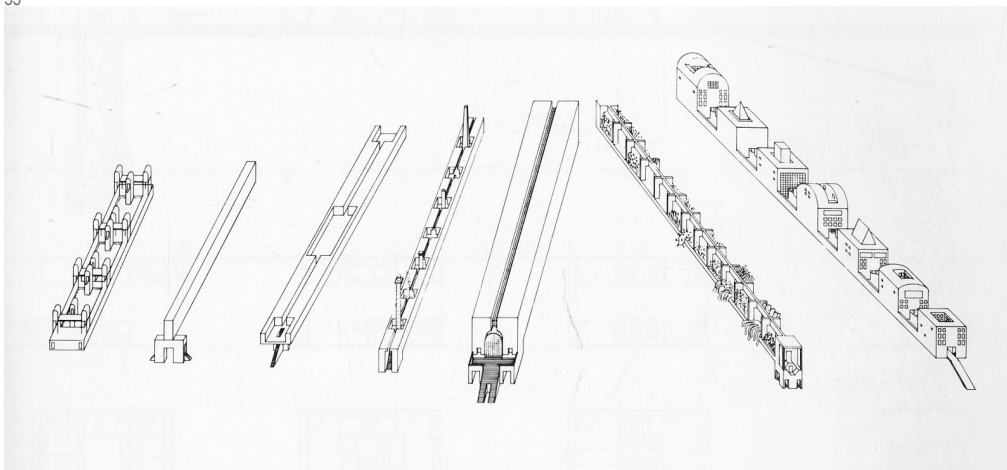
A conexão entre os dois projetos propostos pelo arquiteto passa pelo uso da tipologia da construção da ponte, que tem sido um marco ao longo da história da arquitetura. Steven Holl reinterpreta as antigas pontes habitadas espalhadas pela Europa com uma linguagem pós-moderna adequada ao seu tempo.

52



53





51. Prigent, Magali. Ponte de Rohan é Uma Das Últimas Habitadas Da Europa. 22 nov. 2021.

52. Steven Holl. Maquete da proposta. (s.d.).

53. Steven Holl. Proposta para linha férrea de Nova Iorque. (s.d.).

54. Steven Holl. Maquete da proposta. (s.d.).

55. Steven Holl. Proposta para linhas férreas de Melbourne. (s.d.).

Repetidamente, o homem culmina a arquitetura e o urbanismo para a criação de espaços que o permitem partilhar, conhecer, reunir e socializar. Em qualquer cidade, vila e até mesmo aldeia, existe geralmente um ponto de união, onde os moradores se convergem, são eles praças, parques, mercados etc. Se recuarmos séculos atrás, até mesmo milénios, mais especificamente ao início das civilizações urbanas, conseguimos identificar dois grandes núcleos populacionais que abrigam todas as experiências que o espaço comum oferece. O Fórum Romano em Roma e a Ágora na Grécia, ficaram conhecidos por toda a história como os centros da cidade e da vida pública, o local de celebrações triunfais, eleições, discursos públicos, festejos religiosos, mercados, pequenas feiras e muitos mais. Ricos em ofertas públicas, estes dois centros perduraram como coração cidadão durante séculos.

Com o decorrer do tempo e milénios mais tarde, as cidades de todo o mundo, particularmente as europeias, sofreram largas e repetidas alterações acompanhando simultaneamente a evolução humana. Deste modo, perderam-se práticas cidadinas e o quotidiano alterou-se drasticamente, diversos edifícios e espaços outrora construídos, deixam de o ser. A cidade adapta-se ao homem e o homem à cidade, um ciclo em repetição constante.

Todavia, apesar da distância milenar que nos separa dos antigos romanos e gregos, existem ainda diversas noções e princípios que perduram. A arquitetura comum, a arquitetura de todos para todos. As cidades vivem das pessoas, mas também dos espaços públicos que se tornam locais de convergência social, onde o indivíduo se encontra com a comunidade. Os ideias criados e aplicados na Ágora grega e no Fórum Romano são continuamente trazidos e atravessam séculos para serem aplicados de formas diferentes nas suas épocas diferentes. Neste contexto, poderíamos então questionar que as antigas pontes europeias habitadas seriam os “novos Fórum e Ágora”?

Estas pontes, além das suas funções práticas de conexão, tornaram-se locais de convívio e aglomeração, onde não apenas se trocavam mercadorias, mas também experiências, saberes e tradições. Assim como a Ágora e o Fórum, estas serviam como centros cívicos, financeiros, culturais e até religiosos, ficando imortalizadas na história das cidades e no seu molde.

Assim, tanto o Fórum romano, a Ágora e as pontes habitáveis exemplificam a capacidade da infraestrutura urbana moldar e dinamizar a vida quotidiana, tornando-se elementos cruciais no tecido social e económico das suas respetivas épocas. Cada um destes espaços revelou o poder da arquitetura e do urbanismo em criar pontos de encontro e de interação, fundamentando a vida coletiva e ajudando a definir o carácter das suas cidades.



FORO ROMANO.



Akropolis.

Partico Politeio.

Statue of Erechne with the child Pallas.

Baleustrios,
Tholos, Roma.Archeopagon,
Metroon.

Partico of the Rhyngonari.

56. Bauernfeind, Gustave. Foro Romano, Séc. XIX.

57. Autor desconhecido. Agora of Athens restored, 1890.

58. René Goscinny, Albert Uderzo. Asterix and the Golden Sickle. Asterix, 2004, pp. 10 e 11.

NEXT MORNING!!!

58

Auf
wiedersehen!

The Count
Barbar

HEY, ASTERIX, WHY DO
YOU THINK THAT TRAVELLER
TOLD US SICKLES WERE
IN SHORT SUPPLY IN
LUTETIA?

NO IDEA,
OBELIX.

LET'S ENJOY OUR
JOURNEY; WE CAN WORRY
ABOUT THAT LATER!!!

THE ROMANS ARE
RUINING THE LANDSCAPE
WITH ALL THESE
MODERN BUILDINGS!

OUR FRIENDS' JOURNEY PROCEEDS
WITHOUT MUCH INCIDENT, APART FROM
A FEW SCUFFLES WITH BANDITS!!!

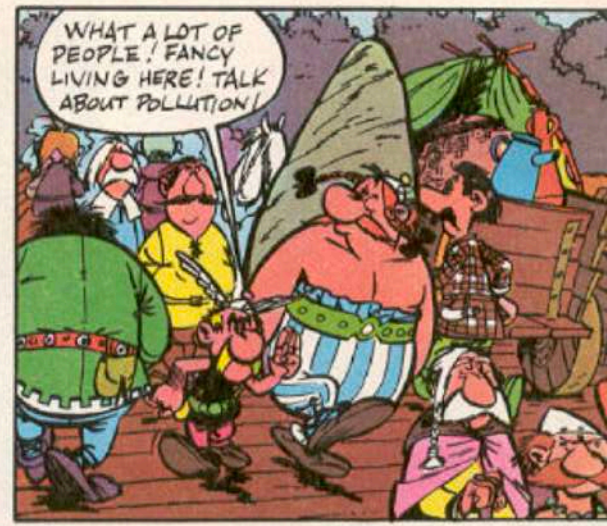
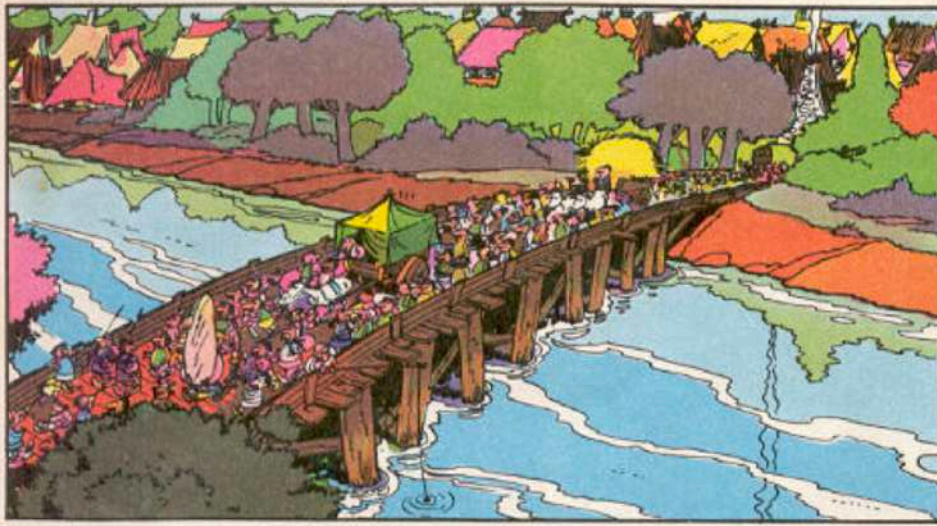
AT SUINDINUM, ASTERIX AND OBELIX
ARE UNABLE TO FIND A BED, AS IT
HAPPENS TO BE THE DAY OF THE
GREAT OX-CART RACE,
THE SUINDINUM 24 HOURS!!!

LOOK!
OBELIX!

LUTETIA!

ISN'T IT BIG!

59



NA MARGEM

03

RECONHECIMENTO DE UM TERRITÓRIO

É objetivo principal deste atelier, estudar as duas freguesias em causa — Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno — e encontrar no território, que diz respeito às margens do rio Zêzere, um sítio significativo onde são feitas propostas que melhorem a vida para todos os seres que lá vivem.

Atualmente, existem três travessias, três pontes que permitem a ligação das freguesias.

A primeira, a ponte filipina, que veio a substituir a antiga ponte romana, projetada e construída entre os anos de 1607 e 1610, era até então a única travessia possível, naquela área, sobre o rio Zêzere. Trezentos anos depois, em 1954, o leito do rio Zêzere é severamente impactado com a construção da barragem do Cabril. No seu topo, toma lugar a Estrada Nacional 2 que cria, então, um percurso direto entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, melhorando a mobilidade de veículos, assim como a mobilidade leve para pedestres. Em 1995, é novamente construído um outro acesso automóvel que atravessa as localidades de estudo, a ponte no IC8. Esta via rápida veio auxiliar o deslocamento da população que habita nas localidades em redor da zona de estudo, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de toda a área habitacional.

Estas três vias de atravessamento entre as duas freguesias levam-nos a crer que estes territórios, por serem bastante próximos e de área reduzida, se uniriam em prol de um melhor funcionamento intermunicipal. Contudo, a realidade é bastante oposta a este cenário.

O projeto *Arquiteturas na Margem: O que te faz feliz?*, nasce do cenário hipotético da desativação da central hidroelétrica do Cabril. Torna-se então necessário não apenas estudar esta infraestrutura mas também conhecer e reparar nas regiões afetadas com a construção da mesma. A história do município de Pedrógão Grande e da freguesia de Pedrógão Pequeno tem sido marcada por grandes episódios de alteração e destruição do território. Em 1951, com a construção da barragem, e em 2017 com o grande incêndio que foi um dos maiores desastres naturais a nível nacional e mundial. Durante vários meses o ateliê faz trabalho de campo, e com toda a informação encontrada e fornecida das mais variadas fontes, cria a primeira peça deste trabalho, o TOMO I. Aqui é introduzida a mote que dá início a este projeto assim como todo o trabalho feito ao longo de vários meses.

No decorrer de várias conversas com os presidentes de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, percebe-se que as características que afastam estes territórios, nomeadamente de cariz político, são bastante fortes. Por esse motivo, e como foi esclarecido no TOMO I, a falta de edifícios e organizações intermunicipais faz com que as populações sejam obrigadas a deslocar-se para outros municípios, freguesias e cidades de forma a continuarem o seu quotidiano. Por meio de entrevistas realizadas aos habitantes das áreas em estudo, é relatado que as crianças que estudam em Pedrógão Grande são obrigadas, no seu 9º ano de escolaridade, a deslocarem-se para outras localidades, como Sertã, Coimbra ou Figueiró, para deste modo prosseguirem a sua escolaridade. Relativamente à prestação de serviços, muitos dos habitantes sentem-se na obrigação de

se igualmente deslocarem para outras localidades apenas com o propósito de realizarem as suas compras alimentares. Um outro problema que acresce à falta de intermunicipalidade é a débil prestação de serviços de transportes públicos. Deste modo as pessoas optam muitas vezes pelo uso do táxi ainda que, apesar da curta distância entre a freguesia e o município, seja imposta uma taxa acrescida pelo facto de se localizarem em concelhos diferentes.

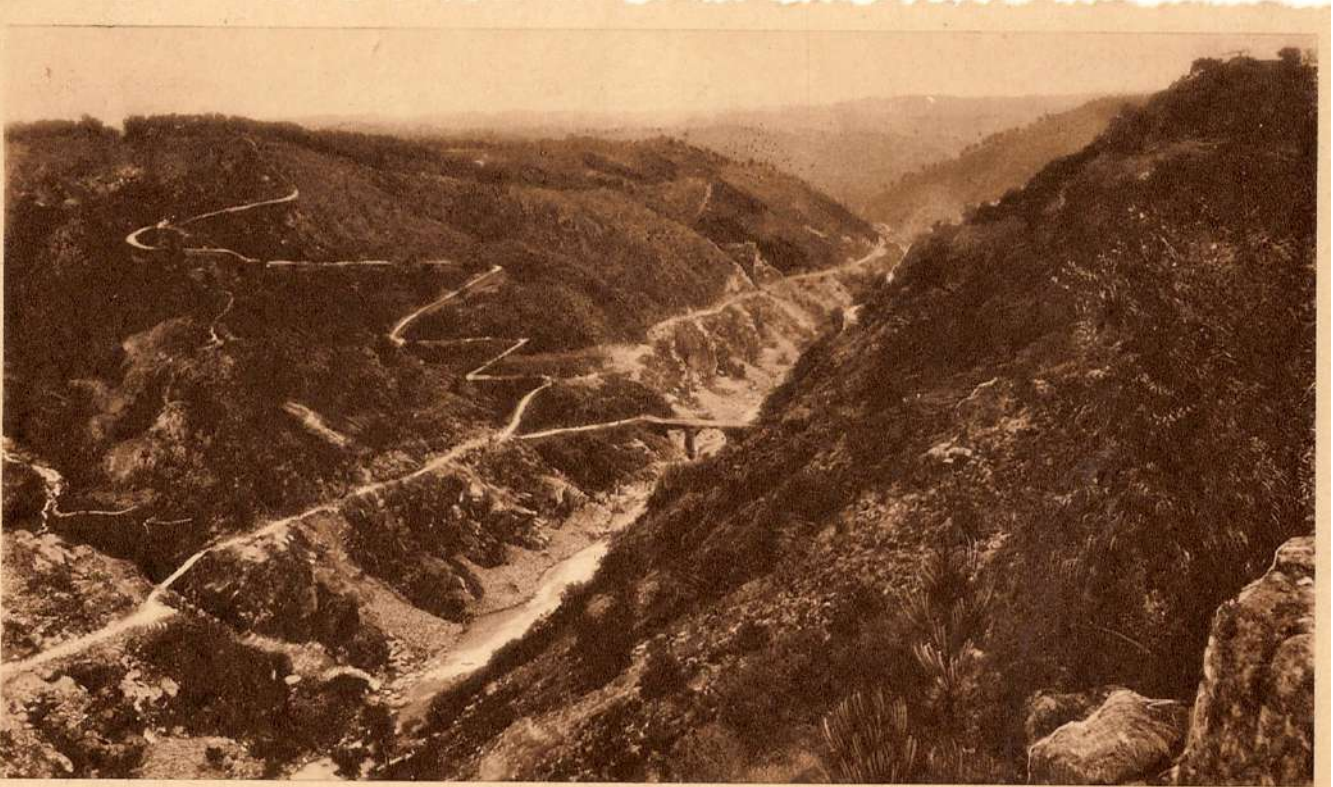
Além disso, existe também uma grande carência nos autocarros, tendo estes de ser reservados previamente. Soma-se também a isto ainda, o facto de ser uma população maioritariamente envelhecida, tornando inviável a realização deste percurso a pé. Todos estes fatores contribuem para que os pedroguenses das diferentes margens mantenham as suas deslocações pelos seus concelhos de residência, evitando, assim a sua travessia.

Devido a esta falta de oferta em ambos os Pedrógãos, e também outros fatores mencionados no TOMO I, conclui-se que os mesmos confluem num contínuo declive financeiro que se tem vindo a assistir nestas freguesias.

Com este estudo feito, torna-se essencial que esta separação seja reduzida e que as duas margens se convirjam, oferecendo deste modo uma continua e melhorada qualidade de vida para as populações. Por esse motivo, tornou-se mote principal do projeto *Infraestrutura como Espaço Agregador* a criação de um espaço público comum intermunicipal que oferece não apenas serviços comerciais e conseqüentemente económicos, mas também onde as comunidades se juntam e se tornam numa só.

“E é tudo quase uma pedra, mas por entre elas infinitas verduras diversas, muitas parras, que delas se dependuram; loureiros, dragoeiros, castanhos, sovaros, carvalhos, azinhos e outros muitos; e o notável Zenzereiro, árvore a que o rio deu o nome, por se criar somente nele grande e copado, e de folhas muito verdes de feição de louro, cujas flores são brancas, e de feição de cacho de uvas em flor, mas de tão admirável fragrância de cheiro suavíssimo, que por grande espaço de sua circunferência, e ao redor se está meixerando entre o arvoredor. E além das muitas águas de fontes e ribeiros que por cima desta penedia vão fazendo diversas formas de espanadas e escumas, voam por cima muitas águias, que todos os anos aqui criam.”⁵⁹

59. Miscelânea, de Miguel Leitão de Andrade, ed. INCM, 1993. *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 148.



5. PORTUGAL — Pedrógão Grande — O Cabril (vale do Zêzere)
La valo de rivero Zezero



63



60. Vale do Cabril, Pedrógão Pequeno, Portugal, 192-61 | 62. Autor desconhecido. Fotografias da construção e do resultado final da ponte no IC8 sobre o rio Zêzere. (s.d.).
63. "Barragem do Cabril. Vista para montante e a albufeira. O nível da água baixa". Ribeiro, Orlando, CEG. IGOT, 1957.

62

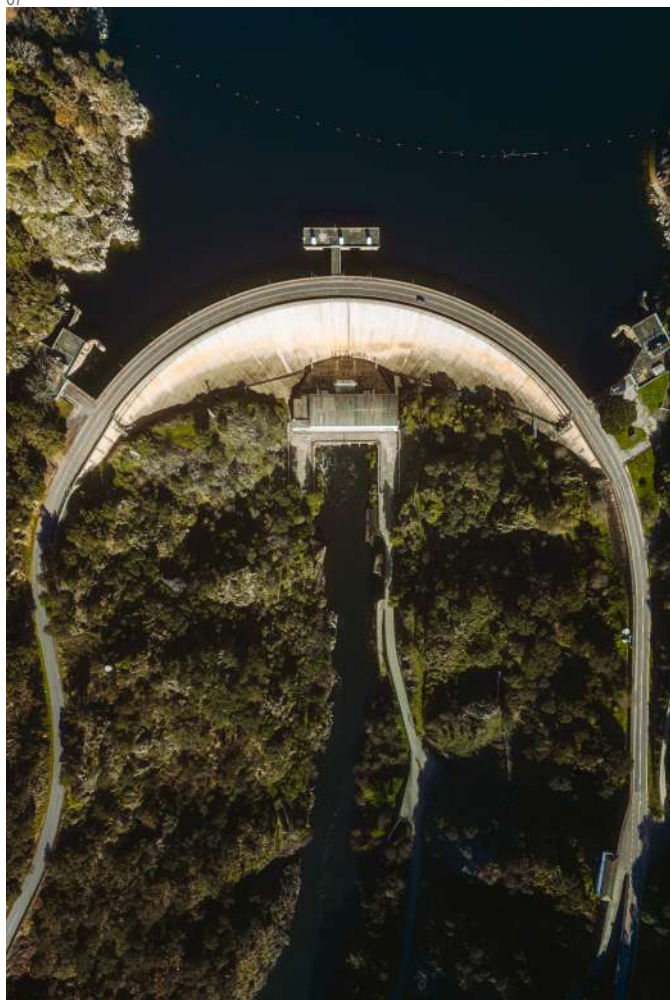




66



67



68



64. Miguel Matos. Fotografia aérea de Pedrógão Grande. jan, 2024.
 65. Miguel Matos. Fotografia aérea de Pedrógão Pequeno. jan, 2024.
 66| 67 | 68. Miguel Matos. Fotografias aéreas da barragem do Cabril. jan, 2024.

COSTUMES E TRADIÇÕES

Desde tempos imemoriais, a humanidade, sobe a forma de rituais e celebrações, procura conectar-se com o sagrado e fortalecer os laços sociais dentro das suas comunidades. Em todas as culturas, as tradições religiosas desempenham um papel central que funciona como um alicerce para a vida coletiva da comunidade. Por esse mesmo motivo, em todo o mundo, mais especificamente na Europa, é evidente a marca deixada pela fé cristã em todo o continente. Portugal, por ser também um país de bastantes ideais e valores católicos, é marcado pela construção e eventos religiosos que acompanham todo este território de norte a sul. Igrejas, mosteiros, capelas, santuários e monumentos em honra de Deus, de santos, e de personalidades de grande valor para a história do Cristianismo. Em adição à construção sagrada, existe ainda uma vasta listagem de eventos de devoção honorária a diversos santos. Estas tradições, em forma de romarias, procissões e peregrinações são acontecimentos, por norma anuais, onde uma grande abundância se concentra e estabelece contato com o objetivo comum de enaltecer o divino. É precisamente nestes períodos de crença e fé que se evidencia uma grande união populacional, especialmente na geração mais velha.

Tanto Pedrógão Pequeno, como Pedrógão Grande, são regiões profundamente enraizadas em valores e costumes tradicionais, essas práticas não só permanecem vivas, como também se entrelaçam com a atividade comercial, criando uma identidade cultural singular. As convicções religiosas dos seus habitantes são seculares e passam de geração em geração refletindo o respeito por uma herança espiritual rica.

69



70





72



73

69. "Festividades Da Semana Santa Na Vila de Pedrógão Grande. A Procissão Do Encontro Com Cristo Crucificado, No Entroncamento Das Actuais Ruas Dr. José Jacinto Nunes E 5 de Outubro (Antiga Rua Do Eirado). Foto Rara Dos Finais Do Séc. XIX / Inícios Do Séc. XX." Coleção Particular. *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 223.
 70. "Procissão na "Semana Santa" Descendo a Rua 5 de Outubro (Ou Rua Do Eirado) Do Centro Histórico de Pedrógão Grande; Anos 40 Do Séc. XX". *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 208. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
 71. C. Ivario. "Semana Santa". 196-. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
 72. "Semana Santa. Igreja Matriz". 196-. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
 73. "Semana Santa". 1982. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

A Semana Santa é uma das maiores tradições, um dos momentos mais significativos do calendário cristão para os habitantes de Pedrógão Grande. Esta celebração simboliza a paixão a Cristo, mas, para a comunidade local, vai muito além de um evento religioso. Uma oportunidade para reunir a população, fortalecer a fé e manter vivos os valores transmitidos pelos antepassados. Esta tradição, que remonta a 1670, é atualmente marcada pelo conjunto de eventos que a acompanha na atualidade — missas, concertos, receção aos peregrinos, caminhadas, procissões, tardes desportivas, leilão de ofertas e ainda um grande arraial.

Esta semana de festividade é apenas uma das muitas expressões do património religioso desta região.

Todos os anos, no primeiro domingo do mês de setembro, dão-se as populares festas da Nossa Senhora dos Milagres. Esta tradição, que remonta à idade média e é dedicada à santa, a quem são atribuídos milagres e intervenções divinas em momentos de necessidade num espírito de renovação espiritual que marca o fim do verão. Em 1935 Roberto das Neves⁷⁴ relata -

“Uma festa de arraial, que atrai muitos dos naturais de Pedrógão residentes em Lisboa, os quais vêm aqui confraternizar, em animados piqueniques, com suas famílias. É a festa íntima da população da Vila e do seu termo”⁷⁵.

76



Na outra margem do rio, em Pedrógão Pequeno, a romaria da Nossa Senhora da Confiança, celebrada entre 7 a 9 de setembro, é considerada a maior festividade desta freguesia. Conhecida por atrair devotos de toda a freguesia e terras vizinhas, que fazem a peregrinação até à capela dedicada à santa. A travessia pedonal que outrora se fazia pela barragem do Cabril, fora por muitos anos um ritual e tradição que fazia parte do percurso dos devotos e peregrinos que se dirigiam até Pedrógão Pequeno para assistirem às celebrações religiosas. No entanto, a romaria não é apenas um ato de fé, mas também, como acontece em Pedrógão Grande, uma oportunidade de convívio social e partilha de histórias e vivências, perpetuando deste modo um sentido de comunidade que atravessa gerações.

Além do aspeto religioso que marca a romaria, esta é também marcada por festas populares, concertos, arraiais e feiras que atraem multidões.

77



74. (1907 – 1981) nascido em Pedrógão Pequeno, foi um anarquista, maçom e esperantista. Colabora com diversos jornais anarquistas como *A Batalha*, *O Libertário* e *A Comuna*. *Antifascistas da resistência*. 04 julho 2015.

75. *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 148

76. "Estampa da autoria do pintor José Malhoa, do período de 1885-1889, retratando N.ª S.ª dos

Milagres, cuja imagem se venera na capela erguida em sua honra no sítio do Castelo Velho, a sul de Pedrógão Grande, e de onde "se desfruta um vastíssimo e delicioso panorama" e da "medonha profundidade" do Cabril." *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 147

77. Autor desconhecido. Romaria de Nossa Senhora da Confiança, Pedrógão Pequeno, Portugal. (s.d.).



“Saem do templo as moças tão bonitas
Com o seu claro traçar todo vistoso
E à cabeça, com garbo donairoso
Fogaças de tentar, com largas fitas!”

“A procissão recolhida,
Foi a Virgem para o altar.
Levaram em grande lida
Para o leilão as fogaças
Entre risos e chalaças,
E os padres foram jantar.”

Alfredo Keil, “A Fogaça”,
in *Tojos e Rosmaninhos* (1906).

Para além das tradições religiosas, a atividade comercial desempenha um papel igualmente importante na vida dos pedroguenses. Os mercados locais, com as suas feiras e comércio de produtos regionais, são o centro da vida económica e social destes meios rurais. Estes espaços não só garantem o abastecimento de bens essenciais à população, como também funcionam como ponto de encontro, acabando por promovendo a interação social e o fortalecimento de laços comunitários.

“À semelhança de todo o concelho, trata-se de uma freguesia essencialmente rural em que as suas principais atividades económicas foram tradicionalmente as agrícolas e florestais, durante largos anos - até finais sensivelmente da década de 80 do Séc. XX - ligadas à extração da resina do pinheiro-bravo e à produção de produtos resinosos, com o pez louro e a aguarrás (terebentina). A produção têxtil teve a sua maior expressão até aos anos 50 do Séc. XX, desenvolvida na zona da Ponte de Pera.”⁷⁹

80



O mercado municipal de Pedrógão Grande é um símbolo desta dinâmica. Originalmente aberto apenas às segundas-feiras, o mercado passou a funcionar também aos sábados há cerca de 5 anos, adaptando-se às necessidades da população. No entanto, atualmente, o mercado encontra-se em fase de requalificação, tendo sido temporariamente transferido para um pavilhão que, no passado, fora uma casa particular conhecida como a “vivenda Leopoldina”, que depois de vendida foi reabilitada passando a ser a primeira escola preparatória do município que funcionou desde 1973 até 1995.

78. Keil, Alfredo. “A Fogaça”. *Tojos e Rosmaninhos*, 1906. pp.89.

79. *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 103.

80. “Fábrica de produtos resinosos, do industrial Manuel Rodrigues (na foto, com duas das suas filhas)”.

Local desconhecido, 1906. Coleção Villa Isaura / Aires Henriques. *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 104.

Para além do mercado semanal, na primeira segunda-feira de cada mês realiza-se a feira mensal que atrai comerciantes de várias localidades próximas e é uma oportunidade para a venda de produtos diversos, desde alimentos, artesanato, vestuário e utensílios domésticos. Ao longo dos anos, esta feira tornou-se um ponto de referência para os habitantes locais e para os visitantes, que nela encontram uma vasta oferta de produtos, na sua maioria produzidos localmente.

Um outro evento bastante aguardado pelos moradores deste município é a feira anual, realizada a 24 de julho, dia do feriado municipal. Durante esta feira, a avenida principal é ocupada por pequenas bancas de vendas conhecidas como “expo-arte”, nelas são expostos variados produtos desde peças de artesanato, cerâmicas, alimentos regionais, vestuário e artigos de latoaria. Além das bancas, o evento inclui pequenas tascas, onde os visitantes podem saborear petiscos tradicionais, e ainda concertos ao ar livre que animam a festa. Nas décadas de 40 e 50, teve como ocupação inicial o espaço em frente à Igreja da Nossa Senhora da Assunção, onde os animais de criação, que seriam comercializados andavam livremente pela feira. Já na década de 1960, esta passou a ter lugar no jardim da Devesa, um local apreciado que serviu para albergar tendas e caravanas de feirantes. Nesta altura das comemorações do Feriado Municipal, deslocavam-se à vila forasteiros vindos de todo o lado para comprarem os mais variados artigos e também algumas espécies de gado. É então no final dos anos 90 que o mercado municipal é inaugurado e a feira passa então a ser feita no terreno fronteiro ao edifício, local onde esta realiza até aos dias de hoje.

81





82



83



81. Mercado Municipal de Pedrógão Grande. 1999. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

82. O Largo da Devesa. *Pedrógão Grande um passado com história*. pp. 8.

83. O Largo da Devesa. *Pedrógão Grande um passado com história*. pp. 8.

84. "Feira de Ano na Devesa pedroguense em meados do Séc. XX". *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 305.

A presença do mercado na vida quotidiana dos pedroguenses passa para além de uma simples atividade económica, trata-se de uma tradição que perdura ao longo do tempo. As gerações mais antigas continuam a frequentar o mercado regularmente, mantendo viva a prática da compra de produtos frescos apoiando os comerciantes locais. No entanto, e com o passar das gerações, tem-se vindo a verificar uma mudança nos hábitos de consumo, com um declínio na frequência dos mercados por parte dos mais jovens, que optam por frequentar supermercados e onde a oferta é maior.

No entanto, existe um grupo de clientes que têm vindo a frequentar cada vez mais este mercado. Os estrangeiros residentes na região apreciam a autenticidade dos produtos locais e a proximidade que este tipo de comércio oferece. Para muitos, a ida ao mercado é vista não apenas como uma necessidade, mas também como uma oportunidade de se relacionarem com a cultura local e apoiar a economia rural.

“No mercado, às vezes ao sábado e à segunda-feira, vê-se muito estrangeiro, é curioso.”⁸⁵

No outro lado da margem, em Pedrógão Pequeno, a história do mercado municipal insere-se no contexto de transformação das dinâmicas sociais e económicas das pequenas comunidades rurais em Portugal ao longo do século XX. O mercado surgiu como reflexo das necessidades locais de organização do comércio e de centralização das atividades económicas, num período em que as feiras e mercados ainda desempenhavam um papel crucial na subsistência das populações. Construído num momento em que as infraestruturas públicas começavam a consolidar-se nas vilas e aldeias do interior, o mercado municipal tornou-se rapidamente um ponto importante do quotidiano. A sua edificação não apenas facilitou o comércio de produtos agrícolas, mas também atuou como um espaço de encontro, onde as trocas comerciais eram indissociáveis das interações sociais e culturais.

Com o passar das décadas, o mercado municipal de Pedrógão Pequeno enfrentou os desafios inerentes à modernização e à transformação das redes de comércio. O crescimento das grandes superfícies comerciais e a migração progressiva da população mais jovem para os centros urbanos contribuíram para uma diminuição da sua relevância enquanto espaço comercial. No entanto, o seu valor simbólico mantém-se preservado, representando uma tradição de um tempo em que a economia local era impulsionada por pequenos produtores e consumidores locais.

As hortas particulares dos muitos habitantes de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, são na grande maioria o seu meio de subsistência, fazendo com que haja uma redução na necessidade de grandes compras no mercado, predominando desta forma, um comércio mais modesto.



85. *Susana Coelho*. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande, 10 set. 2024.

86. "Folheto publicitário da firma de cereais e legumes Casimiro Freire & C.ª, digna sucessora da congénere João Jacinto Fernandes & C.ª que durante largos anos o empregara e financiara a sua Associação das Escolas Móveis, criada em 1882, e cujas três primeiras missões concretas se realizaram nas freguesias de Castanheira de Pera, Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno (na aldeia do Ramalhal)". Aires B. Henriques. *Ema Cruz. Pedrógão Pequeno - Jóia do Cabril*. pp. 176, julho 2013.

87. "Jovem e desembaraçada "ratinha" das Beiras nas vindimas dos campos do Ribatejo e Borda d' Água...". *Pedrógão Grande e o Cabril*. pp. 179.

88. *Flávio Ferreira*. Fotografia do interior do mercado municipal de Pedrógão Pequeno, set. 2024.

Ainda assim, e apesar da crescente diminuição na adesão a estes espaços mercantis, para muitos, a visita ao mercado continua a ser uma tradição enraizada, refletindo a história e a cultura dessas zonas rurais. Os mercados nas freguesias e concelhos ao redor de Pedrógão Grande e Pequeno, em geral, atendem às necessidades das suas pequenas comunidades apenas uma vez por semana, isso leva às populações a percorrerem os diferentes mercados nos seus dias específicos — o mercado de Pedrógão Grande ocorre, como referido, às segundas-feiras e sábados, o de Pedrógão Pequeno aos domingos, o da Sertã às sextas-feiras, e o de Figueiró igualmente a todos os sábados. Este sistema semanal de funcionamento, integra-se no ritmo da vida local e em parte, acaba por preservar um importante tecido social e cultural da região.

89



90





89. "Representação da Fábrica Nacional de Refrigerantes, produtores das laranjadas, limonadas, gasosas e pirolitos marca "Polo", de Pedrógão Grande. De pé na cabine: Álvaro Baeta Rebelo e Epifânio David Martins, Em cima: António Pisco, Amélia Bonifácio, António Cândido (miúdo) e Piedade Moleira.". *Pedrógão Grande e o Cabril*, pp. 102.

90. "Grupo de jovens à pesca na Ribeira de Pera, onde não faltam as trutas salpicadas pelas "sardas" de Peralta...". *Pedrógão Grande e o Cabril*, pp. 92.

91. "Jovem e encantadora "ratinha" (das Beiras Interior e Estremenha) na apanha da azeitona lá para os lados da *Borda d'Água* ou dos campos *alentejanos*...". Aires B. Henriques. Ema Cruz. *Pedrógão Pequeno - Jóia do Cabril*, pp. 71, julho 2013.

92. | 93. "Produção de refrigerantes em meados do Séc. XX em Pedrógão Grande. Rótulos publicitários do tempo dos "pirolitos". Coleção Paulo Palheira. *Pedrógão Grande e o Cabril*, pp. 102.

94. "Fontes dos Covais - Graça". Pedrógão Grande - Um passado com história. pp. 61.





INFRAESTRUTURA COMO ESPAÇO AGREGADOR

04

Infraestrutura como Espaço Agregador parte por trazer para o Cabril uma nova centralidade. A via automóvel torna-se numa via comercial onde surge um novo mercado, assim como estruturas para as feiras levantes e outros programas direcionados à restauração, artesanato e gado. Com este projeto pretendo não só criar um novo centro, como perdurar e promover as culturas e tradições de ambas as margens. Unir duas populações tão próximas geograficamente, mas ideologicamente longínquas.

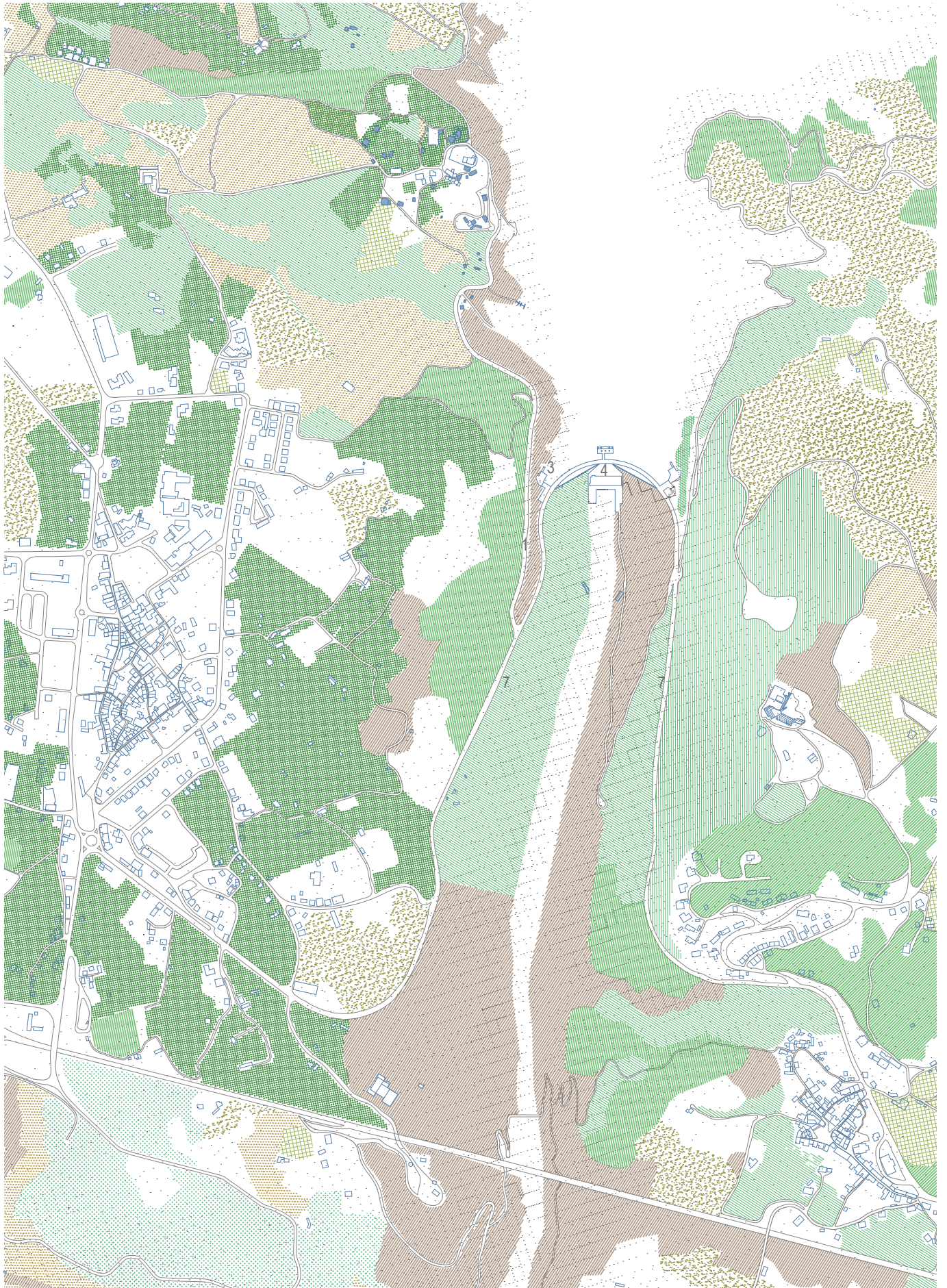
Assim sendo, a Estrada Nacional 2 (N2) passa a ser palco para este novo projeto, não apenas por ser a única estrada de fácil acesso pedonal para ambas as freguesias, mas também por ser símbolo de orgulho e por fazer parte da procissão da Nossa Senhora da Confiança. Altura em que as duas margens se unem em devoto à santa, servindo-se do troço da N2 como parte do seu caminho nesta procissão. Isto oferece à barragem do Cabril um outro caráter para além daquele a que fora destinado, o da travessia rápida.

É objetivo deste projeto dar uma nova cara à grande infraestrutura do Zêzere, o que antes serviu para separar e dividir um grande curso de água, é agora repensado e utilizado como ponto central das localidades mais próximas, o novo e atual Fórum rural onde se partilham costumes, tradições, conhecimentos e muito mais. Fazer renascer uma margem é fazer renascer o seu povo, e é daqui que parte *Infraestrutura como Espaço Agregador*.

O projeto encontra-se circunscrito ao estudo de Pedrógão Grande e de Pedrógão Pequeno, de forma a encontrar no território destas duas freguesias — mais especificamente nas margens do rio Zêzere — um espaço em que se apresentam propostas que se propõem a melhorar a vida dos habitantes que vivem nestes territórios.

Elege-se, assim, a divisão fluvial artificial, entre estas duas localidades, como espaço para criar uma perspetiva de reabilitação deste espaço. Mas porquê?

O muro de betão que penetra o rio Zêzere é apenas uma infraestrutura que permite a continuação do troço da Estrada Nacional 2 (N2) entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno. Apesar da circulação de pedestres ser possível, a verdade é que o propósito desta estrada destinou-se essencialmente à circulação automóvel, acabando por perder importância com construção da IC8.



- Mato
- Castanheiros
- Eucalipto
- Olival
- Outras folhosas
- Pinheiro bravo
- Pomar
- Sobreiro
- Mercado Municipal de Pedrógão Grande
- Mercado Municipal de Pedrógão Pequeno

- 1- Estrada de acesso
- 2- Torres de água
- 3- Terminais da barragem
- 4- Barragem do Cabril
- 5- Edifício da central hidroelétrica
- 6- Descarregadores
- 7- Estrada Nacional 2
- 8- IC8

O projeto reutiliza a filosofia da ponte habitada, aplicada na antiga história da arquitetura, que transformava a infraestrutura de travessia. Nela eram acolhidas não apenas edifícios de cariz habitacional, mas também inúmeros comércios que faziam da ponte num novo centro económico e comercial, das suas cidades. Ao fazer renascer este tipo de arquitetura, visa-se trazer para a barragem do Cabril uma nova centralidade a este meio rural. A via automóvel torna-se numa via comercial que não só comporta um mercado, mas também estruturas para as tradicionais feiras levantes já existentes no município e freguesia em estudo, como já fora referido anteriormente. É neste sentido que *Infraestrutura como Espaço Agregador* impulsiona a promoção de culturas, artesanatos e tradições de ambas as localidades, unem-se estas duas populações em território neutro, onde ambas podem comercializar, conviver e reviver, sem barreiras políticas e ideológicas.

“O modelo histórico das casas sobre pontes serve aqui de premissa, de local de invenção arquitetónica”⁹⁵

Reunidas as condições necessárias, *Infraestrutura como Espaço Agregador* constitui-se enquanto projeto que tem um mercado tripartido como elemento principal. Desta forma reutiliza-se a antiga passadeira de alcatrão oferecendo-lhe um novo propósito. Um percurso pedonal entre as margens, onde humanos e animais podem usufruir da arquitetura. Nasce assim o *Mercado da Margem*.

96



97

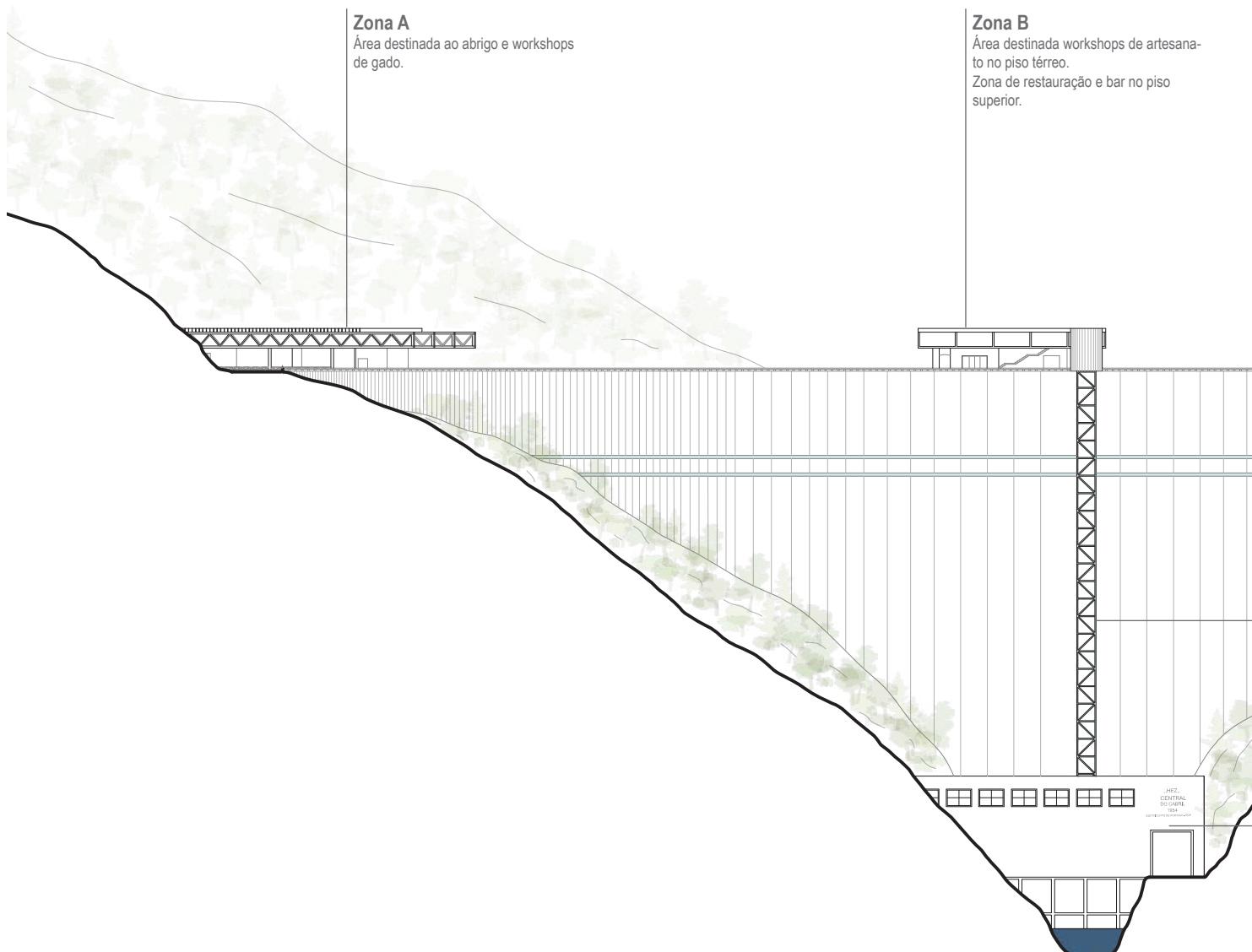


98



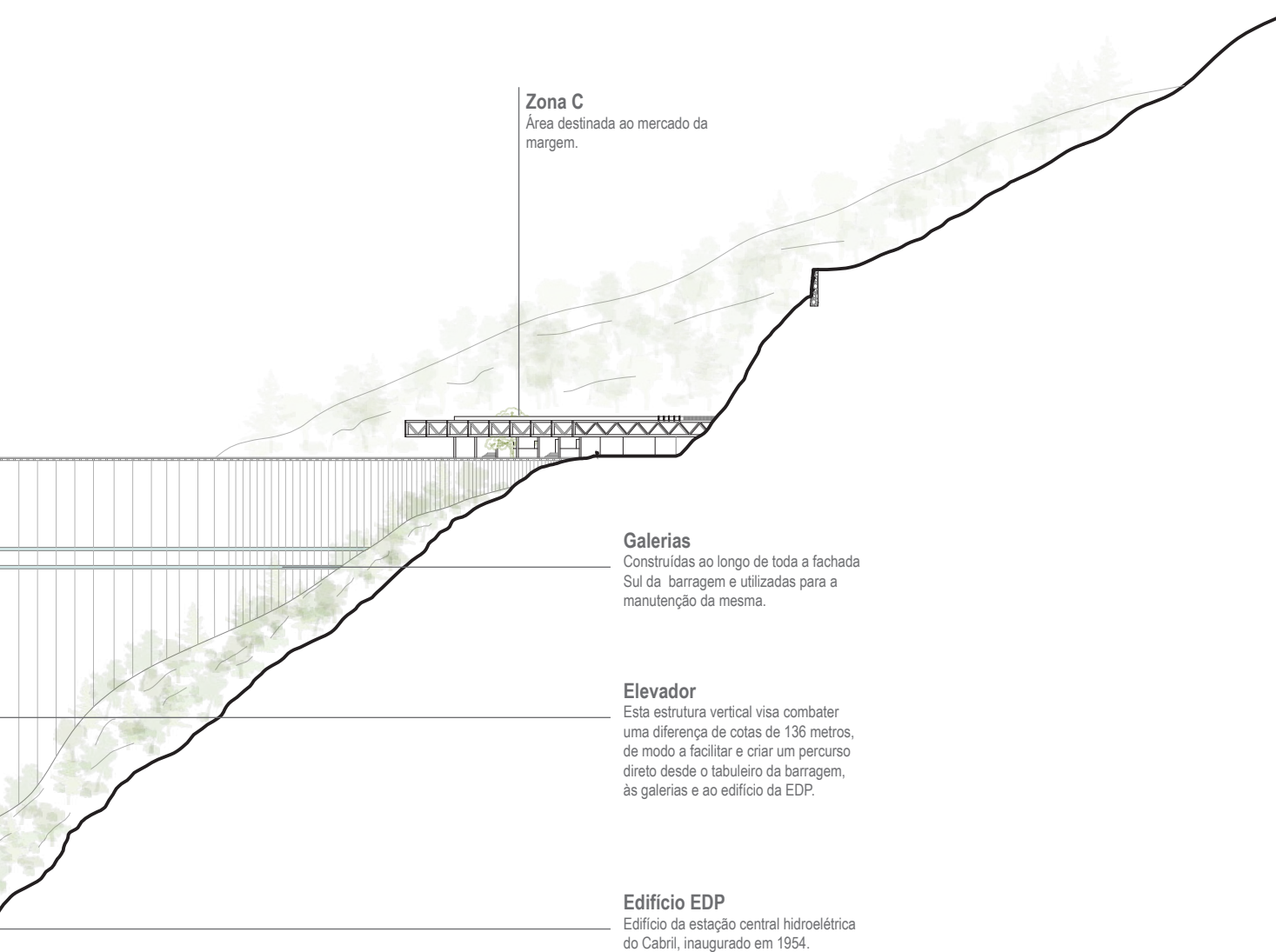
95. "The historical model of houses on bridges serves here as a premise, a site for architectural invention". Steven Holl. *Panfleto Arquitetura 7: Ponte das Casas*. 1981. William Stout Books.
 96 | 97 | 98. *Flávio Ferreira*. Fotografias da Estrada Nacional 2 na barragem do Cabril. 10 set, 2024.

A minha proposta passa igualmente pela reinterpretação da ponte habitada, desta vez inserida num contexto rural, onde o objetivo não cai sobre a habitação, mas sim sobre o comércio. Desta forma são propostos três grandes momentos, de ofertas bastantes distintas, que formam assim este novo mercado. Estas zonas são marcadas através de coberturas geométricas que anunciam o momento de paragem – um retângulo, um quadrado e um triângulo. Estas coberturas tornam-se no ponto chave para o desenvolvimento deste projeto, pois é através delas que existe o desejo de permanecer no espaço.





99. Miguel Matos. Fotografia aérea da barragem do Cabril. jan, 2024.



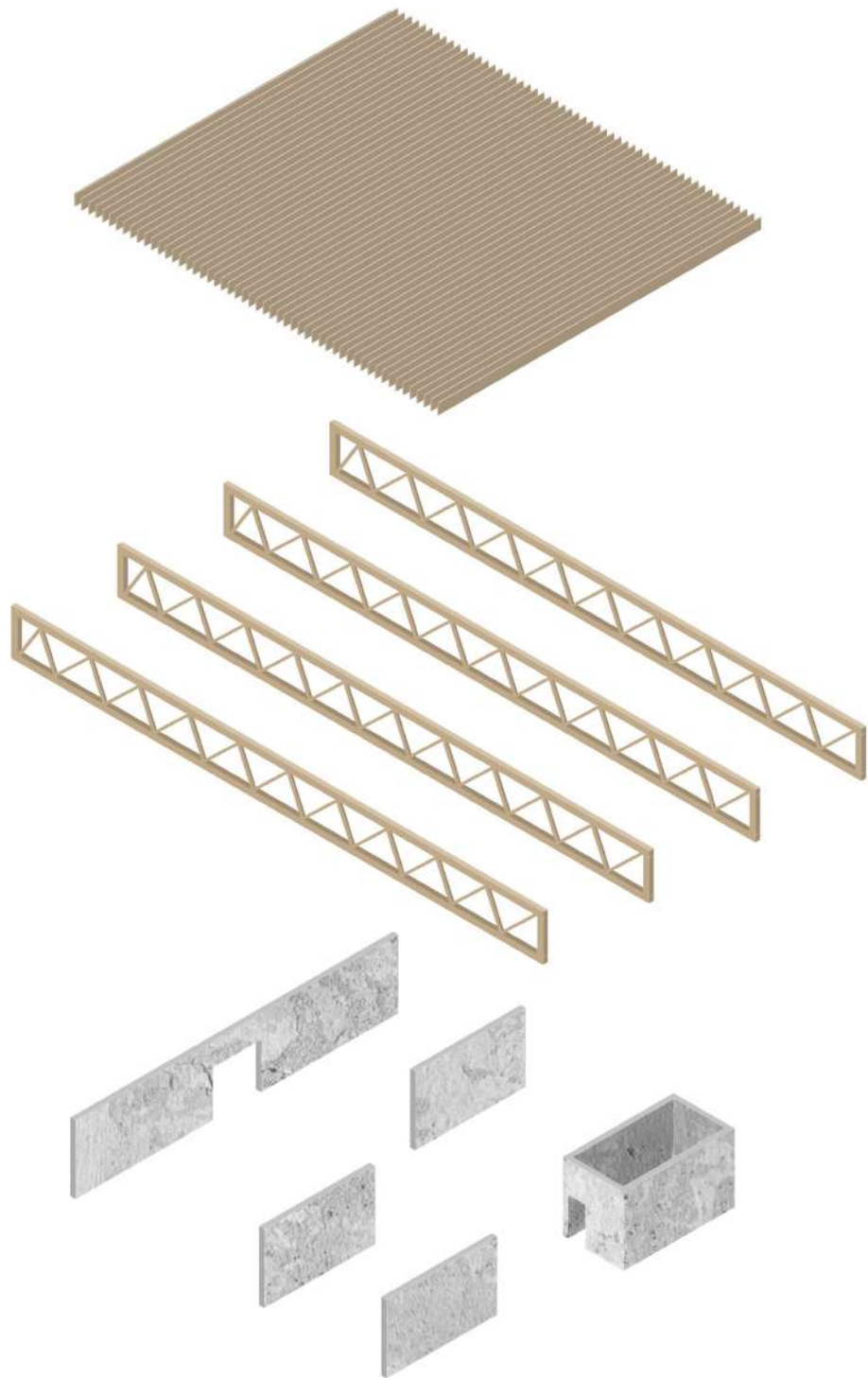
Como se trata de uma construção exterior e pública, foi importante manter a sensação de espaço livre e aberto. A estrutura utilizada para a execução deste projeto repete-se ao longo da barragem pelas três zonas de paragem.

Ao nível do pavimento surgem paredes em betão armado com 4,5 metros de altura, permitindo o atravessamento de veículos de dimensões maiores. São desenhadas sobre uma grelha de espaçamento de 3,5 metros. Deste modo, para além de suportarem o peso distribuído pela cobertura, delimitam também espaços que servem diversos programas.

Ao nível da cobertura, esta é dividida por dois níveis. No primeiro, treliças de madeira com uma altura de 3 metros, que se repetem paralelamente a cada 7 metros. Isto permite que haja uma transparência no espaço desenhado, conferindo-lhe, desta forma, uma leveza aparente. A altura destas treliças permite também, que este primeiro nível da cobertura seja habitável, dando lugar a outros programas.

No segundo nível, e pousadas nas treliças abaixo, são colocadas lâminas de madeira, desta vez perpendiculares à estrutura anterior. Estas lâminas apresentam uma altura e distanciamento de 0,7 metros. A estas vigas são ainda aplicadas faixas de tecido que ajudam a filtrar a incidência solar, os ventos e a chuva de modo a proteger aqueles que habitam as infraestruturas.

Este desenho estrutural é aplicado em todas os fragmentos do projeto, permitindo uma coerência e simbiose no seu desenho.



Como referido anteriormente, este projeto divide-se em três grandes zonas, fazendo deste projeto não um conjunto de infraestruturas mas sim um percurso que pudesse servir qualquer ser vivo, e não apenas o homem. Assim sendo, cada zona oferece programas distintos que no seu conjunto se fundem e criam o seu ecossistema.

Visto que se trata de um meio rural, é necessário entender quais os principais meios de subsistência destes habitantes, honrar e perpetuar os seus costumes e tradições.

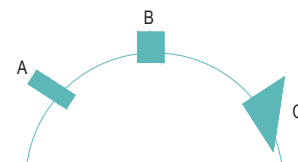
A pecuária e o gado marcam bastante estas duas regiões e por isso torna-se necessário expandir esta cultura à nova arquitetura que marca a barragem. O lado Oeste da barragem, zona A, é então destinado ao abrigo temporário do gado, isto permite que os pastores possam utilizar este troço da N2 como parte do seu percurso pastoreio, trazendo à infraestrutura um propósito acrescido.

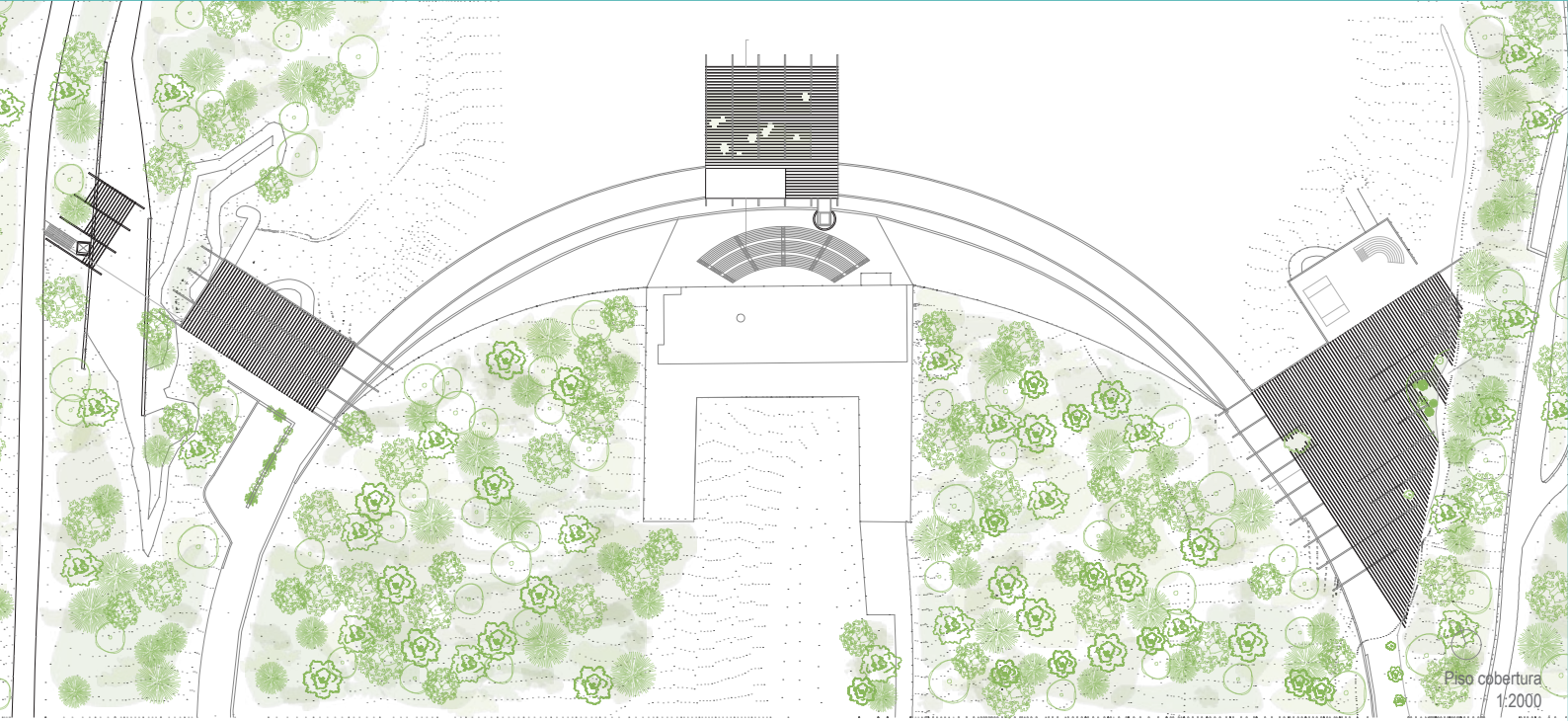
Pedrógão Pequeno e Pedrógão Grande são ambas localidades bastante envelhecidas e com meios financeiros reduzidos. Deste modo, para além das atividades agrícolas e pecuárias que marcam estas regiões, os pedroguenses formam obrigados a produzir e fabricar produtos para a uso próprio ou futura venda. Nasce desta forma o artesanato nas margens do rio Zêzere. Em Pedrógão Grande, os artesãos ocupam-se do fabrico caseiro de mel, azeite, licores, rendas, lãs, bordados e tapetes de arraiolos. Produzem ainda velas, sabonetes, cremes feitos a partir do azeite, óleos e sais e por fim o chá de tisana. Já em Pedrógão Pequeno, destaca-se o fabrico de latoaria, ferraria, cestaria, bordados regionais, tecelagem e finalmente a cerâmica.

O artesanato é marca dos povos e símbolo das regiões e por esse motivo, torna-se importante destacar e eternizar igualmente esta tradição para que não desapareça, ficando esquecida esta parte cultural tão importante para a identidade local.

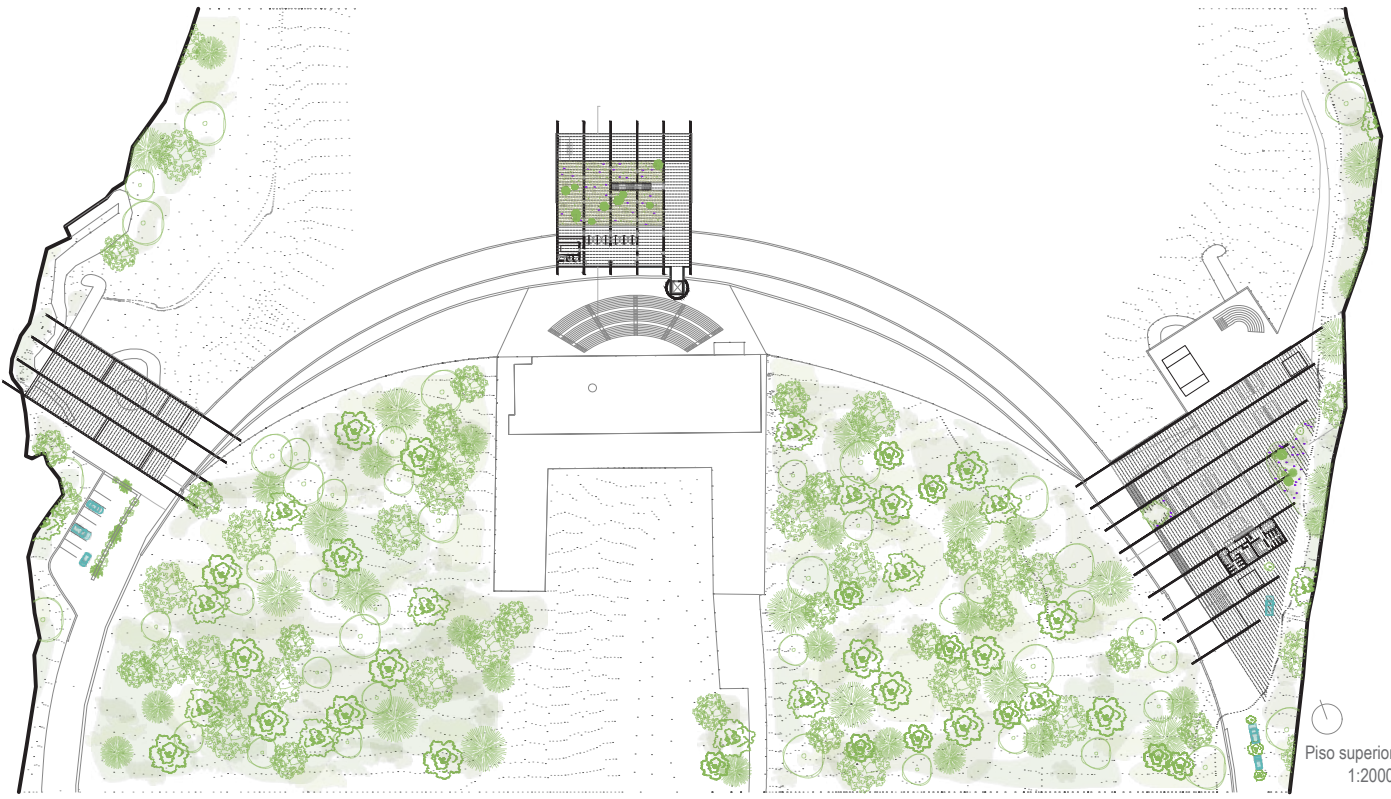
Assim sendo, a zona B, através da sua sala de artesanato, propaga esta arte sobre a forma de aulas e workshops aos visitantes que estejam interessados em aprender esta parte da cultura pedroguense.

A zona C, no lado Este da barragem, dá lugar ao novo mercado da margem. Como já é sabido, o mercado é local de comércio, convívio e conexão, uma tradição que remonta até às épocas medievais da existência humana. Por esse motivo, nasce aqui um novo e fortalecido laço entre as duas margens do rio.

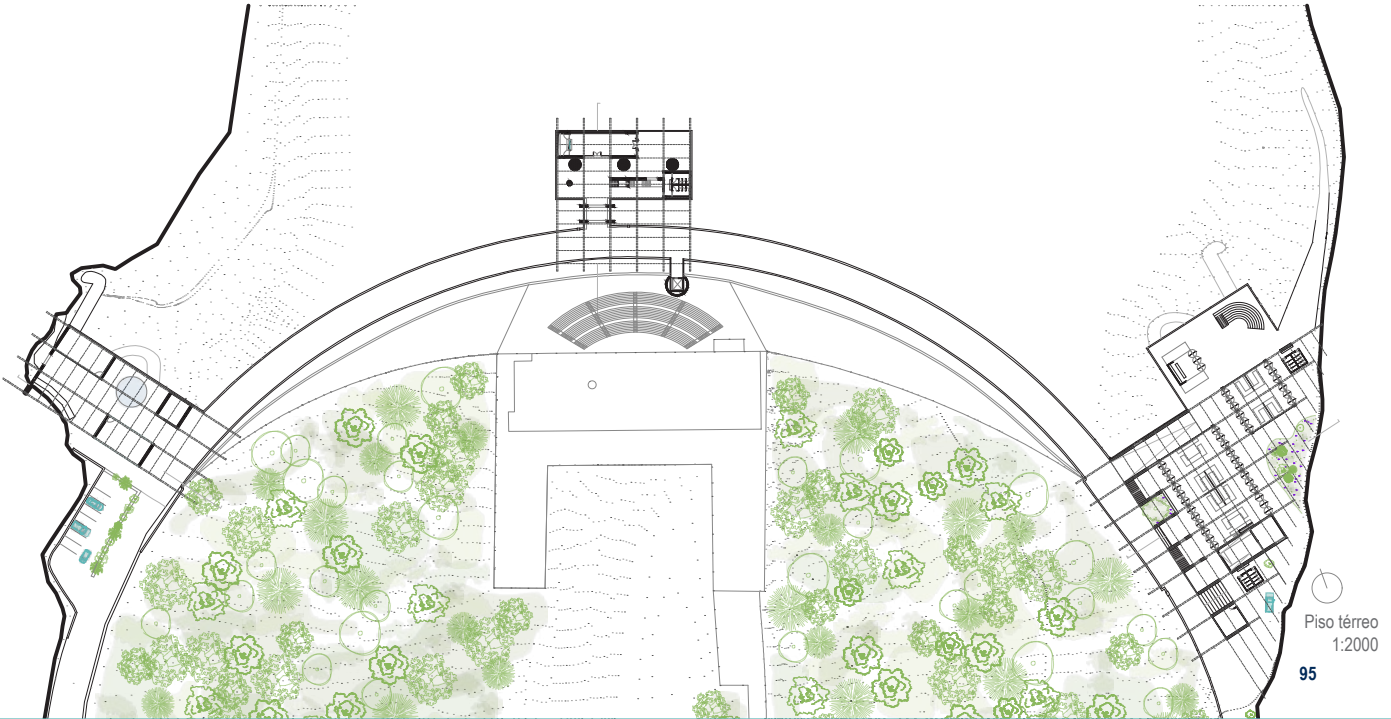




Piso cobertura
1:2000



Piso superior
1:2000



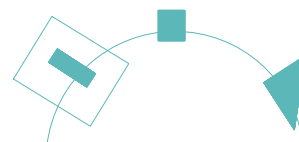
Piso térreo
1:2000

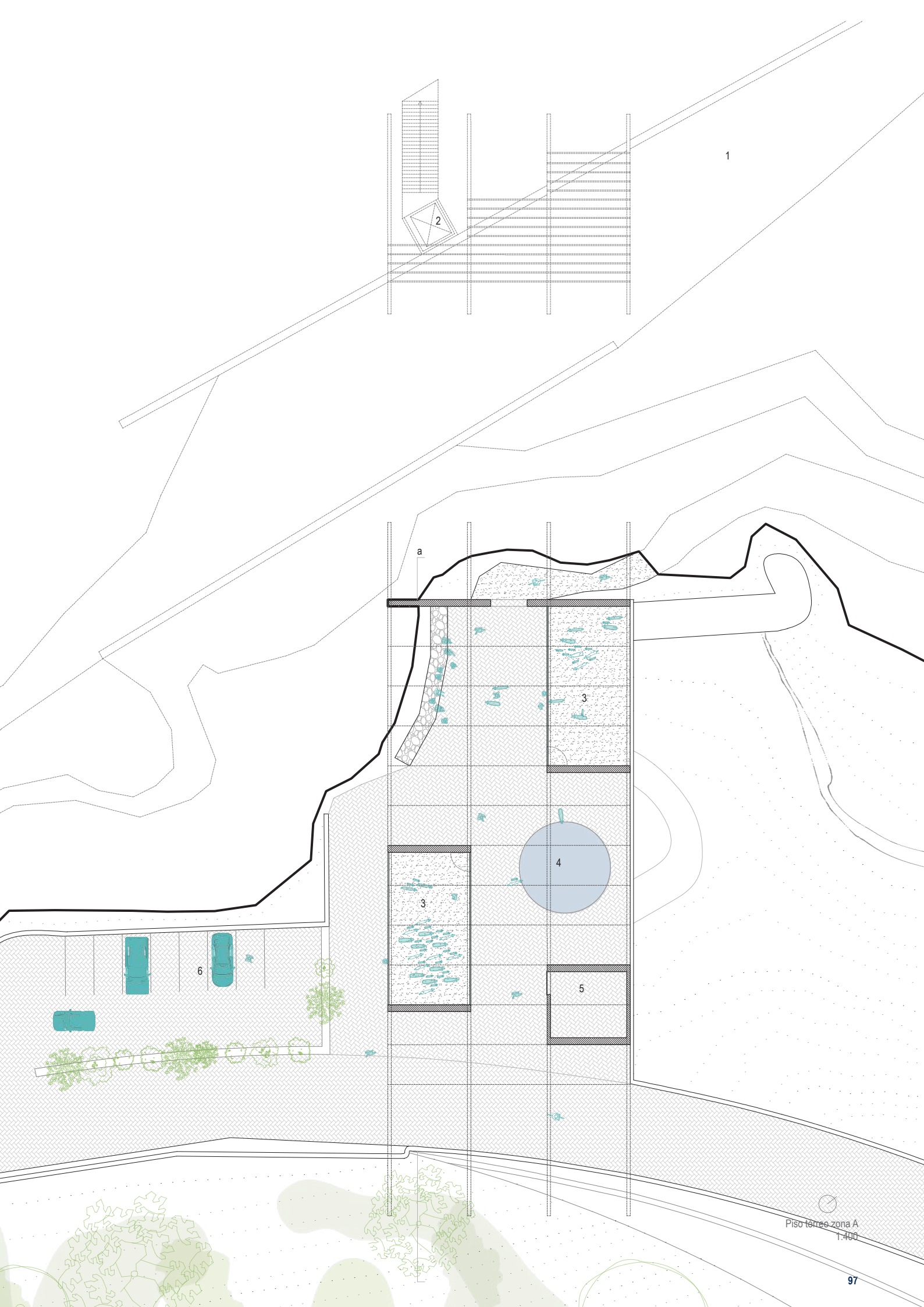
Comecemos esta caminhada pelo lado Oeste, o acesso pedonal a partir daqui até à zona A é feito pelo novo percurso rampeado (1) que se estende por 420 metros, de modo facilitar o acesso desde o tabuleiro da barragem, numa cota de 136 metros, até à estrada secundária acima numa cota de 167 metros. Surge a necessidade do desenho deste novo caminho com o objetivo de não apenas se criar um percurso pedonal entre as duas cotas, que até então não existia, diminuindo, desta forma, a necessidade do uso do automóvel, mas também, assim permitir o atravessamento do gado entre as duas cotas.

A meio do percurso surge a primeira cobertura de madeira que marca o elevador (2) de apoio deste percurso. Inserido na parede de contenção já existente, faz a ligação direta entre as cotas altimétricas 153m a 157m. O final deste caminho é marcado pela primeira grande estrutura que diz respeito à zona A, destinada ao gado.

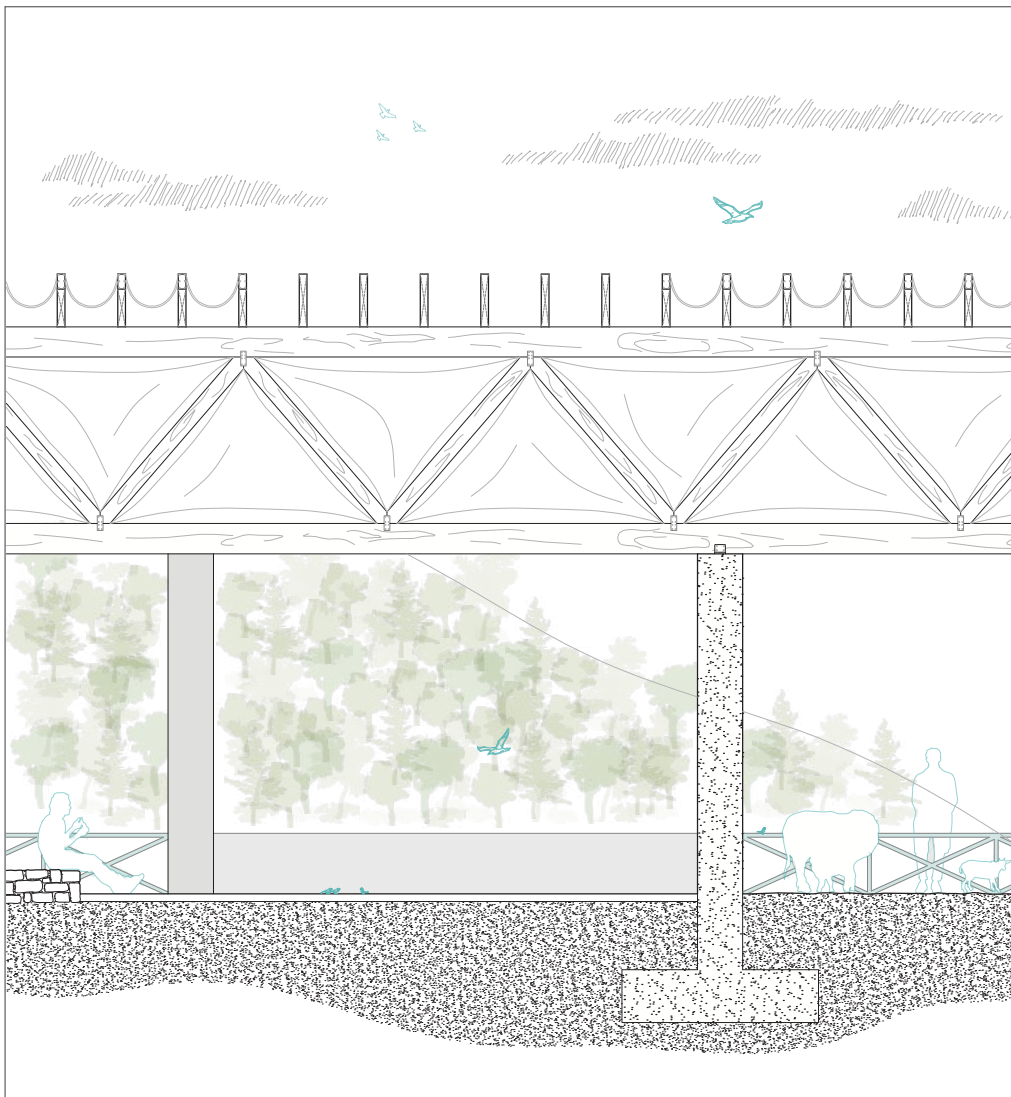
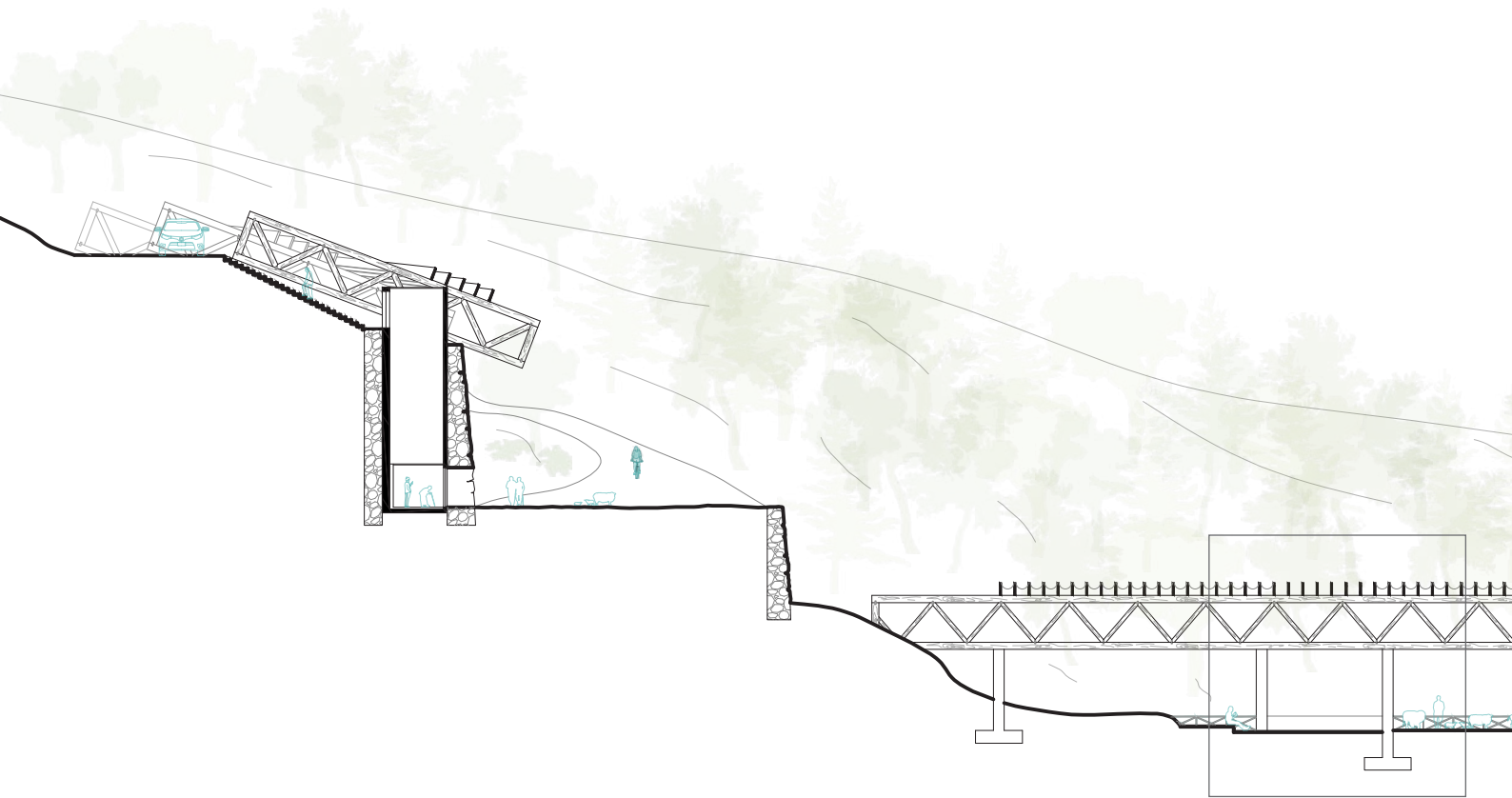
Aqui, torna-se palco para os pastores, poderem guardar os seus rebanhos por pequenos períodos de tempo, proporcionando-lhes o devido descanso. Ligado ao programa do bem-estar animal, surge ainda a oportunidade de se dar a conhecer tradições e o quotidiano dos pastores. É aqui que se partilha o conhecimento e se promovem experiências a outras pessoas e gerações. Através de pequenos workshops o pastor pode ensinar como cuidar do gado, como tosquiá e ordenhar os animais, mas também como produzir queijos e enchidos, bastante comuns e apreciados o queijo de cabra e o bucho recheado.

Esta zona é então composta por dois currais (3) de 95m² cada, estes são os espaços destinados ao abrigo de gado e também o local dos workshops. No centro, um grande espelho de água (4) de 50m² onde as águas da chuva ficam recolhidas a fim de serem consumidas por qualquer animal. Uma zona de arrumos (5) de 40m² destinada ao armazenamento dos produtos utilizados para o gado e respetivos workshops. Finalmente a zona de estacionamento (6) com 283m², local reservado a veículos reduzindo, desta forma, o volume de tráfego automóvel que atravessa o tabuleiro da barragem.

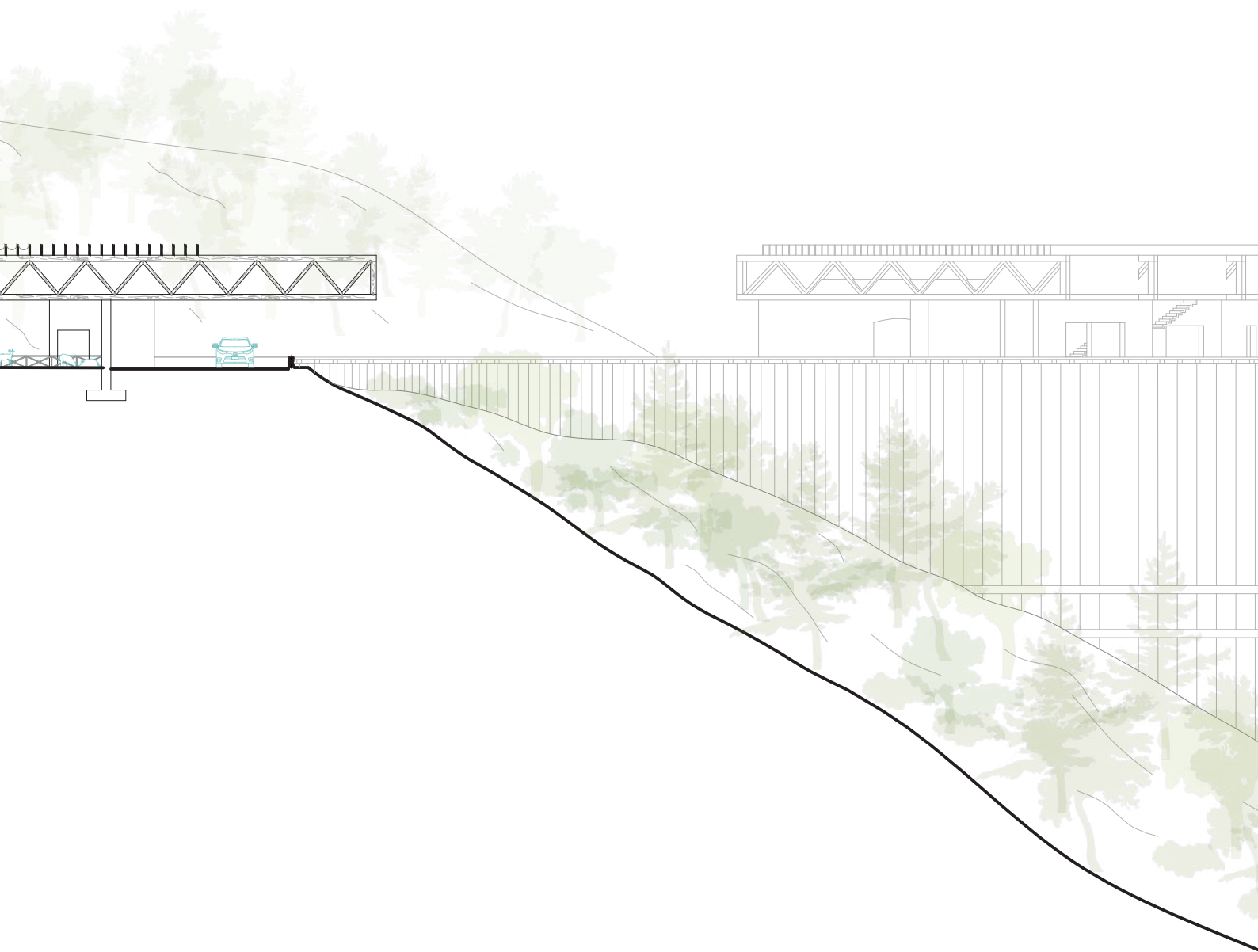




Piso-térreo zona A
1:400



Corte a'
1:100



Corte a
1:400



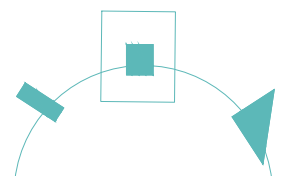


A meio do percurso, na estrutura que suporta as três torres de água da barragem, situa-se a zona B, onde nos são oferecidos dois programas distintos. No piso térreo, como mencionado anteriormente, a sala de artesanato, com 122m², que é o local onde os artesãos podem exhibir, partilhar e ensinar a sua arte. No piso superior, estamos no interior da primeira estrutura que compõe a cobertura. Aqui, somos recebidos com uma grande área ajardinada (1) de 90m², marcada pela sua intercessão transversal das treliças de madeira.

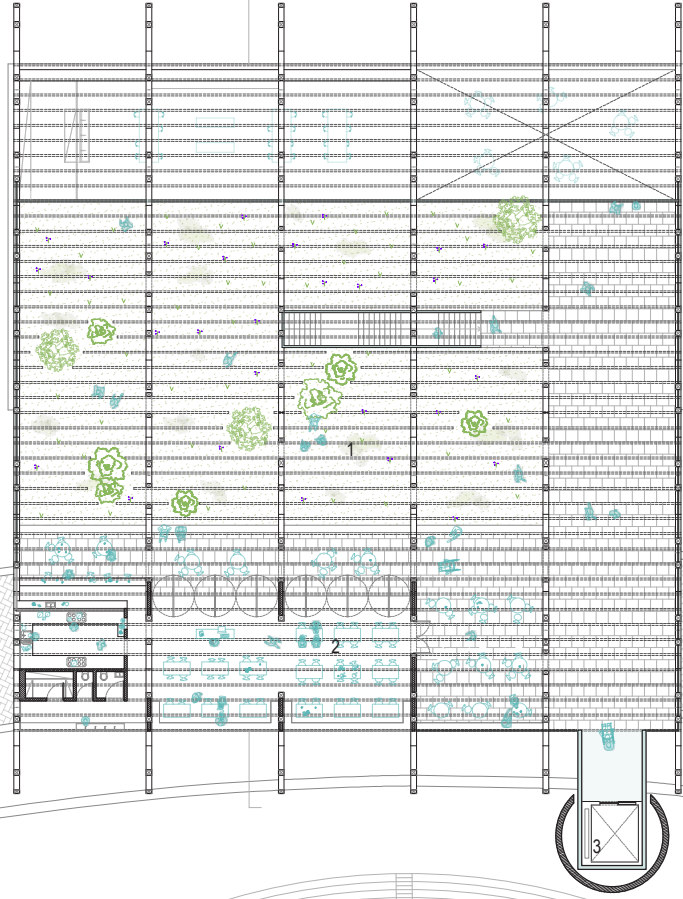
A Sul, um restaurante (2), com área de 153m², onde os seus quatro alçados são rasgados por grandes vãos, oferecendo uma vista 360° desta estrutura apoiada na barragem, e do rio Zêzere.

É aqui também que se dá a conhecer a gastronomia destes locais e onde são confeccionados os produtos vendidos no mercado (zona C).

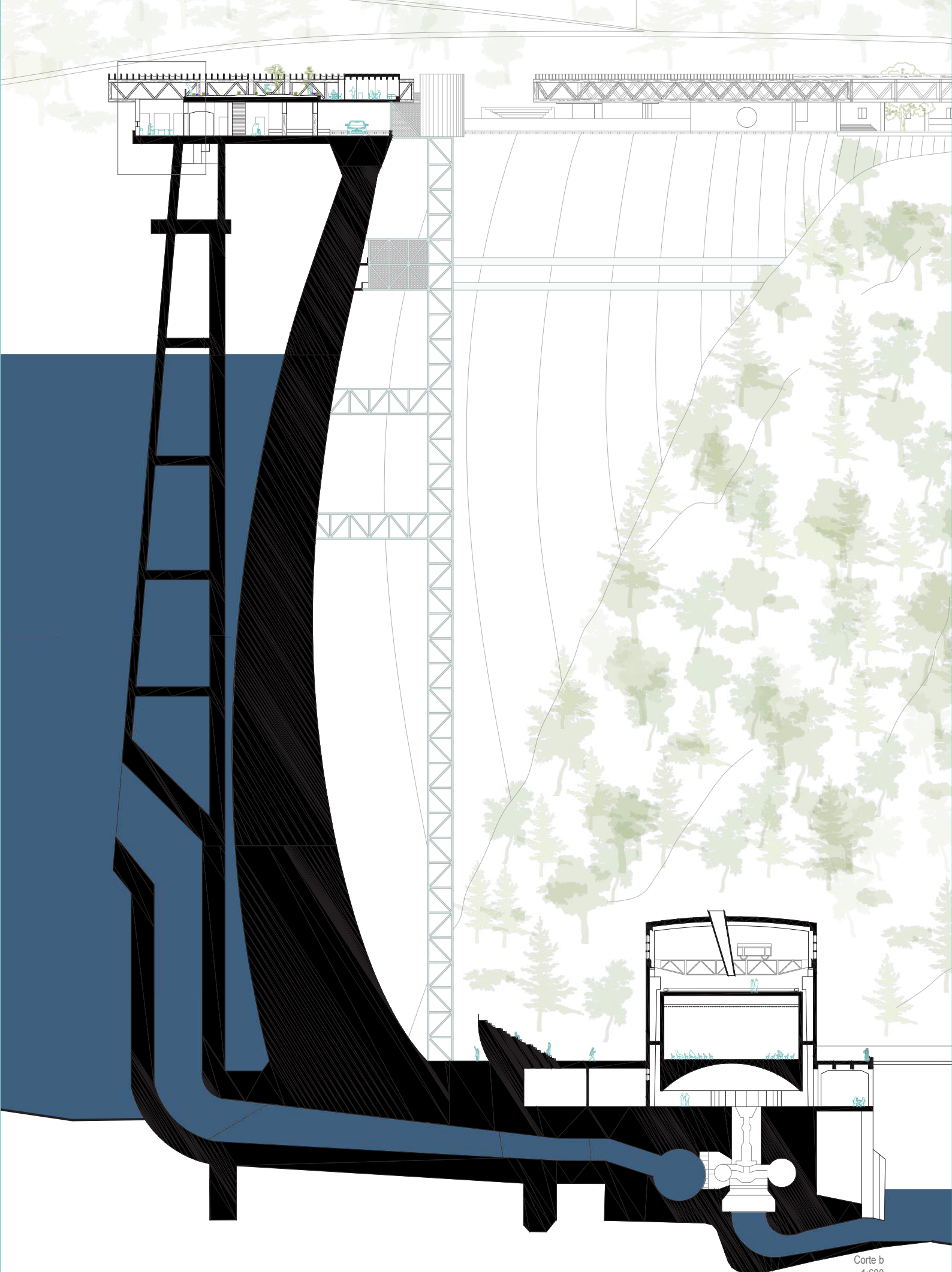
Este local é também marcado por uma grande estrutura metálica vertical. Esta grande faixa azul que rasga a megalómana infraestrutura de betão. É desta forma, com este segundo elevador (3), que se torna possível combater uma diferença de cotas de 136 metros de modo a facilitar e criar um percurso direto desde o tabuleiro da barragem, às galerias e por fim ao edifício da central hidroelétrica da EDP.



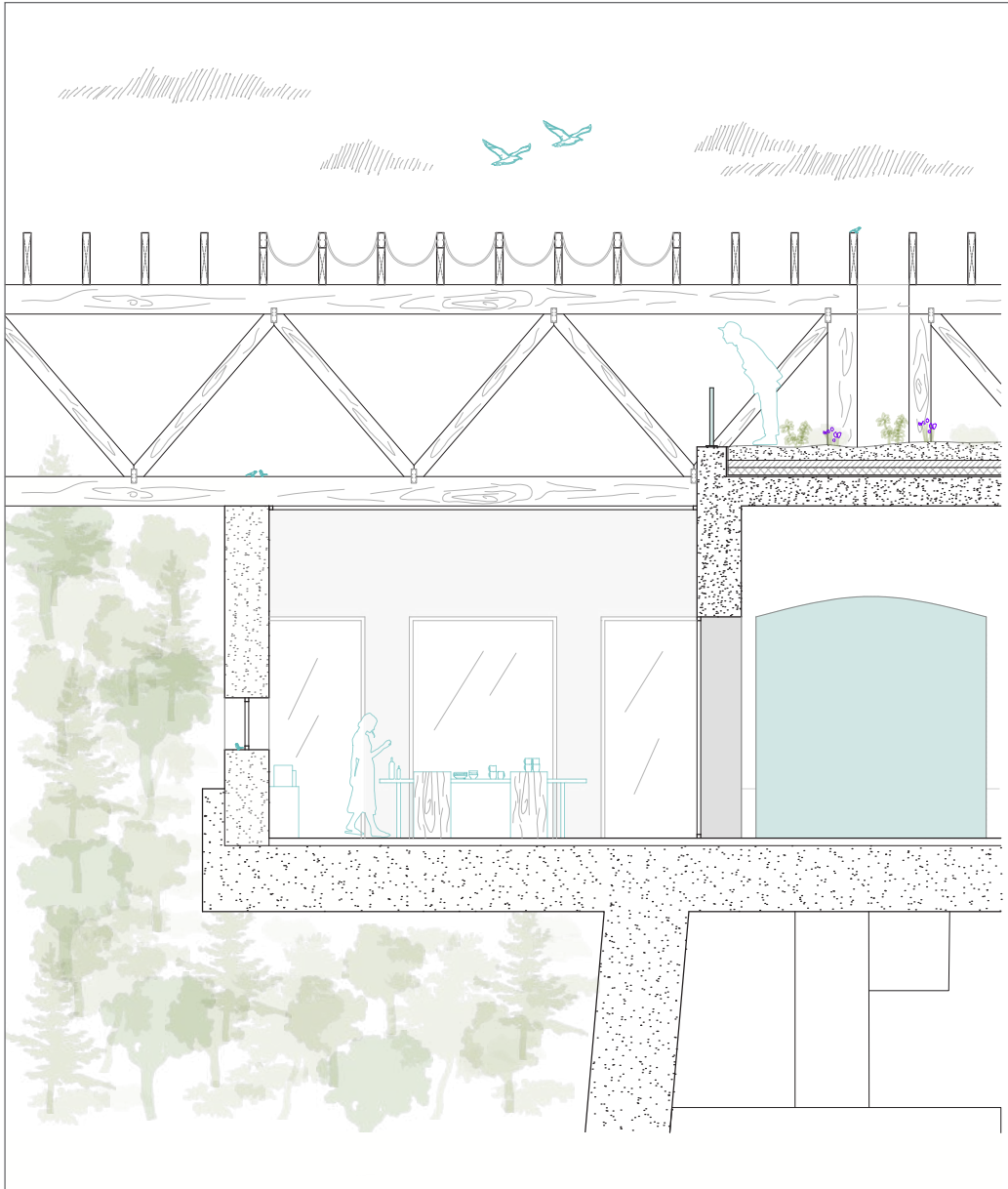
b



Piso superior zona B
1:400



Corte b
1:600







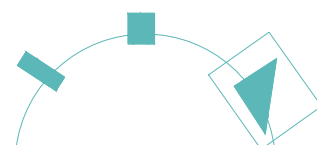
O percurso é então finalizado pelo terceiro e último momento deste projeto, a zona C. Na margem Este da barragem e sobre o antigo terminal nasce um novo mercado, onde antes carros estacionavam, agora param mercadores e abastecem as suas bancas de variados produtos. Nasce um novo palco comercial e financeiro para os pedroguenses, um mercado onde semanalmente, durante três dias, sextas-feiras, sábados e domingos, ambas as margens se juntam e partilham o que de melhor têm. Estes alimentos que enchem o mercado, servirão de abastecimento para o restaurante anteriormente apresentado, fazendo assim com que haja uma rotatividade dos produtos, tornando o *Mercado da Margem* autosuficiente.

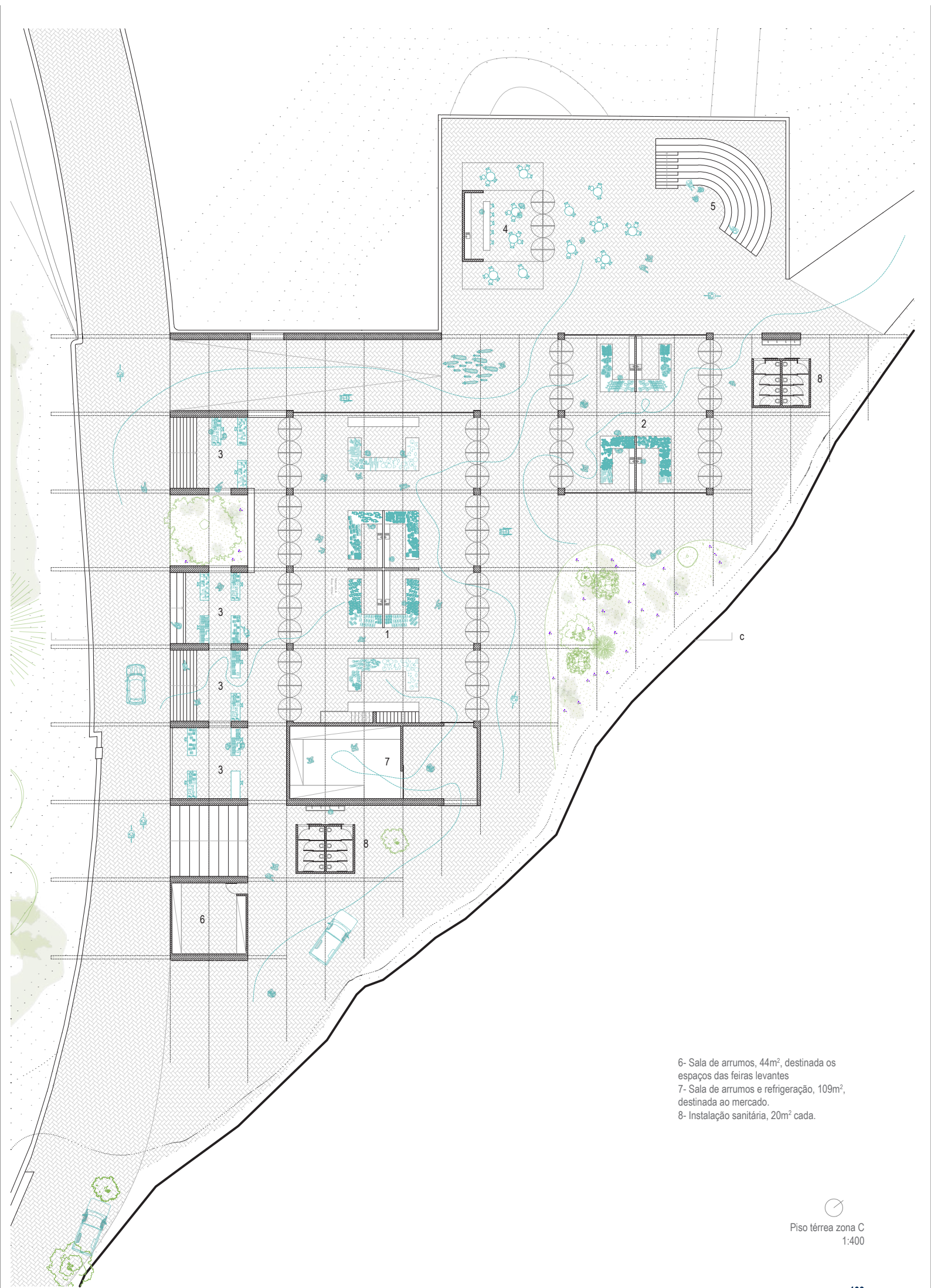
Já conhecemos os mercados municipais de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, assim como o seu funcionamento. A proposta para este novo mercado, não passa pela desativação dos já existentes, mas sim pela simbiose dos dois, complementá-los e fortalecer esta cultura agrícola e artesanal. Um novo mercado com condições melhoradas que abriga não apenas os mercadores pedroguenses, mas todos aqueles que lá queiram comercializar os seus produtos artesanais. Um local onde não apenas se comercializa, mas também se convive. Palco para novas experiências e recordações, um espaço comum onde homem, animal e planta se culminam.

O mercado está dividido por dois blocos de venda alimentar, num total de 12 bancas com lugar para um ou dois trabalhadores cada. O bloco A (1) com 462m², destina-se à venda de peixe, carne, enchidos, queijos regionais e pão, distribuídos por 8 bancas que organizam o interior do espaço. No bloco B (2) com 178m², são comercializadas as frutas e os legumes. Serve-se ainda de zona de arrumos, assim como de uma zona frigorífica comum e ainda balneários no seu primeiro piso.

Esta infraestrutura conta com dois blocos

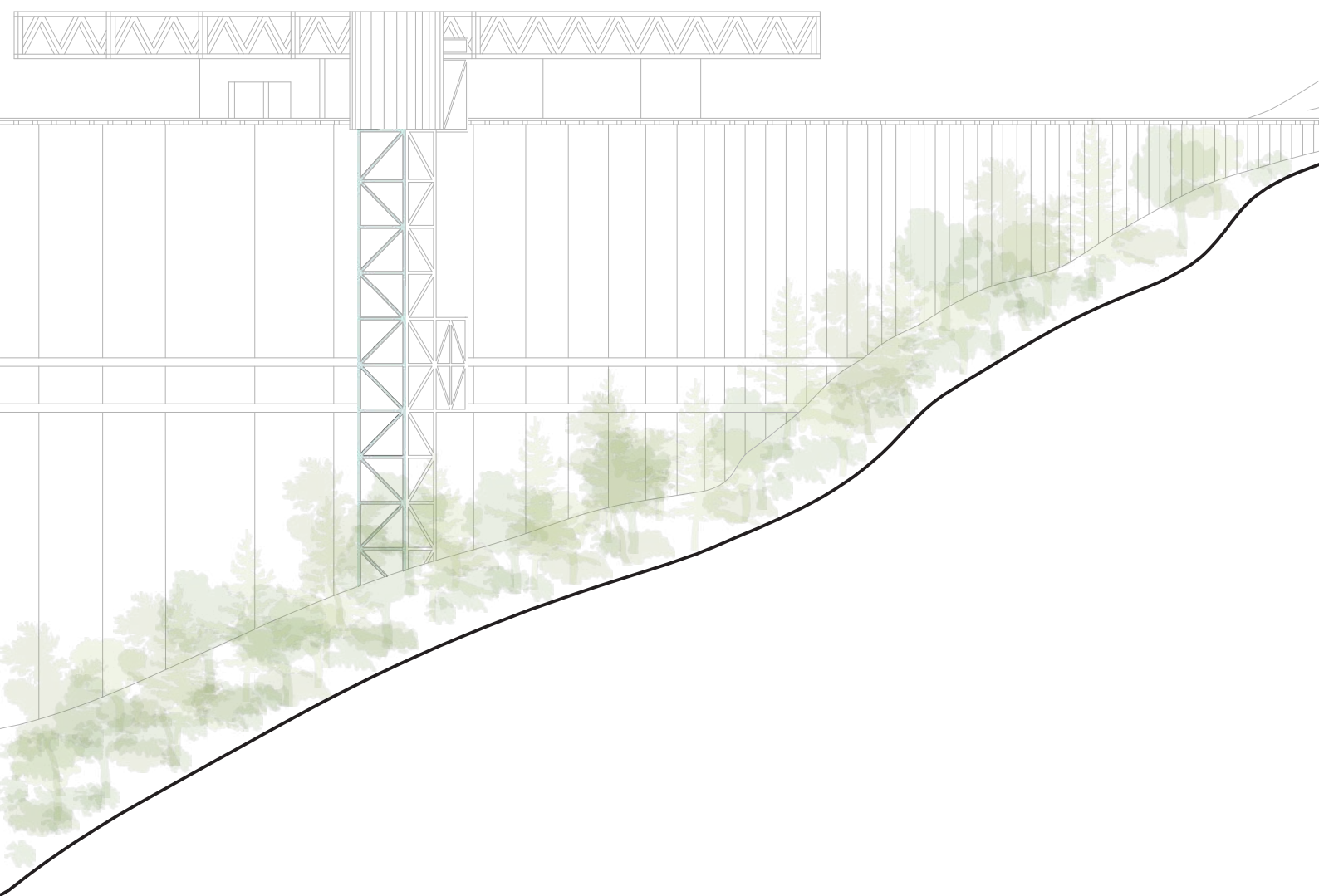
Como se trata de um espaço público e comum, torna-se importante que esta infraestrutura seja utilizada em qualquer momento e independe do horário de funcionamento do mercado propriamente dito. Desta forma, esta área delimitada pela sua cobertura, oferece quatro espaços de aproximadamente 36m² cada um (3) que podem ser ocupados por outros tipos de feiras levantes sazonais já existentes, que marcam as localidades. O espaço é ainda servido de um quiosque com 47m² (4), e finalmente um pequeno anfiteatro (5) destinado a eventos futuros, como arraiais, festas religiosas ou até mesmo reuniões municipais, fazendo deste mercado e desta barragem, muito mais do que uma simples infraestrutura.

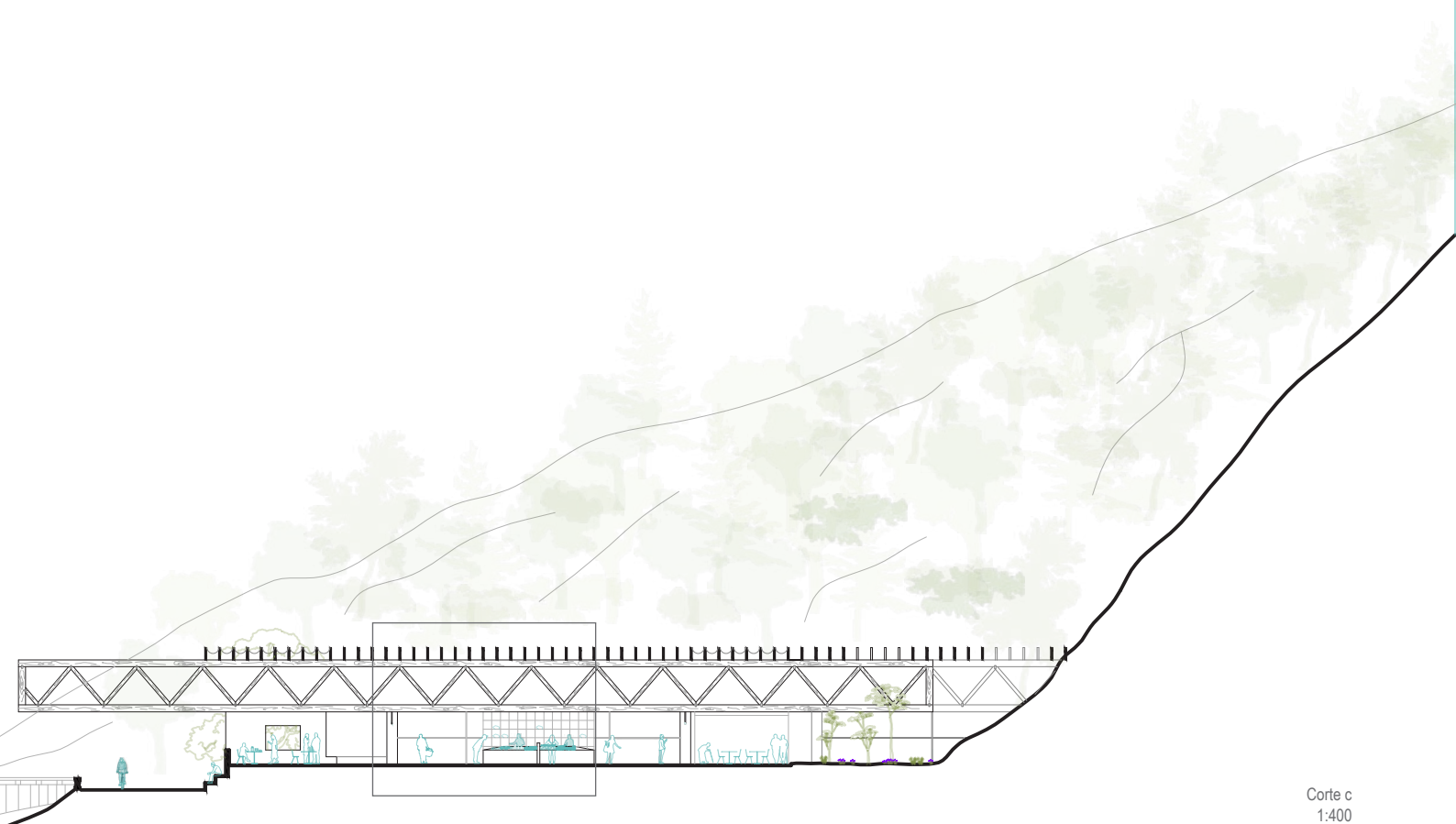




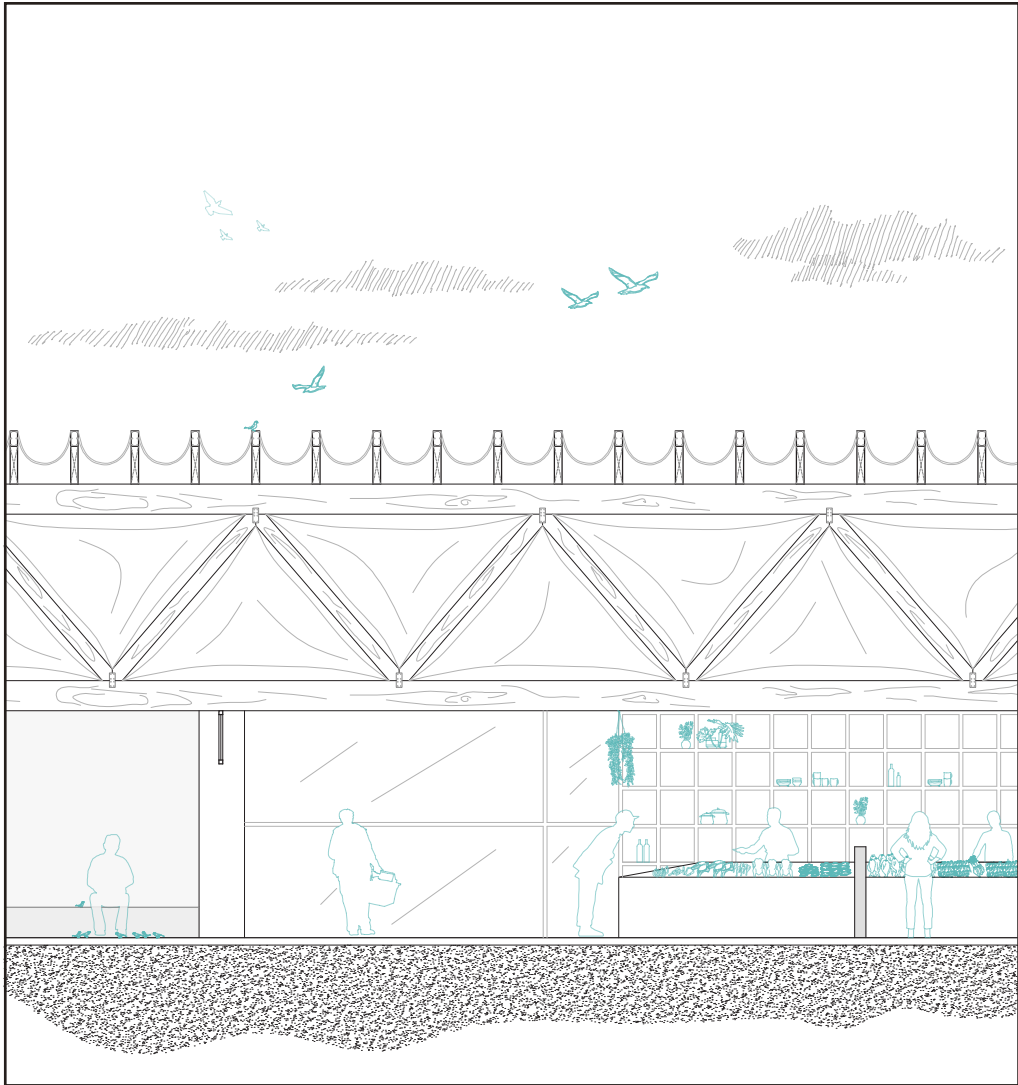
- 6- Sala de arrumos, 44m², destinada os espaços das feiras levantes
- 7- Sala de arrumos e refrigeração, 109m², destinada ao mercado.
- 8- Instalação sanitária, 20m² cada.

⊙
Piso térrea zona C
1:400





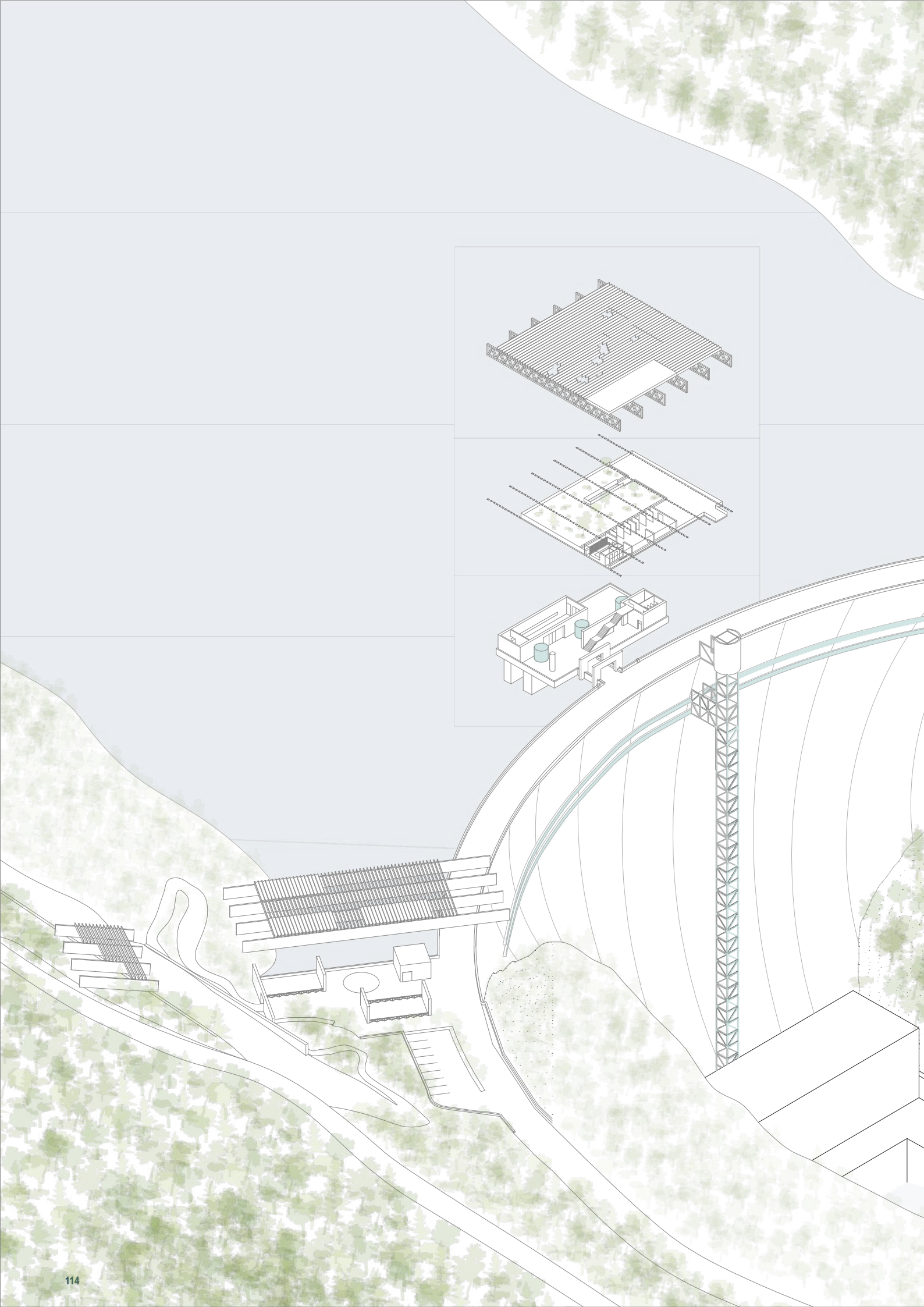
Corte c
1:400



Corte c
1:100









CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Infraestrutura como Espaço Agregador redefine a relação entre as margens do rio Zêzere e as comunidades de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, permitindo fortalecer e reavivar laços históricos e culturais que o tempo e as barreiras físicas haviam enfraquecido. Numa continuação das antigas pontes habitadas e na tradição do espaço público multifuncional, este projeto transforma o muro da barragem do Cabril e a Estrada Nacional 2 (N2) num núcleo de convivência, onde tradições, costumes e atividades locais se fundem.

O Mercado na Margem é um espaço flexível que acolhe não apenas um mercado, mas também oficinas artesanais e ainda zonas de lazer. Esta iniciativa não apenas oferece um novo propósito à infraestrutura existente, mas reimagina-a como um fórum rural moderno. Aqui, o convívio entre as comunidades transcende os limites políticos unindo as margens através de culturas e tradições que atravessam gerações. Além de impulsionar a economia local, o projeto representa uma resistência à crescente individualização e abandono das práticas comunitárias, revitalizando o espaço público como um bem comum essencial para a identidade e o fortalecimento das comunidades.

Assim, Infraestrutura como Espaço Agregador torna-se um marco de conexão e de permanência. Através de um desenho que equilibra a travessia rodoviária e o espaço para o convívio humano e animal, o projeto celebra a diversidade e a união, reavivando assim as margens do rio Zêzere.

BIBLIOGRAFIA

A

- A. Trevor Hodge. Roman Aqueducts & Water Supply. 2002.
- Antifascistas Da Resistência. 4 July 2015, www.facebook.com/photo.php?fbid=736202129822502&id=558291707613546&set=a.559109110865139&locale=pt_BR. Accessed 27 Oct. 2024.
- Architecture, Hidden. "Bridge of Houses." Hidden Architecture, 26 Mar. 2017, hiddenarchitecture.net/bridge-of-houses/.
- "Artesanato." Cm-Serta.pt, 2024, turismo.cm-serta.pt/turismopt/patrim.

B

- Bennett, David. The Creation of Bridges. White Lion Publishing, 1999.
- Bordalo, F M. Novo Guia Do Viajante Em Lisboa E Seus Arredores Cintra, Collares, Mafra, Batalha, Setubal, Santarem, Etc. 1863.
- Browne, Lionel. Bridges. Todtri Productions, 1996.

C

- "Carrilho Da Graça | Campo Das Cebolas." [Www.carrilhodagraca.pt](http://www.carrilhodagraca.pt), 2018, www.carrilhodagraca.pt/campo-das-cebolas.
- "Casa Da Índia - Arquivo Nacional Da Torre Do Tombo - DigitArq." Arquivos.pt, 16 Mar. 2023, digitarq.arquivos.pt/details?id=4687755. Accessed 27 Oct. 2024.
- "City Spaces, Human Places | Full Documentary | NOVA | PBS - Video Dailymotion." Dailymotion, 22 July 2023, www.dailymotion.com/video/x8mpdo3.
- Cooling, Louise . "Old London Bridge | a 17th-Century Masterpiece." English Heritage, www.english-heritage.org.uk/visit/places/kenwood/history-stories-kenwood/old-london-bridge/.

D

- de Almeida, Catarina Pinto . ESPAÇO PÚBLICO: FLEXIBILIDADE E APROPRIAÇÃO Intervenção No Convento de Santo António Dos Capuchos. July 2014.
- de Castilho, Júlio. A Ribeira de Lisboa. Imprensa Nacional. 1893.
- de Oliveira, Nicolau. Livro Das Grandezas de Lisboa. Edições Vega, 1620.

F

- "Feiras E Mercados." Cm-Serta.pt, turismo.cm-serta.pt/turismopt/patrim.
- "Feiras E Mercados." Cm-Pedrogaogrande.pt, 2023, www.cm-pedrogaogrande.pt/viver/feiras-e-mercados.
- Ferreira, Nicolau. "A Quinta Avenida Do Século XVI Ficava Em Lisboa." PÚBLICO, Público, 10 Dec. 2015, www.publico.pt/2015/12/10/ciencia/noticia/a-quinta-avenida-do-seculo-xvi-ficava-em-lisboa-1716946.

“Festas E Romarias.” Cm-Serta.pt, 2024, turismo.cm-serta.pt/turismopt/patrim.

Fraga, E. “Avenida 24 de Julho: Mercado de Peixe E Hortaliças Da Ribeira Nova.” Blogspot.com, 27 Oct. 2024, lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/02/mercado-de-peixe-e-hortaliças-da.html. Accessed 27 Oct. 2024.

G

Gehl, Jan. *Life between Buildings: Using Public Space*. 1971. Washington, DC, Island Press, 2011.

Gosciny, René, and Albert Uderzo. *Asterix and the Golden Sickle*. 2004.

H

Hayden, Chris Van. “History of the Old London Bridge, the Original Bridge over the River Thames.” Guide London, 24 Mar. 2024, www.guide-london.org.uk/blog/around-london/history-of-the-old-london-bridge/.

Hidden Architecture. “Rialto Bridge - Hidden Architecture.” Hidden Architecture, 22 Mar. 2017, hiddenarchitecture.net/rialto-bridge/. Accessed

“História Do Mercado Da Ribeira – Lisbon Shopping.” Lisbonshopping.com, 2014, lisbonshopping.com/destaques/historia-do-mercado-da-ribeira/.

I

“I-BIAU - Portugal - Finalista - Ponte Sobre Rio Zêzere.” Bienalesdearquitectura.es, 2022, bienalesdearquitectura.es/index.php/es/i-biau/6619-i-biau-portugal-finalista-ponte-sobre-rio-zezere. Accessed 27 Oct. 2024.

Indovina, Francesco. “O Espaço Público: Tópicos Sobre a Sua Mudança.” *Cidades- Comunidades E Territórios*, vol. 5, Dec. 2002, pp. 119–123.

J

J. Mark, Joshua. “Ágora.” *Enciclopédia Da História Mundial*, 21 May 2021, www.worldhistory.org/trans/pt/1-512/agora/.

Jolyon Brown, David. *Bridges : Three Thousand Years of Defying Nature*. London, Mitchell Beazley, 2005.

K

Keil, Alfredo. *Tojos E Rosmaninhos*. 1906.

L

Leite, José. “Mercado Da Ribeira.” Blogspot.com, 2014, restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/mercado-da-ribeira.html. Accessed 27 Oct. 2024.

M

“Município Da Sertã - Mercados E Feiras.” Cm-Serta.pt, 16 Nov. 2015, cm-serta.pt/m2-merc-feiras.

Madeira, Nara. “Ponte de Rohan é Uma Das Últimas Habitadas Da Europa.” Euronews, Euronews.com, 22 Nov. 2021, pt.euronews.com/2021/11/22/ponte-de-rohan-e-uma-das-ultimas-habitadas-da-europa.

N

de Oliveira, Nicolau. Livro Das Grandezas de Lisboa. Edições Vega, 1620.

O

O. S. MEDEIROS, Elton. Hávamál: Tradução Comentada Do Nórdico Antigo Para O Português. 20 May 2013.

Oertel, Alexandra . “German Houzz: The Charms of Life inside a Medieval Icon.” Houzz, 3 July 2016, www.houzz.com.au/magazine/german-houzz-the-charms-of-life-inside-a-medieval-icon-stsetivw-vs~69026826.

P

Pedrógão Grande - Um Passado Com História.

Pedrógão Grande E O Cabril.

Pedrógão Pequeno - Jóia Do Cabril. July 2013.

Plechnik, Joze. “Bridges .” CASABELLA, vol. 950, Oct. 2023.

por, Desenvolvido. “Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno.” Freguesias.pt, 2024, pedrogaopequeno.freguesias.pt.

“Pulteney Bridge - Historic Site in Bath, Central Bath.” Visit Bath, visitbath.co.uk/things-to-do/pulteney-bridge-p56151.

R

Rossi, Aldo. The Architecture of the City. Cambridge, Mass, Mit Press [Ca, 1982.

Rudofsky, Bernard. Architecture without Architects: An Introduction to Nonpedigreed Architecture. London, Academy Editions, 1964.

Russo, Ralph . Aqueduct Architecture: Moving Water to the Masses in Ancient Rome. 4 Apr. 2006.

S

Stout , William , and Steven Holl. “Ponte Das Casas.” Panfleto Arquitetura, vol. 7, 1981.

T

team, Italy Segreta’s. “Building Bridges: The Story of the Ponte Vecchio in Florence.” Italy Segreta, 14 Sept. 2021, italysegreta.com/building-bridges-the-story-of-the-ponte-vecchio-in-florence/.

“The Remains of the Old Medieval London Bridge.” Historic UK,

2017, www.historic-uk.com/HistoryMagazine/DestinationsUK/Remains-of-the-old-London-Bridge/.

W

Whyte, William H. *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York, Project For Public Spaces, 1980.

Obrigado :)

1º Edição de
ARQUITECTURAS NA MARGEM: O QUE TE FAZ FELIZ?

Beatriz Duarte
Beatriz Ribeiro
Carolina Künster
Cláudia Costa
Davi Souza
Diogo Vitorino
Flávio Ferreira
Inês Silva
Irina Benchechi
Júlio Paiva
Matilde Monteiro
Miguel Matos
Patrícia Barbas

Outubro de 2024

ARQUITECTURAS NA MARGEM

O QUE TE FAZ FELIZ?

PFA
NA MARGEM

Esta é a viagem que vos convido a fazer este ano, porque a arquitectura é também uma forma de repensar a realidade. Na continuação da Unidade Curricular de PFA, 2019/2020, Arquitecturas da Cidade: O que te faz feliz?, pretende-se abordar temas e programas suficientemente diversificados que contribuam para a experimentação e a investigação, colectiva e individual dos alunos.

Num tempo em que se discutem as consequências da acção humana, do turismo em massa ou a indústria da felicidade, da crise climática, da necessidade da supressão dos combustíveis fósseis, de decrescimento, de não demolir, de não extrair. É importante refletir sobre o papel e a responsabilidade da arquitectura e dos arquitectos em contribuir, activa e civicamente, na transformação do território.

Desta vez saímos da cidade e, o lugar escolhido é o da barragem do Cabril, entre a vila de Pedrógão Grande, no distrito de Leiria e, infelizmente conhecida pelo grande incêndio de 17 de Junho de 2017, e a vila de Pedrógão Pequeno, no distrito de Castelo Branco e pertencente à rede de Aldeias de Xisto. A barragem, inaugurada a 31 de Julho de 1954, é parte integrante do grande projecto de construções de barragens em Portugal.

O rio Zêzere, o segundo maior rio totalmente em território nacional, nasce na Serra da Estrela e desagua no rio Tejo, junto a Constância, num percurso de aproximadamente 200 Km. Pelas características do seu curso, com desníveis acentuados, podemos encontrar outras duas barragens ao longo do rio com exploração hidro-eléctrica, a montante encontramos a barragem da Bouça e a jusante a barragem de Castelo de Bode, que também abastece de água a cidade de Lisboa. Esta é, por isso, a oportunidade de reflectir sobre a relação entre a arquitectura, energia hidroeléctrica/infraestrutura e a ecologia.

Nesta geografia hidráulica, difícil de classificar entre a infraestrutura, a ruralidade ou urbanidade e, num cenário ficcionado, de desactivação da exploração hidro-eléctrica da infraestrutura da barragem do Cabril— considerando a

real repercussão das nossas actividades transformadoras no ecossistema—, propomos reflectir sobre a forma como olhamos o mundo e, como repensamos as expectativas relativas aos usos de materiais e recursos, e ao paradigma da arquitectura, numa transformação em curso e que ser requer colectiva na sua ambição global.

Pretende-se que, com intervenções cirúrgicas e, restrições técnicas e materiais, regenerar a área de estudo e medir o seu impacto às múltiplas escalas. Cuidar o lugar, a memória e a ecologia, com e no tempo, na capacidade de fazer menos e de necessitar de menos. Transformar mais do que construir, com recurso ao reuso, seja de materiais, lugares ou edificações, com a certeza que somos apenas uma pequena parte do ecossistema, na relação com a água.

O primeiro semestre será dedicado à análise da área de estudo e dos temas relacionados, que implicará a investigação, levantamento e tratamento de várias fontes, materiais e trabalho de campo. Esse trabalho e definição da estratégia de intervenção será elaborado em equipa (turma) e, resultará na definição crítica dos programas e locais de desenvolvimento dos projectos individuais, articulando a componente de projecto e componente teórica (ensaio). Olhar para compreender, documentar, registar, reflectir criticamente, e, em equipa, encontrar o gesto justo para as intervenções a desenvolver no segundo semestre.

Este trabalho de investigação será acompanhado por várias visitas de estudo, a arquivos vários, a exposições e área de estudo, um ciclo de conversas com vários convidados, de áreas de conhecimento distintas, mas complementares, que nos guiarão por temas e livros que nos ajudarão na nossa viagem. Essa viagem, pela margem, será registada através de ensaios visuais e escritos que documentem o processo, numa publicação em formato A4 e uma página de Instagram.

Quais são
os impactos do
APROVEITAMENTO
HIDROELÉTRICO?

O Território por Construir?

**TERRITÓRIO ONDE
EXISTE**

Albufeira do Cabril atinge acima
de 80% da capacidade em 2023

A Central de **Energia Solar do
Cabril**: Primeiro projeto flutuante

BIODIVERSIDADE



foi inaugurada
a 31 de julho
de 1954

OS METAIS PESADOS NO

Produção
em Massa
na Agricultura

RIO ZÊZERE

Ruínas da
Aldeia do
Vilar

OS QUE PESCAM

MAIS **ACHIGÃ**

emergem
com a seca
de 2022

**ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO
AGRICULTURA E PRODUÇÃO**

Roteiro do Zêzere:
Rio Errático e das Cigarras

A pesca desportiva como
atividade lúdica e tradicional

**NO CABRIL
ANDA-SE
A PÉ**

**A BARBAGEM
DO CABRIL**

Os Eucaliptos como proprietários dos Baldios

Ambientalistas denunciam “persistência de ilegalidade” com Eucaliptos em Pedrógão Grande

REFLORESTAR

Pedrógão Grande, seis anos depois do incêndio de 2017: uma floresta à espera de mudanças num território com recursos limitados

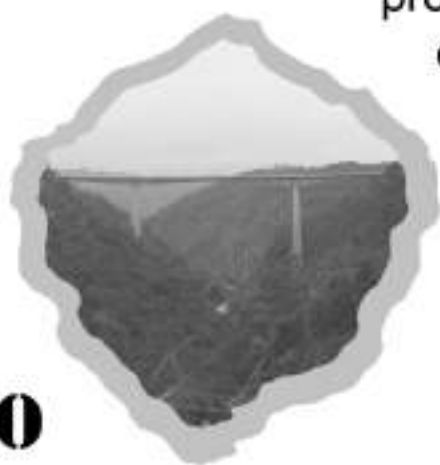
ESPÉCIES INVASORAS VS ESPÉCIES AUTÓCTONES

JUSTIÇA SOCIAL

As Casas da Revolta: a Habitação renasceu e deu frutos

Arquitetura e Emissões de CO₂

ECOCÍDIO



Associações denunciam ilegalidade num projeto de reflorestação em Pedrógão Grande

Percursos Pedestres e Rodoviários

JUSTIÇA AMBIENTAL

Tirar a Floresta das mãos do Eucalipto

Festa dos Milagres em Pedrógão Grande

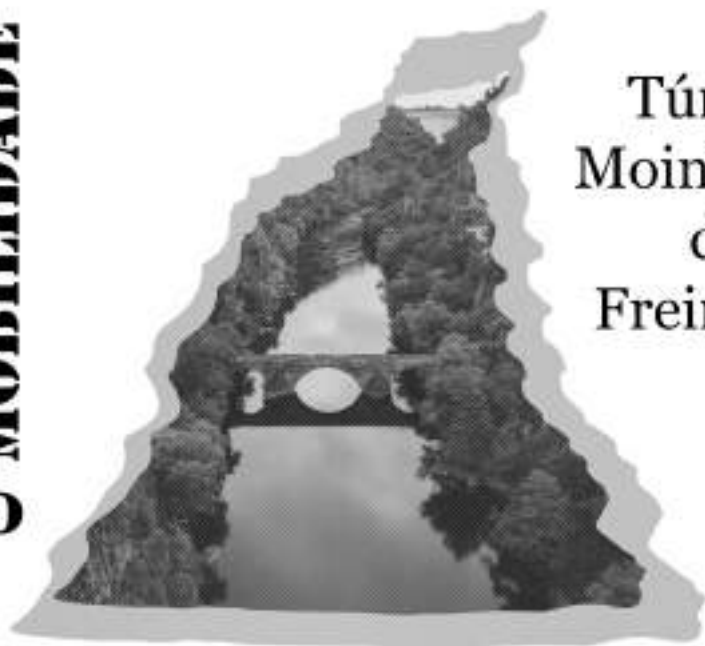
O QUE TE FAZ FELIZ NO CAMPO?

Um roteiro para exploração:

TRILHO DOS BUFOS

Pedrógão Pequeno, **Aldeia do Xisto**
Barragem do Cabril

MOBILIDADE



Túnel Moinho das Freiras

integra a **N2** NOSSA SENHORA DOS MILAGRES





1. Esquema sobre fotografia aérea da Barragem do Cabril, 2024, ©Atelier Na Margem.



2. Ilustração da Barragem do Cabril em "O lodo e as estrelas", 1960, Chichorro Rodrigues.

As consequências agregadas à construção de uma barragem não estão à vista de todos. "No Dorso da Albufeira" revela os vários pontos de vista sobre a construção de uma obra de tal dimensão, desde os trabalhadores e as suas condições de vida, à opinião exterior de quem passa e vê o novo plano de água a surgir. O livro de "O lodo e as estrelas" da autoria de Telmo Ferraz contém poemas que retratam factos e histórias do quotidiano do povo, no processo de construção da barragem do Cabril, bem como noutras obras da mesma dimensão, o que levou este livro a ser censurado pelo regime.

No Dorso da albufeira

A barragem do Cabril está uma maravilha!

Os visitantes ficam entusiasmados!

Que técnica! Que harmonia de linhas, e a albufeira tão azul,
a refletir nas margens as casas, as árvores e as flores!

Encanto!

Pois nela o Ramalho apanhou uma silicose quando
marteleiro e capataz nos túneis. Está quase no último grau.

Um dia vem-lhe a ideia de se matar.

Noutro, fica meio louco.

Noutro, conforta a mulher e os filhos.

Noutro estende-se na pobre cama e chora.

Noutro sai da barraca, tira a boina e... pede esmola.

Que vergonha para nós!

Quando, em nossa terra, a reforma e a assistência a que o
Ramalho tem direito?

Que linda está a barragem do Cabril!

Em dias claros, podemos vê-la reflectida nas águas.

Quando lá passo, vejo sempre a boiar, no dorso da albufeira,
os pulmões do Ramalho

5 de Abril de 1957.

(Ferraz, 1960, pp. 63-64)

INDICE

NO DORSO DA ALBUFEIRA

Introdução

PO PARA ONDE FORAM AS CABRAS?

Diagnóstico de um território

- 18** O RIO ZÊZERE E A BARRAGEM DO CABRIL
- 36** ATLAS FOTOGRÁFICO
- 80** CONTEXTO HISTÓRICO
- 86** MAPAS DE ANÁLISE
- 116** ATLAS DE ESPÉCIES
- 126** VIAGEM AO CABRIL

CC CICLO DE CONVERSAS

- 130** POWERPOINT
Eduardo Corales
- 136** CANARY IN THE MINE
Silvia Benedito
- 140** VISITA AO ARQUIVO LNEC
Jorge Gomes
- 144** PAISAGENS DA INFRASTRUTURA
Joaquim Moreno
- 148** PEDRÓGÃO GRANDE: O DIREITO À ARQUITETURA PÓS-INCÊNDIO
Tiago Mota Saraiva
- 152** REPARAR
Guída Marques
- 156** LIVRO VERDE: CONTRA-ARQUITETURA, RE-CONSTRUIR A REALIDADE
Lucinda Correia
- 162** NO CAMINHO DO PLURIVERSO
Miguel Santos
- 164** BUILDING IDENTITY
Francisco Moura Veiga
- 168** VIAGEM ÀS ARQUITETURAS ENERGÉTICAS INSULARES
Inês Vieira Rodrigues

GJ GESTO JUSTO

Prognóstico para um território

- 174** ESTRATÉGIA DE GRUPO
- 176** AS 12 INTERVENÇÕES

GL GLOSSÁRIO

PARA ONDE FOR

Inspirados no capítulo “*Where did the cows go?*” de *Countryside, A Report*¹, o atelier Na Margem põe em cima da mesa as questões que foram sendo lançadas ao longo da investigação e é certo que, foram elas que conduziram e alimentaram o processo e o diagnóstico deste território. O diagnóstico é apresentado através de fotografias, cartografias e desenhos originais, entre outros elementos que nos ajudam na aproximação a este lugar rural.

1. Koolhaas.R, (2020), “Where did the cows go?”, “Countryside, A Report” (pp.324-351)

AM AS CABRAS?



3. Cabras na parede de uma barragem no norte de Itália, 2013, Paolo Seimandi. <https://www.dailymail.co>.

Quem é o dono da margem? A margem é propriedade pública ou privada?

Quem vive nas povoações?
Que relações existem entre povoações?
A que distância se encontram os equipamentos públicos?
O que é suficiente para a felicidade?
O que precisamos para ser felizes depende do lugar onde nos encontramos?
A felicidade depende do lugar?
O que é o campo?
De que forma o tempo alterou o local?
Qual é o percurso do rio Zêzere?
O que é local e o que é global?
O que determina uma comunidade?
O que é que nos faz feliz?
Será a industrialização, a solução?
Só existe quietude no meio rural?
A natureza é silenciosa?
O que é um território?

Para quem é a arquitetura?

O que é que acontece se houver uma seca extrema no território?
O que é harmonia? Qual é a escala? E qual a proporção?
Como se dá o ato criativo?
Como se compõe o espaço?
Qual é a nossa hipótese de escolha?
O que é que o mundo nos diz sobre os recursos hídricos?
Como viver e deixar viver?

A água

O que te faz feliz no campo?
O que distingue um contexto rural de um urbano?

O campo

O que é que o campo tem, que a cidade não tem?
A felicidade está na simplicidade?
O meio rural só é relevante se estiver afastado da urbanização?
O que é o êxodo rural?
Fará sentido retirar a barragem?
Justifica-se a construção de mais barragens?
O que é que desapareceu com a barragem?
O que é que apareceu com a albufeira?

Reparar ou reparar?

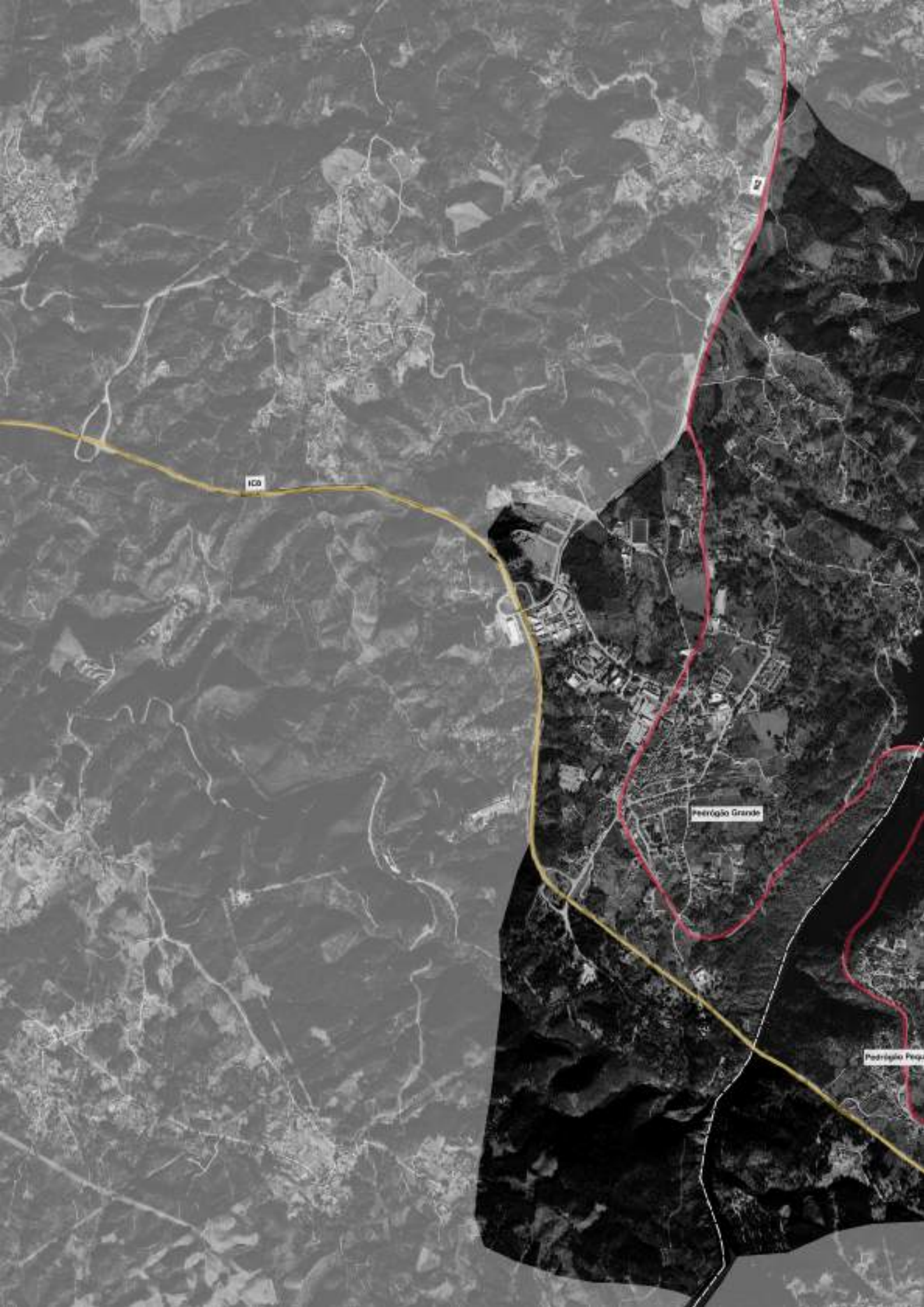
O que queremos para o futuro? E o que devemos fazer?
Temos consciência dos nossos atos?

Power: poder ou energia?

Estamos a apropriar-nos de algo que não é nosso?
Existe arte para não humanos?
Porque é o Homem o centro de tudo? E se não for?
Quando começa o consumo excessivo?

Qual será a medida das nossas ações para salvar o planeta?

É preciso repensar as relações com a natureza?
Pertencemos a algum lado?



100

7

Pedregão Grande

Pedregão Pequeno

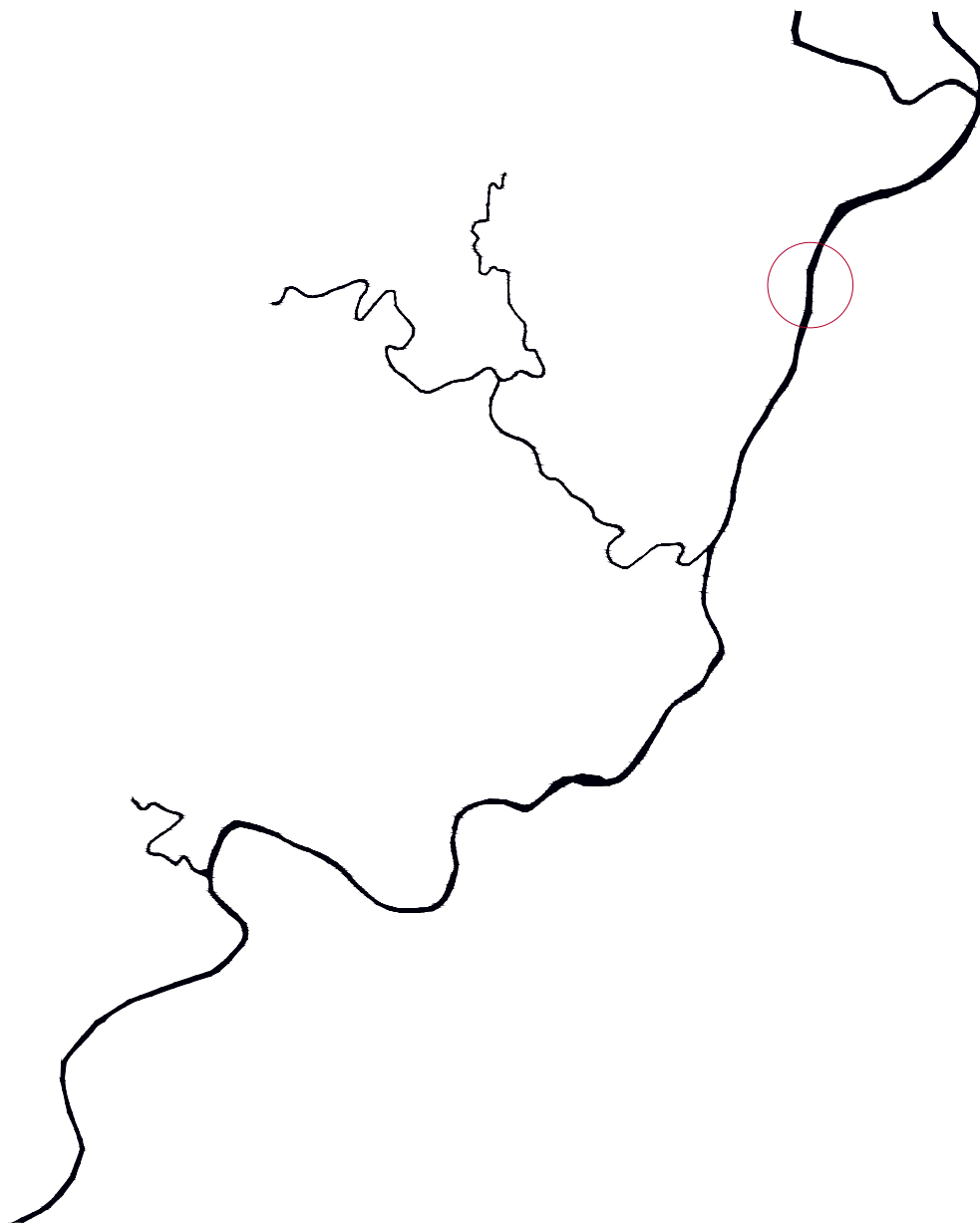




5. Carta Militar de Portugal de 1946 / 1947. Fonte: Centro de informação Geoespacial do Exército.



6. Carta Militar de Portugal de 2018. Fonte: Centro de informação Geoespacial do Exército.

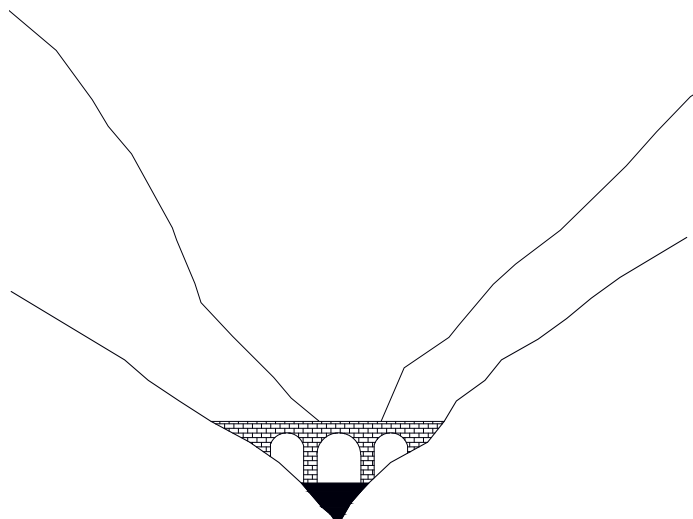


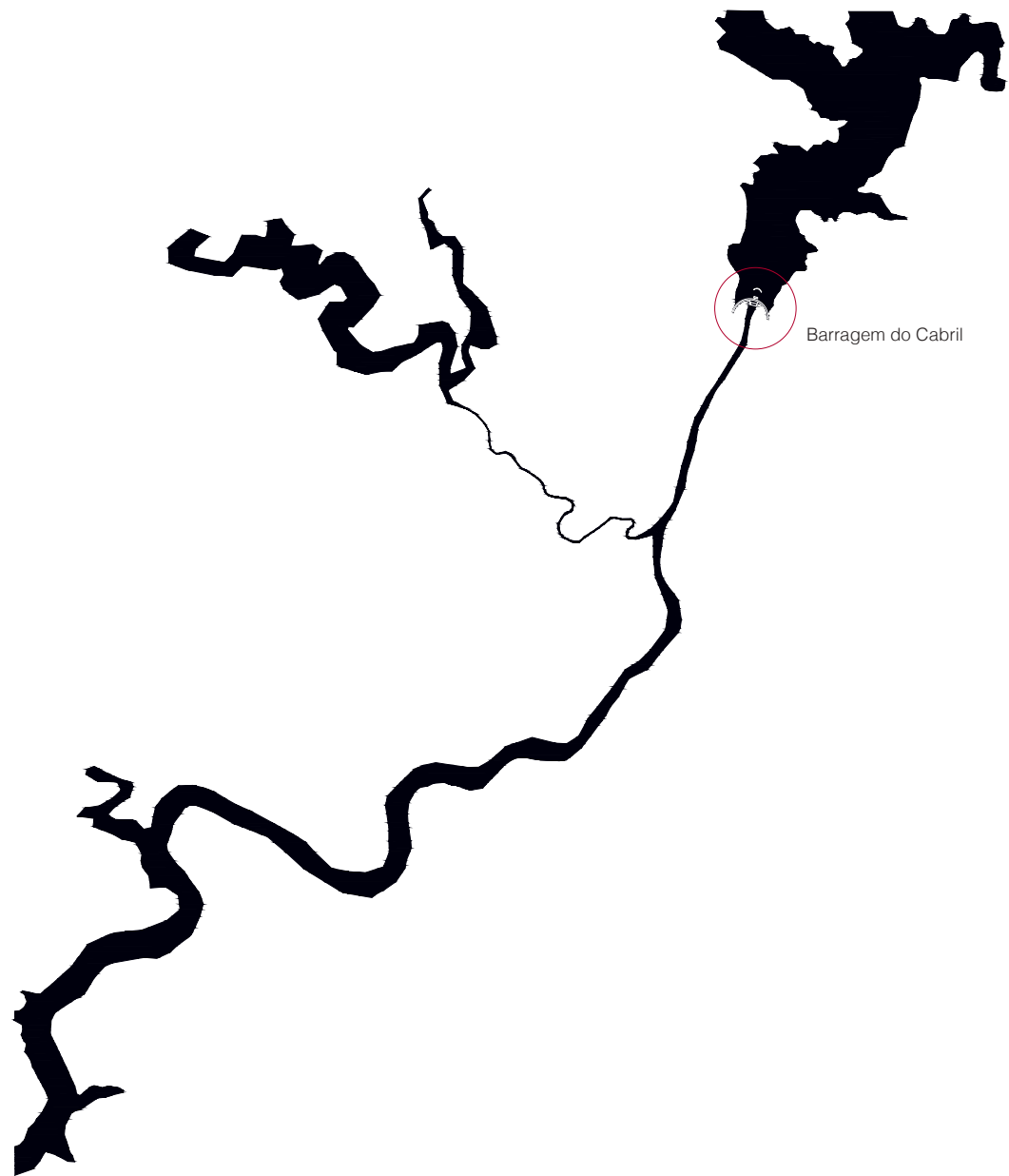
A construção da Barragem do Cabril em 1954 produziu diversas alterações no território do Rio Zêzere. Os diagramas retratam o rio Zêzere no período que antecedeu a construção da barragem [4] e o rio atualmente [4]¹. A relação do rio, com o vale e com a ponte Filipina alterou-se com a subida de 15 metros do rio a jusante.

7. Planta e secção esquemática do rio Zêzere antes da construção da Barragem do Cabril.

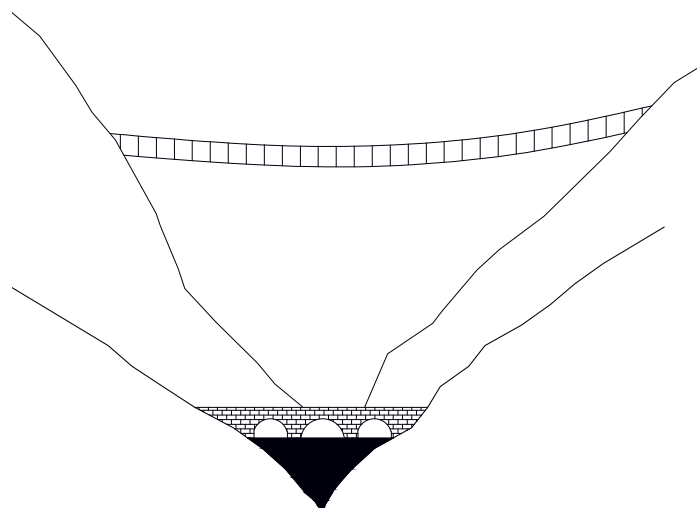
8. Planta e secção esquemática do rio Zêzere após construção da Barragem do Cabril.

¹2. Diagramas elaborados através da transposição das Cartas militares de 1946/1947 e 2018, obtidas no Centro de informação Geoespacial do Exército.





Barragem do Cabril



“487 barragens removidas em 2023.”

24

A construção de uma barragem cuja função é a produção hidroelétrica, como é o caso da barragem do Cabril, tem grandes questões inerentes à sua construção e às consequências no território. O que à partida se considera uma fonte de energia renovável, hoje é claramente uma algo que não podemos tomar por garantido face à problemática do clima. O novo paradigma exige um repensar deste tipo de infraestruturas.

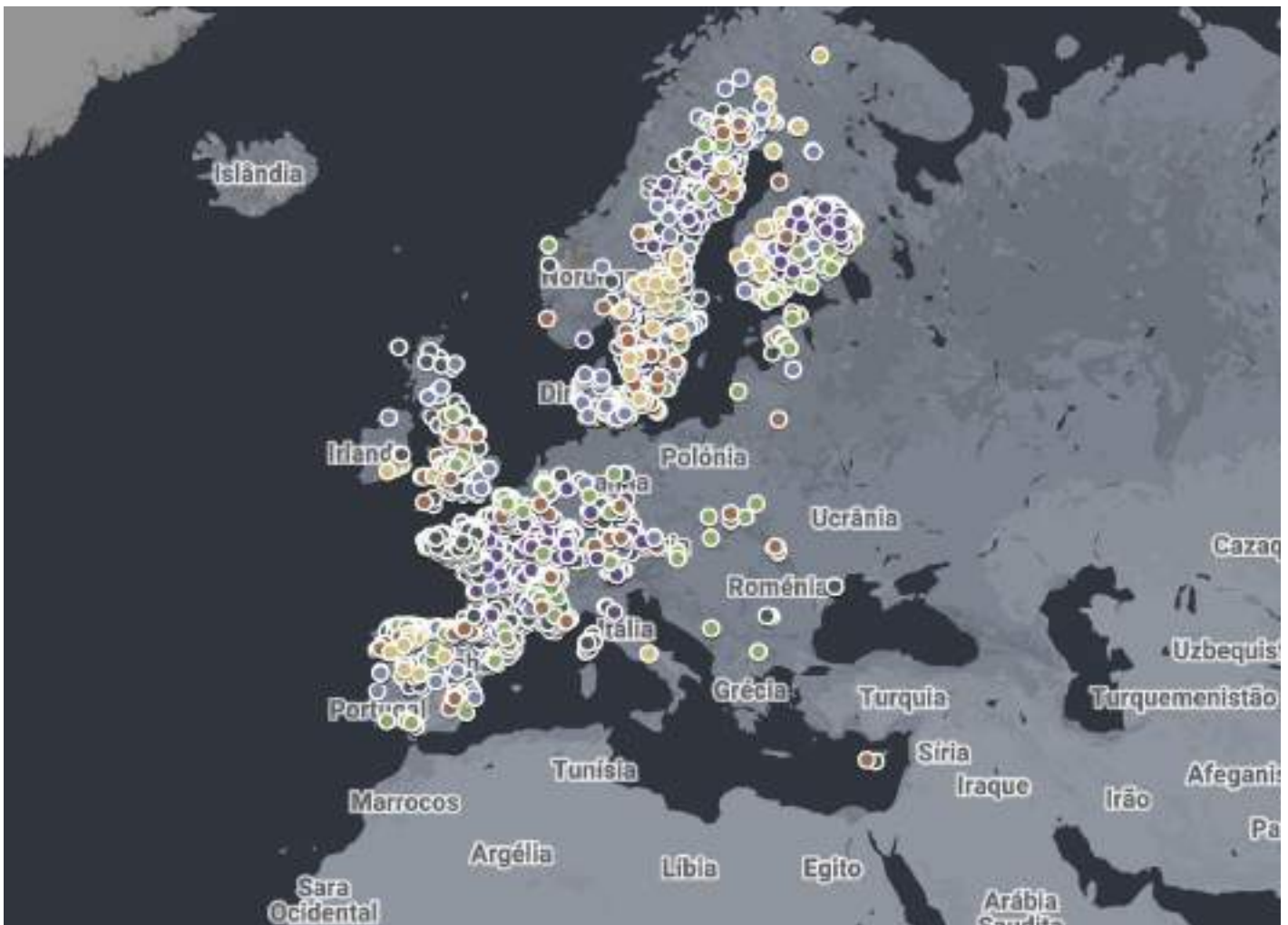
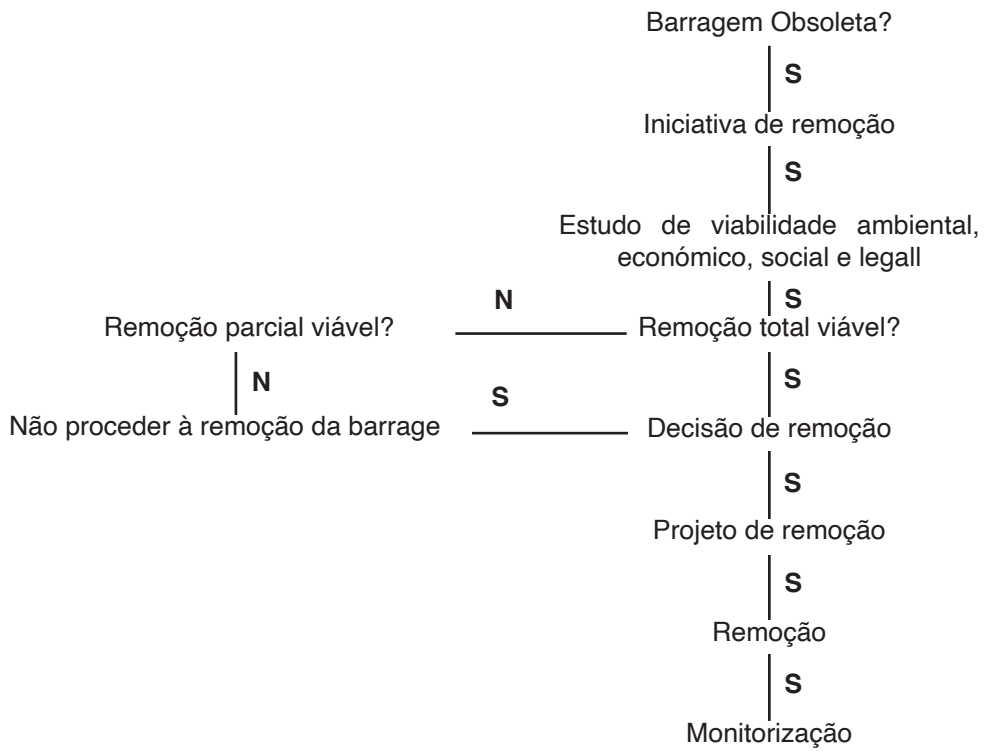
No caso da barragem do Cabril, que constitui uma parede de betão de 132m de altura, como em tantas outras no mundo, a sua construção deu origem a uma albufeira que por um lado permite a prática de desportos náuticos por outro, deixa aldeias submersas e exige o deslocamento de populações em questão. No que toca às florestas, o acesso das populações à água em caso de incêndio é mais fácil, mas as margens que outrora eram escarpas íngremes e zonas de pinhal agora encontram-se descaracterizadas e assoreadas tendo perdido grande parte da sua biodiversidade. Até a possibilidade de irrigação dos territórios envolventes poderia ser uma mais valia se esta não fosse utilizada de uma forma excessiva na agricultura, cujo retorno à albufeira trás consigo contaminação derivada de pesticidas. Visto que se trata de um grande volume de água estagnada, a albufeira torna-se num local de decomposição de seres vivos, que constituem uma elevada libertação de metano para a atmosfera.

Para além da grande alteração no ecossistema e no clima, a barragem constitui desde logo uma barreira no fluxo natural do rio, que altera por completo o processo de migração, reprodução e sobrevivência de espécies aquáticas. O estado dos solos, tendo em conta a sua hidrografia superficial e subterrânea deixa de ser natural com a criação destas barreiras, e por isso, a sua remoção já é posta em causa. No caso da barragem do Cabril, a sua dimensão e a ligação que estabelecem entre concelhos são dois fatores que tornam a presença desta infraestrutura uma mais valia, contudo não invalida que a sua permanência no território não seja avaliada, por questões de segurança e objetivos ambientais.

Devemos deixar os rios correr?

9. Esquema sobre a remoção de barragens. Baseado em esquema de Francisco Godinho.

10. Mapa da Europa, com as barragens que foram demolidas até 2023. Fonte: Dam Removal Europe.



“A construção da barragem do Cabril provocou um verdadeiro êxodo no Vilar e outros lugares, que a albufeira conseqüentemente tornou inabitáveis.” ¹

A margem do rio caracterizava-se por terrenos agrícolas em socalcos, minas e aldeamentos que ficaram submersos, como é o caso da Aldeia de Vilar de Amoreira [5]. Em momentos de seca extrema como sucedeu em 2022 foi possível ver as ruínas desta aldeia [6].

11. Imagem de satélite de 1985. Fonte: Arquivo do IGOT.

12. Recorte do Jornal “A Comarca de Arganil” de 27 de Março de 1954 – Ano da inauguração da barragem do Cabril. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

13. Fotografia da Aldeia de Vilar da Amoreira, 2022. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

3. Testemunhos, Barragem do Cabril, Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.



PORTELA DO FOJO

perde a sua melhor povoação

Vilar da Amoreira

já desapareceu debaixo das águas da represa do Zezere

NO CABRIL DE PEDRÓGÃO

RIBEIRO DO SOUTELINHO, 25. — Começa a produzir os seus efeitos a barragem do Cabril, pois Vilar da Amoreira já desapareceu do mundo civilizado. Vêem-se subtr as águas, de maneira assustadora, tudo alagando, devido às abundantes chuvas que têm caído nos últimos dias. Os habitantes daquela localidade, chorando e lamentando-se, nem tempo têm tido para retirarem das casas os seus haveres. Triste, muito triste! E' confrangedor vermos ficar

tudo debaixo de água — mobílias, lenhas, madeiras, etc. Tudo se vê, assim, desaparecer para nunca mais.

Gente boa e trabalhadora, choram com toda a razão, pois perdem tudo o que tinham e todas as suas regalias. Quadro desolador, que nos choca profundamente!

Vilar da Amoreira é, sem dúvida, quem mais motivos tem para chorar.

Mas não é só o Vilar da Amoreira que está já a sofrer: todos os outros povos da freguesia têm mais ou menos prejuízos, vendo-se privados das suas comunicações, das suas passagens. Se quisermos ir para as carreiras de Lisboa ou Coimbra, às 5 e 6 da manhã, como fazê-lo, se temos apenas uma simples e frágil barca na Ponte de Padrões e na Amoreira? E as mercadorias do sul da freguesia, como as devemos transportar? E para os nossos doentes, como iremos chamar o médico e aviar as receitas à farmácia? E se for preciso sairmos de noite, como já tem sucedido?

Pedimos providências a quem de direito, para remediar estes males, pois não estamos a pedir o que não tínhamos.

Como acima dizemos, a Ponte de Padrões tem apenas um barco e igualmente a Ponte de Amoreira.

E o Castelejo? Pica a dormir? Tinha uma estrada para carros de bois e muires, pela qual se podia transitar durante todo o ano, e, agora, fica sem nada. Não deve ser.

A' esclarecida atenção de quem de direito submetemos o caso, para que o pondera devidamente — com humanidade.



CABRIL



INAUGURAÇÃO
FEBREIRO DE 1954
HIDRO-ELECTRICA DO ZÉZERE

PROG. DA OBRA

COMPLETADA EM 2012 DE 1953, A CONSTRUÇÃO DA CENTRAL DO ZÉZERE, EM ALGARROVS, MARCA O INÍCIO DE UMA NOVA ETAPA NA HISTÓRIA DA ENERGIA ELÉCTRICA EM PORTUGAL. A OBRA, QUE TEM COMO PUNTO DE PARTIDA O RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA ENERGIA ELÉCTRICA NA ECONOMIA DO PAÍS, É O RESULTADO DE UM PLANO DE INVESTIMENTO DE 100 MILHÕES DE ESCUDOS, ELABORADO EM 1947, E QUE SE ENQUADRA NA POLÍTICA DE INVESTIMENTO DO GOVERNO DO ZÉZERE, EM 1953, E NA POLÍTICA DE INVESTIMENTO DO GOVERNO DO ZÉZERE, EM 1954.

NO ÂMBITO DO PLANO DE INVESTIMENTO DO ZÉZERE, A OBRA DO ZÉZERE, EM ALGARROVS, MARCA O INÍCIO DE UMA NOVA ETAPA NA HISTÓRIA DA ENERGIA ELÉCTRICA EM PORTUGAL. A OBRA, QUE TEM COMO PUNTO DE PARTIDA O RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA ENERGIA ELÉCTRICA NA ECONOMIA DO PAÍS, É O RESULTADO DE UM PLANO DE INVESTIMENTO DE 100 MILHÕES DE ESCUDOS, ELABORADO EM 1947, E QUE SE ENQUADRA NA POLÍTICA DE INVESTIMENTO DO GOVERNO DO ZÉZERE, EM 1953, E NA POLÍTICA DE INVESTIMENTO DO GOVERNO DO ZÉZERE, EM 1954.


Alvaro Albuquerque

FEBRO DE 1954


L. V. N. 10
N.º 1000








SUBSTÂNCIA






MOTOR

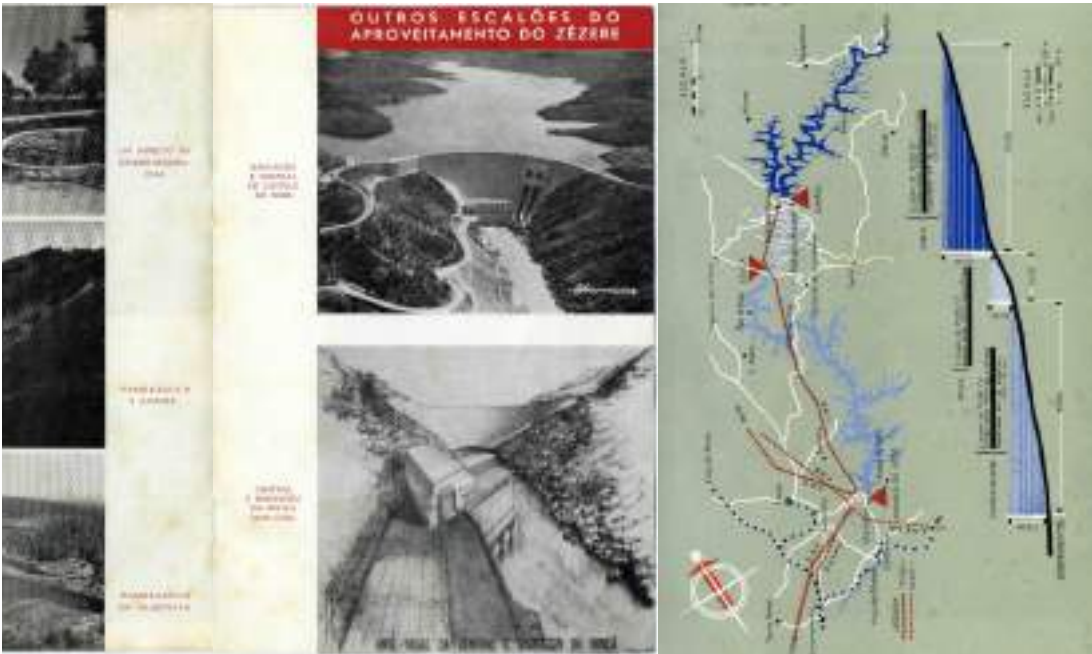
PLANTA DA CENTRAL



CARACTERÍSTICAS DO EQUIPAMENTO.

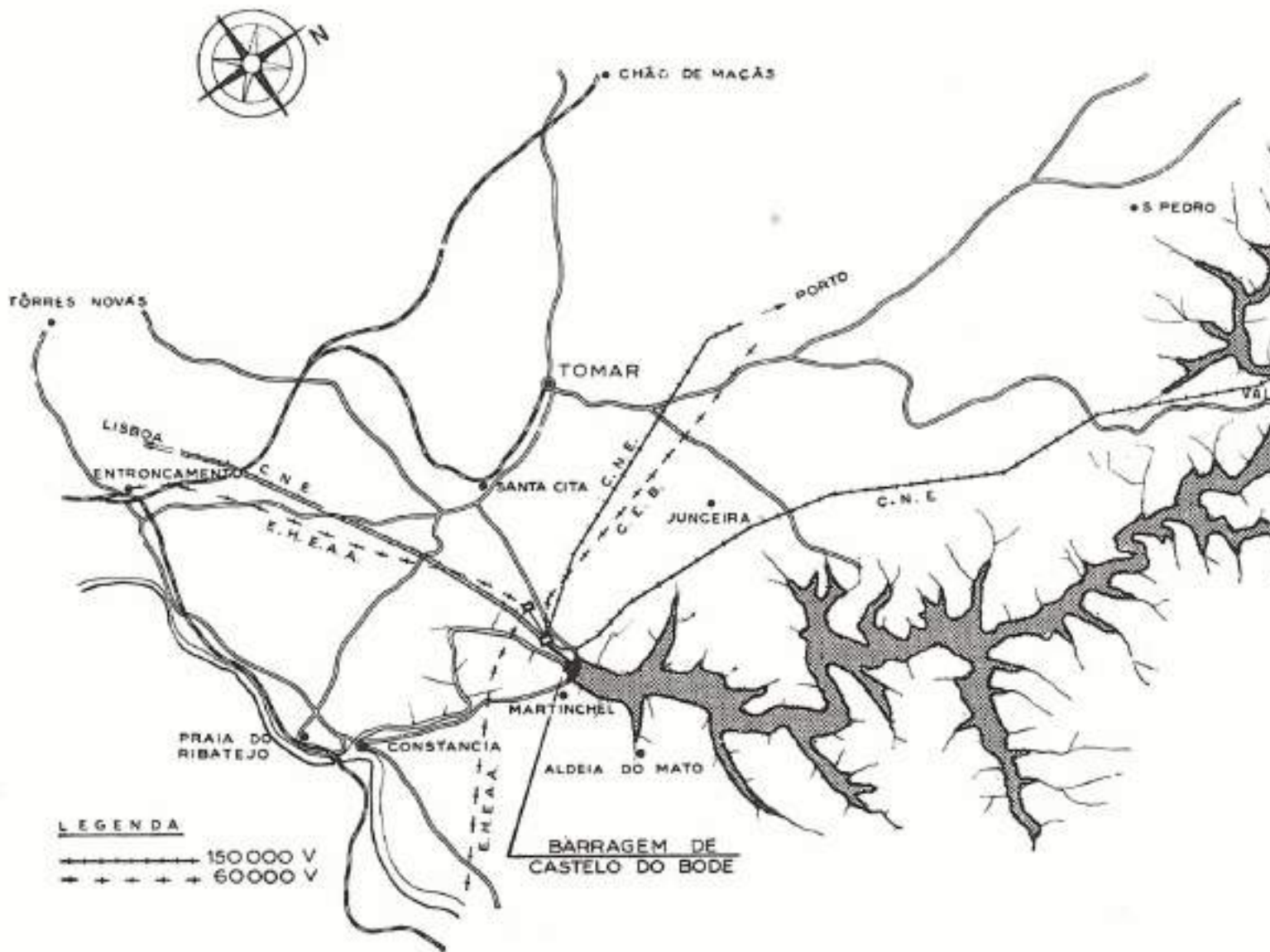
As turbinas são do tipo Francis, com velocidade nominal de 750 rpm e potência de 100 MW. O sistema de transmissão é do tipo síncrono, com tensão nominal de 110 kV e potência de 100 MW. O sistema de distribuição é do tipo síncrono, com tensão nominal de 10 kV e potência de 100 MW.



14. Brochura de Inauguração da Barragem do Cabril. 1954. Hidro-elétrica do Zêzere. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

ESQUEMA DO APROVEITAMENTO

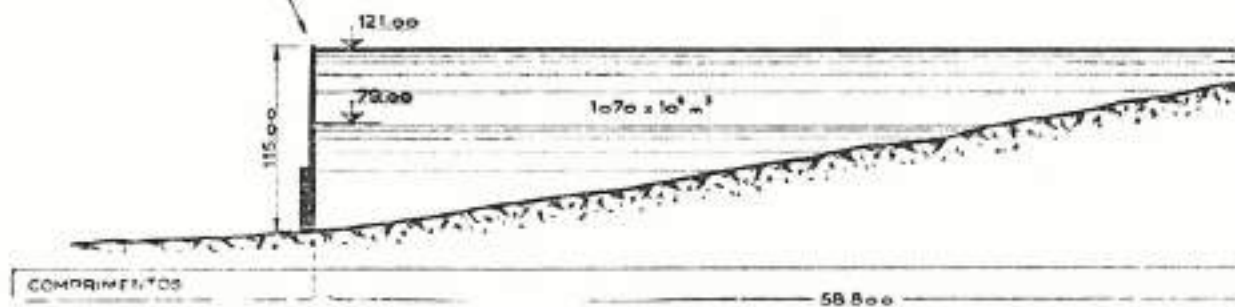


LEGENDA

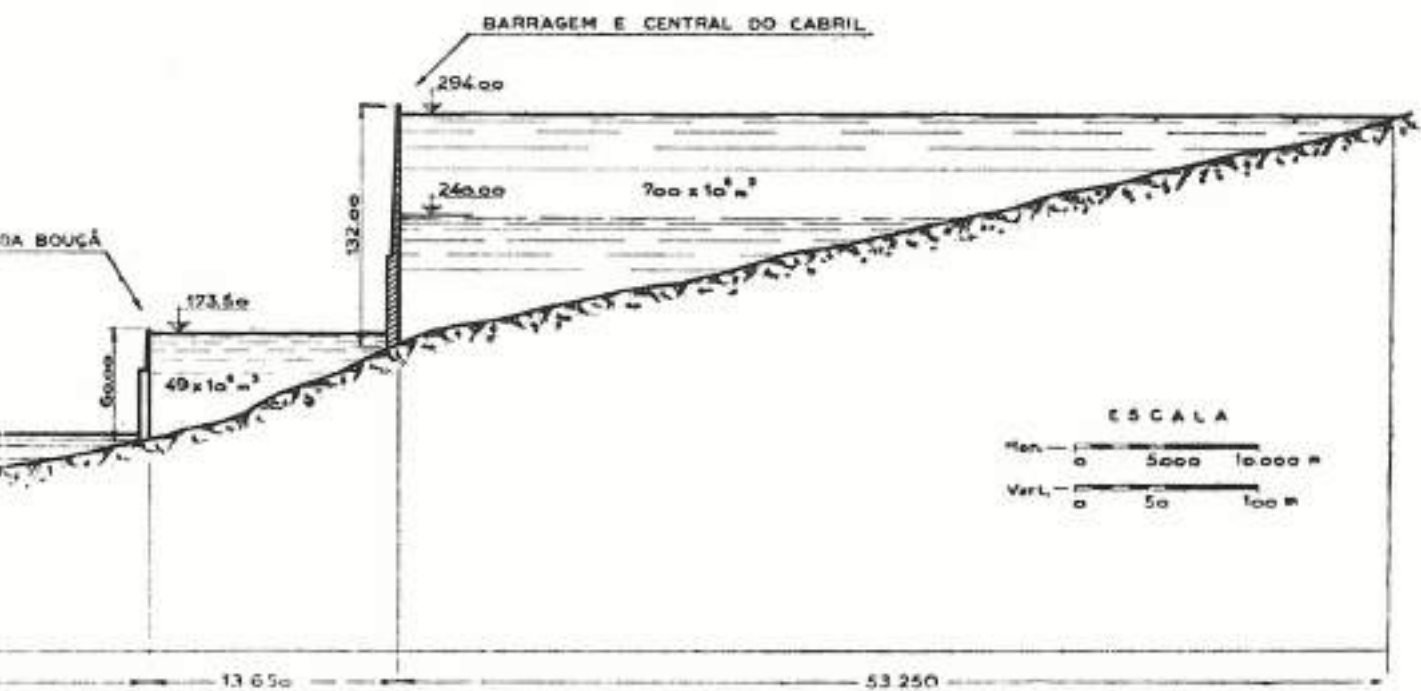
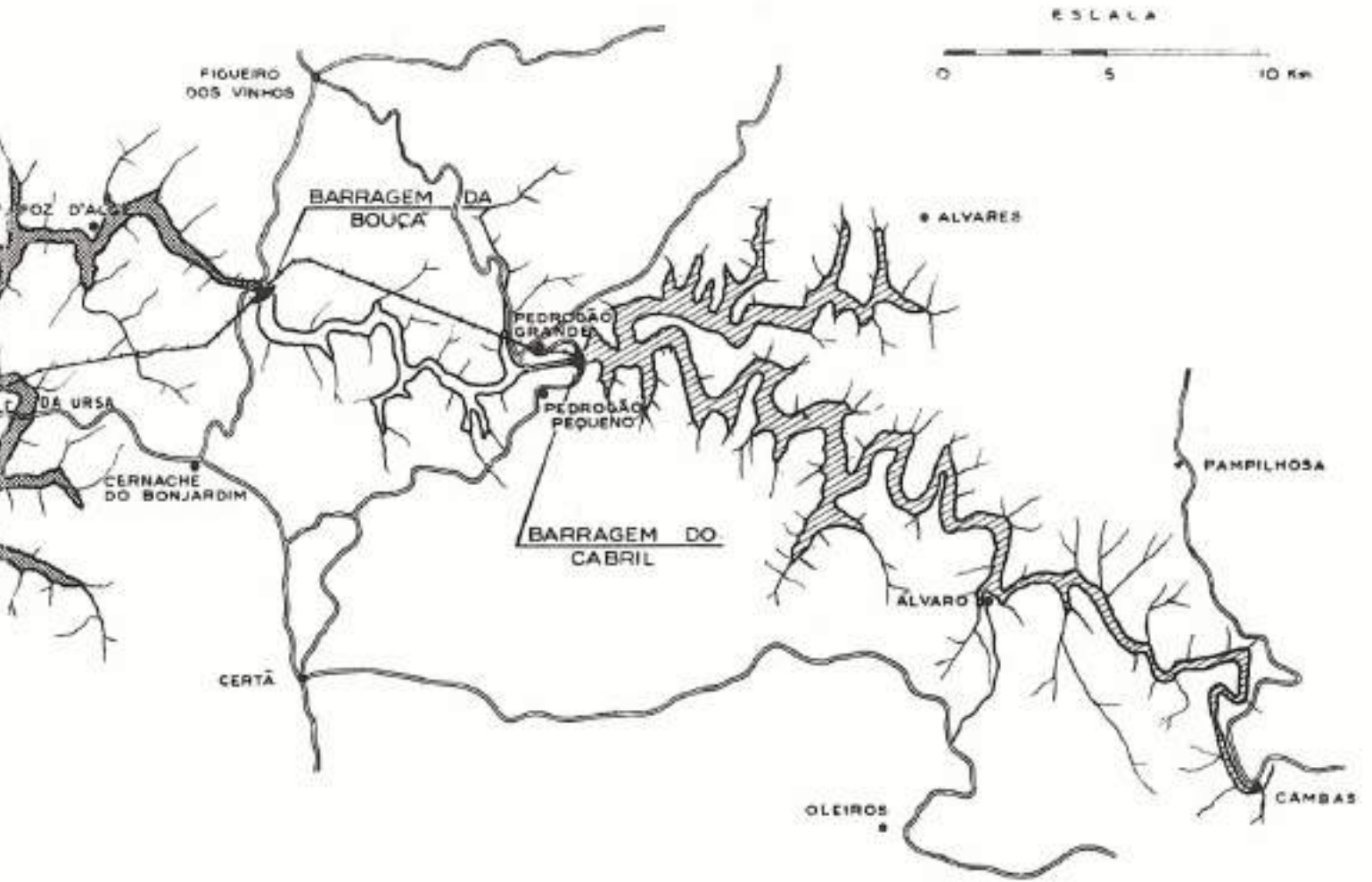
- 150 000 V
- - - - - 60 000 V

BARRAGEM E CENTRAL

BARRAGEM E CENTRAL DE CASTELO DO BODE



AMMENTO DO RIO ZÊZERE

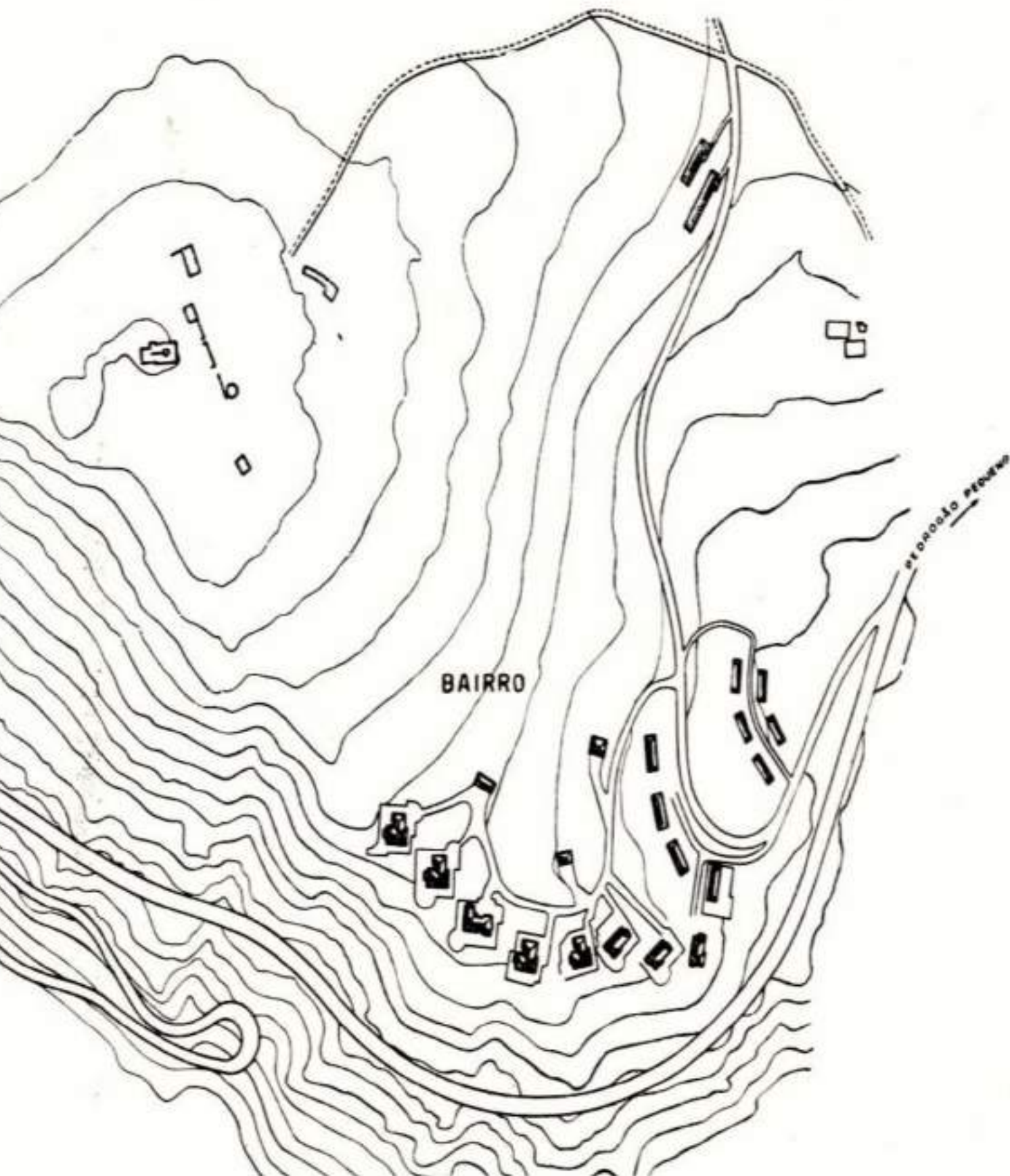


15. Esquema do aproveitamento do rio Zêzere. 1954. Hidro-elétrica do Zêzere. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

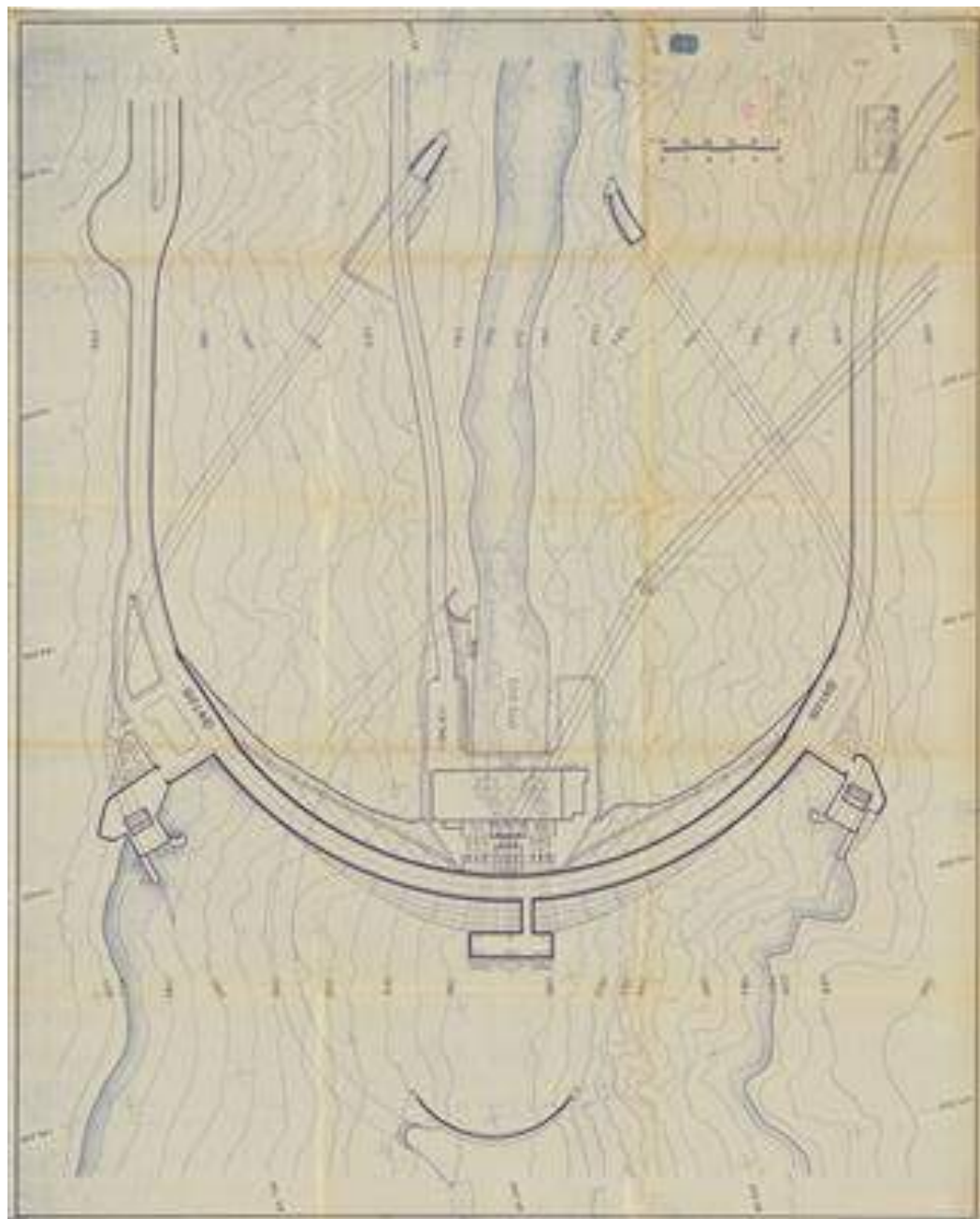
PLANTA GERAL DA SITUAÇÃO



PLANEJAMENTO DAS OBRAS



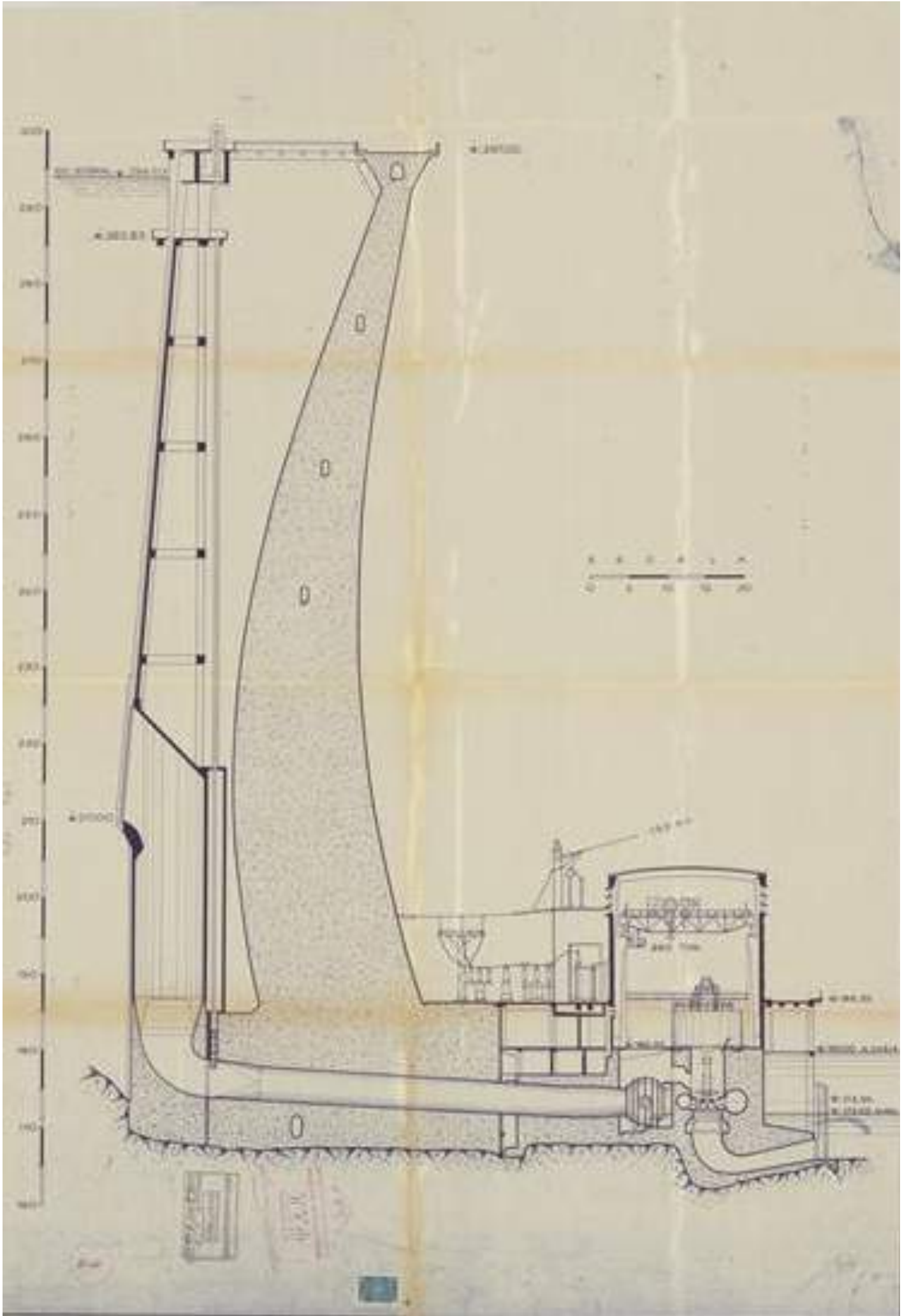
16. Esquema do aproveitamento do rio Zêzere. 1954. Hidro-elétrica do Zêzere. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.



Os desenhos técnicos da barragem cedidos pela EDP, nomeadamente a planta que secciona uma cota ligeiramente acima da nacional 2 e a secção vertical sobre a estrutura e edifício da barragem, permitem-nos perceber a escala e imponência desta obra. A planta demonstra a vista superior da parede da barragem que permite ao longo de 290m de estrada -EN2- a comunicação e acesso a ambos os sentidos, o pequeno dique usado para retenção das águas do rio durante a construção, os túneis de descarga e respetivas bocas e ainda a estação de transformação para a rede elétrica distribuída pelos cabos de alta tensão. A secção por sua vez, mostra-nos a parede abobadada da estrutura em betão com uma altura de 136m, o túnel de entrada de água com as suas turbinas subterrâneas debaixo da sala dos geradores e em vista a estação de transformação de energia hidro-elétrica entre a parede da barragem e o edifício de controlo.

17. Desenhos Técnicos da Barragem do Cabril - planta. Fonte: Arquivo EDP.

18. Desenhos Técnicos da Barragem do Cabril - corte Transversal. Fonte: Arquivo EDP





1

4

7

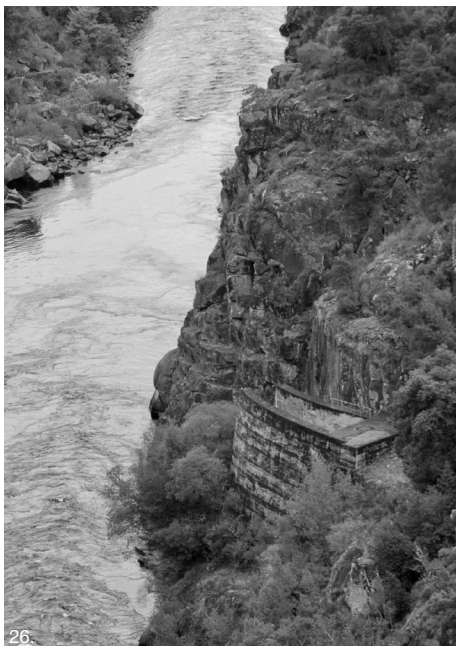
2

5

3

8

6



19. Ortofotomapa de localização, 2019. Fonte: Google Earth.
20. Barragem do Cabril.
21. Edifício da GNR
22. Bairro do Cabril
23. Estaleiros
24. Pedreira
25. IC8
26. Descarregadores
27. Ponte Filipina

Durante a construção surgem vários edifícios temporários, novas acessibilidades são criadas e paisagens são alteradas. No caso da barragem do Cabril, a sua construção resultou numa marca de subtração no terreno, a pedreira, de onde foi extraída a pedra para a estrutura. Após ser extraída, era transportada para uma cota inferior, para os estaleiros da barragem, que se localizavam na encosta do vale. Neste local, a pedra era transformada em brita para a produção do betão.

Uma infraestrutura como uma barragem, reúne um elevado número de trabalhadores, como tal foi desenhado um alojamento em Pedrógão Pequeno, o bairro do Cabril. Ao lado da barragem foi construído um edifício usado para controlo da albufeira do Cabril, o edifício da GNR.

A barragem redesenhou o vale e a forma como este era atravessado. Anteriormente à sua construção, a única forma de o fazer era através da Ponte Filipina. Atualmente, o atravessamento também é possível ser feito pelo IC8, uma via que veio aproximar os municípios. Desta forma, a N2 tornou-se numa via mais calma e com menos tráfego.

Linha de cota do rio
Zêzere em 1946

Barragem do Cabril

Antigo edifício da GNR

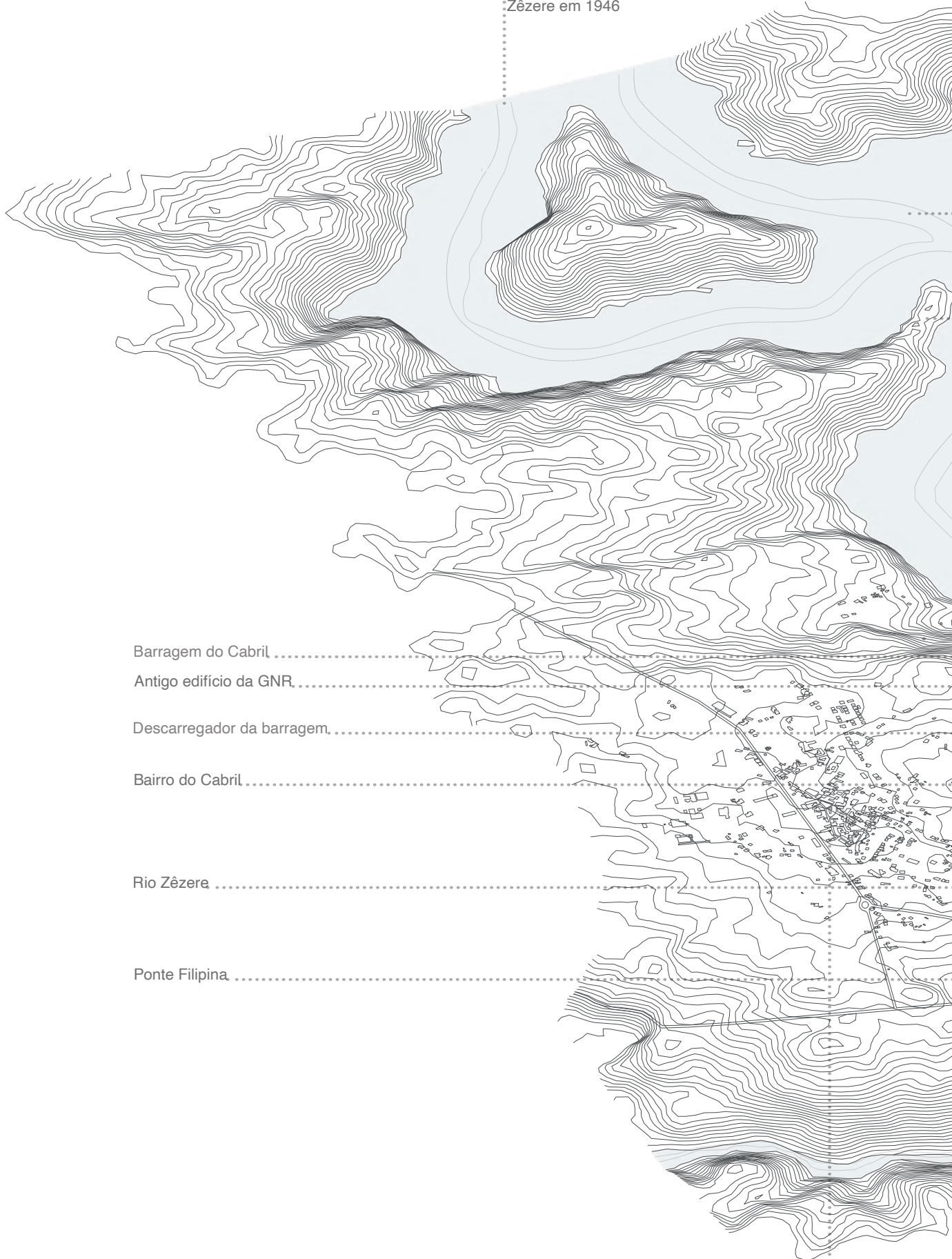
Descarregador da barragem

Bairro do Cabril

Rio Zêzere

Ponte Filipina

Pedrogão
Grande



ação

Plataformas dos Estaleiros

Plataformas dos Estaleiros

Escritórios de apoio para construção da Barragem

Rio Zêzere

Estação de bombeamento e abastecimento de água de Pedrogão Grande

Edifício da Hidroelétrica do Zêzere

Pedreira

IC8

Pedrogão Grande



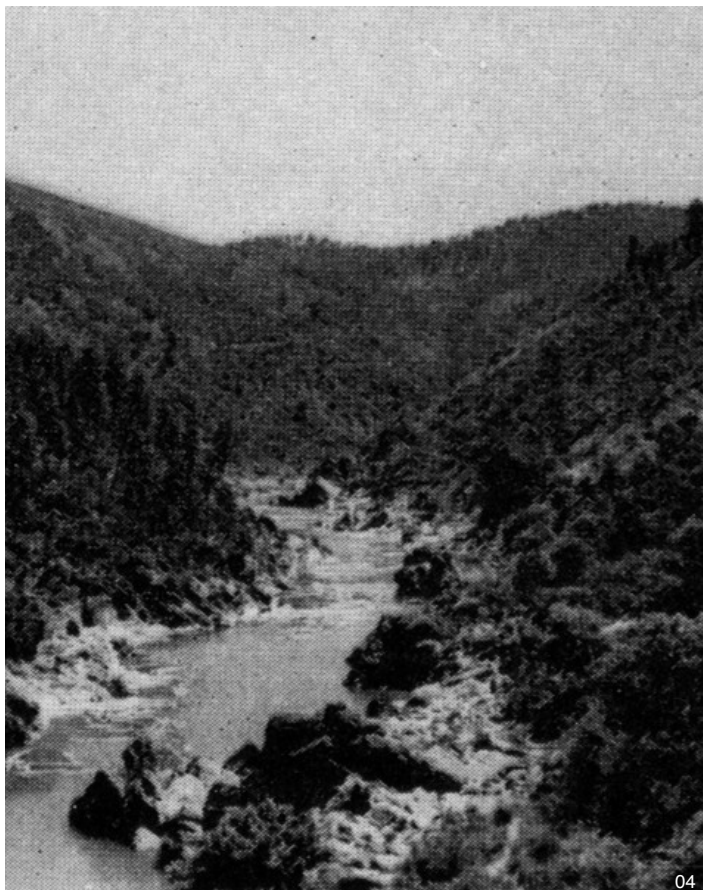
29.



30.



31.



04



32.









36.



37.



38.





40.



41.



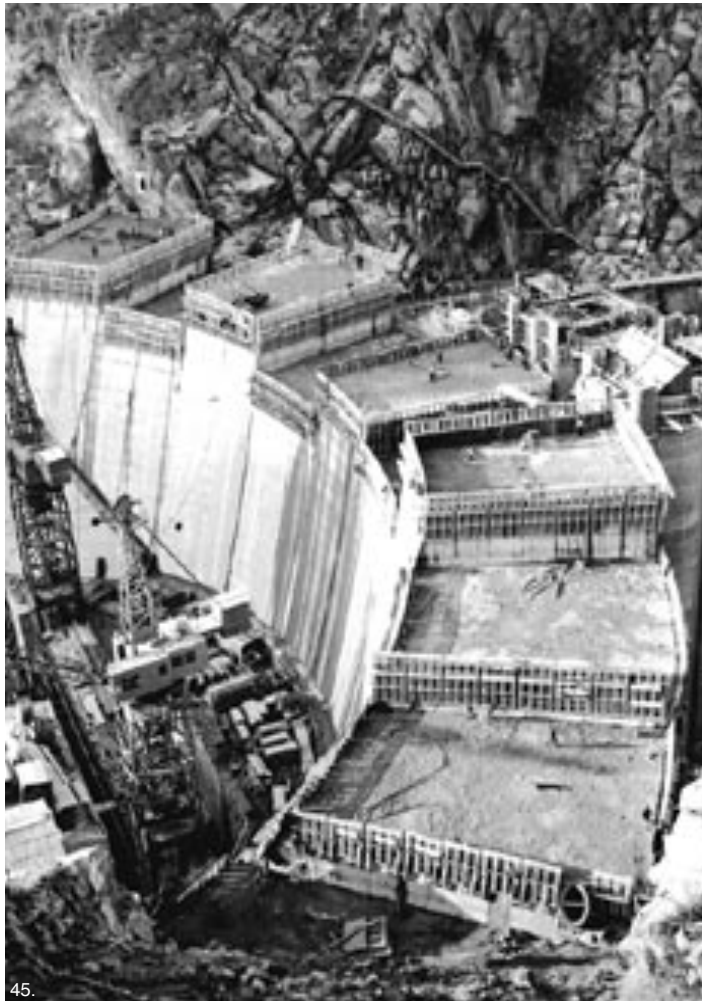
42.



43.



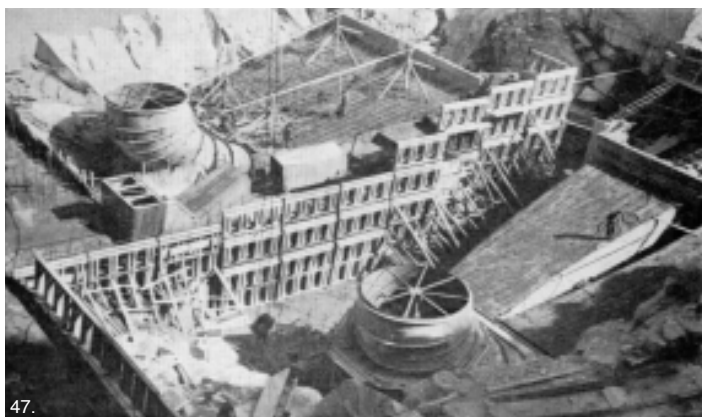
44.



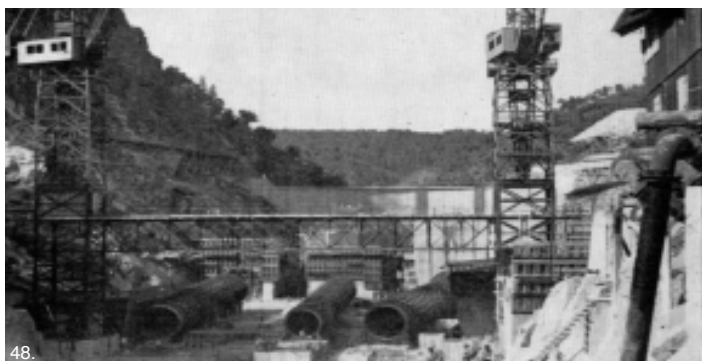
45.



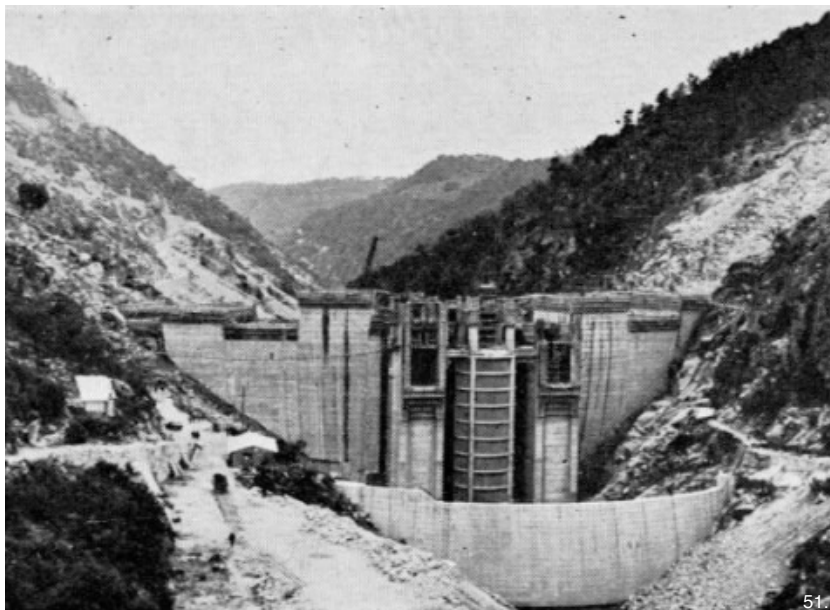
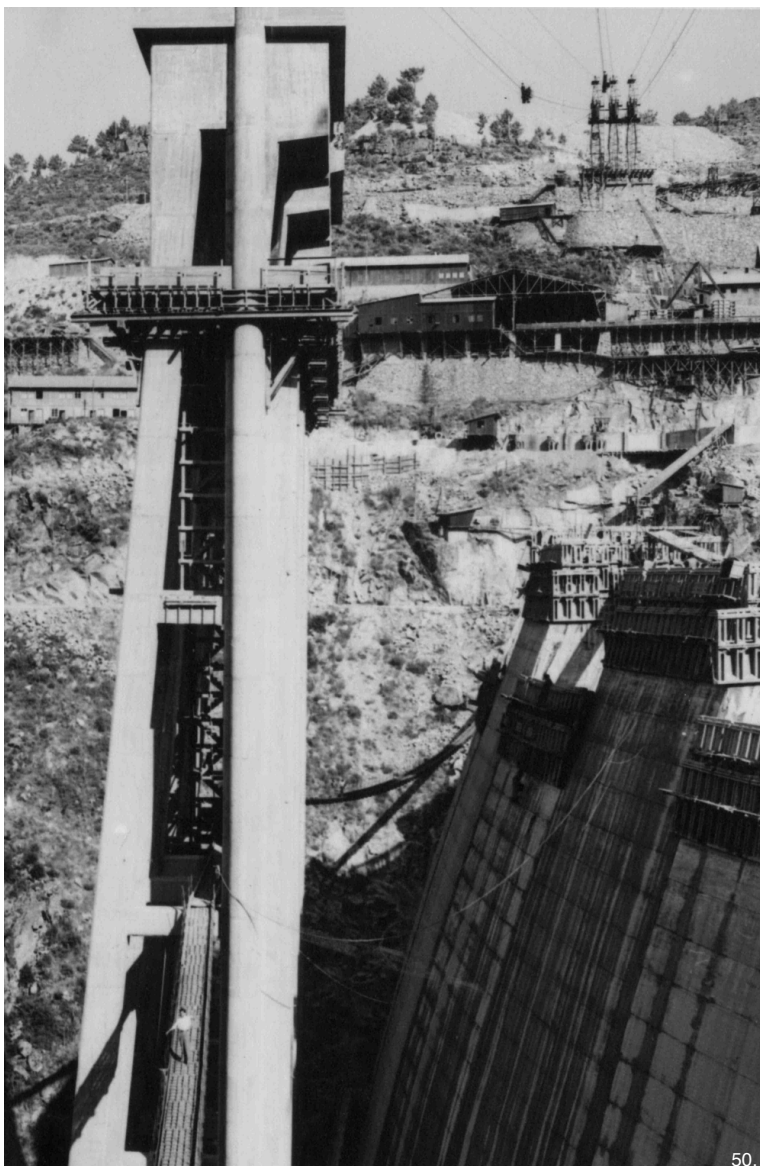
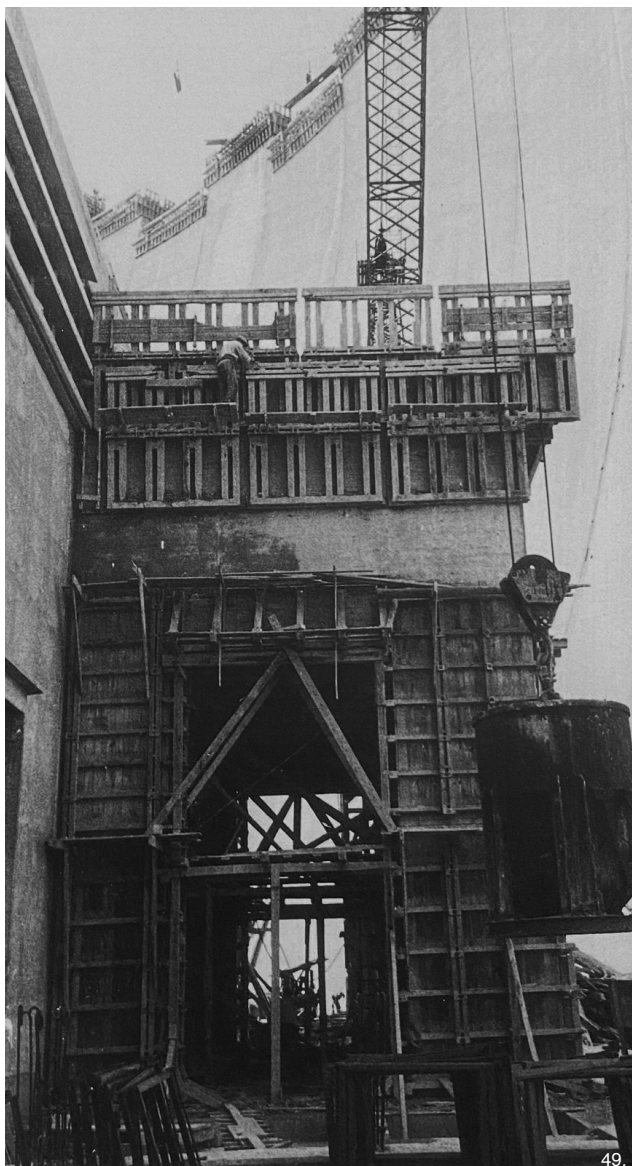
46.



47.

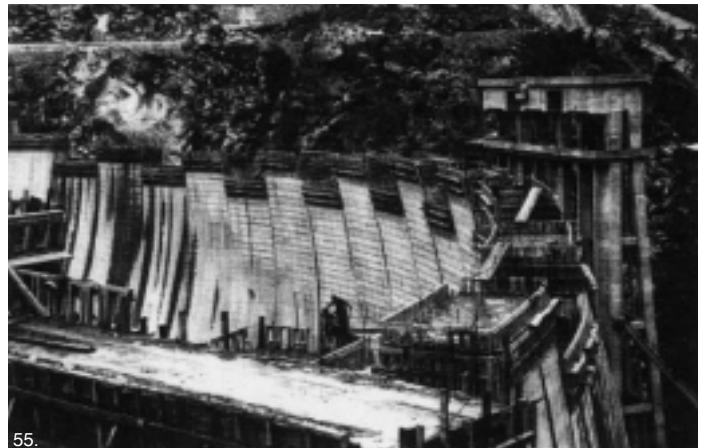


48.





53.



55.



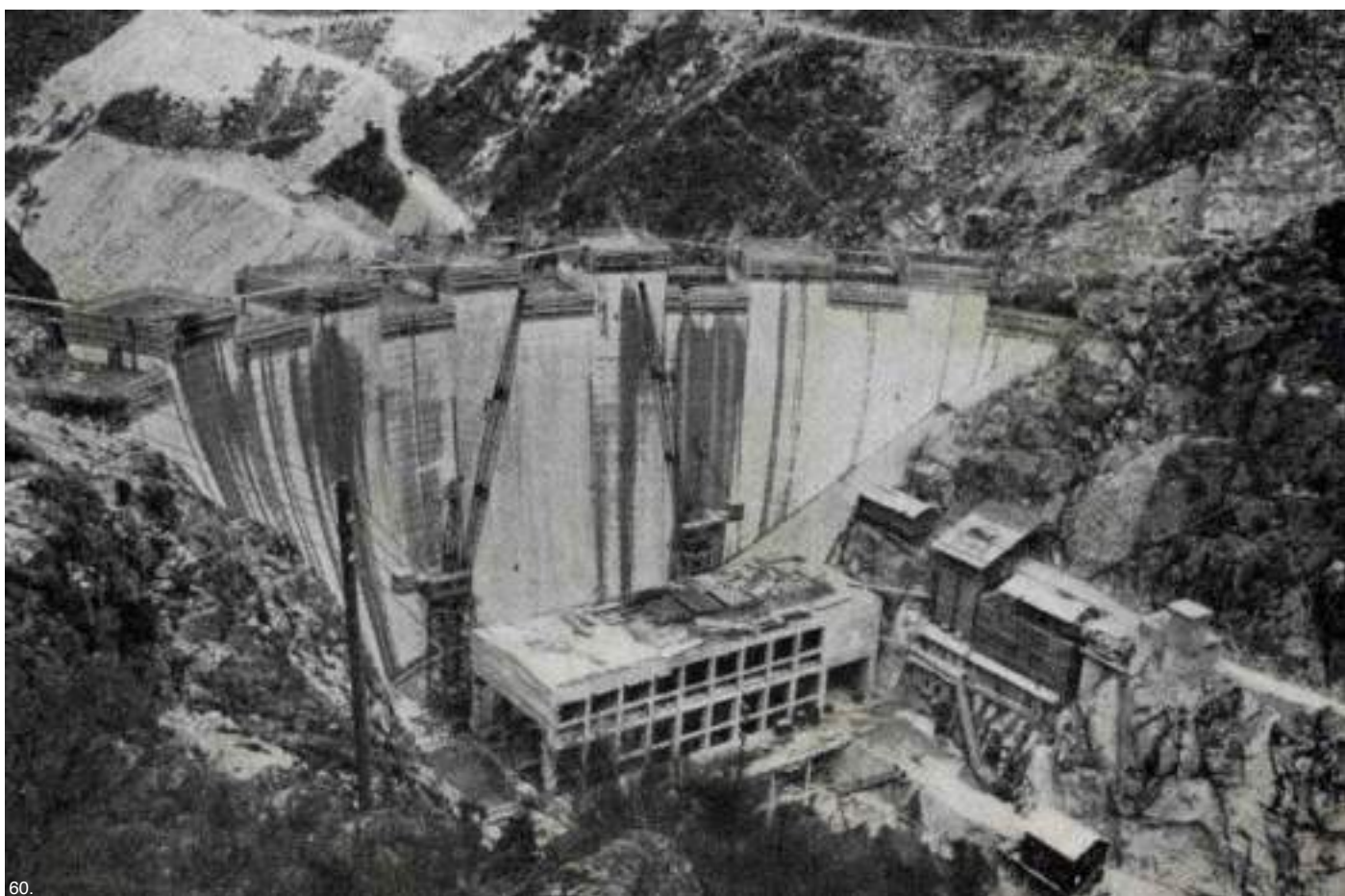
56.

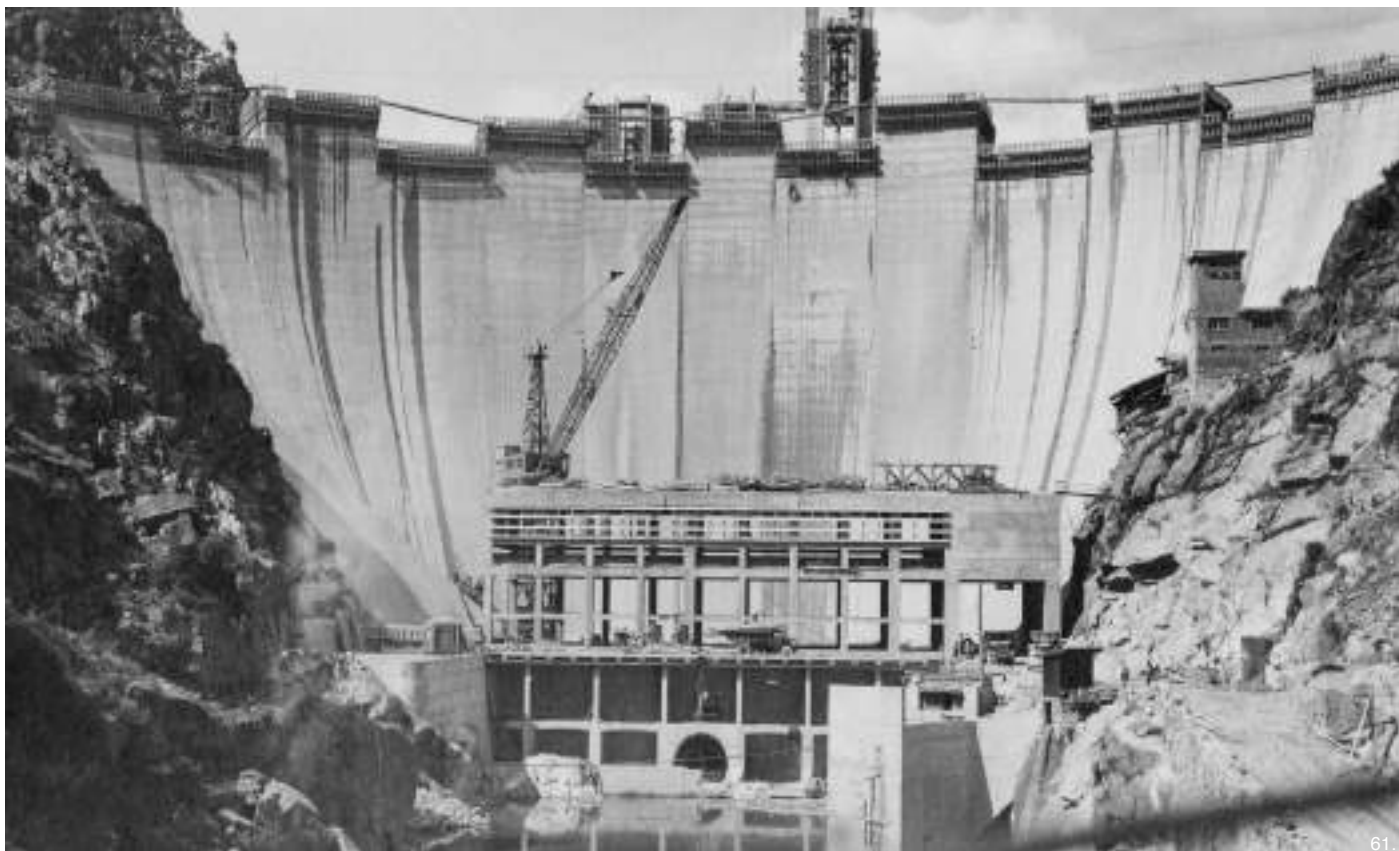


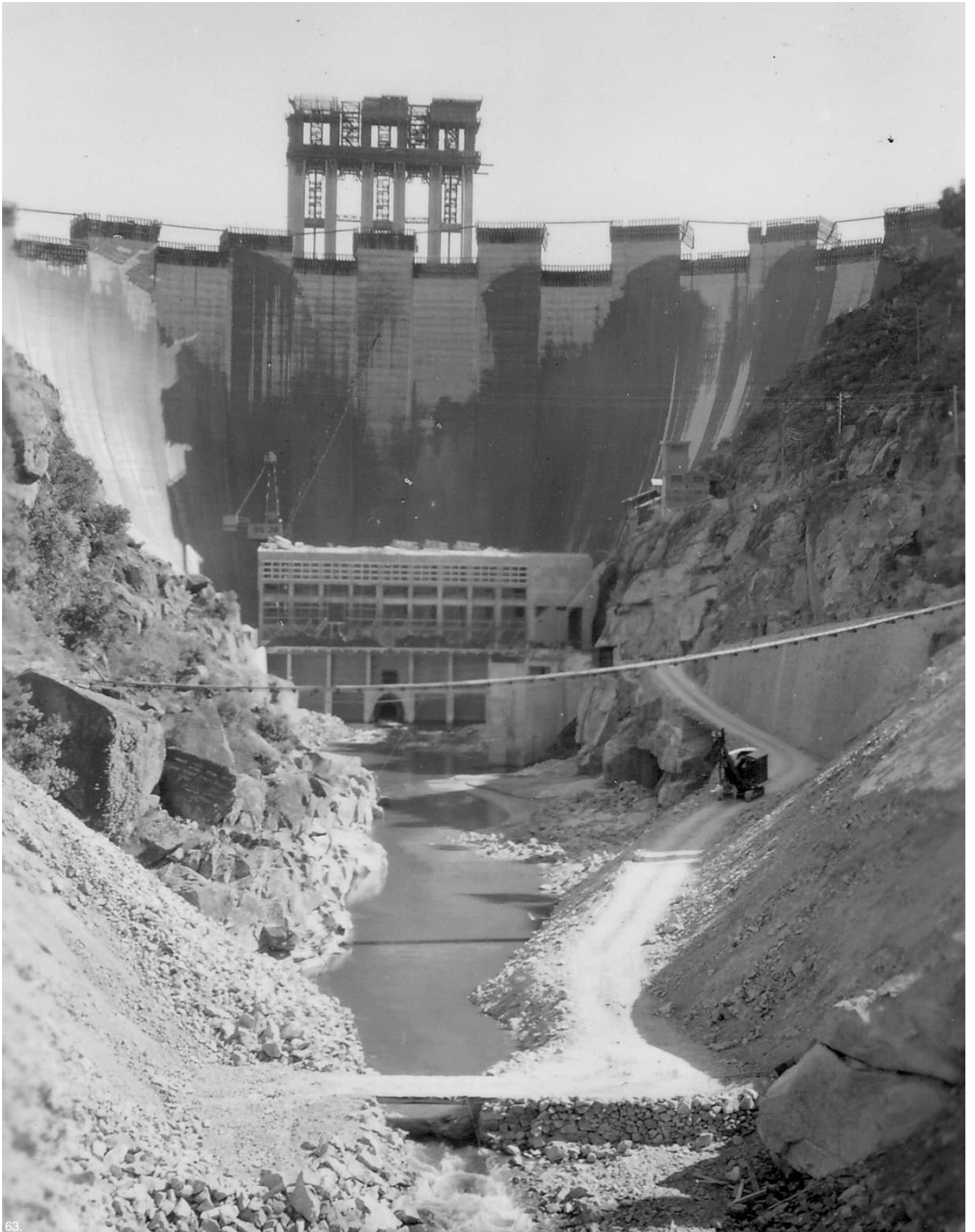
57.

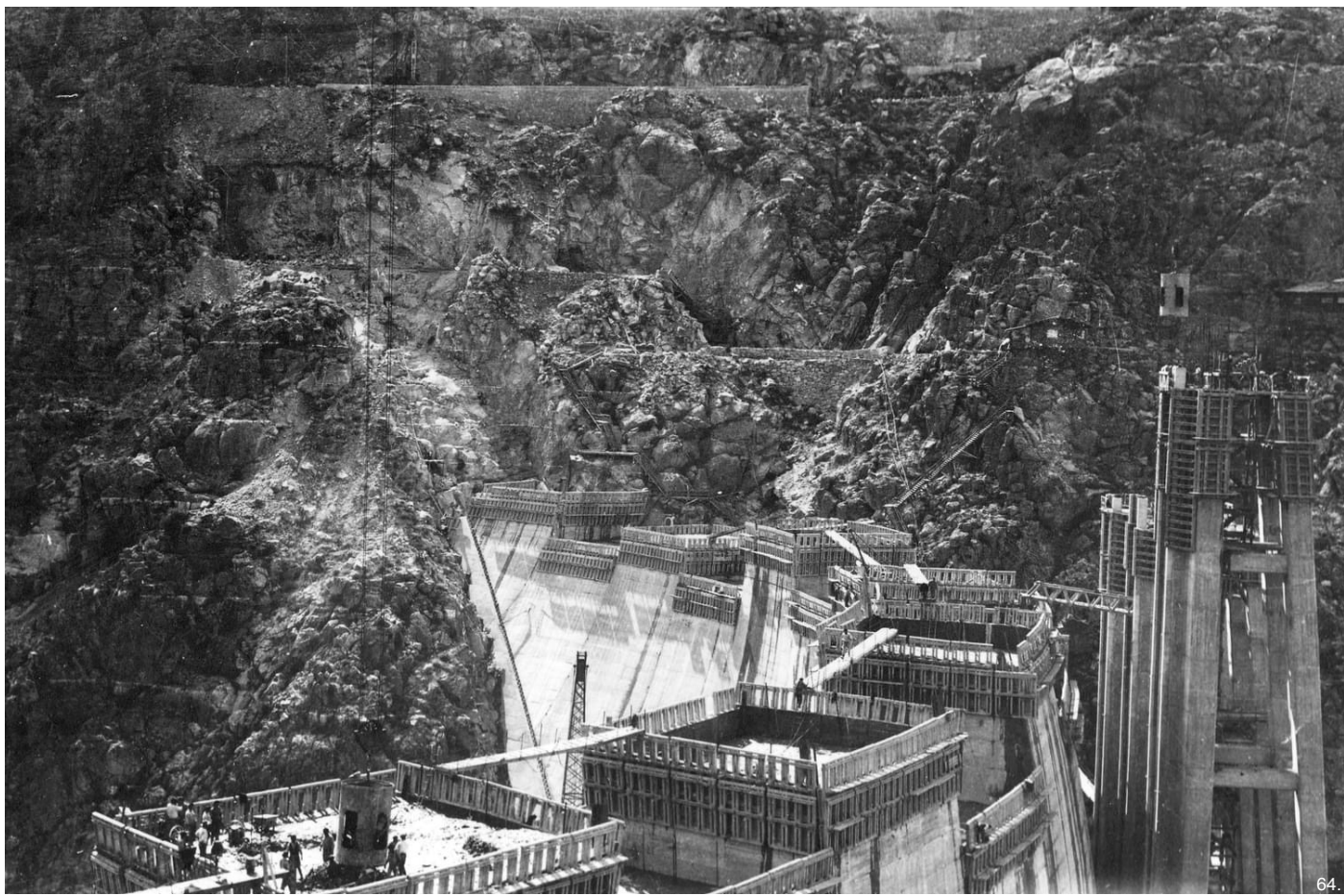


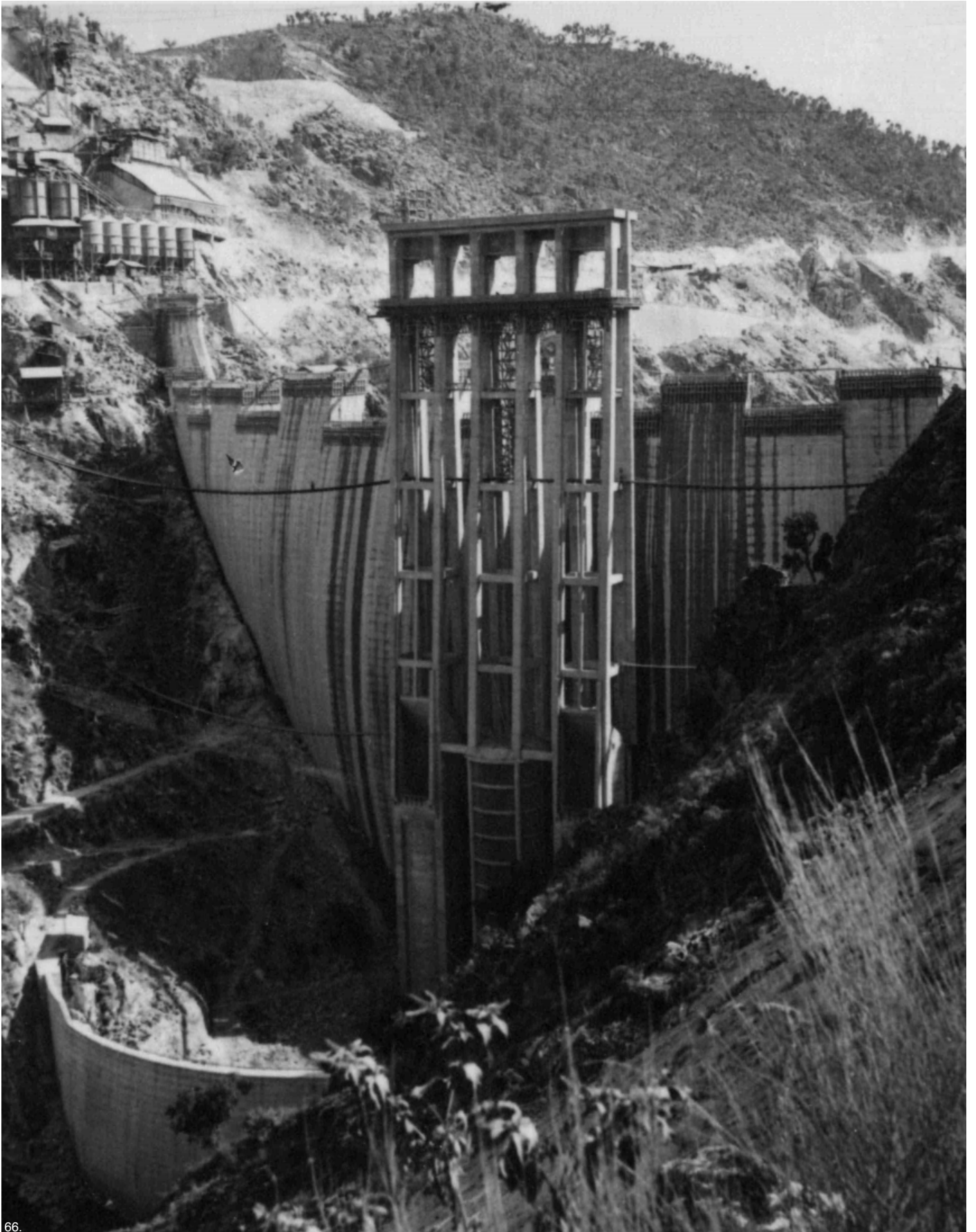
58.

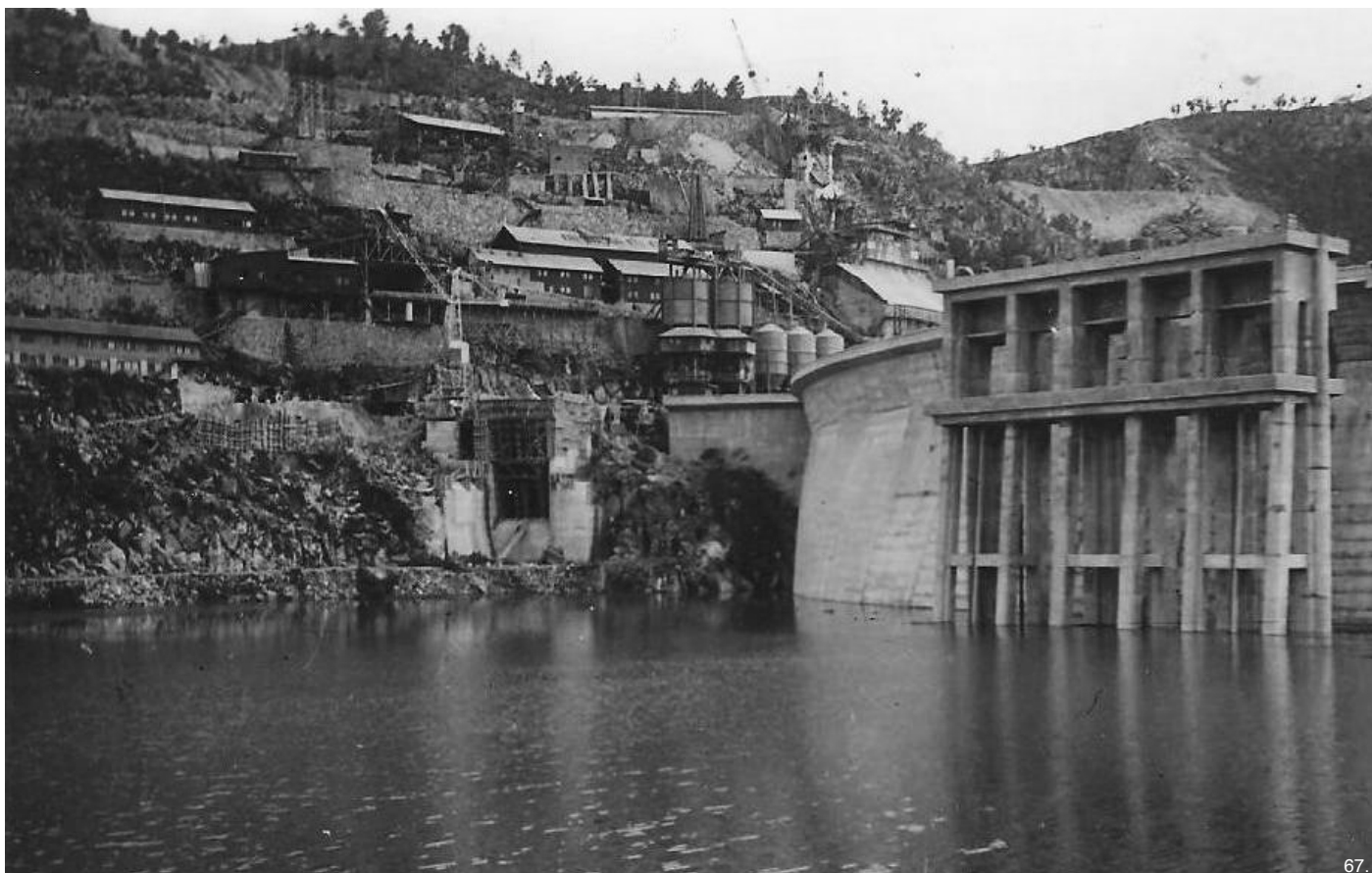








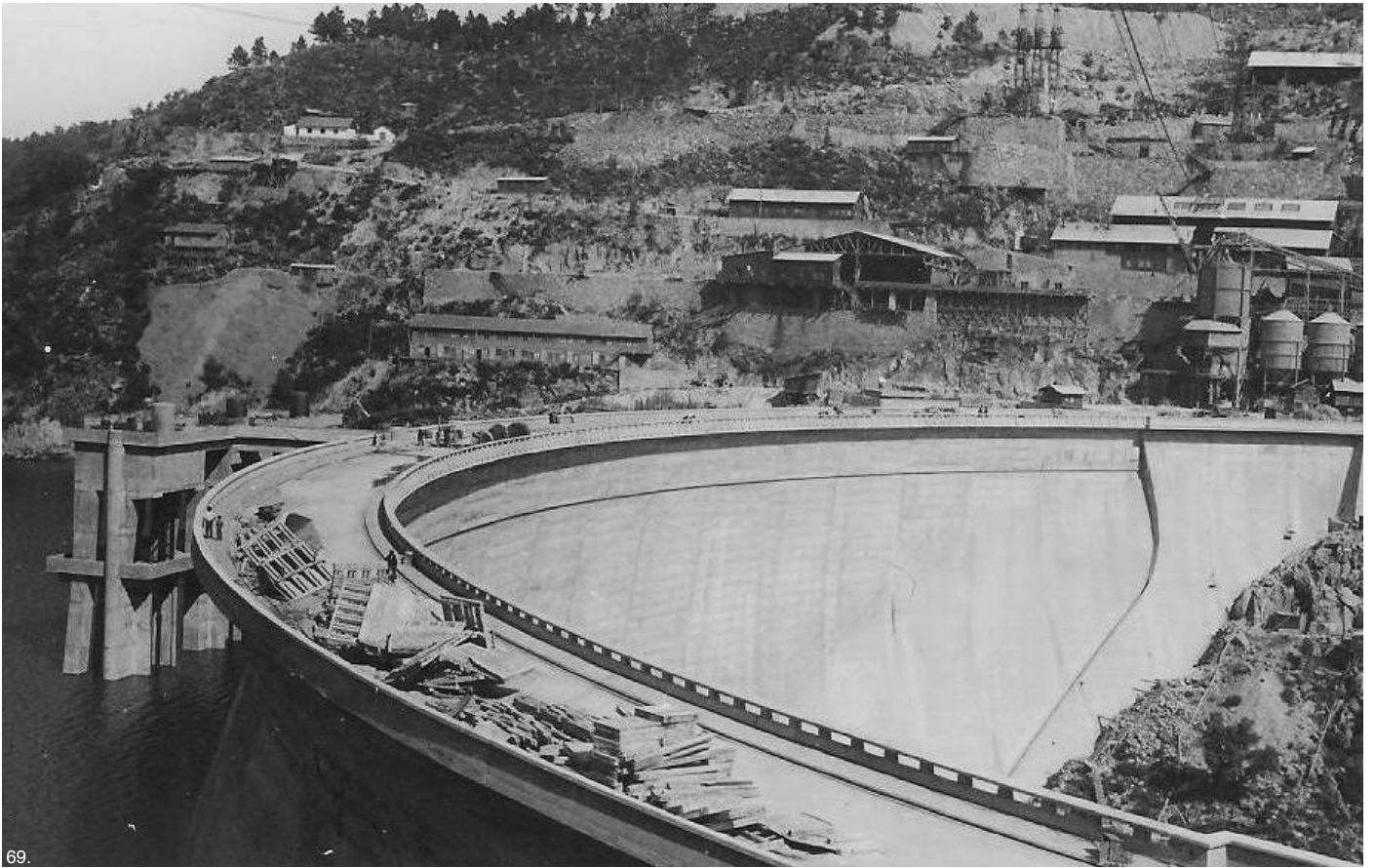




67.



68.



69.



70.





73.



74.



75.



76.



77.



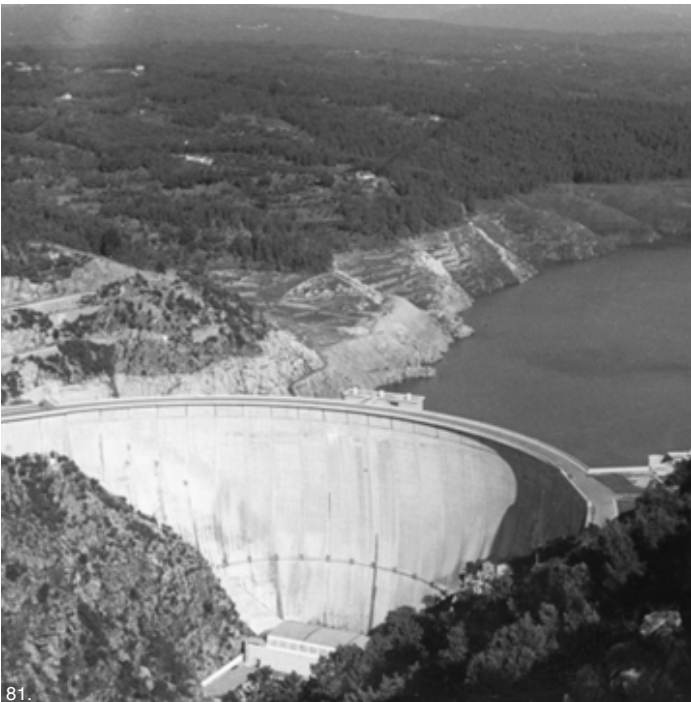
78.



79.



80.



81.



82.



83.



84.



85.

29. Postal 5. Vale do Cabril (192?) Pedrógão Pequeno, Portugal. Edição: R. Pedroso das Neves. Rio Zêzere e antiga ponte Filipina, única ligação até 1954.
30. Postal 4. Vale do Cabril (192?) Pedrógão Pequeno, Portugal. Edição: R. Pedroso das Neves. Rio Zêzere e antiga ponte Filipina, única ligação até 1954.
31. Vale do Zêzere (192?) Pedrógão Pequeno, Portugal. Edição: R. Pedroso das Neves.
32. Vale do Zêzere antes de construção da Barragem do Cabril. Panorâmica a jusante. Revista Hidroelétrica do Zêzere de 1962. CMPG.
33. Condução dos toros de madeira ao longo do rio Zêzere. Foto da primeira metade do século XX. Autor: Alberto David, Arq^a. Villa Isaura / Aires B. Henriques. Revista Espiritualidade e sociedade em Portugal ao tempo de Frei Luís de Granada.
34. Rio Zêzere e construção do dique da Barragem do Cabril. Fonte: poster da Exposição da Barragem de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
35. Idem.
36. Rio Zêzere e construção dos túneis de evacuação de cheias da Barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
37. Rio Zêzere com vista a jusante. Construção dos descarregadores de evacuação de cheias da barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
38. Rio Zêzere com vista a jusante. Descarregadores de evacuação de cheias da barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014 Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
39. Rio Zêzere com vista a jusante. Túnel de evacuação das cheias. Fonte: 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país- Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã. Arquivo EDP. 2014.
40. Barragem do Cabril- vista de jusante. Fonte: Brochura de inauguração da Barragem do Cabril de 1954. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
41. Sistema construtivo da barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
42. Idem.
43. Trabalhadores da barragem. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
44. Barragem do Cabril –montagem das condutas forçada. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
45. Barragem do Cabril- vista da margem esquerda. Observando-se os blocos mais altos da barragem estão já ao nível do coroamento. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
46. Barragem do Cabril em obra. Fonte: Arquivo municipal de Pedrógão Pequeno.
47. Barragem do Cabril- Vista montante da barragem e da torre das tomadas de água. O nível médio dos blocos da barragem é 230,00m. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
48. Vista dos tubos de aspiração das turbinas, nota-se a parte metálica já montada e os moldes para a execução em betão armado dos troços de jusante. Fonte: Poster da Exposição da Barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
49. Barragem do Cabril em obra, 1951-52. Fonte: Poster da Exposição da Barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
50. Barragem do Cabril -Construção do Edifício da central. Fonte: Poster da Exposição da Barragem 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
51. Barragem do Cabril Construção da torre da tomada da água. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
52. Barragem do Cabril- vista de montante. Observando-se a torre de tomada de água, com a grande de descarga de fundo do centro. O nível médio dos blocos da barragem é 281,50m. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
53. Barragem do Cabril- vista da margem esquerda. Observando-se os blocos mais altos da barragem estão já ao nível do coroamento. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
54. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
55. Barragem do Cabril em obra. 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país- Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã. Fonte: Arquivo EDP. 2014.
56. Idem.
57. Visita a obra, engenheiro Arantes e Oliveira, Ministro das Obras Públicas. 50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país - Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã. Fonte: Arquivo EDP. 2014.
58. Idem.
59. Idem.
60. Barragem do Cabril- vista de montante. Após seis meses de trabalho o nível medio dos blocos da barragem é 281,50m. A sala das maquinas da central esta praticamente terminada. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
61. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
62. Idem.
63. Idem.
64. Silva, Américo Lourenço. (12 de abril de 2021). Construção da Central Hidroelétrica do Cabril. Facebook.
65. Idem.
66. Barragem do Cabril- torre da tomada da água e o estaleiro. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
67. Barragem do Cabril- vista da margem esquerda e o estaleiro. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
68. Idem.
69. Barragem do Cabril - últimos pormenores da obra. Fonte: Poster da Exposição da Barragem. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
70. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
71. Barragem do Cabril, central e estrada N2 terminadas. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
72. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
73. Bairro do Cabril. Fonte: Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
74. Bairro do Cabril. Fonte: Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
75. Bairro do Cabril. Fonte: Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
76. Bairro do Cabril- habitações unifamiliares para os trabalhadores com família, Pedrógão Pequeno 1953. Fonte: ACMPG.
77. Bairro do Cabril- habitações coletivas conhecidas como "casões", Pedrógão Pequeno 1953. Poster exposição da Barragem de 2014. Fonte: ACMPG.
78. Vista para o bairro do Cabril- habitações unifamiliares e coletivas, Pedrógão Pequeno 1953. ACMPG.
79. Idem.
80. Barragem do Cabril. Vista de jusante para montante e a albufeira. O nível da água muito alta. Estúdio Horácio Novais 1945-1954. Arquivo Gulbenkian.
81. Barragem do Cabril. Vista para montante e a albufeira. O nível da água baixa. RIBEIRO, Orlando (1957), CEG. IGOT.
82. Barragem do Cabril- A cerimônia de inauguração, 31 de julho de 1954 Pedrógão Pequeno. A ocasião contou com a participação de uma expressiva comitiva governamental, liderada pelo Engenheiro Arantes e Oliveira, Ministro das Obras Públicas e o Presidente da República, General Craveiro Lopes. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HkCpplz06hs&t=1s>
83. Guimarães Joaquim. (31 de março de 2024). Barragens e Albufeiras de Portugal. Barragem de Cabril. Anos 50. Facebook. https://www.facebook.com/groups/386168711847871/user/100000758828640/?locale=pt_PT
84. Barragem do Cabril - A cerimônia de inauguração, 31 de julho de 1954 Pedrógão Pequeno. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HkCpplz06hs&t=1s>
85. Idem.





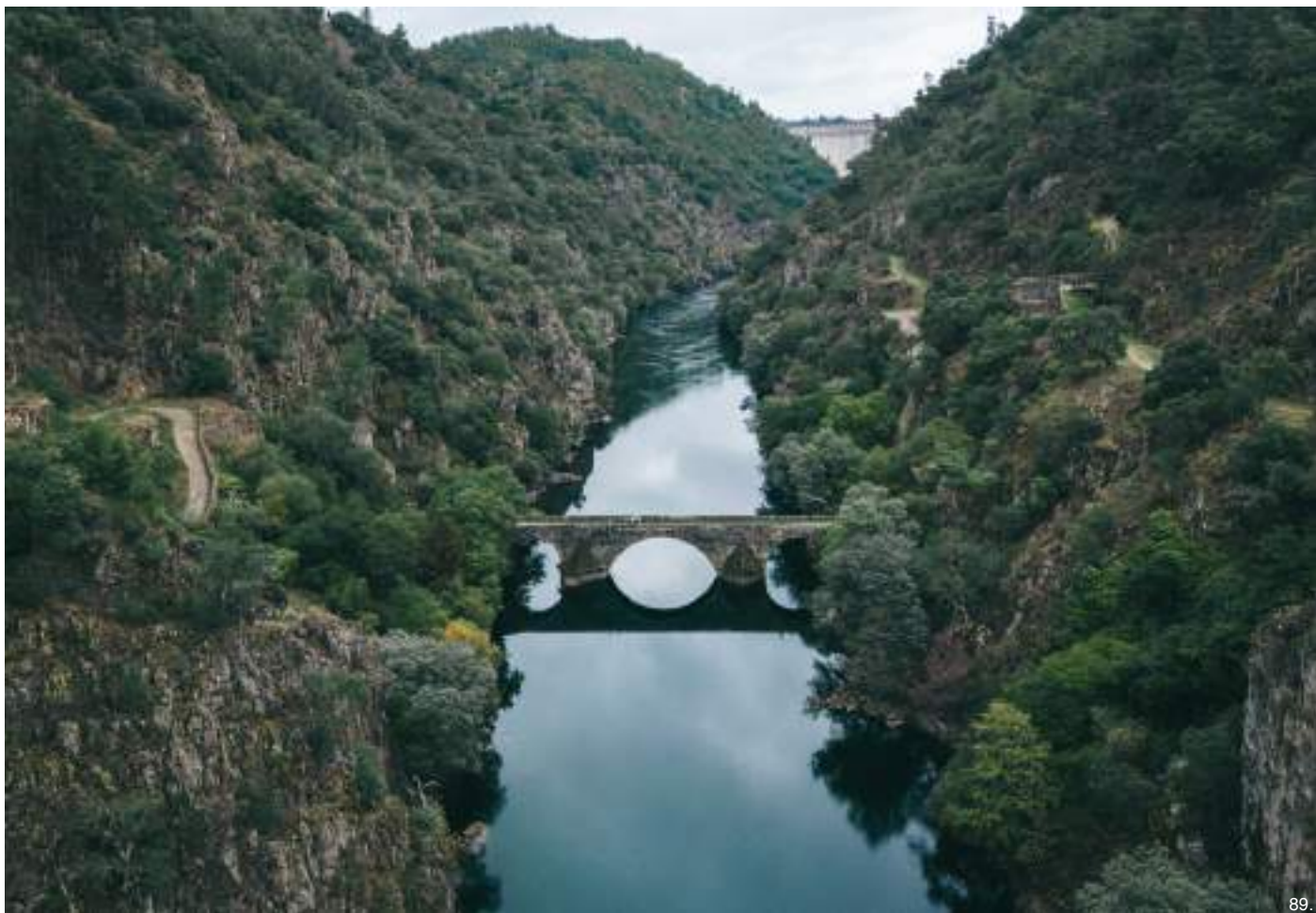
86.



87.



88.



89.



90.



91.



92.



93.



94.



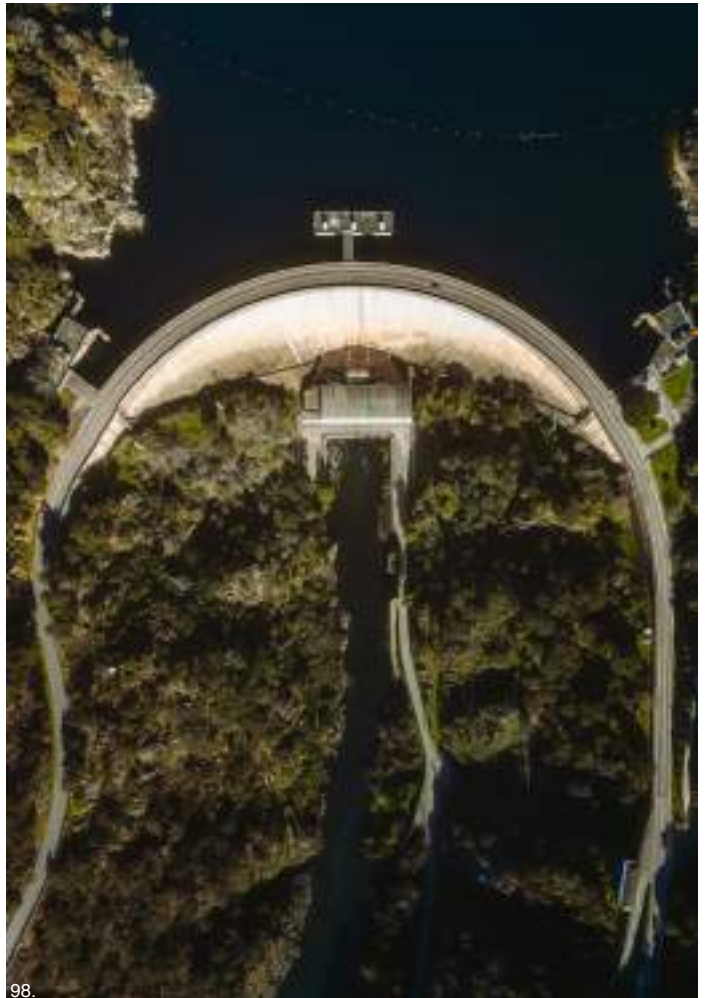
95.



96.

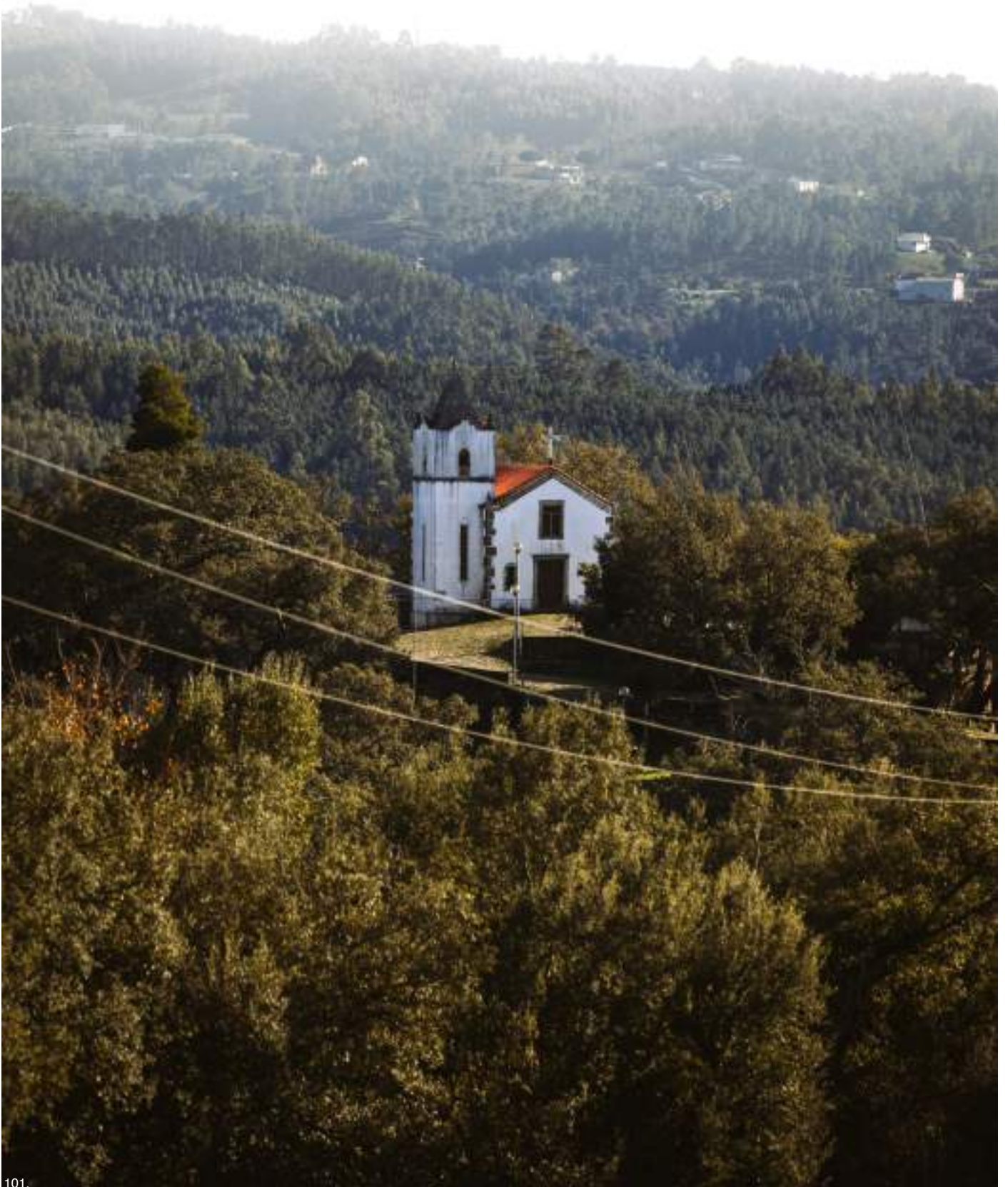


97.



98.







102.



103.



104.











NACIONAL

INTERNACIONAL

GUERRAS MUNDIAS

O PERÍODO DE OURO DA HIDROELÉTRICA DE PORTUGAL E A DITADURA DE SALAZAR

PÓS-DITADURA

NOVAS FORMAS DE ENERGIA

1910-1945

Proclamação da República (5 de outubro)

1914-1918

Primeira Guerra Mundial
Gripe Espanhola

Inauguração da Central Tejo

1921

Ditadura Militar

1926

Começo do regime do Estado Novo liderado por António de Oliveira Salazar

1930

1920-1930

Crise Económica Global

Lei n.º 2002 - Lei da Eletrificação Nacional

1944

1939-1945

Segunda Guerra Mundial

1945-1974

Companhia Nacional de Eletricidade - CNE

1947

Guerra Fria

Guerra Colonial

1940-1950

1954

Desenvolvimento da Energia Nuclear - primeira usina nuclear do mundo em Obninsk, na então União Soviética, atual Rússia.

90% da potência elétrica estava nas barragens

1960

1957

Corrida Espacial - Homem na Lua

1960

Primeiro computador eletrônico com disco rígido, empresa IBM.

Encerramento da mina de carvão do Cabo Mondego

1965

1961

Construção do Muro de Berlim

1964

IBM lança o primeiro chip de computador.

1966
Incêndios Florestais Serra de Sintra
25 militares do Regimento de Artilharia AntiAérea Fixa de Queluz

Encerramento da mina de carvão de São Pedro da Cova

1970

1973-1974

Crise do Petróleo

1974-2000

Revolução 25 De Abril

Eletricidade de Portugal (EDP) é constituída e herdou um cenário complexo de desequilíbrio na eletrificação de todo o território

1976

Portugal atinge o seu recorde de dependência energética do exterior de 93%

1980-1981

1985
Incêndios Florestais Viseu-Armamar
causou a morte de 14 bombeiros

1986
Incêndios Florestais Aveiro-Águeda
causou a morte de 16 pessoas: 13 Bombeiros e 3 civis

1986

O pior acidente nuclear da história. Usina nuclear da cidade de Chernobyl, União Soviética.

1987

Crise Económica

Portugal ingressou na Comunidade Económica Europeia (CEE)

1989

Queda do Muro de Berlim

Fim do carvão nacional. Encerramento da última mina de carvão do Pejão, em Castelo de Paiva

1984

1993

Criação Da União Europeia

Fundação da REN-Rede Elétrica Nacional, S.A.(Subproduto da Unidade de Negócios da EDP)

Portugal adota o gás natural importado da Argélia, estimulando centrais Termoelétricas.

1997

2000-2024

Concessão de 50 anos de Eletricidade (2000-2050) Estado Português detém 70% da empresa

2003
Incêndios Florestais -Algarve e no centro
área ardida de 425 726 ha

Expo'98 e Euro

2004

2005
Incêndios Florestais área ardida de 330 262 ha

Eólicas disparam

Governo aprova programa de construção para 7 novas barragens até 2020.

2007

2008-2009

Crise Económica Global

Portugal inaugurou o Parque Eólico de Penacova

2012

2013
Incêndios Florestais -Bragança e região Norte
área ardida de 14 135 ha

2017
Incêndios Florestais -Pedrógão Grande
64 mortos e cerca de 200 desalojados área ardida de 215 988 ha

2018
Incêndios Florestais -Região Centro e Norte
área ardida de 27 000 ha de floresta

2018
Incêndios Florestais -Algarve, Alentejo, Centro e Norte

Renováveis atingem 24% energia primaria consumida.

2014

Aquisição dos ativos de armazenamento subterrâneo de Gás Natural da Galp

2015

2015

Acordo de Paris sobre mudanças climáticas, com o compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa. (UNFCCC)

Aquisição da Transmel no Chile (Transmissão Energética)

2019

2019-2022

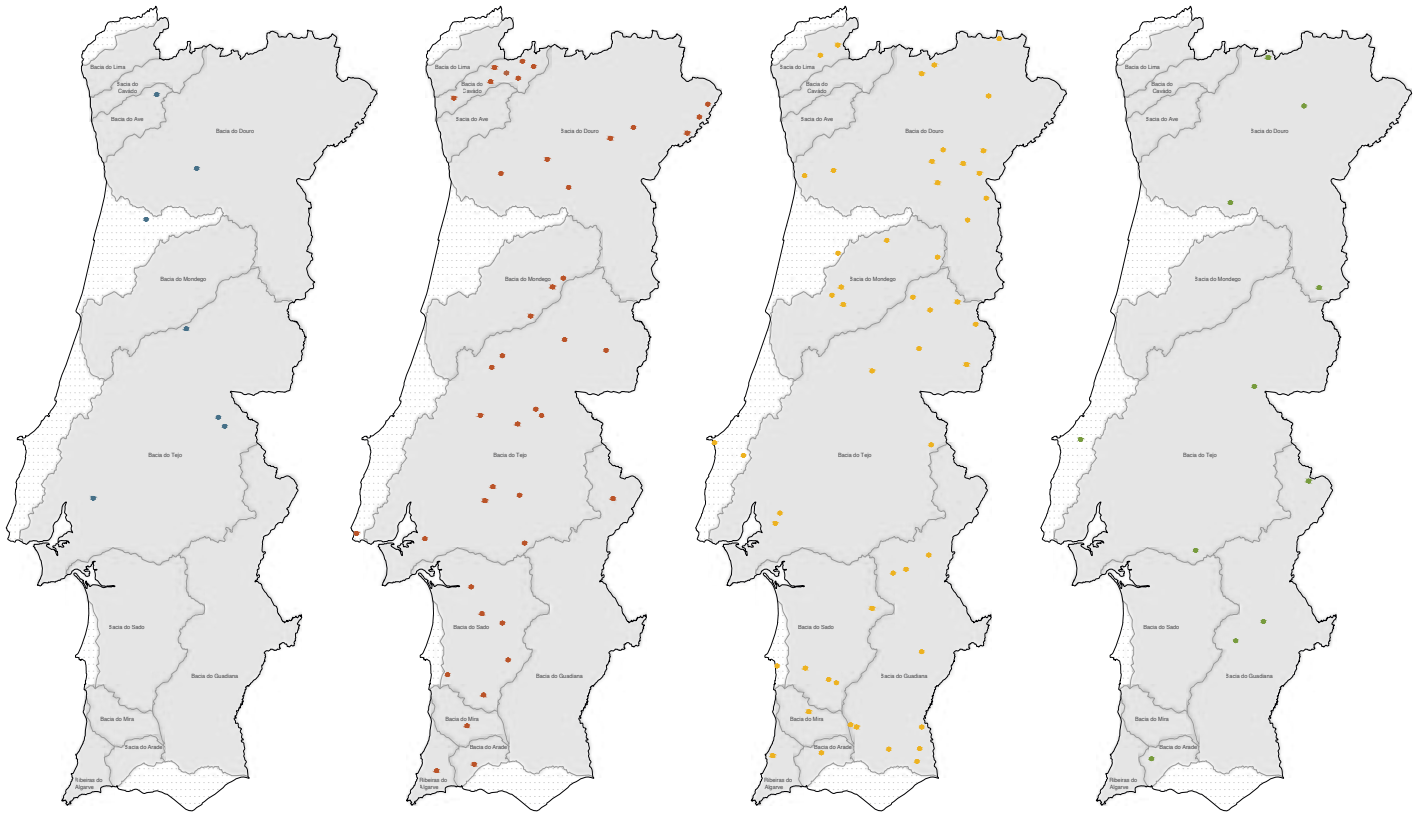
Pandemia de COVID-19

Renováveis atingem 61% da energia primaria consumida.

2023

2021

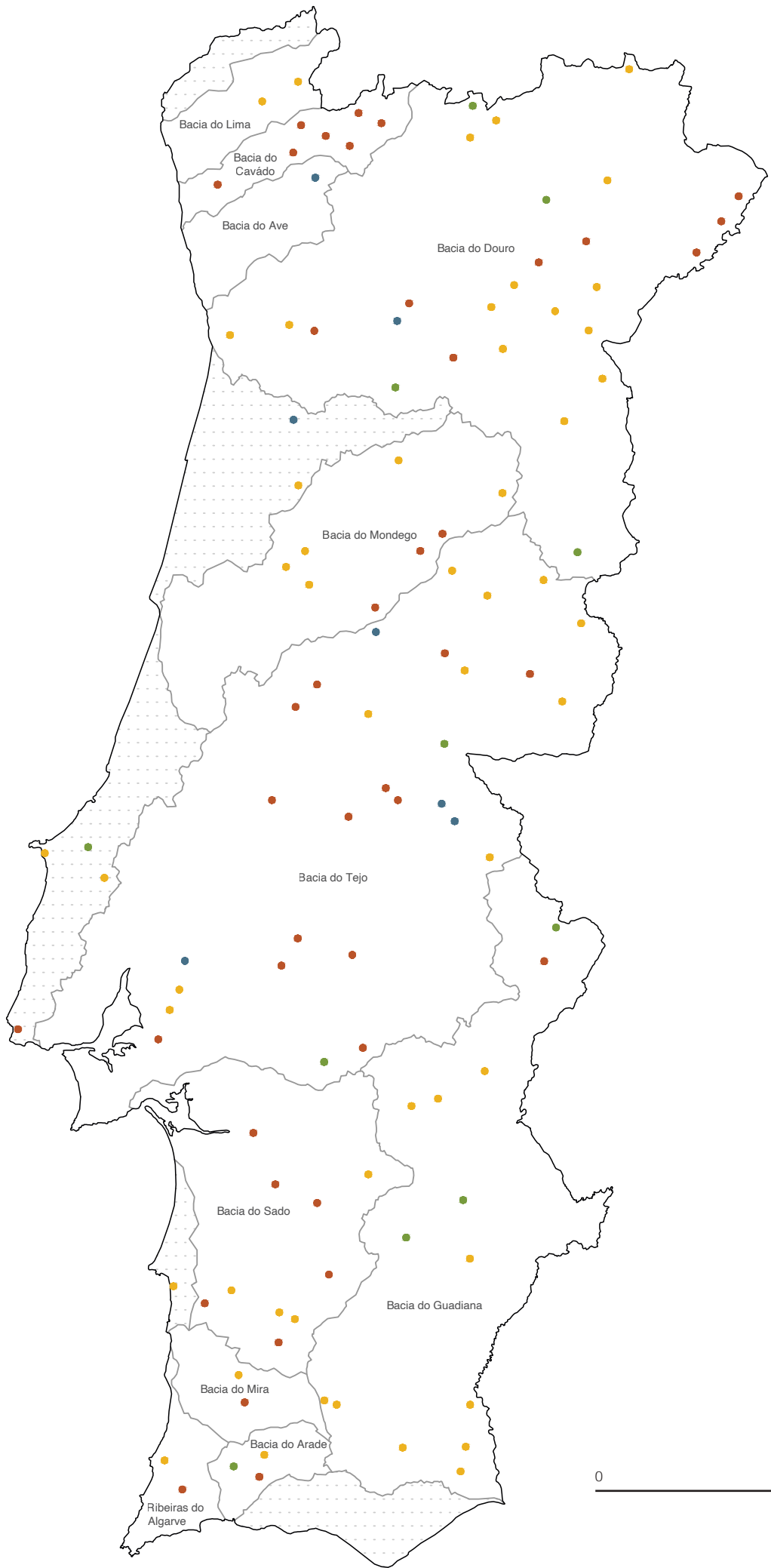
Invasão da Ucrânia pela Rússia



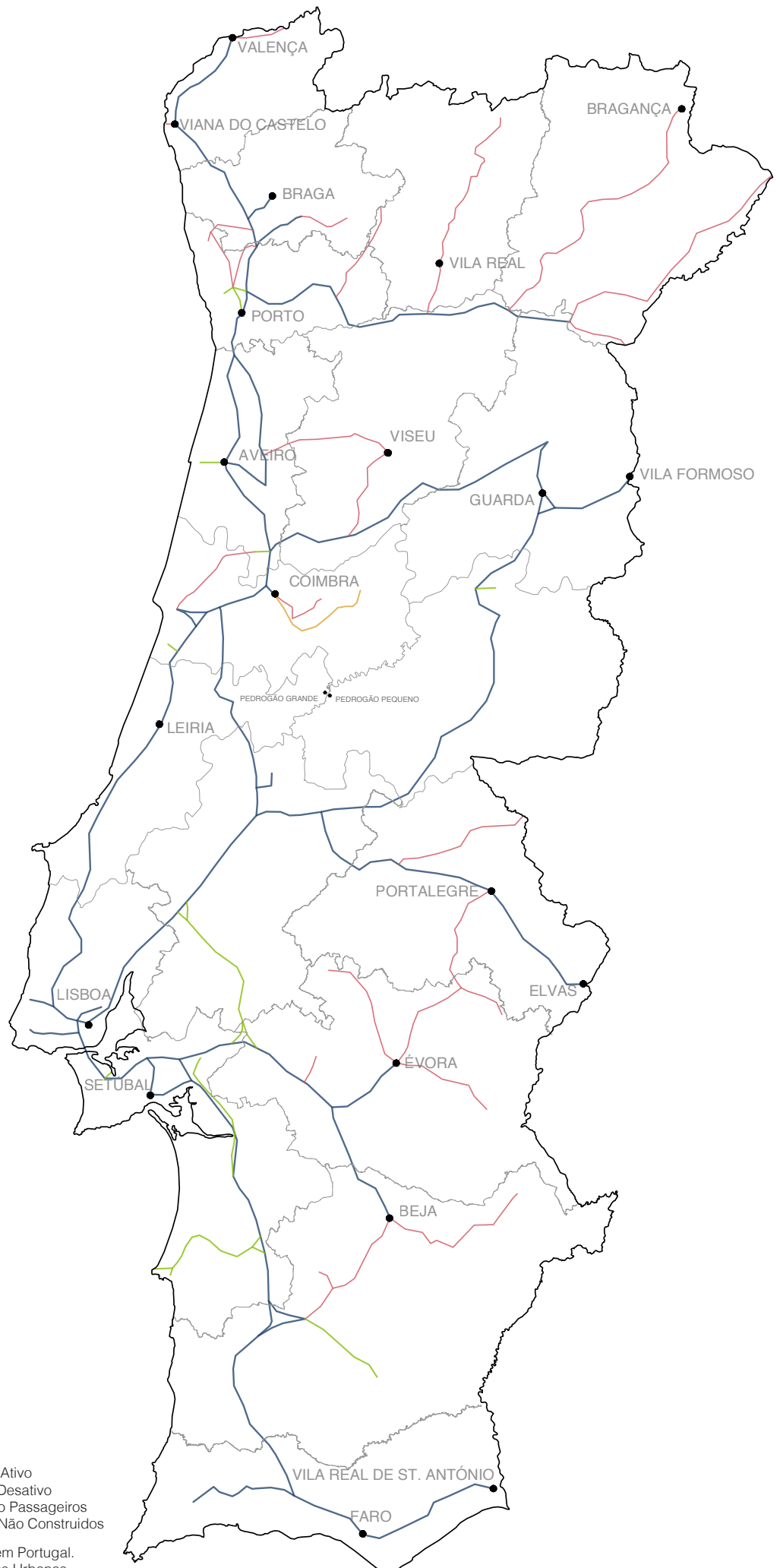
A bacia hidrográfica do Tejo, da qual faz parte a barragem do Cabril, apresenta-se como a maior zona de exploração hidroelétrica no país, possuindo o maior número de barragens construídas. A grande maioria destas barragens foram construídas no período de ouro da hidroelétrica e da ditadura, em Portugal. Foi a partir do período da ditadura, que a política hidroelétrica começou a tornar-se uma nova forma de demonstração de poder, através da implementação e do investimento em novas políticas da água.

O território em análise, onde se encontra a barragem do Cabril encontra-se bastante isolado dos centros urbanos, estando apenas conectado aos mesmos, através de via automóvel. Apesar de ter sido planeado um ramal de linha férrea, que ligaria Arganil a Coimbra, este nunca foi construído. A sua existência iria potenciar a proximidade do Cabril ao centro urbano mais próximo, Coimbra, e assim encurtava também as potenciais ligações a outros centros urbanos a partir da mesma.

- Período de Guerras Mundiais
- Período do ouro da hidroelétrica e da ditadura
- Período pós-ditadura
- Período das novas formas de energia

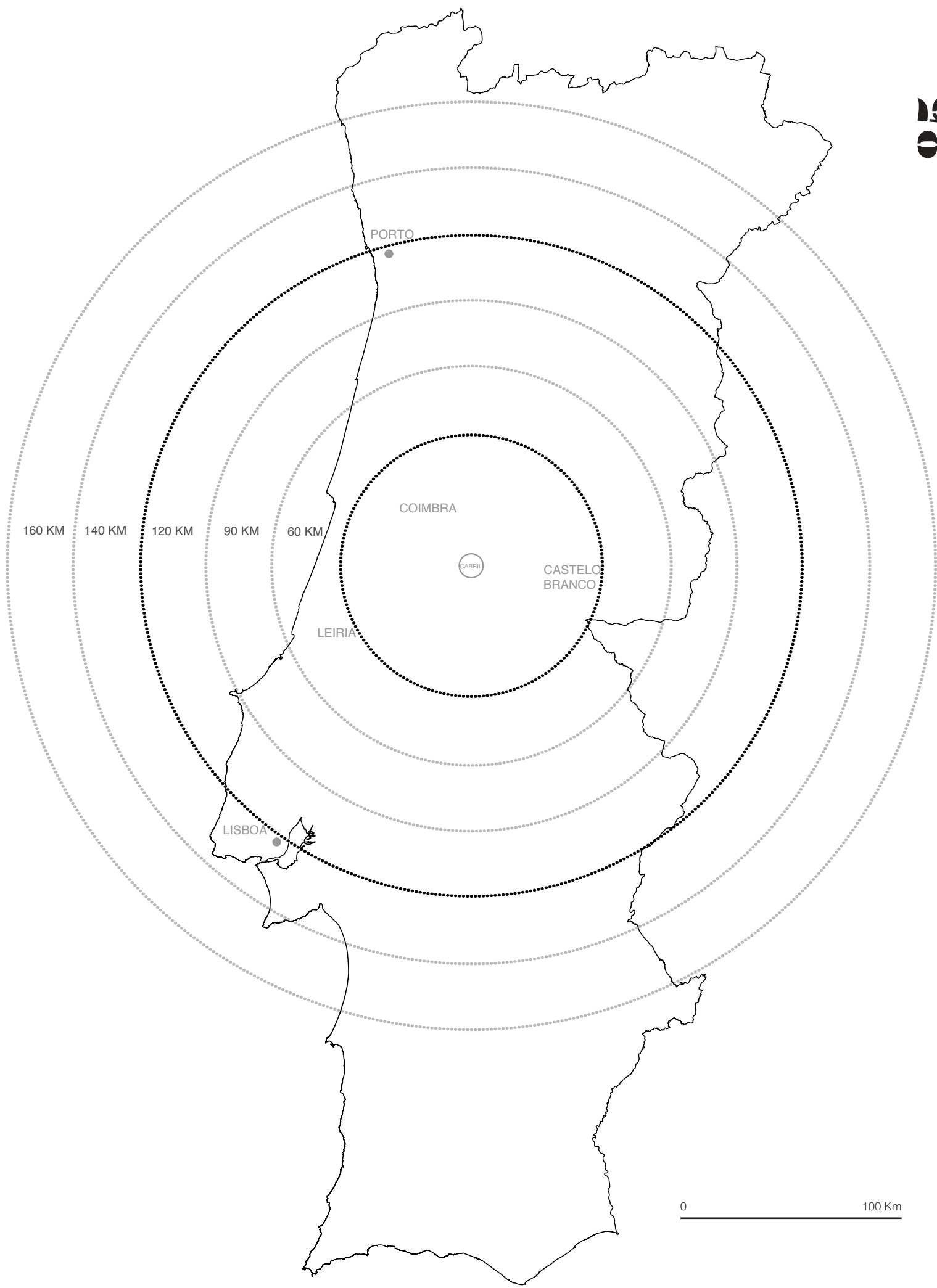


0 100 Km



112. Linhas e Ramais de Tráfego Ferroviário em Portugal.

113. Mapa de Distâncias aos Grandes Centros Urbanos.



160 KM 140 KM 120 KM 90 KM 60 KM

COIMBRA

CABRIL

CASTELO BRANCO

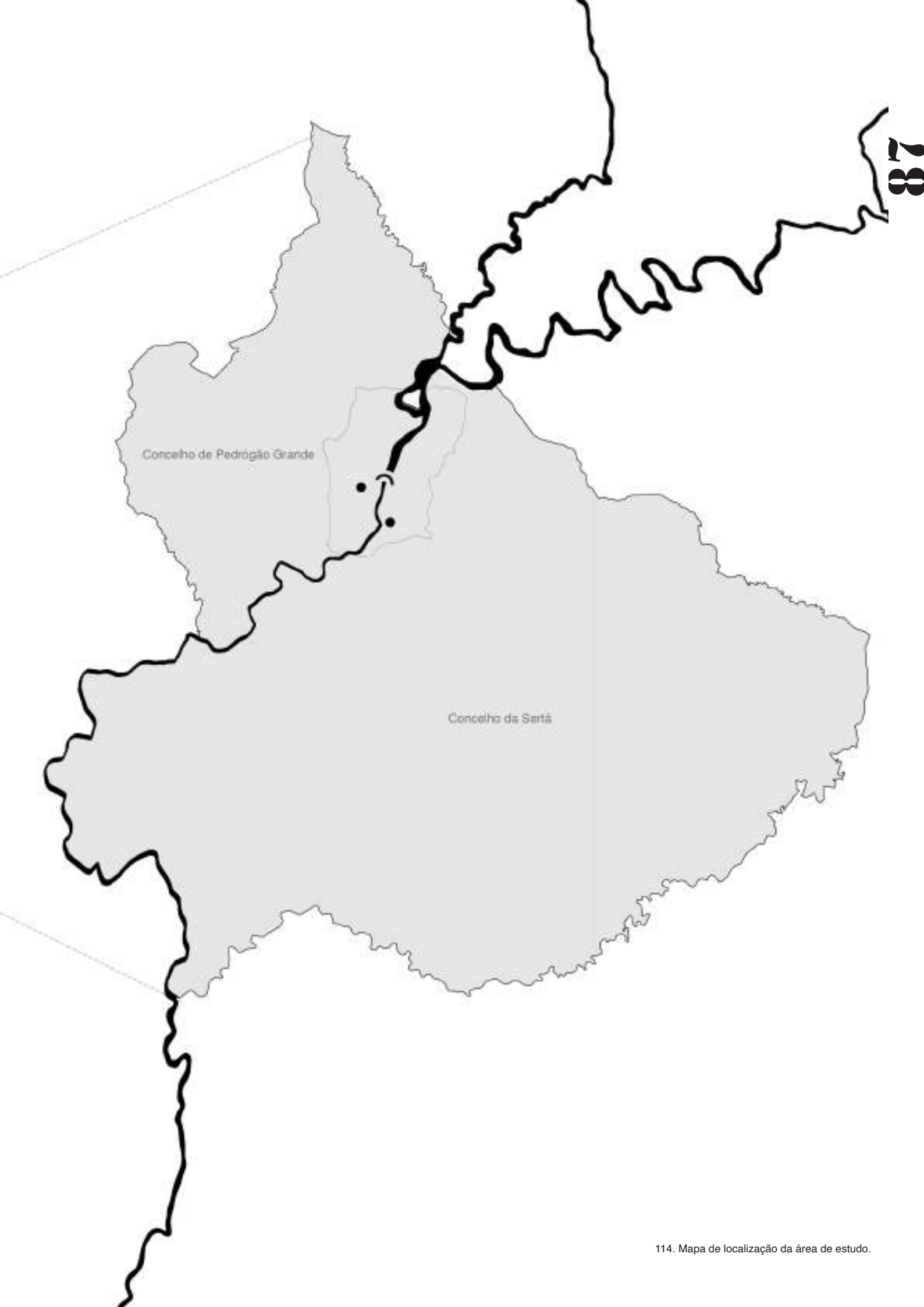
LEIRIA

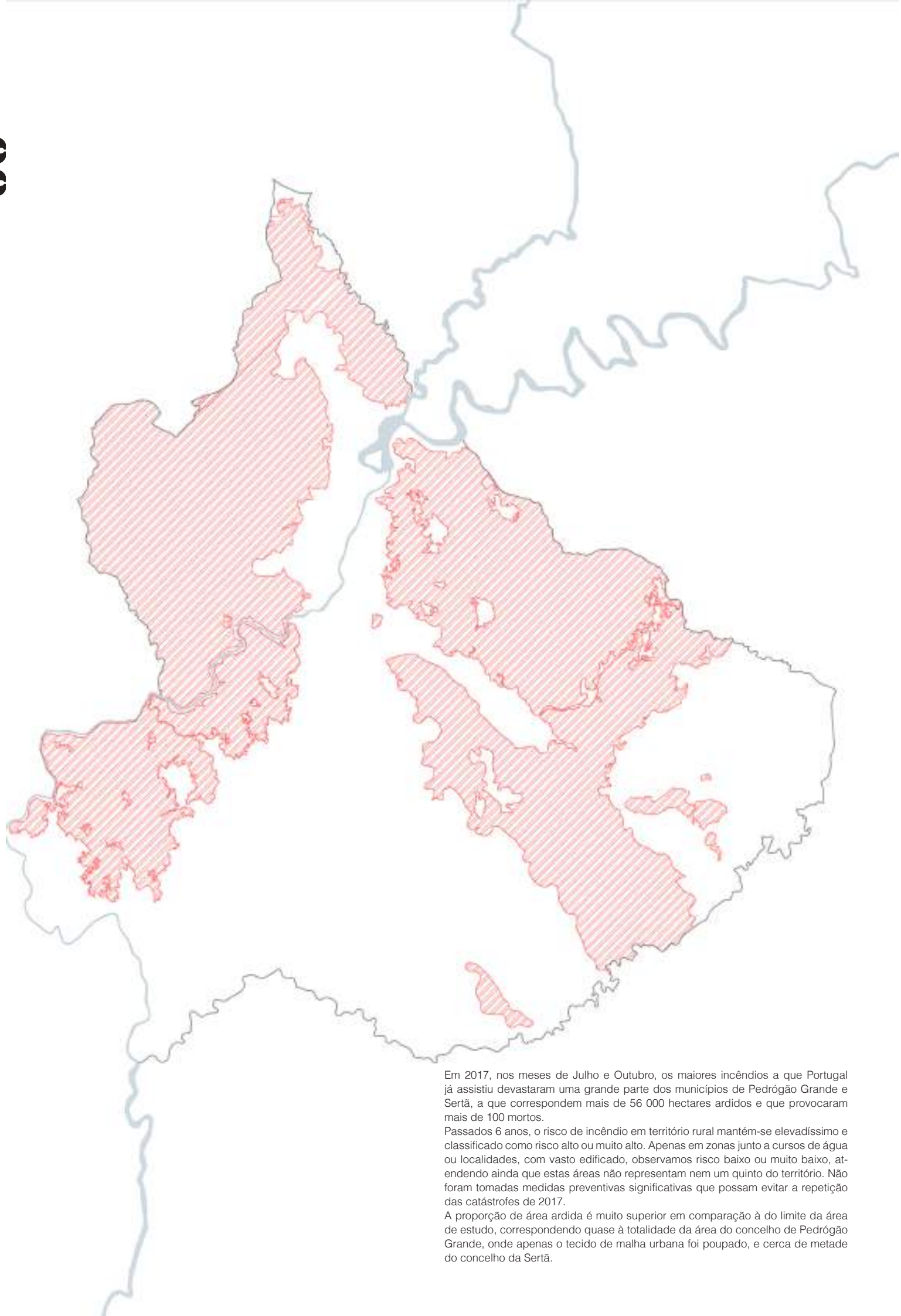
LISBOA

0 100 Km



0 100 Km

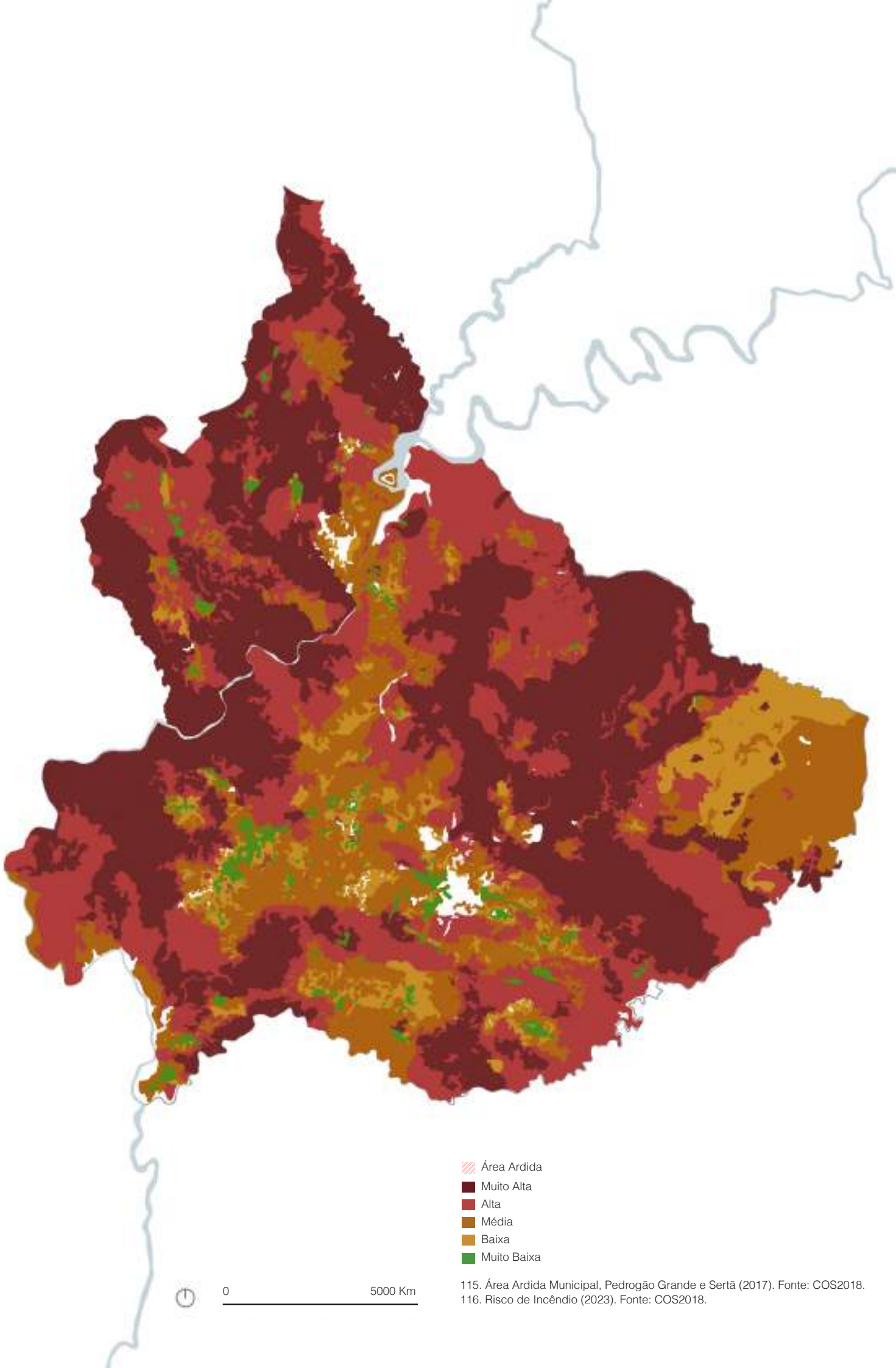




Em 2017, nos meses de Julho e Outubro, os maiores incêndios a que Portugal já assistiu devastaram uma grande parte dos municípios de Pedrógão Grande e Sertã, a que correspondem mais de 56 000 hectares ardidos e que provocaram mais de 100 mortos.

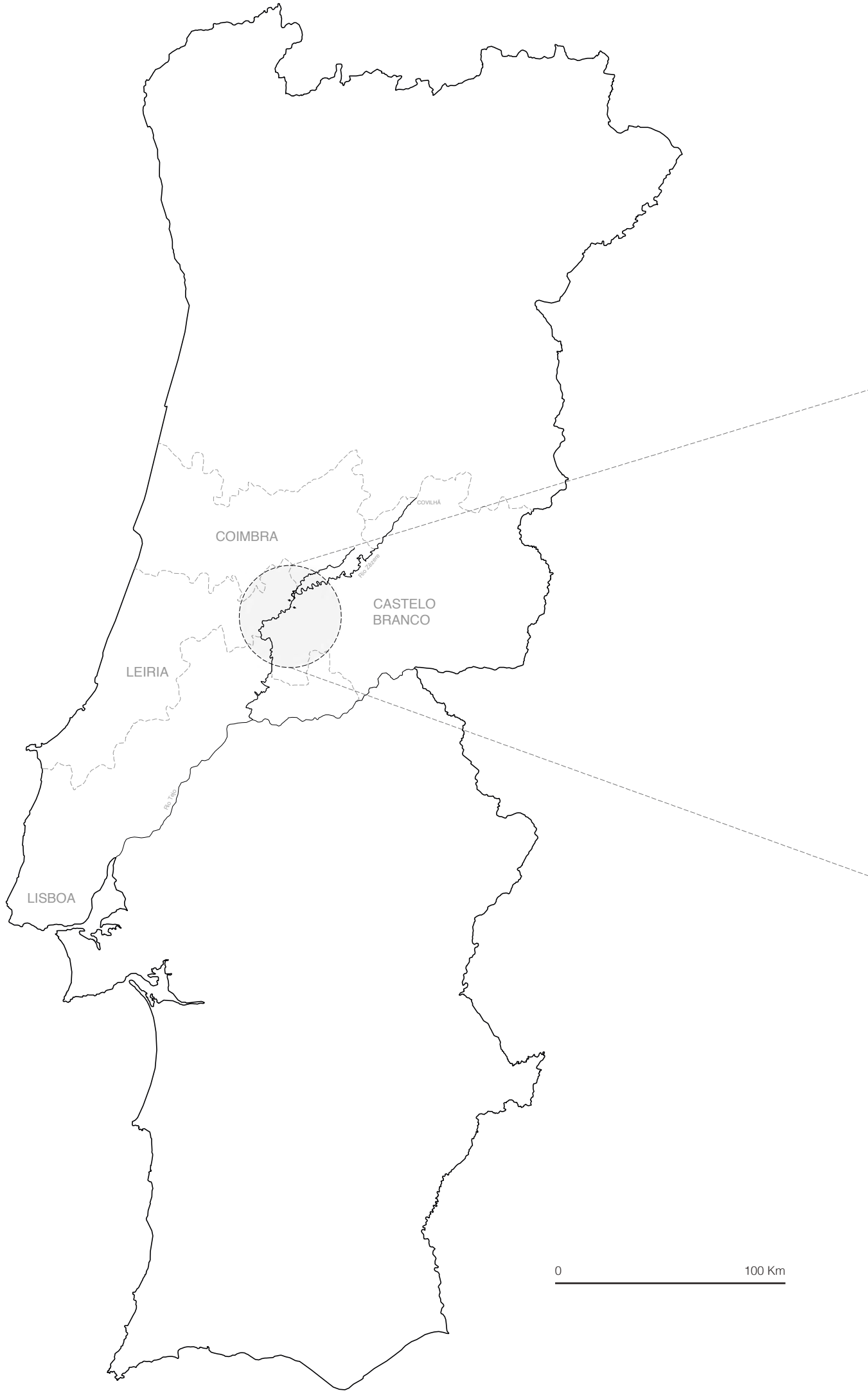
Passados 6 anos, o risco de incêndio em território rural mantém-se elevadíssimo e classificado como risco alto ou muito alto. Apenas em zonas junto a cursos de água ou localidades, com vasto edificado, observamos risco baixo ou muito baixo, atendendo ainda que estas áreas não representam nem um quinto do território. Não foram tomadas medidas preventivas significativas que possam evitar a repetição das catástrofes de 2017.

A proporção de área ardida é muito superior em comparação à do limite da área de estudo, correspondendo quase à totalidade da área do concelho de Pedrógão Grande, onde apenas o tecido de malha urbana foi poupado, e cerca de metade do concelho da Sertã.



- ▨ Área Ardida
- Muito Alta
- Alta
- Média
- Baixa
- Muito Baixa

115. Área Ardida Municipal, Pedrogão Grande e Sertã (2017). Fonte: COS2018.
116. Risco de Incêndio (2023). Fonte: COS2018.








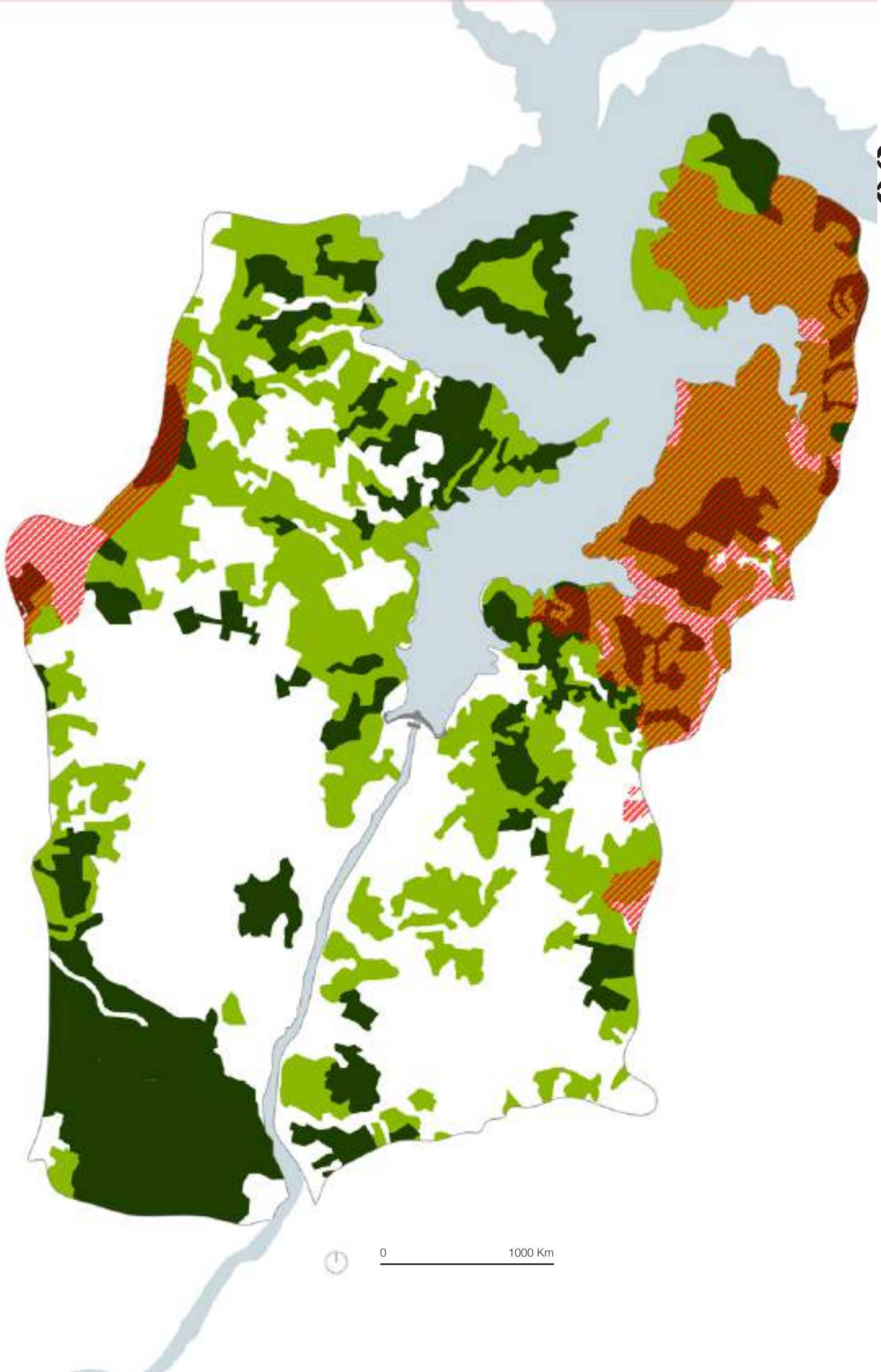
117. Mapa de enquadramento da área de estudo em Portugal.

A ferocidade destes incêndios atingiu em grande parte os territórios nortes de ambas as freguesias. Uma vasta área classificada como Reserva Ecológica Nacional em Pedrógão Pequeno e uma área menor na freguesia de Pedrógão Grande. Em ambas, a área ardida corresponde predominantemente à área de plantação de eucaliptos e pinheiro-bravo. A propagação descontrolada destas espécies, proporciona um perigo iminente perante os incêndios, nomeadamente pelo seu fácil alastramento e pela libertação e projeção de fagulhas incandescentes que alcançam largas distâncias. O Eucalipto em específico, sendo considerado uma espécie invasora à escala nacional, é a maior ameaça atual para um ecocídio.

Como é possível, tendo em conta os fogos de grande impacto de 2017, o risco de incêndio manter-se tão elevado? Após um dos incêndios mais mortíferos e destruidores do território nacional, não houve planeamento de território nem ações de prevenção.

É indignante um território que observámos ser queimado vivo há menos de uma década, hoje ter exatamente o mesmo descuido, os mesmos hábitos potencialmente perigosos e principalmente a mesma desvalorização alarmante por mudar o território do interior de Portugal. Um território que se continua a caracterizar pelas incessantes explorações e plantações de monoculturas que constantemente limitam a biodiversidade, secam terrenos e que em caso de incêndio atuam como proliferadores de fogo. Enquanto em sociedade o pensamento antropoceno se mantiver e a natureza for escrava para todos os caprichos do Homem, não haverá mudança possível e continuaremos a potencializar um futuro perigoso para todos.

-  Área Ardida
-  Eucalipto
-  Pinheiro Bravo



A prática de agricultura, uma das atividades centrais e que faz parte da herança histórica e cultural deste território, está gradualmente, a ser abandonada, e os lugares que eram por ela ocupados, substituídos por grandes espaços florestais de produção¹. A expansão em massa destes lugares, detidos por proprietários privados² que muitas vezes, não efetuam uma boa gestão dos terrenos que possuem, contribui para a degradação da paisagem rural. Se for efetuado um rácio entre espécies invasoras e autóctones no território ao longo dos últimos 30 anos, conclui-se que o aumento do número das invasoras é irrefutável. Em 1995 havia 8594 hectares de espécies invasoras. Em 2015 esse número quase que duplicou, constituindo 15906 hectares de floresta. Em relação às espécies autóctones, existiam em 1995, 46220 hectares, sendo que em 2015 esta área reduziu para 38710 hectares.

Em 2017, nos grandes incêndios de Pedrógão Grande, a área ardida atingiu os 26827 hectares. Passados 7 anos este território ainda não se conseguiu reestruturar, mostrando ainda uma grande prevalência das espécies invasoras.

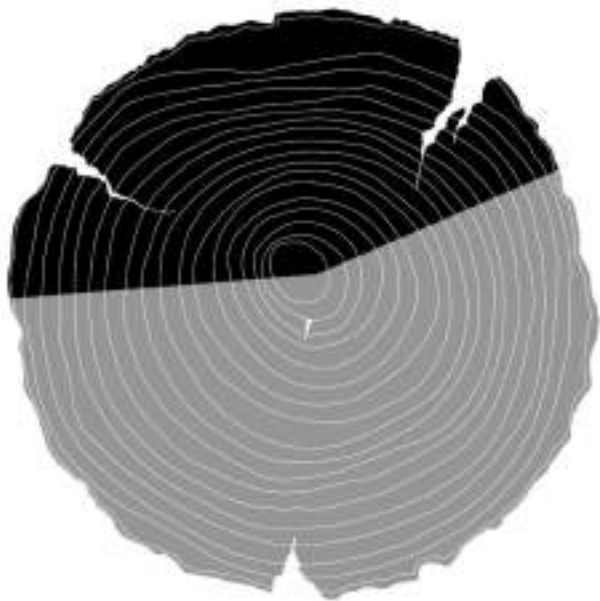
119. Diagrama da relação da área ardida e não ardida. Fonte: COS 2018.

120. Diagrama da relação da existência de espécies invasoras em relação às autóctones - 1955. Fonte: COS 1955.

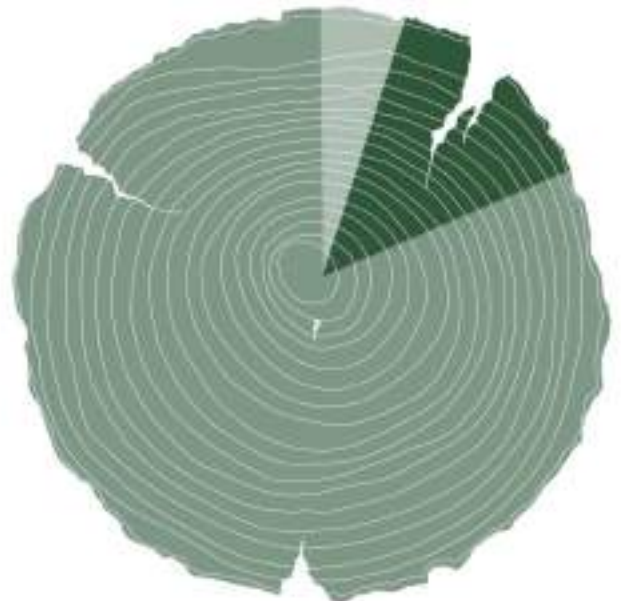
121. Diagrama da relação da existência de espécies invasoras em relação às autóctones - 2015. Fonte: COS 2015.

4.O espaço florestal de produção corresponde a zonas, não inseridas na Reserva Ecológica Nacional, ocupadas por povoamentos florestais dominados por pinheiro-bravo ou eucalipto e com fins de exploração intensiva.

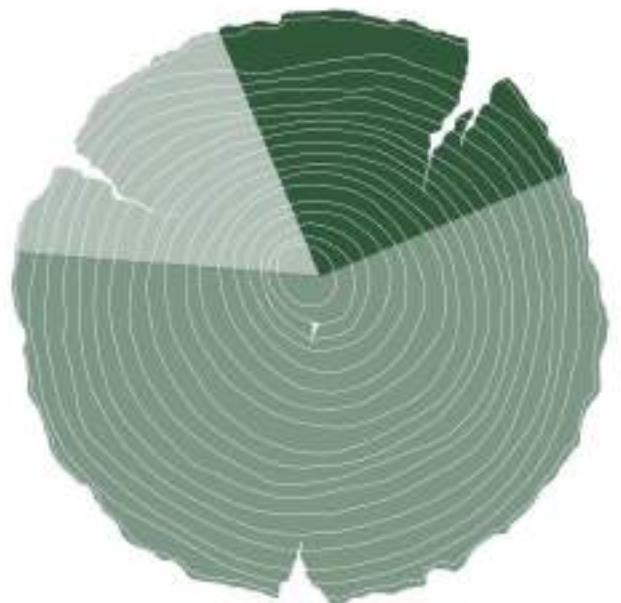
5.Portugal, R. e T. de. (2015, November 11). Eucalipto, a árvore que reina sobre a floresta nacional. Eucalipto, a Árvore Que Reina Sobre a Floresta Nacional. https://www.rtp.pt/noticias/incendios-2015/eucalipto-a-arvore-que-reina-sobre-a-floresta-nacional_es86992



Área ardida



1955

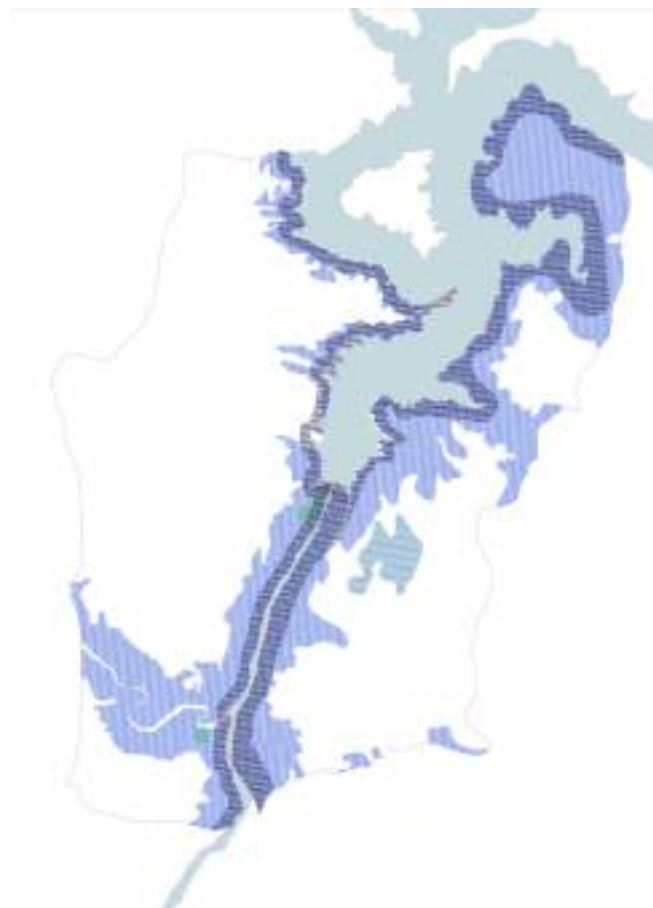


2015

- Área ardida nos municípios
- Área municipal não ardida
- Espécies invasoras
- Espécies autóctones
- Outras espécies







122.



123.

As plantações de Pinheiro-Bravo e Eucalipto ocupam uma grande mancha florestal no território destas freguesias e caracterizam fortemente a encosta do rio que os separa. A Reserva Ecológica Nacional, que pretende resguardar estas mesmas áreas envolventes do rio, para uma preservação e saúde eficaz do mesmo, acaba por ser comprometida negativamente quando estas espécies são plantadas ou invadem o seu território. O Pinheiro-Bravo e o Eucalipto cobrem densamente esta área, provocando um efeito tampão que impede a infiltração e propagação da água nos solos, limitando a biodiversidade na sua área de ocupação como nos restantes terrenos que as envolvem. O que é natural e desejável para qualquer faixa de proteção das albufeiras é a existência de galerias ripícolas, constituídas por espécies como freixos, amieiros e salgueiros. O descontrolo destas espécies perante o território é uma reflexão do abandono por parte da população nestas zonas do país. É a substituição alarmante e feroz de espécies autóctones ou plantações que demoram décadas a crescer, por produções de monoculturas para um lucro rápido.

-  Risco de Erosão
-  Faixa de Proteção das Albufeiras
-  Infiltração
-  Escarpas

122. Mapa de Pinheiro-bravo e Eucalipto. 2018.

123. Mapa da Reserva Ecológica Nacional (REN) . 2018.

124. Sobreposição dos 2 mapas anteriores.



0 1000 Km



125.



126.



127.



128.



129.



130.

A presença destas espécies nesta área justifica-se pelo seu maior retorno financeiro. A plantação de um eucalipto em Portugal consegue gerar um pequeno rendimento aos proprietários ao fim de apenas 10 anos desde a primeira plantação, enquanto que a plantação de um sobreiro, por exemplo, apresenta um tempo de crescimento muito mais lento, que pode chegar aos 25 anos.

O progressivo despoivoamento deste território leva a que haja, deste modo, uma mudança na mentalidade dos proprietários, que antes decidiam plantar uma árvore que apenas iria gerar rendimento aos seus filhos ou netos, mas que dada a situação de desertificação do território, optam antes por plantar espécies que lhes dêem um lucro mais rápido. Passamos então de uma cultura de plantação de árvores geracionais, para a plantação de meros espaços de produção.

O que acontece a longo prazo com a plantação de eucaliptos é que estes deixam de ser uma fonte de rendimento e passam a ser fonte de gasto em limpeza. “A cada 30 anos, após três cortes, os cepos tinham de ser arrancados e novos eucaliptos plantados¹”. Por isso é que os proprietários ao fim deste período, quando percebem que o arranque e replantação da espécie custa quase tanto como o lucro que tiveram nas três décadas anteriores decidem deixar

os terrenos ao abandono e permitem que outras espécies invasoras, como as mimosas e acácias, também estas espécies de alta combustibilidade, se apoderem destes lugares.

A acrescentar, esta espécie é considerada “nociva” para os territórios onde são plantados, não só porque têm um impacto negativo na destruição dos solos, induzindo resistência à infiltração de água e risco de erosão nos solos, mas também pela pobreza na biodiversidade que gera nos territórios onde é plantada. Isto sucede-se “[...] devido à composição química das suas folhas, cascas e frutos não utilizáveis por outros seres vivos, nem consumíveis e inibidoras do desenvolvimento de outras espécies.”²

- Olival
- Pinheiro Bravo
- Eucalipto
- Outras Folhosas
- Castanheiro
- Sobreiro

125. Olival

126. Pinheiro Bravo.

127. Eucalipto

128. Outras Folhosas

129. Castanheiro

130. Sobreiro

131. Mapa de ocupação do solo com espécies de vegetação. Dados do COS2018.

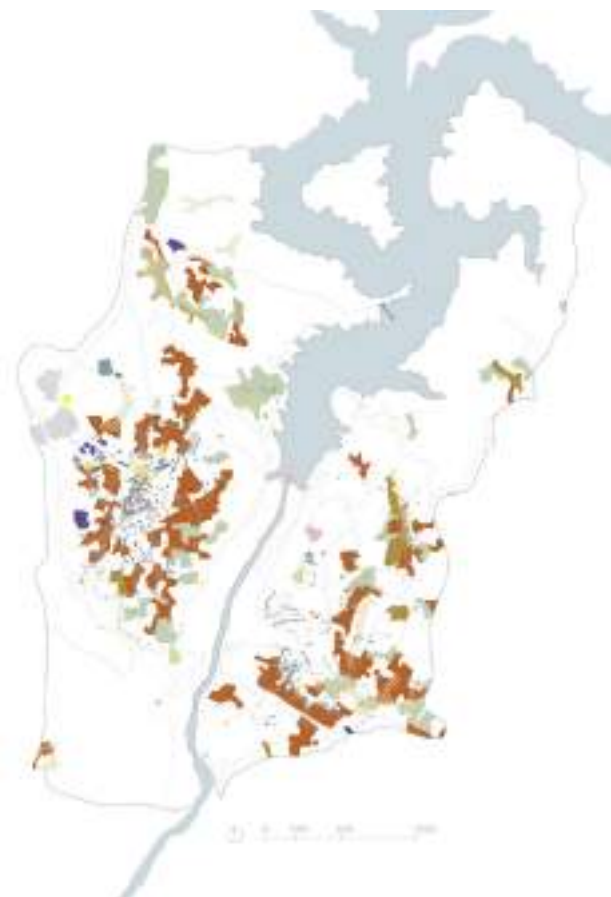
6. Jacinto Silva Duro. (2017, July 14). Portugal é o país com maior área de eucalipto. *Jornal de Leiria*; *Jornal de Leiria*. <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/portugal-e-o-pais-com-maior-area-de-eucalipto-6816>

7. Marques, J. T. (2018, September 11). A expansão descontrolada do eucalipto em Portugal: “E pur si muove”, por José Trincão Marques. *Médio Tejo*. <https://mediotejo.net/a-expansao-descontrolada-do-eucalipto-em-portugal-e-pur-si-muove-por-jose-trincao-marques/>

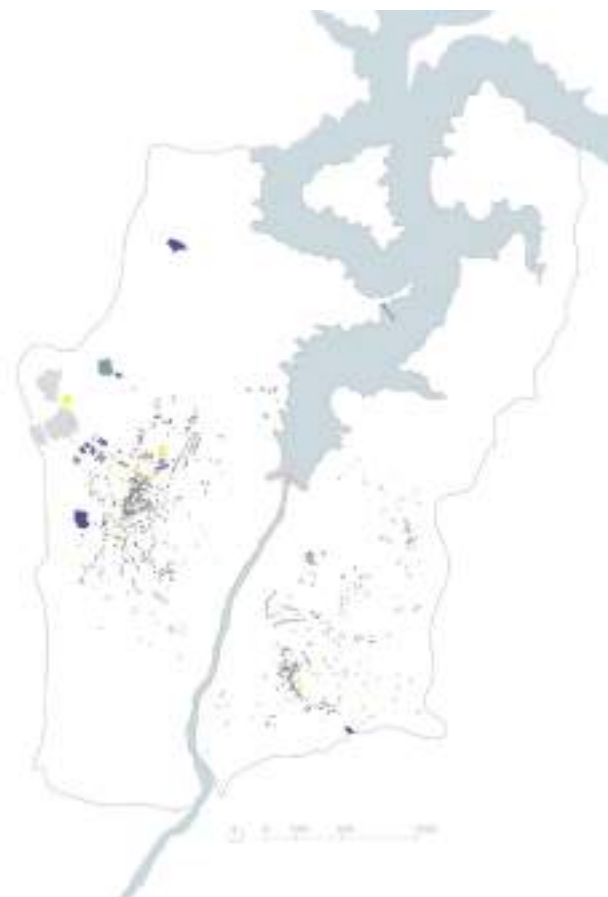


0

1000 Km



132.



133.

A diminuição populacional exponencial desde o período de construção da Barragem do Cabril, até ao momento atual, traça em Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno um retrato equiparável a muitos outros territórios no centro de Portugal. Este é hoje um território envelhecido, com uma baixa densidade populacional, e com carácter socioeconómico cada vez mais frágil.

A falta de uma política de partilha e gestão de recursos intermunicipais gera uma oferta excessiva de determinados equipamentos e uma carência muito grande noutros. A falta de habitação é uma das maiores problemáticas neste momento, não só em grandes cidades, mas também no centro deste território, seja para quem procura residir permanentemente, como para quem visita. Existe, para este último grupo, uma carência de alojamento local e de infraestruturas que sirvam de suporte a atividades relacionadas com o turismo. Como consequência da política de gestão de cada município há uma falta de qualidade dos equipamentos públicos existentes. Havendo uma partilha de recursos entre estes dois territórios, espaços públicos como escolas, mercados e unidades de saúde poderiam ser potenciados e oferecer um melhor apoio ao quotidiano desta população.

Os proprietários privados, de uma grande parte do edificado presente nos centros destas localidades, optam por não vender a possíveis investidores o património que detêm, ou muitas vezes inflacionam os preços de venda, de tal

modo que põe em causa o processo de regeneração deste tecido, necessário à potencialização e à regeneração dos concelhos. Acrescentar, as apertadas normas do PDM, dificultam a expansão da área urbanizável neste território, tornando ainda mais complexo a instalação e melhor gestão de equipamentos.

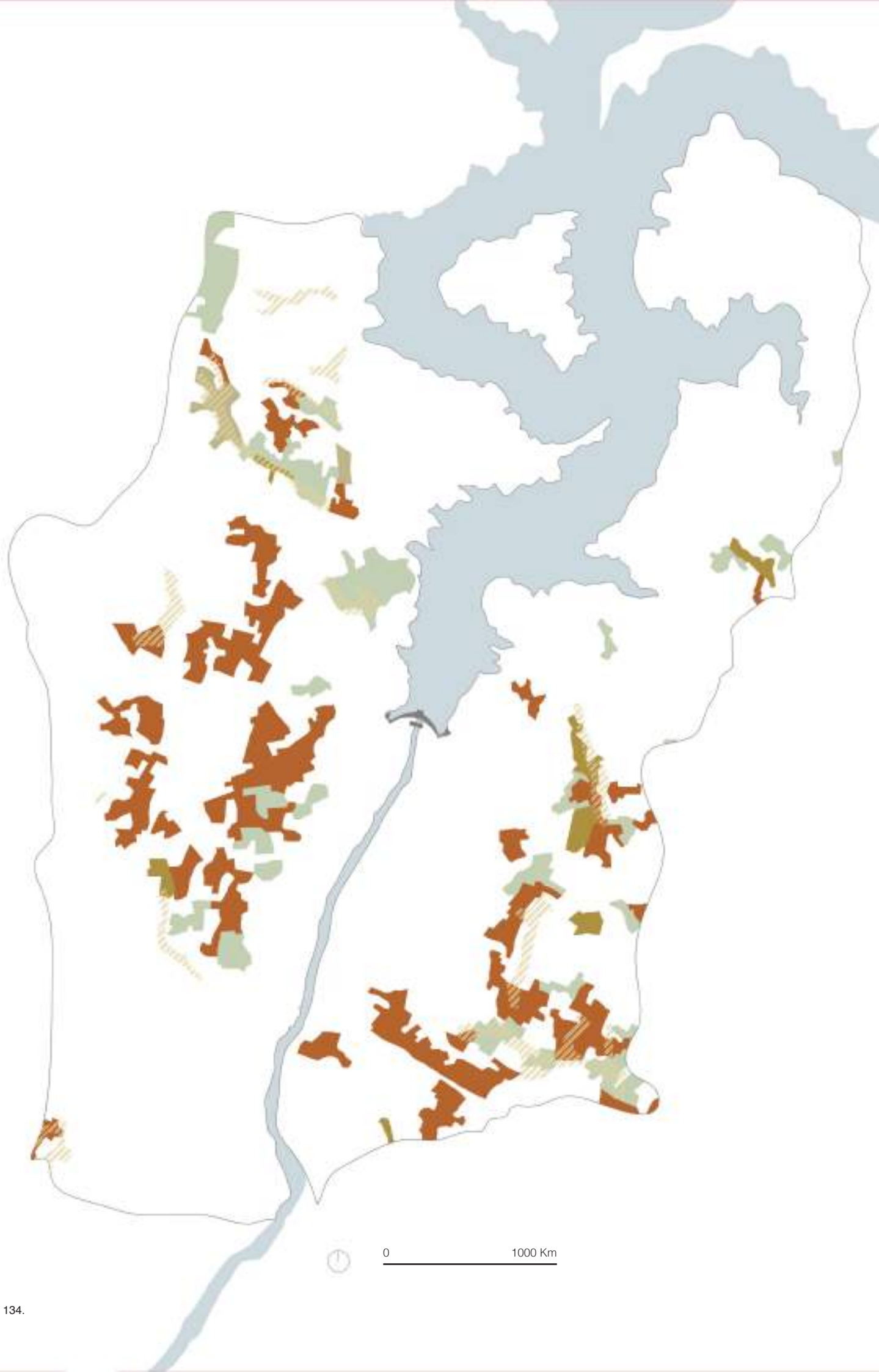
A prática da agricultura neste território, outrora um dos principais setores de atividade no território, ainda subsiste, e culturas como a do olival, presentes neste território desde a sua primeira ocupação pelos romanos, e da vinha, ainda são de algum modo visíveis e fazem parte da herança cultural deste local. No entanto, a mancha que esta atividade ocupa torna-se cada vez menor, em detrimento de uma paisagem silvícola homogénea, que ganha cada vez mais espaço no território.



132. Mapa Reserva Agrícola Nacional (RAN).

133. Mapa de atividades.

134. Mapa de atividades, culturas agregadas e RAN.





135.



136.

135. Mapa das Zonas Geológicas da Sertã. Inquérito Agrícola e Florestal. Concelho da Sertã, 1958.

136. Mapa das Zonas Geológicas de Pedrógão Grande. Inquérito Agrícola e Florestal. Concelho de Pedrógão Pequeno, 1957.

À escala distrital podemos considerar que Leiria e Castelo Branco são distritos ricos em diversos materiais que desempenham um papel importante na economia e no desenvolvimento regional.

O distrito de Leiria possui extensas florestas, predominantemente compostas por pinheiro-bravo. Este é uma fonte de madeira e resina utilizados na indústria da construção e do mobiliário. É rico em fontes minerais, como o calcário, utilizado na produção de cimento e na indústria da cal; a argila, utilizada na cerâmica, produção de telhas, tijolos e louças; e ainda a extração de areia, crucial na indústria do vidro. O distrito de Castelo Branco possui uma área florestal rica em pinheiros-bravos, eucaliptos, carvalhos e sobreiros, cuja madeira, resina e cortiça são utilizados na indústria do mobiliário e da papelaria. Em termos geológicos predomina o xisto, utilizado na construção e produção de ardósias; o calcário utilizado na produção de cimento, cal e brita; e a argila utilizada na indústria cerâmica para a produção de telhas, tijolos e louçaria.

À escala da Área de Intervenção, sobre o Concelho de Pedrógão Grande e a freguesia de Pedrógão Pequeno, a principal indústria foca-se área florestal, através da obtenção de madeira dos eucaliptos para a produção de celulose e pasta de papel e ainda a extração de madeira e resina dos pinheiros-bravos, utilizados para mobiliário. Estas duas localidades encontram-se numa zona de litossolos ácidos e de afloramento de rochas graníticas.

Em termos de métodos construtivos locais, o uso da pedra granítica verifica-se predominante, assim como a madeira de pinheiro na conceção estrutural de telhados e de pisos superiores. Em alguns casos, o barro é usado como argamassa e também elemento impermeabilizante.

137. Fotografia de ruína em Pedrógão Grande.

138. Fotografia de construção com materiais locais.

Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

139. Fotografia do pormenor da construção da estrutura de um telhado em madeira. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

140. Fotografia da estrutura de um soalho em Pedrógão Grande.

141. Fotografia de parede de tabique em Pedrógão Grande.

142. Fotografia de ruína em Pedrógão Grande.

Arquivo Municipal Pedrógão Grande



137.



138.



139.



140.



141.



142.

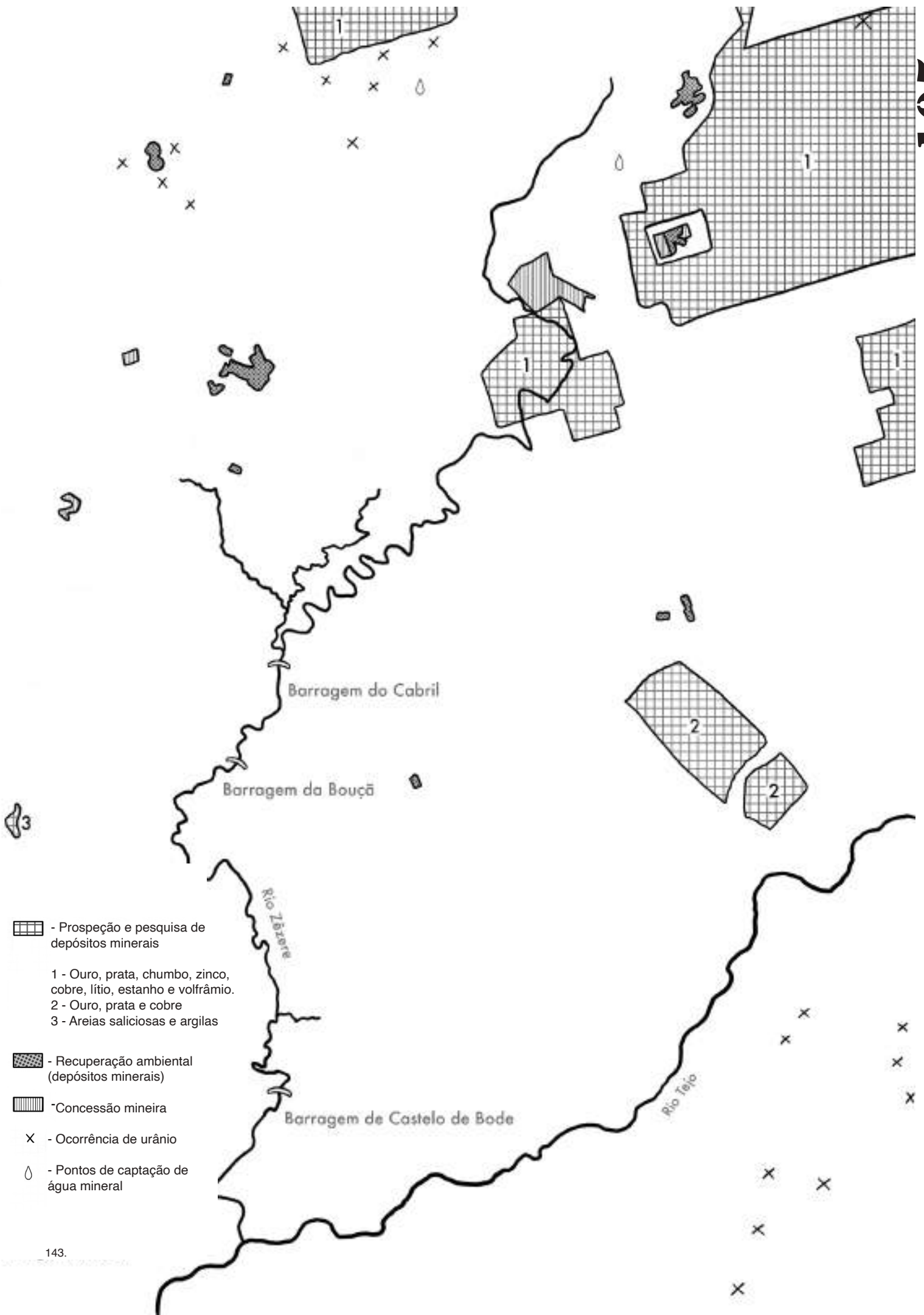
A exploração de minerais tem sido uma atividade constante desde o tempo dos romanos, em Portugal. Como resultado da mineração, é possível encontrar vestígios desta atividade por todo o território nacional. O aumento significativo de unidades de exploração de minérios como lítio, volfrâmio, chumbo, entre outros, acabam por causar um grande impacto nos ecossistemas. A água, que funciona como principal veículo de propagação dos poluentes, distribui estes metais através dos seus cursos, com consequências devastadoras não só para o rio como também atingindo várias populações, incluindo a área metropolitana de Lisboa. Ultrapassando os focos de poluição superficiais, abrange não só áreas próximas do rio, como grandes focos populacionais que é o caso de Lisboa.


Ao entrarem em contacto com os cursos de água poluída, a flora acaba por se tornar igualmente corrompida. Ao entrar no sistema de outros seres, através da ingestão, doses elevadas de metais propagam-se na circulação sanguínea, criando assim um ciclo vicioso de contaminação, do qual se desconhece as consequências.

Tomando como base o diagrama à escala do rio Zêzere, é possível constatar que as principais áreas de prospeção e pesquisa de depósitos minerais e de concessão mineira se encontram maioritariamente a norte da barragem do Cabril. As minas de prospeção e pesquisa ocupam uma área extensa no território em análise. A nível dos concelhos, estão a ser exploradas no Fundão, Pampilhosa da Serra, Castelo Branco, Vila Velha de Rodão e Carregal do Sal. Para além das pré-existentes minas de prospeção e pesquisa, existem também áreas de concessão admitidas para uma possível futura exploração em São Jorge da Beira, Fundão, Miranda do Corvo e Vila Nova de Ceira.


Isto leva-nos a concluir que todo o curso de água, desde a nascente até à foz, se encontra contaminado. Algumas destas minas, apesar de ainda se apresentarem numa fase de concessão, continuam a libertar metais pesados que contribuem para a contaminação dos solos, e dos lençóis freáticos que se estendem ao longo do curso do rio Zêzere. Numa perspectiva de atenuar a problemática da contaminação das águas, foram instituídas algumas áreas de recuperação ambiental em Góis, no Fundão, em Sarzedas, em Condeixa-a-nova e na Sertã. Embora este seja um esforço positivo, a área ocupada pelas explorações mineiras excede exageradamente a área afeta à recuperação ambiental, tornando este esforço de reabilitação ingrato e irrisório.

Os pontos de captação de água mineral encontram-se surpreendentemente próximos das áreas de exploração mineira, o que acelera a cadeia de contaminação e a disseminação destes poluentes.



 - Prospecção e pesquisa de depósitos minerais

- 1 - Ouro, prata, chumbo, zinco, cobre, lítio, estanho e volfrâmio.
- 2 - Ouro, prata e cobre
- 3 - Areias salicidas e argilas

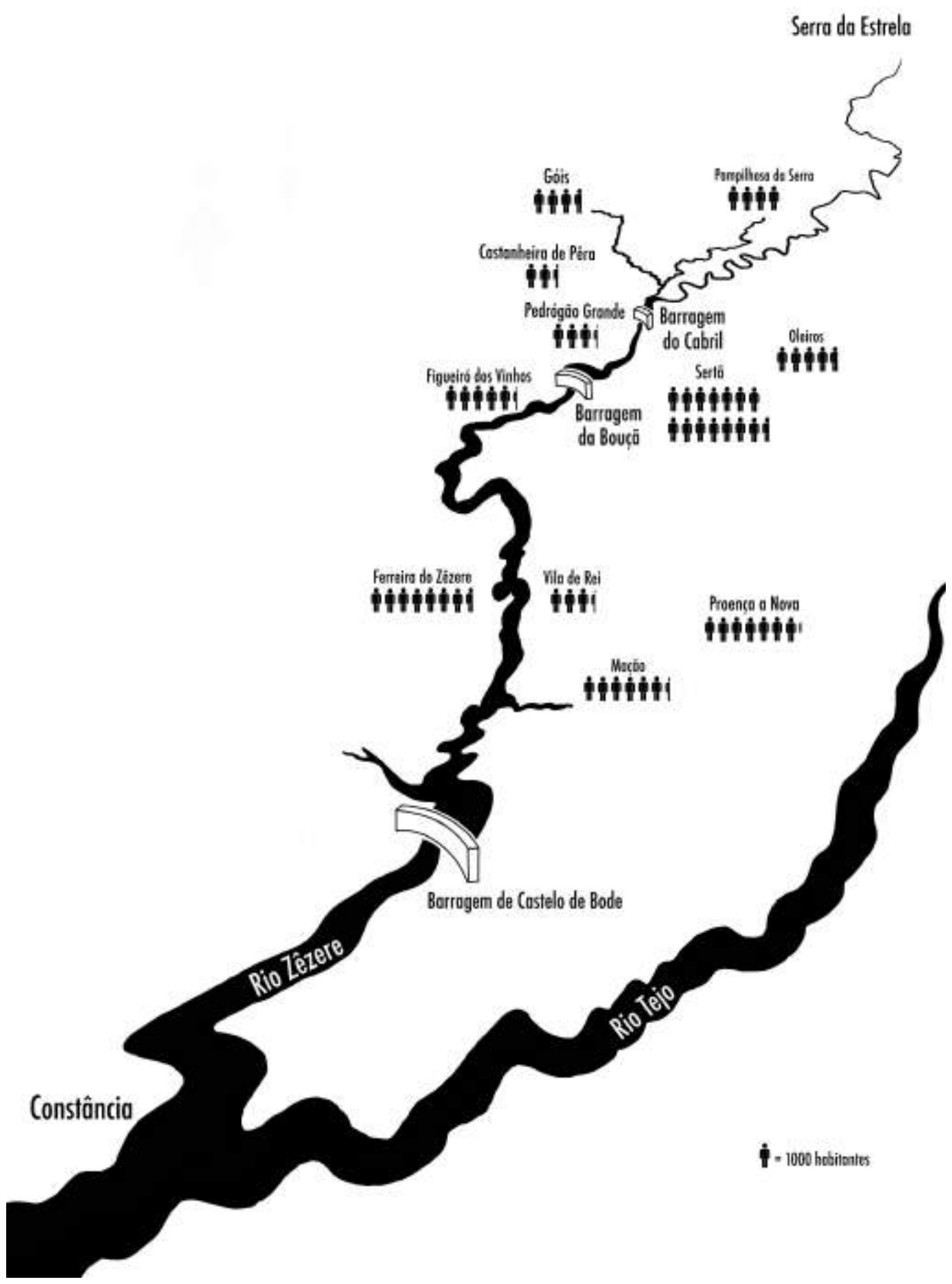
 - Recuperação ambiental (depósitos minerais)

 - Concessão mineira

X - Ocorrência de urânio

o - Pontos de captação de água mineral

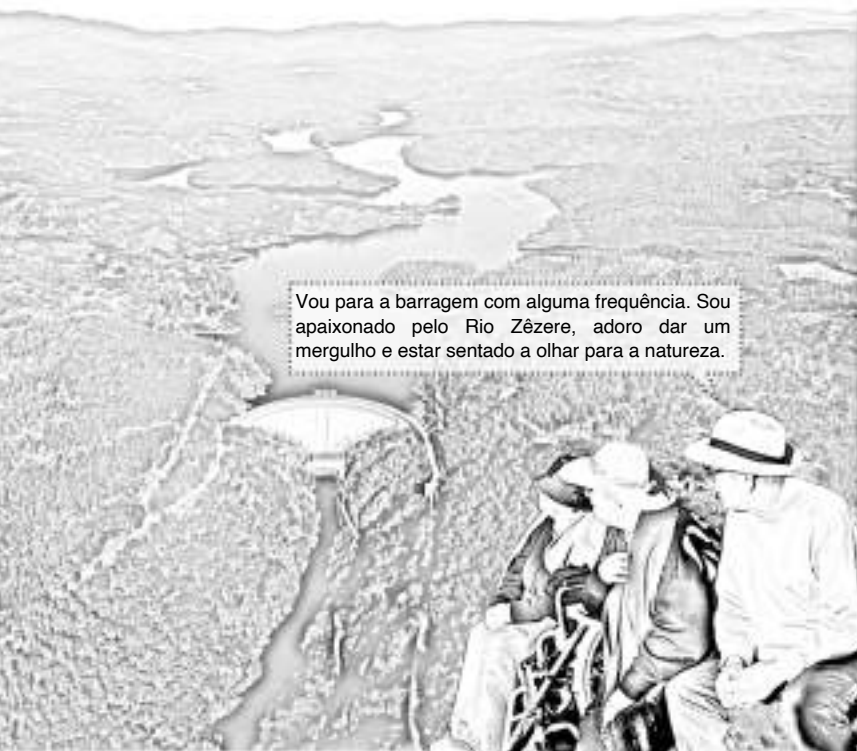
O rio Zêzere organiza-se em 3 níveis, marcados pelas barragens do Cabril, da Bouçã e de Castelo de Bode. A implantação das barragens proporcionou um maior fluxo populacional para as áreas adjacentes às mesmas, criando uma relação direta entre a densidade populacional e as áreas contíguas às barragens. No entanto, com o passar dos anos, as indústrias destes locais foram estagnando, o que fez com que a população mais jovem se deslocasse em direção aos grandes polos urbanos, provocando um êxodo rural. Por exemplo, o município da Sertã, que em 1960 tinha uma população superior a 27 mil habitantes, passa a ter em 2021 menos de 15 mil habitantes, de acordo com os censos.



O monte da Senhora da Confiança ao pé da capela com vista para a barragem é a minha inspiração para a escrita.



Estudam em Pedrógão Grande até ao 9º ano. Depois vão para a Sertã, Figueiró ou Coimbra.



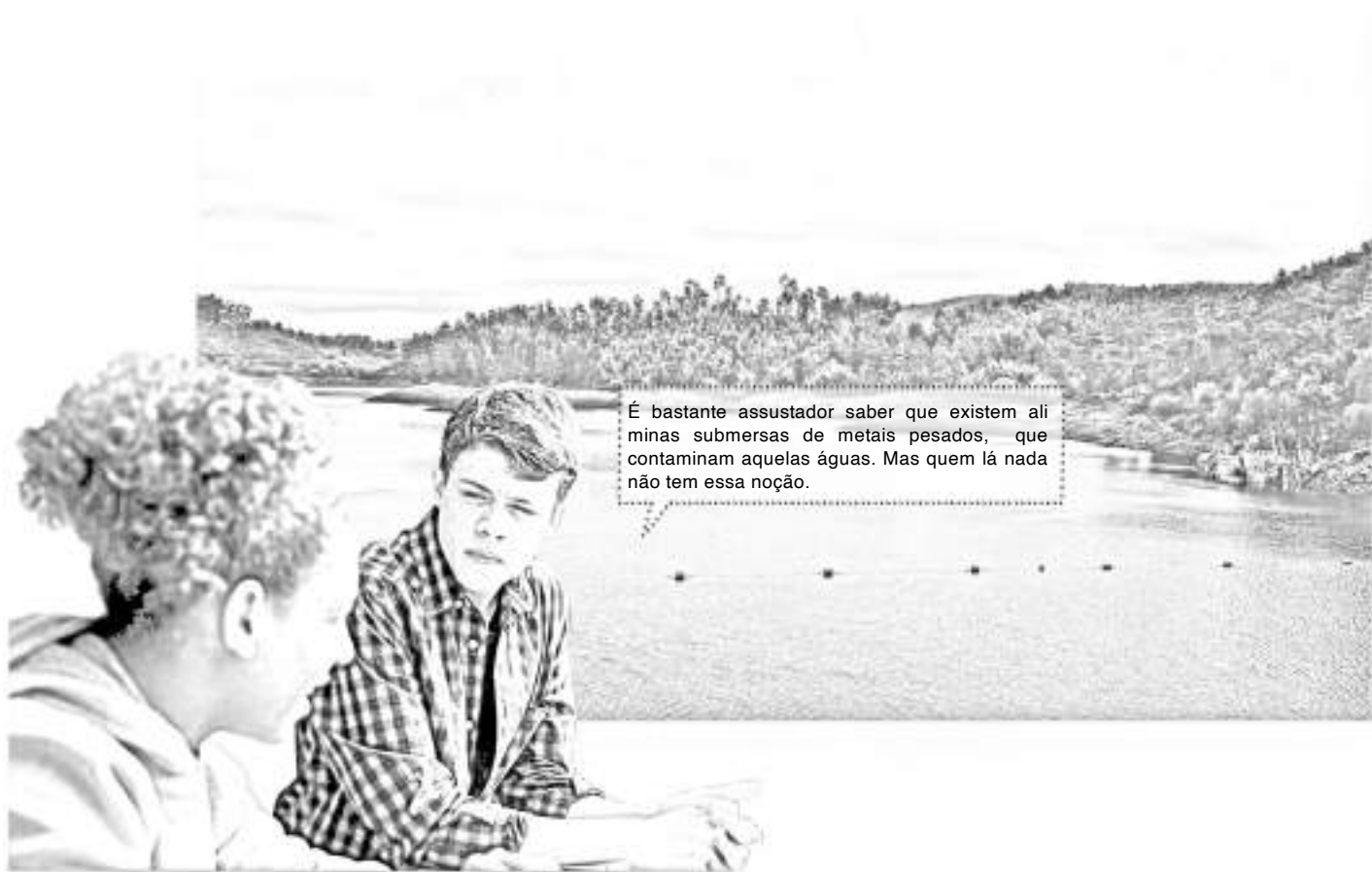
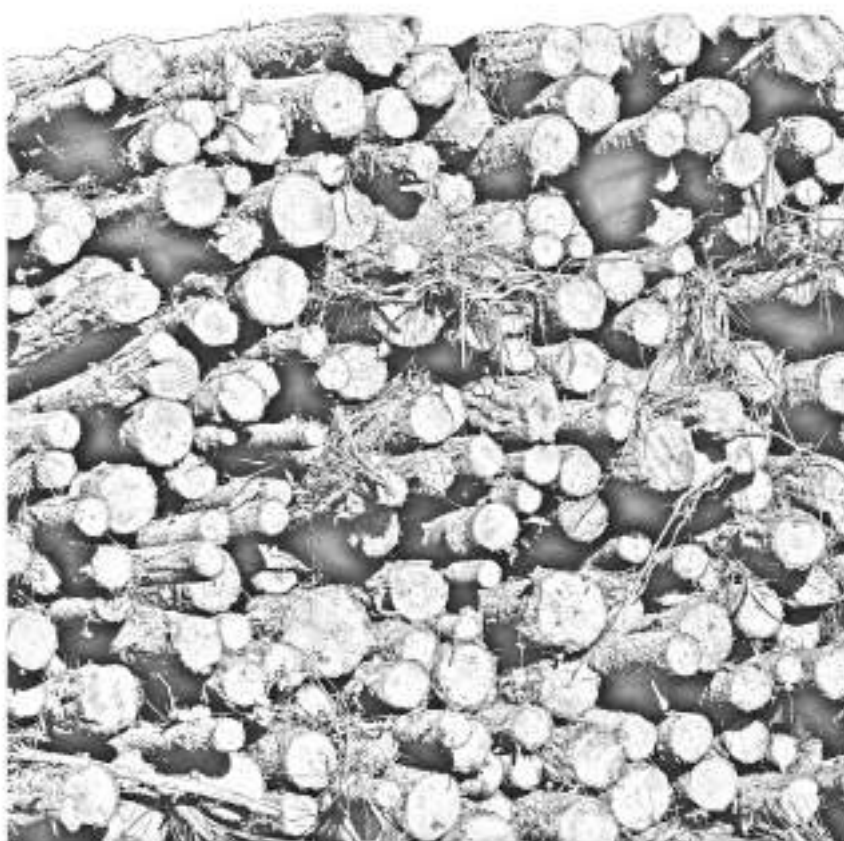
Vou para a barragem com alguma frequência. Sou apaixonado pelo Rio Zêzere, adoro dar um mergulho e estar sentado a olhar para a natureza.

Já não vejo Pedrógão sem a barragem. Foi muito bom a nível económico e turístico.



A vila está cada vez mais envelhecida, os jovens vão-se embora por não terem emprego.





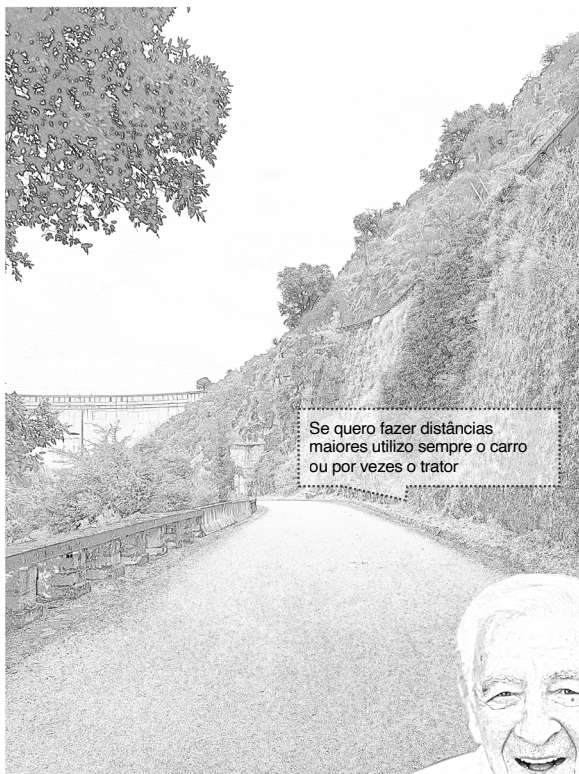


Antigamente a floresta era espontânea e natural, nos dias que correm, a floresta é uma plantação intensiva de eucaliptos que só enriquecem a indústria madeireira e aumentam o perigo de incêndio.

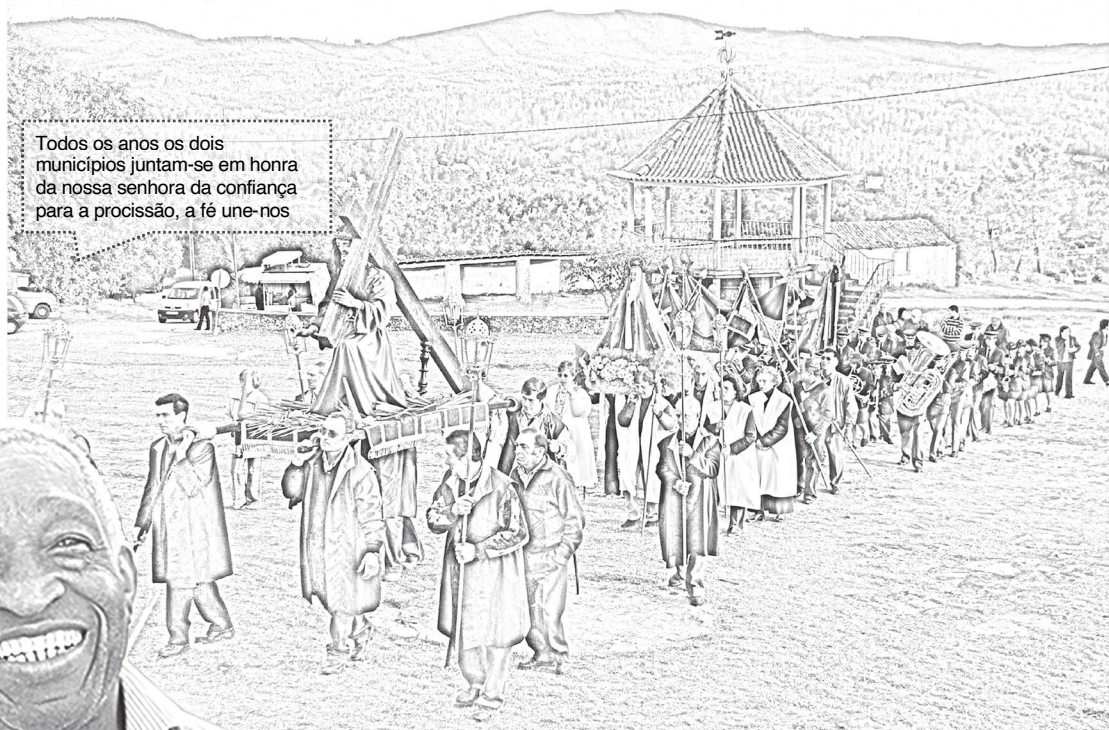


Depois do incêndio trágico de 2017 esperava ver muitas mudanças nas políticas a nível da prevenção contra o risco de incêndio, no entanto não vejo prevenções significativas a serem tomadas.





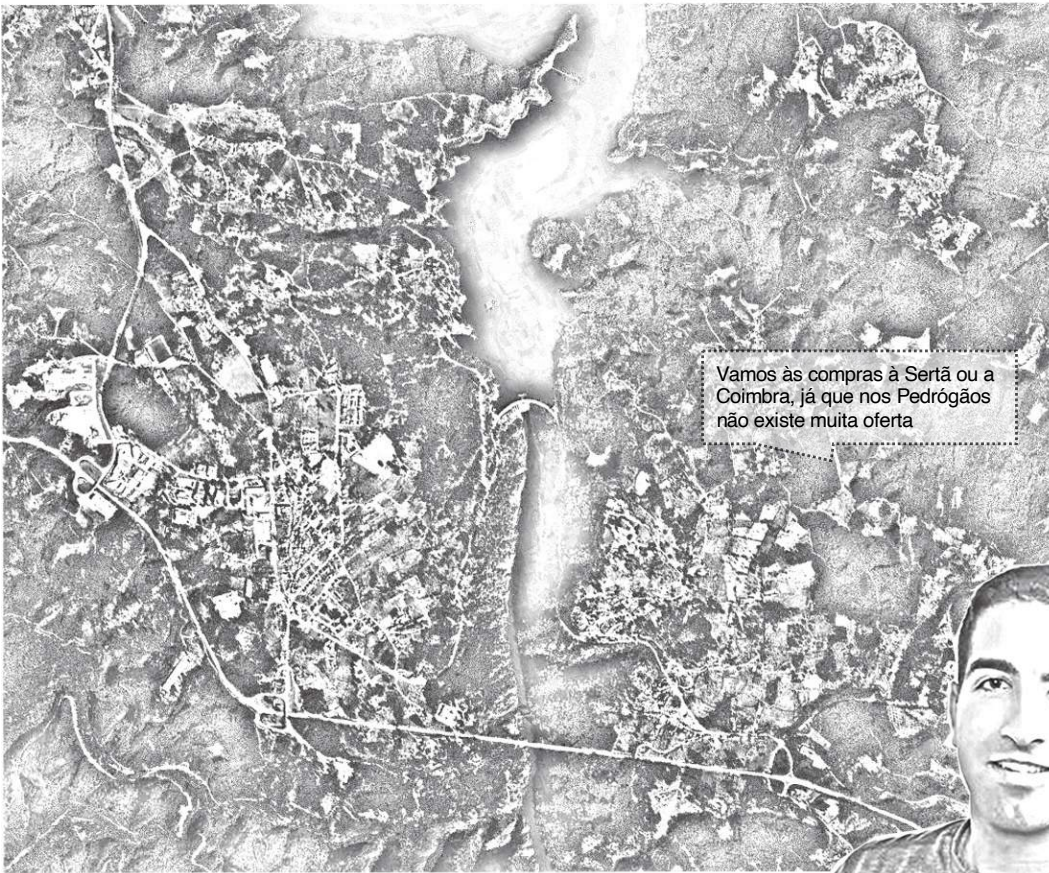
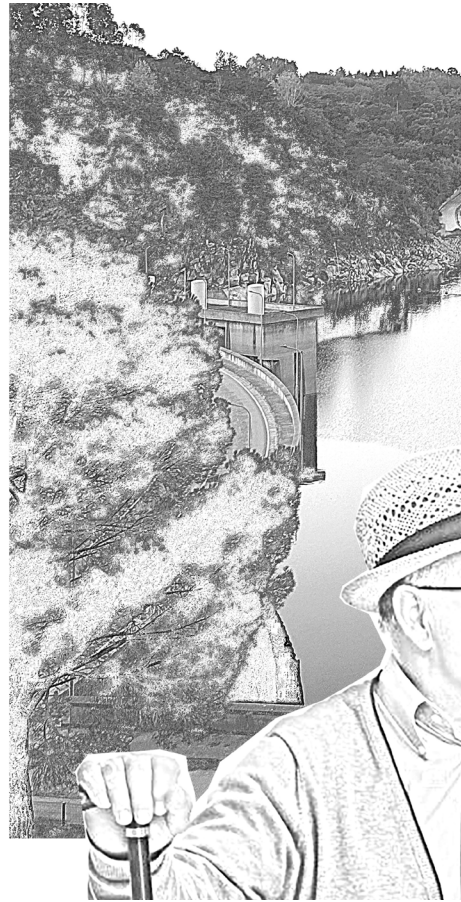
Se quero fazer distâncias maiores utilizo sempre o carro ou por vezes o trator



Todos os anos os dois municípios juntam-se em honra da nossa senhora da confiança para a procissão, a fê une-nos

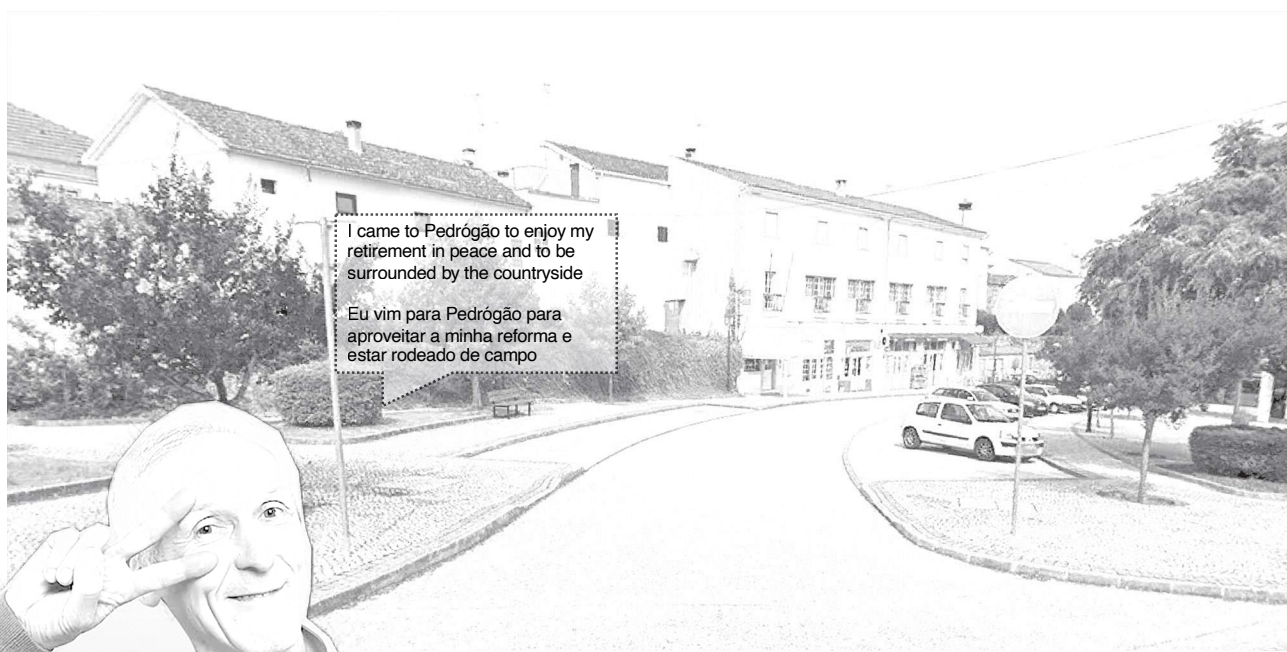








Costumamos ir à Barragem para pescar Barbos e Carpas



I came to Pedrógão to enjoy my retirement in peace and to be surrounded by the countryside
Eu vim para Pedrógão para aproveitar a minha reforma e estar rodeado de campo

FLORA E FAUNA

116

As florestas cobrem as paisagens de territórios rurais e são por isso, parte fundamental do ecossistema. Espécies de árvores autóctones como o sobreiro, o carvalho português e o pinheiro manso, são essenciais para preservar o ecossistema e o habitat selvagem. Por baixo da copa das árvores, existe um sub-estracto composto de arbustos, como a torga ordinária, a esteva, a maleiteira sarmenta e a tripa de ovelha. Por sua vez, a monocultura, quer de pinheiro-bravo, quer de eucalipto, conhecido por consumir grandes quantidades de água do solo, afeta os recursos hídricos disponíveis para outras espécies que tendem a existir junto da albufeira do Cabril e em todo território envolvente, deixando o sub-stracto pobre e impedindo o desenvolvimento de outras espécies como o cedro do Atlas

Ao longo das margens do rio Zêzere, é revelada uma vegetação que inclui salgueiros, mimosas, sabugueiros, fetos que se vêm também afetadas pela existência de eucaliptos e pelas alterações climáticas extremas e repentinas. Estes habitats ribeirinhos são vitais para a estabilização das margens dos rios, para a prevenção da erosão e para o refúgio de uma multiplicidade de espécies, desde plantas aquáticas a anfíbios e aves, e são por isso, áreas que carecem de cuidado e de planeamento. Já as paisagens agrícolas de Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno caracterizam-se por práticas agrícolas tradicionais que moldaram a flora da região. Olivais, vinhas e pomares pontuam o campo, intercalados por manchas de flores silvestres como o rosmaninho, o alecrim e o tomilho. Estas paisagens cultivadas apoiam o ecossistema de espécies polinizadoras e insetos importantes para a biodiversidade.

Nos limites entre os distritos de Coimbra, Leiria e Castelo Branco, existe uma área que apresenta uma mistura única de carácter mediterrânico e atlântico,

promovendo um habitat propício a uma variedade de espécies. As margens do rio Zêzere possuem uma rica diversidade de fauna, contribuindo para a vitalidade ecológica da região, no entanto, ameaçada pelos impactos das mudanças climáticas e pela má gestão do território.

Ao longo das margens do rio Zêzere, podemos observar a pega-azul ou o esquivo guarda-rios a voar sobre o rio, margens estas que se adequam a uma grande diversidade de espécie de aves. Os habitats ribeirinhos fornecem recursos essenciais para os anfíbios, como o tritão-de-ventre-laranja e o sapo-parteiro-comum, sublinhando a importância destes ecossistemas no suporte da biodiversidade.

A presença de mamíferos como a lontra e o lince ibérico, reflectem a interconexão da fauna com a paisagem circundante, e evidenciam o potencial de biodiversidade deste lugar, sublinhando a necessidade de esforços de conservação. A existência de seres-vivos como a lontra, são indicadores de recuperação do habitat face aos incêndios de 2017. Por outro lado, as paisagens agrícolas de Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno albergam espécies como o ouriço-cacheiro e o peneireiro-das-torres, que se adaptaram à coexistência com as actividades humanas. Fatores como a desflorestação, a monocultura do eucalipto que cria um manto tóxico para algumas espécies, a utilização de pesticidas, a poluição das águas com metais pesados no rio têm vindo a ameaçar o habitat das espécies em geral, levando a que algumas, tais como, a salamandra lusitânica, rã ibérica, cobra pentadáctila, lontra-europeia, vaca-loura e rola-brava fiquem em perigo de extinção. É por isso necessário e urgente compreender, preservar e reabilitar esta rica tapeçaria de biodiversidade para promover a coabitação harmoniosa entre os desenvolvimentos rurais e os ecossistemas naturais.



1. Azinheira *Quercus rotundifolia*
2. Trevo Branco *Trifolium repens*
3. Poejo *Mentha pulegium*
4. Violeta-de-Rivinius *Viola riviniana*
5. Miosótis-Dos-Bosques *Omphalodes nitida*
6. Língua-de-Vaca *Echium plantagineum*
7. Sabugueiro *Sambucus nigra*
8. Avenca-Brava *Asplenium trichomanes*
9. Cardo-Roxo *Cirsium vulgare*
10. *Centaureum maritimum*
11. Oliveira *Olea europaea*
12. Norça-Preta *Dioscorea communis*
13. Alecrim *Salvia rosmarinus*
14. Azedinha-de-Flores-Vermelhas *Oxalis articulata*
15. Feto-Do-Monte *Pteridium aquilinum*
16. Tomate-de-Capucho *Physalis peruviana*
17. Funcho *Foeniculum vulgare*
18. Trevo-Dos-Prados *Trifolium pratense*
19. Sobreiro *Quercus suber*
20. Azeda *Oxalis pes-caprae*
21. Maleiteira-Sarmenta *Euphorbia peplus*
22. Medronheiro *Arbutus unedo*
23. Chicória *Cichorium intybus*
24. Ervas-Das-Sete-Sangrias *Glandora prostrata*
25. Polígono-de-Jardim *Persicaria capitata*
26. Mimosa *Acacia dealbata*
27. Agulha-de-Eva *Austrocylindropuntia subulata*
28. Capuz-de-Frade *Arisarum simorrhinum*
29. Tripa-de-Ovelha *Andryala integrifolia*
30. Eucalipto *Eucalyptus*
31. Erva-Carapau *Lythrum salicaria*
32. Quelidónia-Maior *Chelidonium majus*
33. Tintureira *Phytolacca americana*
34. Tomate-de-capucho *Physalis peruviana*
35. Catacuz *Rumex crispus*
36. Queiró *Erica umbellata*
37. *Hakea decurrens*
38. Perpétua-Das-Areias *Helichrysum stoechas*
39. Conchelos *Umbilicus rupestris*
40. Feto-Real *Osmunda regalis*
41. Verrucária-Dos-Cultivos *Heliotropium europaeum*
42. Trevo-Branco *Trifolium repens*
44. Esteval *Cistus ladanifer*





1. Sanguinho-Das-Sebes *Rhamnus alaternus*
2. Trovisco *Daphne gnidium*
3. Hipericão-Do-Gerês *Hypericum androsaemum*
4. Folhado *Viburnum tinus*
5. Dedaleira *Digitalis purpurea*
6. Cedro do atlas *Cedrus atlantica*
7. Morango *Fragaria vesca*
8. Castanheira
9. Padreiro *Acer pseudoplatanus*
10. Arvore-Do-Incenso *Pittosporum undulatum*
11. Cimbalária-Das-Ruínas *Cymbalaria muralis*
12. Lâmio-Maculado *Lamium maculatum*
13. Carqueja *Genista tridentata*
14. Pinheiro Bravo *Pinus pinaster*
15. Norça-Preta *Dioscorea communis*
16. Tanchagem *Plantago major*
17. Diospireiro *Diospyros kaki*
18. *Delphinium ajacis*
19. Vitadínia-Das-Floristas *Erigeron karvinskianus*
20. Gilbardeira *Ruscus aculeatus*
21. Rabo-de-Gato *Trifolium angustifolium*
22. Maleiteira - Sarmenta *Euphorbia peplus*
23. Alface-Brava-Áspera *Lactuca serriola*
24. Corriola-Campestre *Convolvulus arvensis*
25. Tabua-de-Folha-Larga *Typha latifolia*
26. Torga-Ordinária *Calluna vulgaris*
27. Jarro-Bravo *Arum italicum*
28. Bole-Bole-Maior *Briza maxima*
29. Mentastro *Mentha suaveolens*
30. Tuberaria-Mosqueada *Tuberaria guttata*
31. Norça - Preta *Dioscorea communis*
32. Cachapeiro *Verbascum thapsus*



Peixes

1. Enguia *Anguilla Anguilla*
2. Boga *Chondrostoma polylepis Steindachner*
3. Sável *Alosa Alosa*
4. Truta do Rio *Salmo Trutta Trutta*
5. Carpa *Cyprinus Carpio*
6. Achigã *Micropterus Salmoides*
7. Barbo *Barbus Bocage*
8. Perca-Sol *Lepomis gibbosus*

Anfíbios e répteis

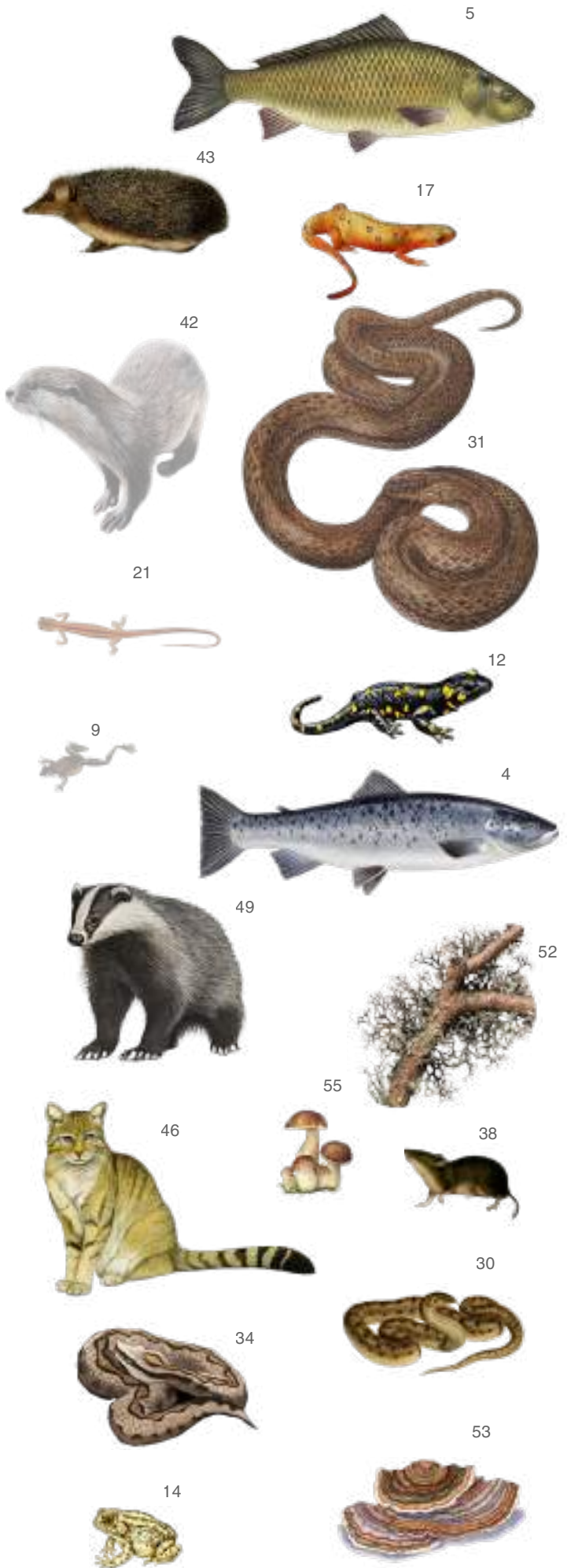
9. Rã-Ibérica *Rana Ibérica* (em perigo de extinção)
10. Rã-verde *Pelophylax perezi*
11. Relá-comum *Hyla arborea*
12. Salamandra-de-pintas-amarelas *Salamandra salamandra*
13. Sapo-comum *Bufo spinosus*
14. Sapo Corredor *Epidalea calamita*
15. Sapo-de-unha-negra *Pelobates cultripes*
16. Sapo-parteiro-comum *Alytes obstetricans*
17. Tritão-de-ventre-laranja *Lissotriton boscai*
18. Lagarto-de-água *Lacerta schreiberi*
19. Osga-comum *Tarentola mauritanica*
20. Cágado-mediterrânico *Mauremys leprosa*
21. Salamandra-lusitana *Chioglossa Lusitânica* (em perigo de extinção)
22. Lagartixa-de-carbonell *Podarcis carbonelli*
23. Lagartixa-do-mato *Psammotromus algirus*
24. Lagartixa-do-mato-ibérica *Psammotromus hispanicus*
25. Lagartixa-verde *Podarcis virescens*
26. Sardão *Timon lepidus*
27. Cobra-de-água-de-colar-mediterrânica *Natrix astreptophora*
28. Cobra-de-água-viperina *Natrix maura*
29. Cobra-de-pernas-tridáctila *Chalcides striatus*
30. Cobra-lisa-meridional *Coronella gironnica*
31. Cobra-rateira *Malpolon monspessulanus*
32. Cobra-de-escada *Zamenis scalaris*
33. Licranço *Anguis fragilis*
34. Vibora-cornuda *Vipera latastei*

Mamíferos

35. Esquilo-vermelho *Sciurus vulgaris*
36. Ratazana-castanha *Rattus norvegicus*
37. Ratazana-preta *Rattus rattus*
38. Rato-das-hortas *Mus spretus*
39. Rato-do-campo *Apodemus sylvaticus*
40. Musaranho-de-dentes-brancos-grande *Crociodura russula*
41. Toupeira *Talpa occidentalis*
42. Lontra *Lutrinae* (em perigo de extinção)
43. Ouriço-cacheiro *Erinaceus europaeus*
44. Saca-rabos *Herpestes ichneumon*
45. Lince-ibérico *Lynx pardinus*
46. Gato-selvagem *Felis silvestris*
48. Raposa *Canidae*
49. Texugo *Meles Meles*
50. Morcego *Chiroptera*

Fungos e Líquenes

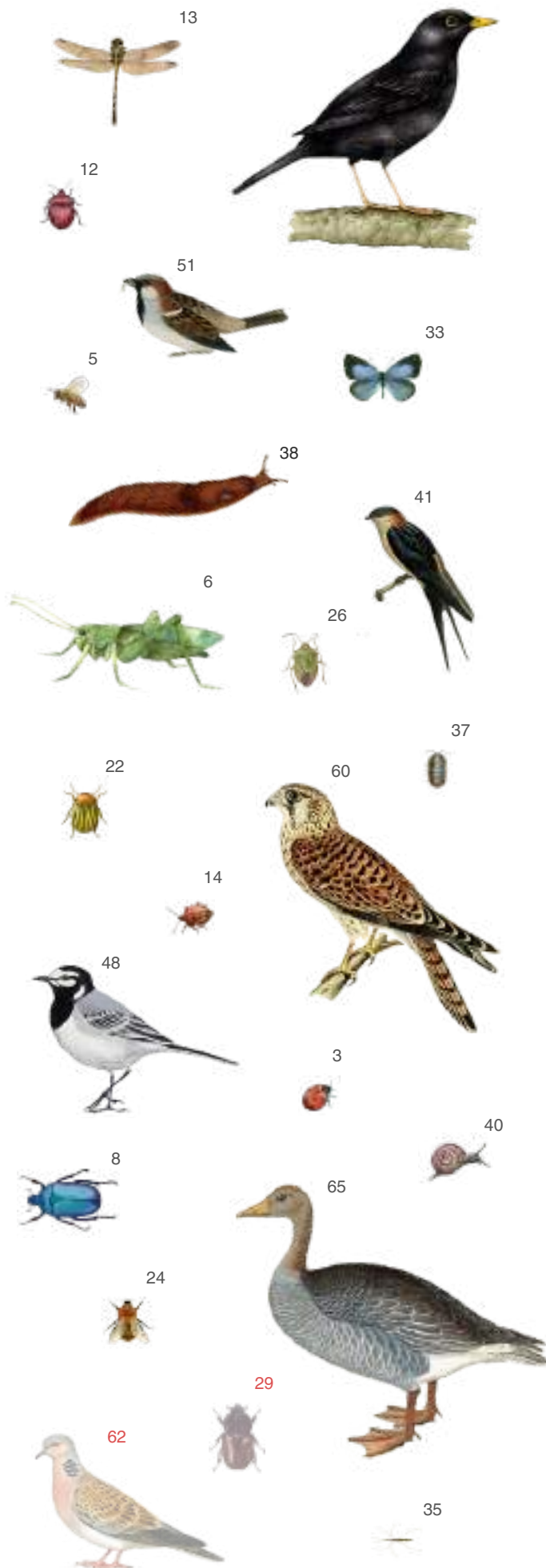
51. Pulmonária *Lobaria pulmonaria*
52. Orzela-do-reino *Evernia prunastri*
53. Trametes versicolor *Trametes versicolor*





Insetos

1. Borboleta *Charaxes jasius*
 2. Libelinha *Anisoptera*
 3. Joanhinha *Coccinellidae*
 4. Vespa *Crabro*
 5. Abelha *Anthophila*
 6. Gafanhoto *Caelifera*
 7. Escorpião *Buthus occitanus*
 8. Escaravelho *Scarabaeidae*
 9. Cigarra *Cicadoidea*
 10. Vaca-Loura *Lucanus cervus*
 11. Malhadinha *Pararge aegeria*
 12. Percevejo do Funcho *Graphosoma italicum*
 13. Gongos das Nascentes *Onychogomphus uncatius*
 14. Percevejo - Mediterrâneo *Carpocoris mediterraneus*
 15. Carpinteiro *Ergates faber*
 16. Libelinha Branca *Platycnemis latipes*
 17. Guarda Portões *Pyronia tithonus*
 18. Caracoleta *Cornu aspersum*
 19. Fritilária dos lameiros *Euphydryas aurinia*
 20. Libélula Anelada *Cordulegaster boltonii*
 21. Gafanhoto do Egito *Anacridium aegyptium*
 22. Escaravelho de Batata *Leptinotarsa decemlineata*
 23. Gaiteiro Azul *Calopterys virgo*
 24. Abelhão Cardador *Bombus pascuorum*
 25. Acobreada Ibérica *Lycaena bleusei*
 26. Percevejo - Frade *Nezara viridula*
 27. Tecedeira-de-Cruz-Cosmopolita *Araneus diadematus*
 28. Morcego - de - Grilo *Mangora acalypha*
 29. Escaravelho Rinoceronte Europeu *Oryctes nasicornis*
 30. Orthetrum dos Ribeiros *Orthetrum coerulescens*
 31. Acobreada *Lycaena phlaeas*
 32. Libelinha Crespular *Boyeria irene*
 33. Azul Celeste *Celestrina argiolus*
 34. Abelha Carpinteira Violeta *Xylocopa violacea*
 35. Contador de Água *Hydrometra stagnorum*
 36. Mil Pés das Florestas *Oxidus gracilis*
 37. Bicho da Conta *Armadillidium vulgare*
 38. Lesma Leopardo *Limas Maximus*
 39. Cigarra Prateada *Tettigetta argentina*
 40. Caracol Riscado *Cepaea nemoralis*
- Aves de Pequeno Porte
41. Andorinha Daurica *Cecropis daurica*
 42. Toutinegra de Barrete *Sylvia atricapilla*
 43. Abelharuco *Merops apiaster*
 44. Melro d'Água *Cinclus cinclus*
 45. Milheirinha *Serinus serinus*
 46. Tentilhão *Fringilla coelebs*
 47. Pintassilgo *Carduelis Carduelis*
 48. Alvéola-Branca *Motacilla Alba*
 49. Pardal Montês *Passer montanus*
 50. Verdilhão *Chloris Chloris*
 51. Pardal dos Telhados *Passer Domesticus*
 52. Cartaxo Comum *Sxicola rubicola*
 53. Estrelinha Real *Regulus ignicapilla*
 54. Escrevedeira *Emberiza cirius*
 55. Andorinha das Rochas *Ptyonoprogne rupestris*
 56. Andorinha *Hirundinidae*
 57. Rabirruivo *Phoenicurus ochruros*
 58. Melro *Turdus merula*
- Aves de Grande Porte
59. Águia-De-Asa-Redonda *Buteo buteo*
 60. Peneireiro *Falco tinnunculus*
 61. Milhafre *Milvus migrans*
 62. Rola Brava *Treptopelia turtur*
 63. Cegonha *Ciconia*
 64. Pato *Anas platyrhynchos*
 65. Ganso *Anser anser*





De modo a melhor conhecer a área em estudo, o atelier na Margem realizou várias viagens ao local. A primeira, a dia 16 de outubro de 2023, consistiu numa visita marcada com ambos os órgãos dirigentes e aos respectivos arquivos dos municípios sendo o principal objetivo, recolher o máximo e mais variado tipo de informação possível, não só sobre os municípios, mas também sobre a construção da barragem e o período anterior a esta.

A estratégia definida para a realização deste trabalho de campo, passou pela criação de 3 grupos de trabalho que foram distribuídos pelos municípios. Os grupos dividiram-se pela Câmara Municipal de Pedrógão Grande, pela Junta de freguesia de Pedrógão Pequeno e pelas aldeias mais dispersas: Vale do Barco, Casal dos Bufos e Roqueiro.

O grupo que realizou a visita a Pedrógão Grande iniciou o seu percurso no Arquivo Municipal, onde foi recebido pelas técnicas, Susana e Fátima. À chegada ambas tinham reunido uma seleção de livros, artigos, fotografias e brochuras referentes à Barragem do Cabril, vila de Pedrógão Grande, Pedrogão Pequeno e aldeias envolventes.

Na Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno, o grupo seguinte foi recebido por Marta Martins, responsável pelos arquivos da Junta, que se disponibilizou prontamente para fornecer ao atelier qualquer material que ajudasse no desenvolvimento da pesquisa do território em estudo. Os materiais fornecidos por ambas as localidades englobavam livros, cartografias, fotografias anteriores e do processo da construção da barragem entre outros.

Após esta recolha de informação, o atelier voltou a reunir-se com o intuito de visitar tanto a Barragem do Cabril, como o bairro do Cabril e a ponte Filipina. A ponte construída durante a dinastia Filipina (1607-1610), veio substituir a ponte romana pré existente, constituída por uma estrutura de madeira. Foi construída ao longo de 72 metros com blocos de granito e apresenta 3 arcos cujo maior possui cerca de 22 metros de vão, antiga dimensão da largura do rio. É ainda possível vê-los quando o leito do rio a jusante da barragem se encontra abaixo dos níveis normais. Até à construção da Barragem do Cabril, esta ponte era a única ligação entre as duas margens do rio.

Para além da informação retirada dos arquivos, foi fulcral comunicar com os residentes que experienciaram o local antes e após a construção da Barragem do Cabril. Foi também através destas conversas que o atelier recolheu diversas informações passadas de geração em geração, sobre os terrenos que se encontravam no leito do rio. Territórios estes que outrora foram maioritariamente zonas agrícolas e minas. Através da análise do terreno foi possível constatar que uma das maiores indústrias do local é a madeireira. O rio Zêzere, utilizado como meio de transporte dos tarolos de madeira, cortados nos terrenos adjacentes ao rio. Já relativamente à construção da barragem, uma grande parte dos trabalhadores deste setor eram oriundos da região Norte de Portugal e, arranjando emprego na área, acabavam também por casar e estabelecer família no território.

À época existiu uma grande polémica, relativamente ao local onde se devia construir o Bairro do Cabril. Tanto Pedrógão Grande como Pedrógão Pequeno, tinham interesse que a construção acontecesse no seu território pelos possíveis contributos económicos para a região. É de destacar que o facto destas duas localidades, apesar de bastante próximas uma da outra, se localizam em

concelhos e distritos diferentes, o que levou a esta disputa.

Na segunda visita ao local, que decorreu entre os dias 23 a 25 de novembro de 2023, o atelier teve oportunidade visitar o interior da barragem, com a companhia do engenheiro César Simões. César encarregou-se de fazer a visita guiada às instalações do edifício da EDP, que aborda a estação de hidroelétrica. No início da visita foram apresentados os processos que levaram à construção da barragem do Cabril. Enquanto esta era construída, foi necessário erguer previamente um pequeno dique, para impedir o leito do rio de continuar o seu percurso natural, atualmente submerso.

Apenas com a energia gerada pela barragem, é possível fornecer eletricidade a 15 000 fogos com uma potência controlada de 6,9KWS. A barragem é composta por 3 descarregadores, dois dos quais à superfície e um outro. Percebemos com esta visita, que era possível trabalhar sobre a cota de 276 metros, altura até onde é possível ter as turbinas a funcionar.

Através da reunião que tivemos no dia com o Presidente de Pedrogão Pequeno, onde obtivemos um conhecimento mais aprofundado sobre o projeto elaborado para as levadas, no ano de 1918, que não chegou a ser levado a cabo; e do túnel do moinho das freiras que corresponde à largura da levada que se pretendia construir. Ao observar o terreno, é possível constatar a influência que a grande extensão da monocultura do eucaliptal teve na propagação dos incêndios em 2017.

A câmara, progressivamente vai adquirindo alguns terrenos que utiliza para a plantação de espécies autóctones. Porém o poder exercido pelos proprietários dos terrenos de eucaliptal na região cria obstáculos a uma melhor gestão deste território.

Tanto no arquivo, como na câmara municipal foi debatido o problema no combate da epidemia eucaliptal, e foram apontadas algumas ações de sensibilização efetuadas junto das populações mais novas, que são, no entanto, ineficazes, dada a desconexão destas com a natureza e o ecossistema da região.

Foram apontadas também algumas curiosidades sobre os efeitos no tecido económico dos dois concelhos após o período dos incêndios, que resultou, surpreendentemente num aumento de procura no setor do turismo da região. Um fator um pouco irónico, sendo que apenas quando estas regiões ao abandono sofrem um desastre terrível e mortal é obtida atenção nacional. O mediatismo de toda a situação causou um turismo de catástrofe que trouxe inúmeros turistas à região pelas razões mais infelizes.

Durante a estadia no local, permanecemos no Bairro do Cabril, que exerce parcialmente a função de alojamento local. Muitas das habitações foram sendo adquiridas à Hidroelétrica por proprietários privados que acabaram por efetuar o trabalho de manutenção destas casas. Casas estas que serviram aos trabalhadores da construção da barragem, conservando na sua generalidade, os traços da arquitetura original.

Durante esta visita tivemos também a oportunidade de conversar, na margem da albufeira, com a arquiteta Guida Marques, que, sobre forma de um manifesto, fala da sua perspetiva sobre o papel ativo que o arquiteto e a sociedade devem ter perante as políticas públicas e na conservação do ecossistema.

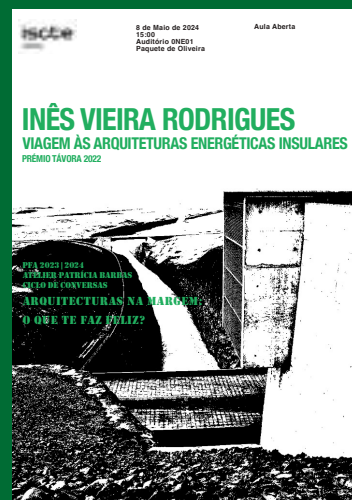
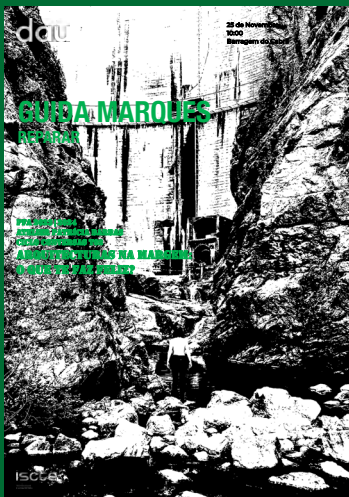
Foi efetuada uma última paragem pelo memorial

de homenagem às vítimas do incêndio, junto à nacional N236, onde foi possível observar a monumentalidade da estrutura em aço, projetada pelo arquiteto Eduardo Souto Moura. Consideramos que o principal objetivo de uma instalação como esta, seja dignificar a vida das pessoas que faleceram, vítimas da ferocidade dos incêndios de 2017.

Após estas visitas, o atelier agradece em especial, a hospitalidade com que foi recebido por toda a população, e pelas conversas com a Susana e a Fátima, responsáveis pelo arquivo de Pedrógão Grande; o presidente de Pedrógão Grande - António Lopes, e o presidente da junta de Pedrógão Pequeno – Manuel Dias, que nos guiaram pela história e pelos lugares mais marcantes e até de algum modo inóspitos, daquele território, tão singular.



153. Visita de estudo ao local de intervenção



CICLO DE CONVERSA

EDUARDO CORALES
JORGE GOMES - LNEC
JOAQUIM MORENO
TIAGO MOTA SARAIVA
GUIDA MARQUES
LUCINDA CORREIA
MIGUEL SANTOS
FRANCISCO MOURA VEIGA
SILVIA BENEDITO
INÊS VIEIRA RODRIGUES

No seguimento de “Café e Cigarros”, presente na edição de Arquiteturas na Cidade, Atelier de PFA liderado por Patrícia Barbas no ano letivo 2019/2020. O Atelier Na Margem contou com a presença de 8 convidados e duas visitas guiadas, com o objetivo de enriquecer e aprofundar conhecimentos. Com temas relativos à história dos lugares e das infraestruturas em estudo, às preocupações atuais inerentes ao processo de arquitetura em território rural e a ferramentas para pensar, projetar e ajudar a construir um futuro melhor, este ciclo de conversas organiza estes temas entre “passado”, “presente” e “futuro”, respetivamente.

Os textos seguintes, mostram uma reflexão e opinião do atelier, sobre as conversas com os convidados e a investigação que vai sendo feita em paralelo. Aqui, fazem-se pontos de ligação entre as discussões de grupo e temas chave, sobre os quais tomamos uma posição. Tendo presente a pergunta, “**Arquiteturas na margem. O que te faz feliz?**” o grupo pretende colocar o seu próprio olhar sobre o lugar, sabendo que para isso, também é necessário um distanciamento crítico sobre aquilo que fazemos.

Eduardo Corales é arquitecto pela Universidade Católica do Chile, com Mestrado em Património Cultural, trabalha desde 2014 em diversos projetos, incluindo trabalhos em infraestruturas hidroelétricas portuguesas e pedreiras. Sócio fundador do Atelier CAMPO, lidera a vertente de Design Mobiliário MOB Projects, e colabora com a Trienal de Arquitetura de Lisboa, no apoio à internacionalização. Atualmente, é doutorando em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, no ISCTE, em Lisboa, sob o trabalho de investigação que tem vindo a desenvolver desde 2019, POWERPOINT: Arquitetura hidroelétrica em Portugal e o território como projeto, levantamento audiovisual e gráfico de grandes barragens portuguesas, com apoio da Fundação EDP e da Direção Geral das Artes.

EDUARDO CORALES: POWERPOINT



POWERPOINT

Small text block on a slide below the main grid.



POWERPOINT

Eduardo Corales

132

Num território onde a barragem assume um papel transformador, Eduardo Corales vem partilhar os vários impactos desta infraestrutura no ecossistema e acompanhar-nos nesta viagem. “POWERPOINT - Arquitetura Hidroelétrica em Portugal e o território como projeto” é o seu projeto de estudo individual que vem partilhar connosco. A partir do inventário gráfico e audiovisual que produziu, dá-nos a conhecer a genealogia das barragens que surgiram com o plano de eletrificação e industrialização nacional da primeira metade do século XX. A partir da segunda metade do século XX surgem a maioria das barragens em território português, com as quais podemos contar atualmente. A necessidade e vontade de criação de uma rede de exploração hidroelétrica nacional foi projeto da responsabilidade do Estado Português para que a nação pudesse ostentar o “Liquid Power”¹ à semelhança de Espanha – país pioneiro na política da água.

Para perceber o que é uma barragem e as suas consequências, Eduardo define as mesmas como “o motor possante do território que transforma”. Por outras palavras, uma infraestrutura forte, geradora de movimento cujo impacto transforma o território.

No território em análise pelo atelier Na Margem, encontra-se a Barragem do Cabril. Construída em 1954, trata-se da primeira barragem projetada inteiramente por engenheiros portugueses e a mais alta de Portugal, com 132 metros de altura. A barragem está localizada entre os limites dos distritos de Leiria e Castelo Branco, integrando o sistema de energia hidroelétrica do rio Zêzere, à frente da barragem da Bouça e da barragem de Castelo de Bode. Este sistema de reaproveitamento hidroelétrico é responsável pela produção de energia elétrica que é injetada na rede, e a água que por ali passa vai abastecer a cidade de Lisboa.

A produção de energia hidroelétrica é vista como uma “energia renovável”, que a partir da força motriz da água gera a produção de energia elétrica. Apesar de ser apresentada como uma energia verde, as barragens têm consequências inerentes à sua construção e à transformação que causa nos territórios. Estes muros de betão que exploram a água, destroem os ecossistemas afetando os seus fatores bióticos e abióticos. Quando se constrói uma barragem, a água apodera-se dos vales, da floresta, das margens e das aldeias, devastando a casa dos seres que antes lá habitavam. A biodiversidade é alterada drasticamente quando se constrói uma barragem. Como pode a produção hidroelétrica ser uma energia verde, se promove a extinção de árvores autóctones e altera as temperaturas locais e o curso dos rios?

As barragens são infraestruturas com impactos negativos, mas também têm algumas potencialidades. No desenho urbano onde se encontra inserida, a barragem do Cabril atua como agente de ligação física entre a comunidade de Pedrógão Grande e a de Pedrógão Pequeno, através da EN2, que teve origem no âmbito

da construção da barragem e que passa por cima desta, ao longo do seu coroamento. Foi um fator positivo para a economia local, tendo atraído pessoas de todo o país para trabalhar e, também visitar. Tratou-se de um agente dinamizador da comunidade, mas cujo potencial continua a não ser utilizado ao máximo.

Tendo em conta os prós e contras, e face à crise climática em que nos encontramos, será justificável continuar a construir barragens?

Para complementar a reflexão sobre o papel das barragens, a visita à exposição POWERPOINT - por Eduardo - e imersão no inventário gráfico e audiovisual de trinta barragens portuguesas permitiu estabelecer ligações e diferenças entre os casos selecionados. Uma estratégia de representação face à imponência das estruturas na paisagem, que se encontravam representados através de vídeos, fotografias, desenhos e maquetes.

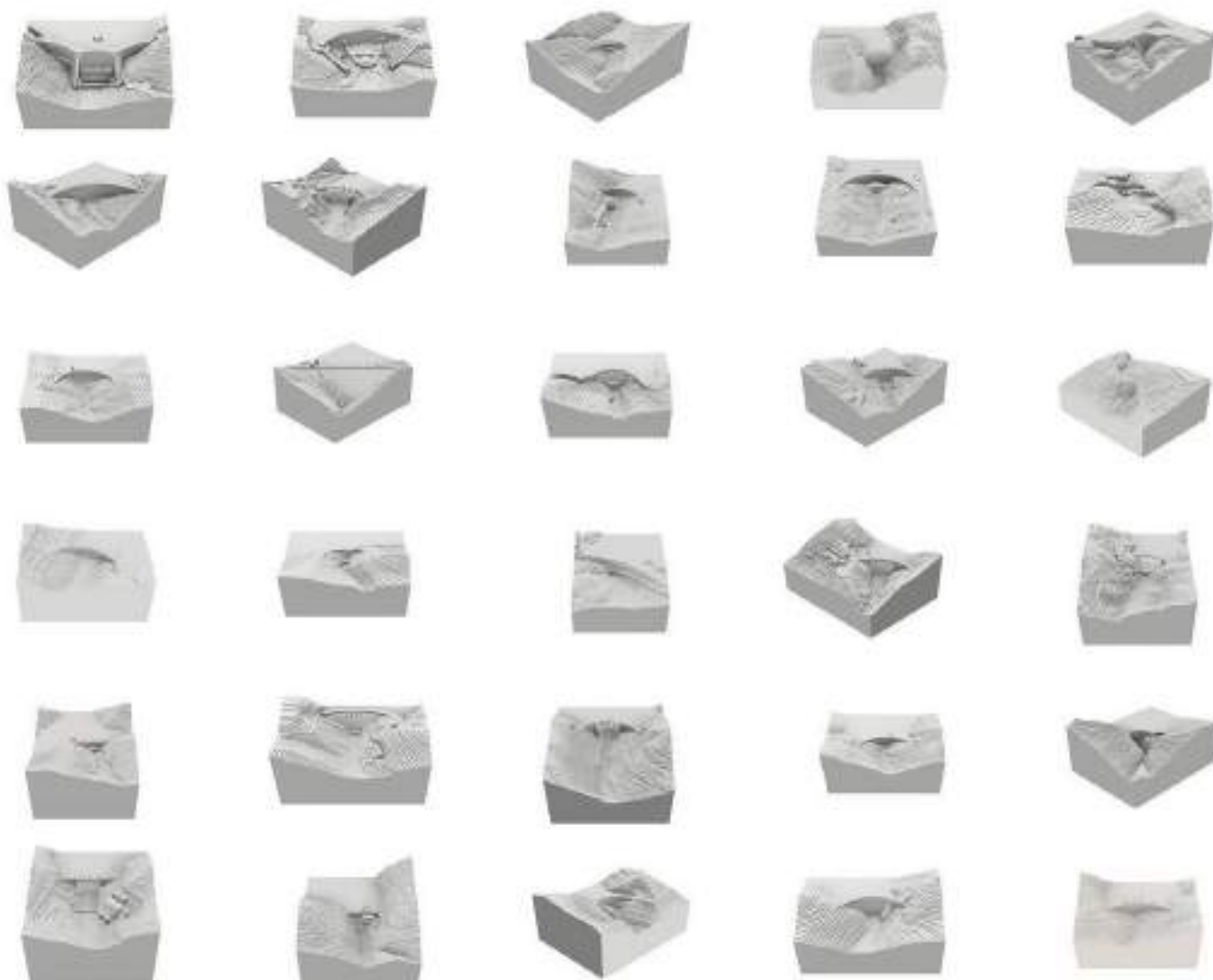
Nem todas as barragens representadas na exposição, apresentavam a função hidroelétrica como a barragem do Cabril e, foi possível perceber que o contexto em que cada uma se encontra é distinto. Apesar das diferenças entre as barragens, estas são claramente um instrumento político de poder - ideia inerente no título da exposição “POWERPOINT” - base do poder, da força, da energia.

A investigação de Eduardo contempla as três barragens constituintes do sistema hidroelétrico do rio Zêzere. No entanto, encontravam representadas apenas uma seleção de vinte barragens. Apesar de ter existido um período no qual houve um maior número de construções de barragens, Eduardo pretende apresentar exemplos que representem diferentes épocas, excluindo por exemplo, a barragem da Bouça. A visita permitiu questionar e discutir temáticas que foram sendo levantadas durante o semestre. O intervalo de tempo entre estes dois momentos, da conversa com Eduardo e a visita à exposição POWERPOINT, revelou a maturação de ideias, uma maior reflexão e inquietação. Os danos causados pela construção das barragens estão feitos e, agora, definem o território onde se encontram. Valerá a pena continuar a construir estas gigantescas infraestruturas?



154. Exposição POWERPOINT, MAAT.

8. Expressao retirada do Livro “Liquid Power” de Erik Swyngedouw, 2023.



155. Maquetes do estudo feito por Eduardo Corales sobre as barragens portuguesas. Eduardo Corales, 2023

Motor possante do território que transforma.

POWERPOINT

Eduardo Corales


134



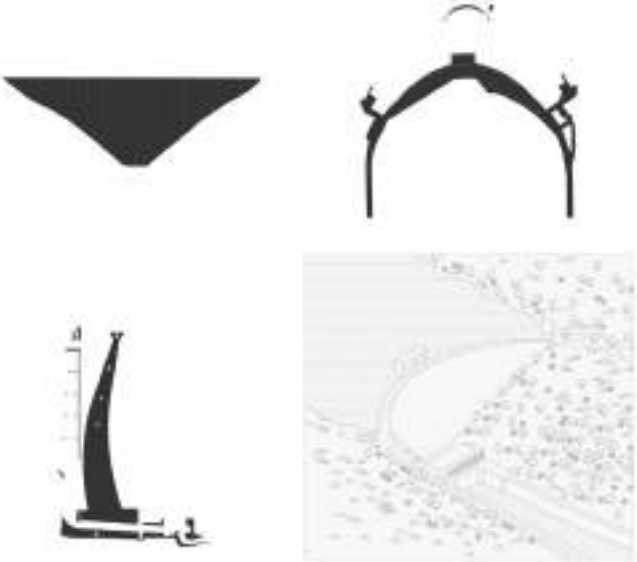
156. Barragem do Cabril, Eduardo Corales.

CABRIL

POWERPOINT
Investido gráfico e soluções
de barragem cortapente
SL/18/30 - 06/2016



UTILIZAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO
Empre	Estado: Sergipe Município: Santa Luzia Barragem do Cabril Linha do Rio São Francisco	Projeto executivo de obra Área total de obra: 1200m ² Cota de construção: 220m Comprimento de construção: 200m Fundação: concreto Tubo de acesso: 300 x 300 mm Projeção: 100m de obra Cota de construção: 220m




157. Ficha técnica da barragem do Cabril, Eduardo Corales.







158. Barragem da Bouça, 2024, Filipe Silvestre.

BOUÇA

PROJETO: Invenção gráfica e detalhada de barragem portuguesa
31/14/20 - 05/03/24



UTILIZAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DIANTEFEITICAS
Abastecimento	Distrito Lame Concelho: Parediã (Beira Litoral) Bacia hidrográfica: Tejo Linha de Água: Rio Dão	Altura: 40 metros Altura acima da fundação: 85m Data de construção: 1956 Despejamento de armazenamento: 100m Fundação: betão Área de betão: 70 x 1000 m ² Projetista: Henrique de Sousa Data de inauguração: 1956


159. Ficha técnica da barragem da Bouça, Eduardo Corales.






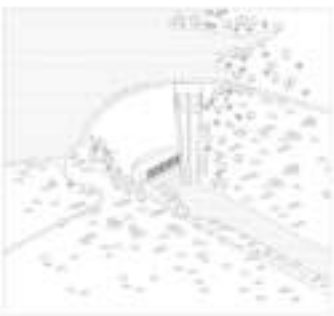
160. Barragem de Castelo de Bode. Eduardo Corales. Fonte: Vimeo

CASTELO de BODE

PROJETO: Invenção gráfica e detalhada de barragem portuguesa
31/14/20 - 05/03/24



UTILIZAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DIANTEFEITICAS
Abastecimento (Beira Litoral) Defesa contra cheias (Beira Litoral)	Distrito: Santarém Concelho: Bode Local: Castelo de Bode Bacia hidrográfica: Tejo Linha de Água: Rio Dão	Altura: 40 metros Altura acima da fundação: 100m Data de construção: 1964 Despejamento de armazenamento: 100m Fundação: betão armado Área de betão: 40 x 1000 m ² Projetista: Almeida-Correia Data de inauguração: 1964

161. Barragem de Castelo de Bode. Eduardo Corales.

Sílvia Benedito é arquiteta e urbanista. Licenciada em Música pelo Conservatório de Coimbra e em Arquitetura pela Universidade de Coimbra. Exerce atualmente o cargo de professora assistente no departamento de Arquitetura Paisagista da Universidade de Harvard, onde fez uma licenciatura em urbanismo e na qual concluiu também a sua tese de doutoramento em 2024, intitulada “Re-materializing the Void: Weather as Space in the Disciplinary Convergence of Architecture and Landscape”. Desde 2008, Sílvia Benedito e Alexander Häusler dirigem OFICINA A, um atelier em Nova Iorque que pretende explorar a arquitetura como um olhar multidisciplinar. O trabalho foi reconhecido e inúmeras vezes premiado, tal como a distinção feita ao projeto “Quadrícula emocional: um urbanismo hídrico entre a natureza e arquitetura nas cidades atlânticas portuguesas do século XVI” pelo prémio Fernando Távora.

SILVIA BENEDITO: CANARY IN THE MINE



Sílvia Claudia Benedito



Julio Paiva



Eduardo Corales



Patrícia Barbas



carolina kunster



iPhone de Matilde



Flávio Ferreira



Beatriz Duarte



Irina Benchechi



Beatriz Ribeiro



Cláudia Costa



Inês



Davi Souza



diogo vitorino

CANARY IN THE MINE

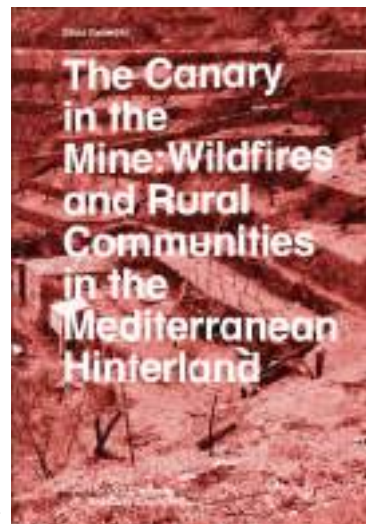
Silvia Benedito

A paisagem não é um cenário estático. É definida pelas relações estabelecidas entre humanos e não-humanos e, é um cenário vivo moldado por agentes ativos. O conceito de paisagem é complexo de descrever, e revela-se evolutivo, um reflexo das mudanças de comportamentos. Desta forma os elementos que a constituem, como é o caso das florestas, também não são permanentes, outrora tratava-se de jardins geridos com diferentes intensidades, e atualmente um espaço sem gestão, repleto de monoculturas. Um exemplo de gestão florestal eficaz são os “baldios”, que constituem uma elevada importância para as comunidades locais.

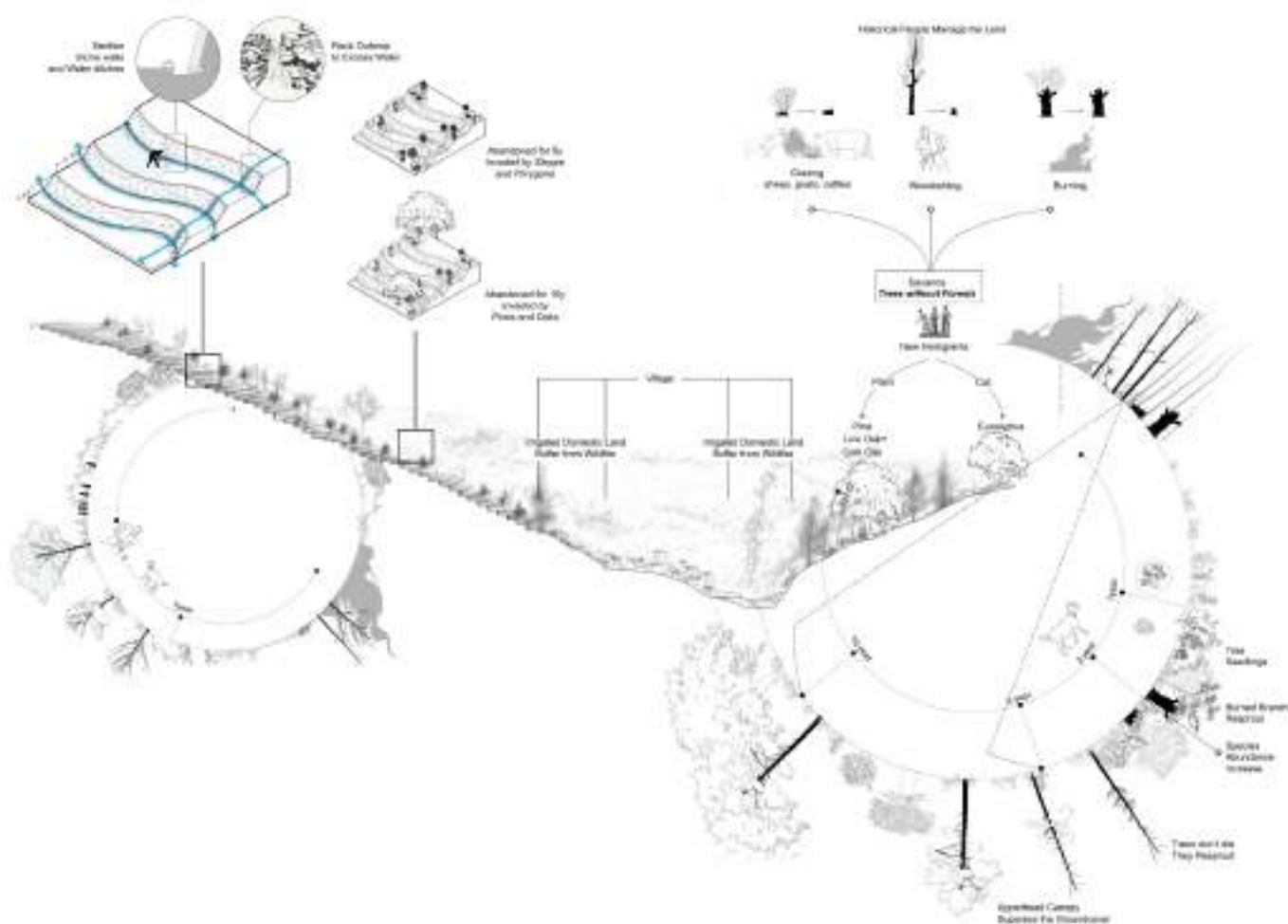
Silvia Benedito apresentou “Canário na Mina: Incêndios e Comunidades Rurais do Mediterrâneo Interior”, um trabalho realizado por estudantes de arquitetura paisagista de Harvard, cujo território analisado é em Portugal. Este trabalho aproximou-nos de diversas abordagens ao território rural, tendo como temas a água, o fogo, o pastoreio, uso do solo, entre outros. Num território marcado por incêndios, à semelhança do Cabril, foi salientada a necessidade de reavaliar causas, estratégias de gestão e combate a incêndios, considerando o futuro das paisagens rurais e suas vulnerabilidades.

Qual é o futuro das paisagens rurais, e quais são as vulnerabilidades que estas comunidades poderão enfrentar? Como se pode mitigar as vulnerabilidades, e em que escalas? Quais são os riscos da exclusão do fogo como instrumento de gestão da paisagem? Qual será o impacto dos interesses políticos e económicos? O fogo como ferramenta da gestão florestal. Sistemas pré-existentes como o de silvicultura, agricultura, agro-silvicultura, turismo, e subsistência de forma integrada, ajudam na resiliência e na contribuição das comunidades locais como estruturas de orientação para esta região. A arquitetura é sobre intervir num local, como tal é importante entender as características biofísicas do mesmo e perceber a melhor forma de intervir no e com o lugar. Neste sentido, abordar e resolver desafios atuais como as mudanças climáticas, justiça social e ambiental, territórios urbanos abandonados, comunidades rurais, é um desafio da arquitetura.

Como é que poderemos deixar para trás os preconceitos que temos vivido face ao uso do fogo e re-imaginar a reabilitação de pequenas zonas urbanas e/ou rurais? O futuro da paisagem exige uma abordagem inovadora que rejeite a supressão total do fogo e que possa reconhecer a sua função integral no ecossistema, apontando para a necessidade de adotar novas práticas de gestão florestal para garantir a nossa coexistência com a natureza.



O que é uma paisagem? 3 Dimensões
O que se vê
Atmosfera
Propriedade



163. Infraestrutura hidrográfica, "Canário na Mina: Incêndios e Comunidades Rurais do Mediterrâneo Interior", Harvard University.

O fogo está dominado por questões tecnocráticas. Como é que poderemos deixar para trás os preconceitos que temos vivido face ao uso do fogo e re-imaginar a reabilitação de pequenas zonas urbanas e/ou rurais?

Jorge Gomes é engenheiro civil, formado pelo Instituto Superior Técnico e doutorado em Ciências de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vencedor do prémio Engenheiro Cruz Azevedo. Em 2006 recebe o Grau de Especialista em Barragens do LNEC. Centra a sua investigação em modelação experimental, modelação física de barragens de betão, modelação numérica de cenários de rotura de barragens, entre outros. Atualmente é investigador principal no Núcleo de «Modelação e Mecânica de rochas (NMMR) do Departamento de barragens de Betão (DBB) bem como professor convidado no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL).





BARRIO DE METAC

PROYECTO DE INVESTIGACIÓN

PROYECTO DE INVESTIGACIÓN

PROYECTO DE INVESTIGACIÓN



VISITA AO ARQUIVO LNEC - LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

Jorge Gomes

“Considerando a real repercussão das nossas atividades transformadoras no ecossistema”, o atelier Na Margem realizou uma visita, guiada pelo Engenheiro Jorge Gomes, ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil - DBB - Departamento de Barragens de Betão.

O LNEC foi fundado em 1946, num momento crucial em que Portugal dava os primeiros passos no planeamento de construções de barragens para produção de energia hidroelétrica. Sendo uma das oito unidades departamentais do LNEC, o DBB foi criado com o intuito de estudar os comportamentos das grandes barragens de betão, as obras subterrâneas anexas, as propriedades estruturais e suas fundações, bem como as principais forças que atuam sobre as mesmas. É um departamento que tem tido um papel muito ativo no plano de aproveitamento hidroelétrico e que atravessa fronteiras e continentes.

As barragens são um tipo de infraestrutura que altera o território, e é por esse motivo que são precisos tantos testes de minúcia antes de avançar com a construção da mesma. Assim como os Estados Unidos da América, diversos países puderam contar com ajuda do Departamento de Barragens de Betão do LNEC para testar as suas barragens em modelos de escala reduzida que o laboratório desenvolveu. Este contacto, permitiu uma experiência dilatada e uma especialização em diferentes tipos de barragens, face aos diferentes locais de implantação e ainda às diferentes funções que poderiam apresentar.

Tendo em conta todo o reconhecimento global das competências do LNEC em projetos de barragens, como poderia a instituição contribuir para otimizar as barragens portuguesas, de forma a maximizar sua eficiência e funcionalidades?

Durante a visita pudemos observar os vários modelos de escala reduzida, que foram produzidos ao longo de décadas, para efetuar testes estruturais de barragens. Depois de modelados e construídos, os modelos são sujeitos a forças de compressão e tração para melhor compreender o comportamento das estruturas face à força da água, à qualidade e tipo de solos e topografia dos lugares onde serão construídas. Todos estes modelos demoravam meses a ser construídos, bem, como a ser testados através de leituras de dezenas de sensores. Hoje em dia, todos estes sistemas manuais foram substituídos por modelos digitais capazes de simular as mesmas situações, e outras que antes não eram testadas.

Durante a observação dos modelos, Jorge Gomes explicou-nos os diferentes tipos de barragens, barragens em abóbada, barragens em abóbada de dupla curvatura e barragens de aterro. Identificámos que a barragem do Cabril, se trata de ser uma barragem em abóbada de dupla curvatura, o que permite que a espessura de parede seja mais fina e que o volume de betão utilizado seja menor. No entanto, por estas apresentarem um desenho relativamente mais fino e uma menor área de contacto com o terreno, os solos onde assentam têm de ser mais firmes para suportar todas as forças exercidas na barragem.

É necessária, após a construção, uma constante monitorização e manutenção, visto que estas são projetadas para um período de vida útil estimado de meio século. Um período de vida útil que é surpreendente, tendo em conta a brutalidade da construção de uma barragem, os ecossistemas destruídos, as paisagens alteradas e o impacto causado. Apesar da monitorização permitir colmatar desafios constantes a que as estruturas das barragens são postas à prova, há situações de risco inevitáveis como os períodos de seca. As barragens podem ter variações de água nas albufeiras, entre 4 e 6 metros, mas quando o nível baixa destes valores compromete a estrutura, visto que foi concebida para receber uma pressão constante da massa de água. Quando esta pressão não é exercida o muro fica sujeito a risco de colapso em caso de atividade sísmica.

Perante a incerteza que vivemos e a crise climática que atravessamos, apostar num sistema que explora a natureza, é uma má ideia. Se um dia a produção de energia hidroelétrica deixar de existir, as barragens ficarão ao abandono? O futuro não passará por um crescimento no número de barragens construídas. O sistema irá envelhecer e novas medidas terão de ser tomadas.



164. Visita ao LNEC.



165. Foto exposta no LNEC do início da construção da Barragem do Cabril. Fonte: LNEC.

A barragem, em última instância, é um muro que não deixa passar água.

Joaquim Moreno é arquiteto licenciado na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e fez seu mestrado na Escola Técnica de Arquitectura de Barcelona, Espanha. Desenvolveu sua tese de doutoramento em Teoria e História da Arquitectura na Universidade de Princeton, EUA. Atualmente é professor associado e director de curso de mestrado integrado na FAUP e professor convidado na universidade de Columbia, EUA. Além disso, teve envolvido na edição do periódico português InSi(s)tu. Foi curador, em parceria com o filósofo José Gil, na representação portuguesa na Bienal de Arquitectura de Veneza em 2008 e conta com diversas exposições de autoria própria.

JOAQUIM MORENO: PAISAGENS DA INTERACTIVIDADE





PAISAGENS DA INFRAESTRUTURA

Joquim Moreno

É necessário quebrar a ideia de que, o que a natureza produz é para ser utilizado, apesar da “exploração dos recursos naturais” ser algo que ouvimos durante décadas. A consciência da finitude dos recursos e das consequências que advêm do seu fim é urgente. Sem justiça ambiental não há justiça social.

Para perceber a gênese do problema, é necessário reavaliar os sistemas sociotécnicos. Produção, distribuição, consumo. Como se produz? Como se distribui? Como se consome? A resposta produz paisagem.

As barragens foram um símbolo da modernidade e continuam a ser uma representação de poder e, à custa de vidas humanas, tornaram-se ferramentas para pôr a natureza a trabalhar. Estas grandes infraestruturas custaram vidas de trabalhadores que ficaram reféns da silicose, como é possível confirmar pelo testemunho do Telmo Ferraz⁹, sendo que a sua tentativa de partilhar esta informação com o mundo foi bloqueada, tendo o seu livro *O lodo e as estrelas* censurado no tempo da ditadura.

Por outro lado, quando construídas eram ímanes de atração de turistas, para ver o grande feito humano, grandes obras de engenharia e arquitetura que alteraram completamente as paisagens. Já em 1939, a revista americana *LIFE* expunha um número inteiramente dedicado, a esta ideia de futuro, de estilo de vida. As populações locais que mantinham a “Powerhouse” em funcionamento, tornaram-se figurantes. Seriam as barragens casas de energia ou de poder?

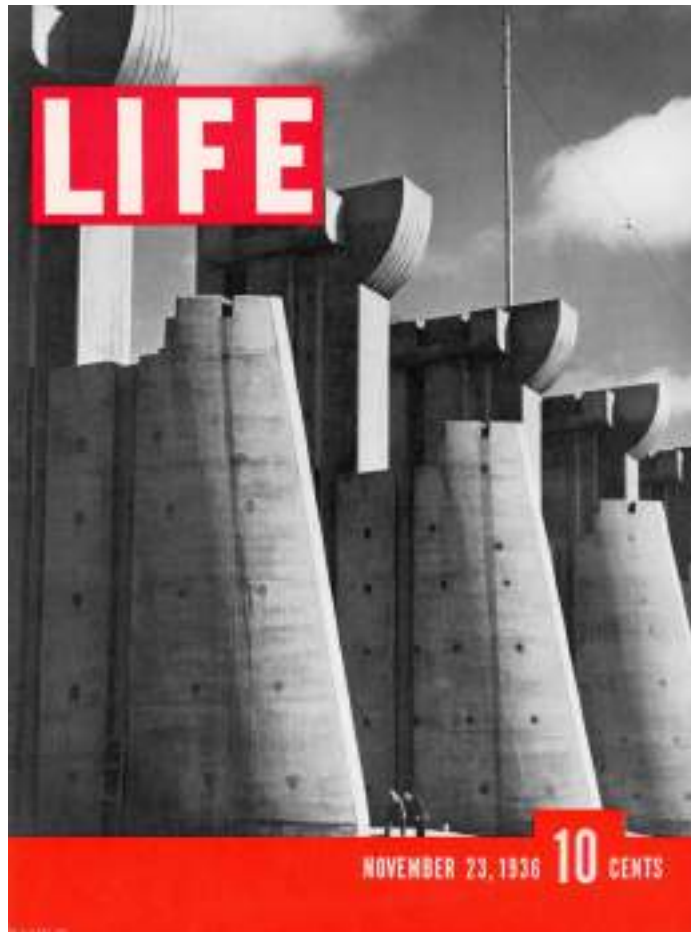
Aos dias de hoje, mantem-se massas de água em albufeiras, criadas por estas megaestruturas ao longo do rio deixando diversos habitats submersos e, por vezes até pequenas vilas e bairros que face a esta realidade são deslocados. Animais terrestres abandonam os seus lugares de permanência, espécies marítimas interrompem os seus ciclos e até há extinção de algumas espécies. A necessidade de consumo de energia elétrica e, a manipulação da distribuição de águas para um aproveitamento humano excessivo deste recurso, está limitando e condicionando o curso natural dos rios.

A sociedade de consumo é a grande responsável. Numa era de crédito ecológico, o próximo futuro deve passar por uma mudança na forma de consumo, que diminua a circulação de pessoas e bens e acabe com a produção em massa. Acreditamos que faz sentido agir em conjunto e com pequenas ações, onde cada um faz pequenas e cuidadosas escolhas para um objetivo comum, para o bem-estar comum, percebendo que uma intervenção desta magnitude entorno de uma entidade natural, traz elevadas consequências que se sobrepõem aos benefícios.

Construir uma barragem não vai salvar o mundo. Fará então sentido procurar novas fontes de energia megalómanas? Ou será melhor repensar o nosso estilo de vida? Até que ponto a publicidade por via de revistas e televisão poderia ajudar a mudar e passar a mensagem de um novo estilo de vida?

9. Telmo Ferraz é um Padre que escreve poemas que retratam factos e histórias do quotidiano do povo, no processo de construção da barragem do Cabril, bem como noutras obras da mesma dimensão, e que à data, o levaram a ser censurado.

Não faz sentido tentar mudar o que nos rodeia se não tivermos intenção de nos mudar a nós próprios. Se assim for, num futuro melhor, aquilo que exigiremos ao rio e à água que nele corre, tenderá a aproximar-se da sua origem, onde este fluía naturalmente.



166. Primeira capa da revista americana LIFE. Fonte: Revista LIFE.



167. Turbina de uma barragem. Margaret Bourke-White. Fonte: Revista LIFE.

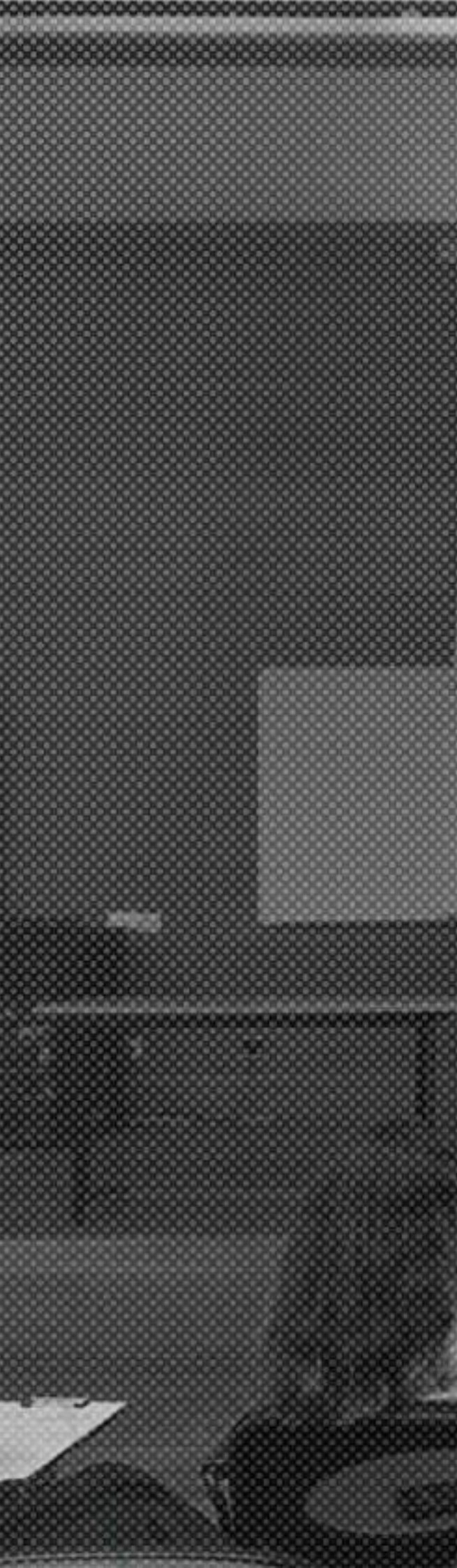
Seriam as barragens, casas de energia ou de poder?
Como se produz?
Como se distribui?
Como se consome?
A resposta produz paisagem.
Explorar os recursos naturais pode não ser boa ideia.



168. Dançarinos de Fort Peck. Margaret Bourke-White. Fonte: Revista LIFE.

Tiago Mota Saraiva, arquiteto licenciado no ano de 2000 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, tendo feito um semestre do seu percurso na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid. Em 2004 fez uma especialização em Arquitectura, território e Memória pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Foi membro da delegação portuguesa ao XXII Congresso Mundial da União Internacional dos Arquitectos em Istambul (2005). É professor convidado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, sócio do ateliermob e dirige a cooperativa Trabalhar com os 99% e a cooperativa de base local Sou Largo.

TIAGO MOTA SARAIVA: PEDRÓGÃO GRANDE:





PEDRÓGÃO GRANDE: O DIREITO À ARQUITETURA PÓS-INCÊNDIO

150
Tiago Mota Saraiva

A perspectiva de Tiago sobre uma das maiores tragédias ocorridas em Portugal, o incêndio de Pedrógão Grande, em 2017, resulta no livro *Pedrógão Grande: O Direito à Arquitetura pós-incêndio*. Este foi desenvolvido com a cooperação de várias entidades, entre elas a Fundação Calouste Gulbenkian, sobre o processo de reconstrução das habitações devastadas pelo incêndio mais mortífero, até a data, que aconteceu em solo nacional. Nele são apresentados relatos dos processos de projeto e obra de 7 casas, pertencentes a pessoas de variados estratos sociais e nacionalidades, que nos permitem perceber as dimensões reais desta tragédia.

Durante o processo de reabilitação após o incêndio em Pedrógão Grande, o atelier liderado por Tiago Mota Saraiva assumiu uma abordagem notável ao projetar casas que fossem verdadeiramente inclusivas e dignas para qualquer pessoa. Essa abordagem desafiou estigmas e preconceitos contestados por diversas entidades - "Para quem é, bacalhau basta". Ao projetar casas que consideravam a diversidade das necessidades humanas, o atelier abraçou a missão de proporcionar um ambiente que valorizasse a experiência do habitar de cada pessoa. Defendeu promover a igualdade e enfatizou a importância da inclusão social num momento de crise.

A colaboração com diversas entidades no processo de reabilitação pós-catástrofe, que culmina no livro, mostra que a arquitetura pode ser uma força transformadora na construção de um futuro mais resiliente e justo. A consciência de urgência levou à utilização de políticas públicas direcionadas à situação catastrófica e permitiu reduzir o tempo de processo de obra. Num cenário normal, o tempo destinado à aprovação e licenciamentos do projeto rondaria um ano, foram conseguidos paralelamente, enquanto cada projeto estava a ser efetivamente desenvolvido. O atelier, valorizando o contacto e partilha de ideias com os moradores, teve um cuidado no desenho de cada casa e na escolha dos materiais, que permitia a participação dos proprietários na construção das próprias casa, com pequenos empreiteiros locais.

É preciso olhar de perto e perceber as dinâmicas das pessoas e do lugar. Ao contrário de uma ideia subjacente à polémica gerada em torno de fundos para a recuperação de casas, as "segundas habitações" retêm um papel fundamental a nível económico e social neste tipo de territórios. Os habitantes sazonais destas habitações são na maioria emigrantes, que gozam ali das suas férias e dinamizam a economia local. Se deixassem de existir, iríamos assistir a um fenómeno desagregador, a um isolamento das populações ainda maior e, uma diminuição do investimento na economia local. Consequentemente, a desertificação no interior do país, a dificuldade de fixar pessoas nesses territórios é causada em grande medida por questões de mobilidade e à falta de oferta diversificada de postos de trabalho. Devido ao desinvestimento crónico na rede ferroviária, ao longo de décadas, estes territórios ficam isolados, e o automóvel torna-se um meio de transporte necessário para quem quer permanecer, o

que se torna num enorme entrave quando falamos de populações envelhecidas.

Será necessário e urgente transformações no ordenamento do território e, no modo de vida da população, que atraia novas pessoas e contribua para potencializar as ligações entre povoações facilitando e incentivando a se fixarem, mesmo que trabalhando noutra local ou município.

Mas como poderá isso acontecer?

Uma conversa inspiradora, que nos mostrou que a arquitetura vai além da simples construção de edifícios e que, neste caso, não contribuiu apenas para a reconstrução das casas destruídas, mas também serviu como um exemplo de como a arquitetura pode ser uma força na mudança social e na restauração das vidas das pessoas afetadas por catástrofes, como o incêndio. Ao criar espaços habitáveis que oferecem segurança, conforto e beleza, a arquitetura tem um papel essencial na recuperação emocional das pessoas afetadas "O projeto pode servir como reabilitação da própria pessoa".

Esta intervenção do atelier, não se resumiu apenas a colmatar falhas, mas a encontrar o que fazia feliz cada uma das pessoas antes da tragédia e a procurar devolver essa felicidade. Trabalhou a importância de projetar e construir não apenas casas, mas também comunidades que se baseiam na justiça e na empatia, independentemente do contexto desafiador em que se encontram. Demonstrou compromisso, equidade e justiça social na reconstrução das vidas das pessoas afetadas.



169. Incêndio em Pedrógão Grande, 2017, Lucília Monteiro.
Fonte: Revista Visão.



170. Capa do livro "Pedrogão Grande: O direito à arquitetura pós-incêndio. Fonte: Livraria A+A.



171. Casa rehabilitada em Pedrogão Grande, 2021, Fernando Guerra. Fonte: Jornal Público.



Se eu sei, da informação que existe, que o futuro será mais quente e seco, então, posso concluir que o problema dos fogos se vai agravar.

Guida Marques é arquitecta formada no ano de 2011 pela Universidade de Coimbra com o tema de tese “Por uma Arquitetura dos Sentidos: uma experiência na arquitetura multi-sensorial contemporânea”, no mesmo ano da sua formação integrou também no mesmo ano o CITAC (círculo de iniciação teatral da Academia de Coimbra) e colaborou no ateliermob até 2015. É também artista formada em Belas-Artes pela Universidade de Lisboa. Atualmente apresenta-se como arquiteta de província, neo-rural, artista mixed media, política e ativista, cujo trabalho reflete um processo de cura – cura da memória e do futuro. Guida participou na representação portuguesa na Bienal de Veneza, Fertile Futures - Médio Tejo.

GUIDA MARQUES: REPARAR





REPARAR

Guida Marques

Os desafios ambientais, são temas cada vez mais presentes nos dias de hoje e, Guida Marques traz-nos sobre a forma de um manifesto, a sua perspetiva sobre o papel ativo que o arquiteto e a sociedade devem ter perante as políticas públicas.

O que é a arquitectura? Qual é o papel do arquiteto? Será o arquiteto um bom planeador? O arquiteto deve apenas desenhar casas?

“Parar, voltar a parar, para a reparação ser possível. É preciso reparar o Zêzere. É preciso reparar a água. É preciso reparar o mundo.”

Na margem da albufeira da barragem do Cabril, o grupo respondeu a um exercício de intuição, com o objetivo de captar a inquietação de cada membro de forma aberta e livre, sobre quais seriam os seus manifestos, apenas reparando em seu redor e trazendo à tona o que seriam as motivações pessoais. Esta atividade, não teve apenas um efeito de sensibilização e expressão individual, mas também suscitou diversos temas que foram discutidos de seguida.

Numa conversa mais informal, Guida Marques procurou explorar temas ligados ao impacto da indústria mineira no Médio Tejo e especialmente na contaminação do rio Zêzere e do que abastece Lisboa e grande parte do país. É necessário repensar as políticas relativas ao extrativismo.

Os metais pesados presentes na água serão prejudiciais à saúde? E, se quem a bebe tivesse consciência disso?

A contaminação do rio Zêzere constitui um problema de saúde pública, do qual se desconhecem as consequências do consumo da água contaminada a longo prazo. Os consumidores revelam-se “ignorantes” na sua grande maioria, face à qualidade da água que consomem diariamente. É necessário questionarmo-nos e fomentarmos a discussão pública, de forma a tornar a situação visível aos olhos de todos, e assim percorrer um caminho em busca de uma solução.

E de que forma poderíamos solucionar este problema? Certamente teremos de olhar para a origem do problema. E se a margem do rio atuasse como um filtro? E se as plantas ajudassem a purificar o rio?

É importante limpar o rio. Purificar o rio. Reparar o rio. As margens do rio Zêzere são terrenos rochosos, sem permeabilidade e capacidade de filtragem. As margens estão adormecidas, sendo que podem adquirir um papel fulcral no tratamento da água. Se no leito do rio existissem margens ricas em flora, os metais que poluem o rio, seriam absorvidos e retidos por esta camada protetora. A extração de metais pesados da água, é bastante difícil, não existindo mecanismos para o resolver. Para isso será necessário parar a extração de minérios em zonas de proximidade com lençóis freáticos, rios e outros cursos de água e contar com a ajuda de vegetação para reparar a água do rio e a sua biodiversidade.

No local onde nos encontrávamos, em Pedrógão Pequeno, uma das problemáticas que todos identificámos

de imediato foi a plantação de monocultura de eucaliptos - relacionada com a indústria do papel. Os efeitos deste tipo de plantação resultam num habitat empobrecido, a nível de fauna e de flora, podendo ainda ser potenciador do empobrecimento do solo, da temperatura e, por isso, um catalisador em caso de incêndios.

A falta de diversidade de espécies é evidente a quem escuta, porque produz silêncio. A natureza não é silenciosa, a não ser que esteja morta.

Uma das estratégias apontadas por Guida para reparar o habitat, é a utilização dos terrenos baldios. Estes terrenos, que outrora eram utilizados pelas comunidades para pastoreio, extração de madeira e até produção de energia como práticas ancestrais. Terrenos que eram de todos e de ninguém, que com o evoluir dos anos foram deixados ao abandono pela desertificação do interior, das populações envelhecidas e que agora começam a ser reabilitados por diferentes associações. Projetos que visam reutilizar estes terrenos e reaproveitá-los como locais de plantação de várias espécies autóctones, de forma a fortalecer a diversidade de culturas, e assim proporcionar a possibilidade de reparar o ecossistema.

A arquitetura para além das estruturas físicas, pode ser construída por manifestos e coragem para reparar. A abordagem de Guida Marques ressoa como um apelo para repensar não apenas a prática arquitetónica, mas também os valores subjacentes à construção. O desafio está em ir além do convencional e, adotar uma arquitetura que não responda apenas às necessidades físicas, mas também sociais e ecológicas da atualidade.



172. Momento de reparar a paisagem.



173. Conversa com a Guida Marques na margem da albufeira do Cabril

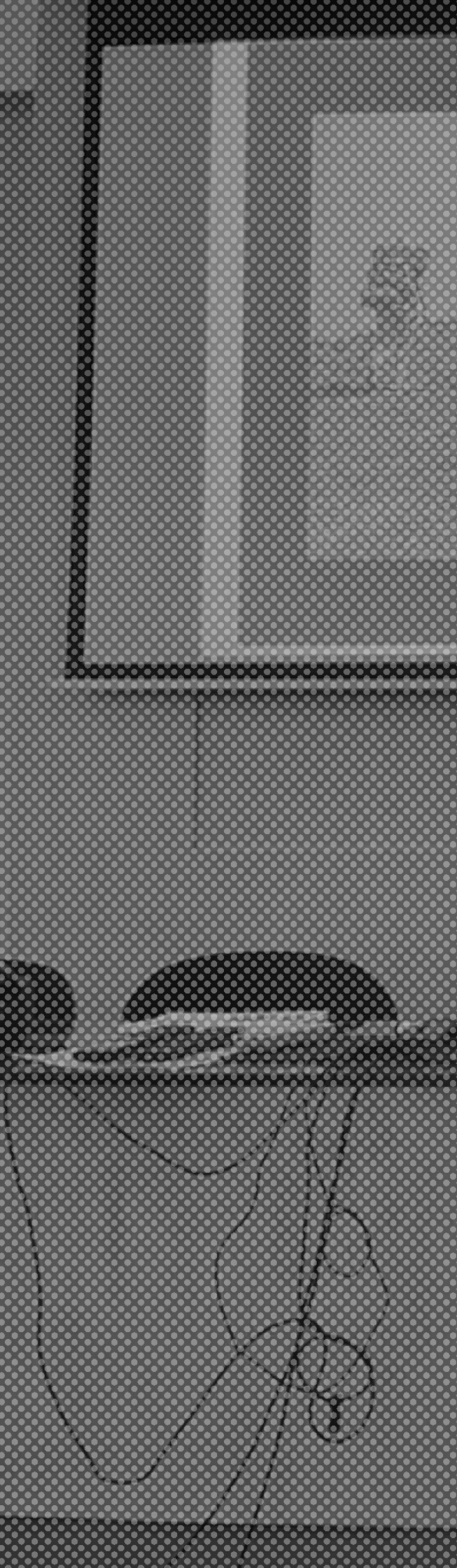


174. Parte do cartaz do manifesto.

Parar, voltar a parar, para a reparação ser possível.
É preciso reparar o Zêzere.
É preciso reparar a água.
É preciso reparar o mundo.

Lucinda Correia é arquitecta e investigadora. Actualmente desenvolve relações produtivas entre educação, investigação crítica e edição, para além da prática de projecto. Foi co-fundadora da Artéria – Humanizing Architecture (2011-2019) e co-fundadora da cooperativa cultural e atelier de arquitetura “Efabula”, explora na sua tese de doutoramento, intitulada “A (In)certeza da Norma. Arquitetura, Direito e Políticas em diálogo”, a importância da contra arquitetura na desconstrução de preconceitos.

LUCINDA CORREIA: LIVRO VERDE: CONTRA-





LIVRO VERDE: CONTRA-ARQUITETURA RE-CONSTRUIR A REALIDADE

Lucinda Correia

O conceito de arquitetura como uma extensão da cultura, presente no 1º artigo da Lei Francesa de 3 de janeiro de 1977, reconhece-a, não apenas como manifestação de design e estética mas também, como expressão profunda da identidade e dos valores de uma sociedade.

No seu livro *Contra-Arquitetura: Re-Construir a Realidade*, resultado de um projeto de investigação que decorreu entre 2020 e 2022, Lucinda Correia destaca a relevância da contra-arquitetura no contexto atual de emergência climática. O livro envolve quatro ações performativas, quatro conferências e quatro conversas, explorando quatro conceitos opostos: Realidade | Fantasia; Controlo | Transgressão; Exibição | Ocultação e Lógica | Absurdo. Estes temas tornam-se fundamentais e urgentes na discussão sobre o impacto ambiental da arquitetura na sociedade. Este conceito da contra-arquitetura, surge na sequência do movimento “contra-cultura” da década de 60 do século XX, aqui adaptado às novas realidades. Este movimento procurava romper padrões estabelecidos, questionar autoridades e promover valores de liberdade, igualdade e justiça. Da mesma forma, a contra-arquitetura propõe uma abordagem disruptiva e inovadora, desafiando normas e convenções, em busca da criação de espaços cujo impacto é mais importante do que propriamente a sua forma. Para que estes ideais sejam aplicados, a participação ativa da comunidade nos processos decisórios torna-se crucial, permitindo que as perspetivas locais e as necessidades específicas sejam integradas no desenho arquitetónico. A complexidade da arquitetura e o seu impacto no quotidiano são temas que serão sempre atuais.

A autora aborda o processo que levou à criação do Livro Verde, destacando a importância da participação pública e do papel do arquiteto como conhecedor de várias áreas. E coloca ainda, em destaque, a necessidade de os arquitetos estarem cientes das características específicas de um local e das necessidades das comunidades que ali vivem. Neste contexto, a afirmação "A arquitetura é uma extensão da cultura" ganha uma nova dimensão.

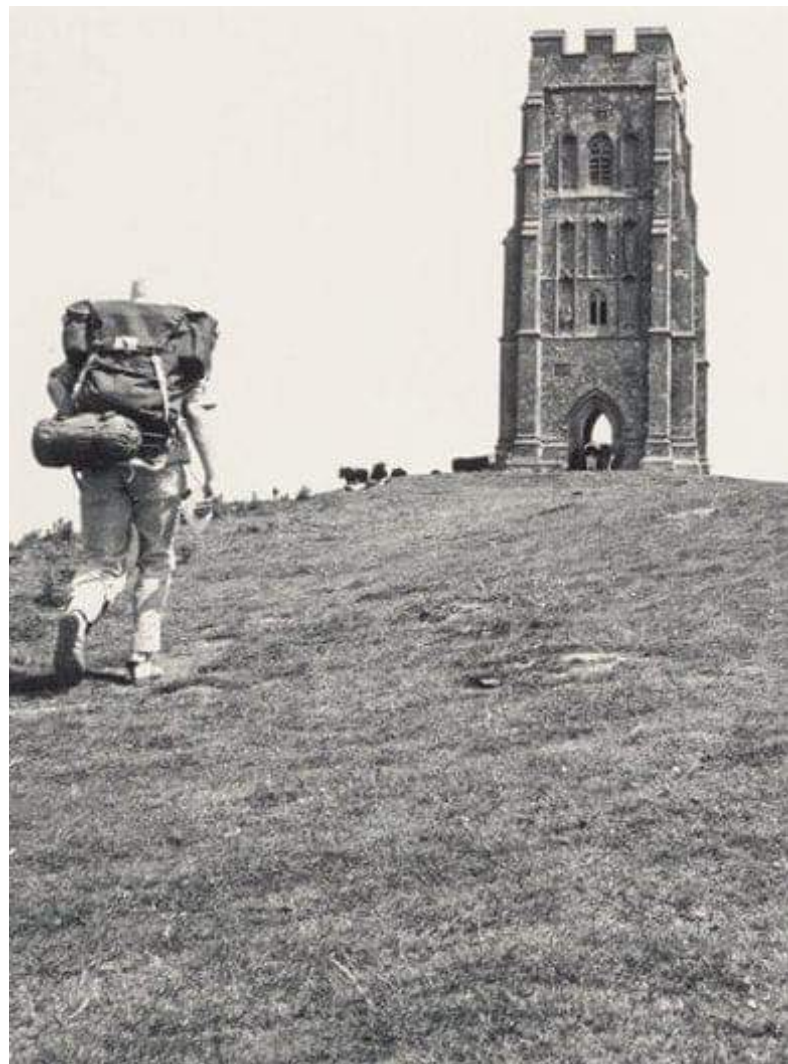
É preciso ter em atenção a urgência de uma mudança na concepção e práticas arquitetónicas, afastando uma visão capitalista que explora em demasia o meio ambiente em busca de lucro e promove um desenvolvimento desequilibrado, onde o ambiente é sacrificado em prol da produção energética. Também não podemos deixar de lado as questões relativas à ameaça do espaço virtual sobre o espaço social. A contra-arquitetura emerge como uma resposta desafiadora que instiga os arquitectos a questionarem não apenas a forma, mas também a função e o propósito de suas ações.

“Se não estamos a qualificar, então o que é que estamos a fazer?” - Lucinda Correia, 2021

A dependência excessiva da tecnologia, dos incentivos financeiros, da falta de taxaço e deficitária legislação ambiental, são questionadas como tentativas insuficientes de resolver os problemas ambientais criados pela sociedade. Por isso, é importante a ética na prática

arquitetónica e responder à necessidade de qualificação e transformação para ser possível construir um futuro mais sustentável e inclusivo para todos. Caso contrário, "Estamos a falhar-nos, a todas as outras espécies, ao planeta. Continuamos a convocar o poder da tecnologia, dos incentivos financeiros, da eco-taxação, da legislação ambiental, e pensamos que construímos finalmente esse luminoso exterior que nos salvará dos nossos excrementos." - kaksks,2020

É necessário que a arquitectura recupere uma voz ativa, não apenas em assuntos relacionados com a construção, mas também no que diz respeito à resolução de temas ligados ao meio ambiente e ao espaço que habitamos. Isto exige que os arquitetos desempenhem um papel fundamental nas esferas económica, política e social. Na economia, que contribuam para o desenvolvimento, criando uma distribuição mais equilibrada dos recursos financeiros destinados à produção do espaço. Na política, que influenciem decisões sobre o uso do solo e das edificações, tendo como prioridade práticas sustentáveis. E, socialmente procurem criar espaços inclusivos e culturalmente relevantes, melhorando a qualidade de vida das comunidades.



175. Glastonbury Tor, 1976, Martin Parr. Fonte: <https://britishphotography.org>.

A arquitetura é uma extensão da cultura.

Se não estamos a qualificar então o que é que estamos a fazer?

O que torna os maus poetas ainda piores é o facto de apenas lerem poetas (tal como os maus filósofos só lêem filósofos), quando, por exemplo, tirariam um maior proveito se lessem um livro de botânica ou geologia. Enriqueceremos quanto mais frequentarmos disciplinas afastadas da nossa.



176. Capa do livro. Fonte: Livraria A+A.

Miguel Santos é artista e investigador do Laboratório de Investigação em Artes e Design na ESAD.CR. A sua prática desafia as fronteiras convencionais entre o conceito de arte e ciência, refletindo sobre a coexistência das espécies humanas e não humanas. Em 2011, obteve o doutoramento em Belas Artes pela Sheffield Hallam University com a tese "Poetics of the interface. Creating works of out that engage in self-reflection". Num mundo onde reina o Antropocentrismo, Miguel emerge como um provocador intelectual, desafiando noções dogmáticas que procuram novas formas de entender a arte, a natureza e o nosso papel no ecossistema.

MIGUEL SANTOS: NO CAMINHO DO PLURIVERSO





NO CAMINHO DO PLURIVERSO

Miguel Santos

Em tom de provocação, Miguel apelida-nos de indígenas. Contrariando ideias pré-concebidas, quebra o estereótipo de indígena enquanto membro de uma tribo que resiste à colonização e que vive em simbiose com o meio natural, lembrando-nos das diversas conotações que a palavra tem. Na sua ótica, ser indígena é “alguém com proximidade ao local que o corpo habita”. Ao mesmo tempo, traz-nos uma ideia de desconstrução dos valores antropocêntricos que moldaram a nossa sociedade, destacando a necessidade urgente de uma descentralização.

O espaço que ocupamos é partilhado por animais, plantas, aglomerados de células e bactérias que vivem em simbiose. Esta ideologia é a base do Pluriverso, que se define na inter-relação entre os vários elementos do mundo, para garantir a envolvimento e a liberdade de todos os elementos dos ecossistemas. Enquanto humanos somos apenas uma fração da natureza, um aglomerado de células e bactérias que devem habitar em simbiose com o resto dos seres. No entanto não o fazemos, somos o retrato de uma sociedade antropocêntrica.

Como exemplo da possível relação de simbiose entre os vários organismos, Miguel apresenta-nos o projeto “River Wear” (2015), onde dialoga e fotografa ao longo de um ano o percurso do rio Wear, no Nordeste inglês com o propósito de melhor o compreender. O projeto parte de uma inquietação face à temática da criação de arte para não humanos.

Quais são as consequências que resultam da criação de arte para um público Não Humano?

Para tentar responder a perguntas como esta, Miguel realiza pequenas intervenções utilizando elementos naturais. Uma das suas experiências passa por aglomerar um conjunto de ramos no meio do curso do rio que com a corrente do mesmo, vão bloqueando a passagem de lixo e de espuma. Desta forma o rio estabelece uma comunicação, tornando visível a poluição presente no curso de água. Essa abordagem revela uma tentativa significativa de estabelecer uma linguagem autêntica e comunicativa com o meio ambiente.

O projeto levanta questões cruciais, não só sobre as implicações da criação artística para um público Não Humano, mas também explora maneiras inovadoras de interagir com o ambiente natural.

A segunda parte deste projeto, focada em Brancepeth Beck, evidencia intervenções artísticas feitas na terra, novamente procurando estabelecer um diálogo com o meio ambiente. Através do simples gesto de criar fissuras em ramos, é-lhe possível observar o crescimento de micro-organismos. Estes seres apropriaram-se de algo que não existia, e que foi criado por um humano.

A reflexão sobre como nos descentralizamos da ideia pré-concebida de antropocentrismo, numa sociedade construída “do Homem para o Homem”, é fundamental em todo o trabalho do artista. É necessário promover uma reflexão sobre o significado do desenvolvimento, desafiando a que a sociedade tenha uma necessidade

iminente de um desenvolvimento ético e sustentável que priorize o ambiente e, só depois, a sociedade.

Ao impulsionar este pensamento, não apenas como arquitetos, mas como seres intrinsecamente ligados com a natureza, somos convidados a repensar o nosso papel no ecossistema. Miguel Santos destaca-se assim, não apenas como um artista, mas como um catalisador para transformações mais profundas na nossa mentalidade, vislumbrando um futuro onde a diversidade e a harmonia entre os elementos da natureza são priorizadas. Afinal, somos todos intrínsecos ao Pluriverso, que merece ser preservado e respeitado, “porque somos todos matéria”.



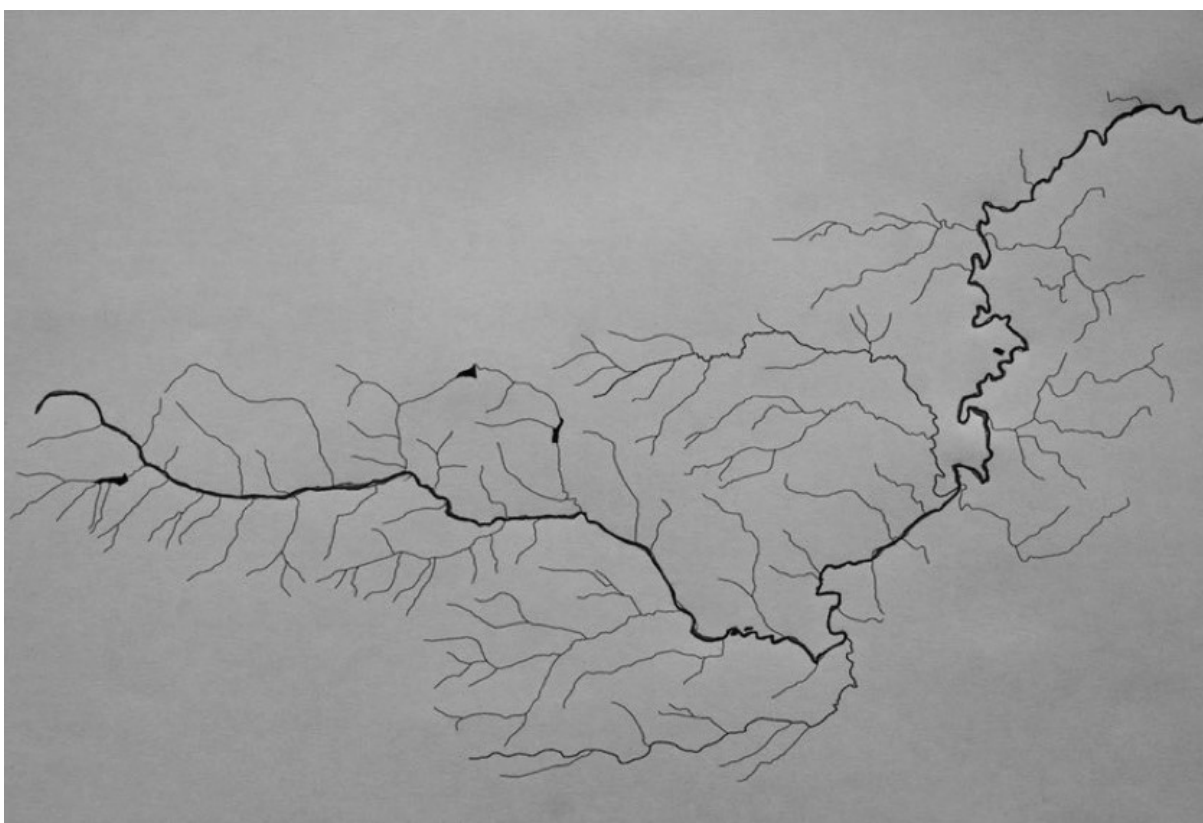
177. Reação da natureza às poluições humanas, 2016, Miguel Santos. Fonte: <https://www.miguelantos.org>



178. Multiespécies a habitar o mesmo espaço, 2016, Miguel Santos. Fonte: <https://www.miguelsantos.org>



uelsantos.org.



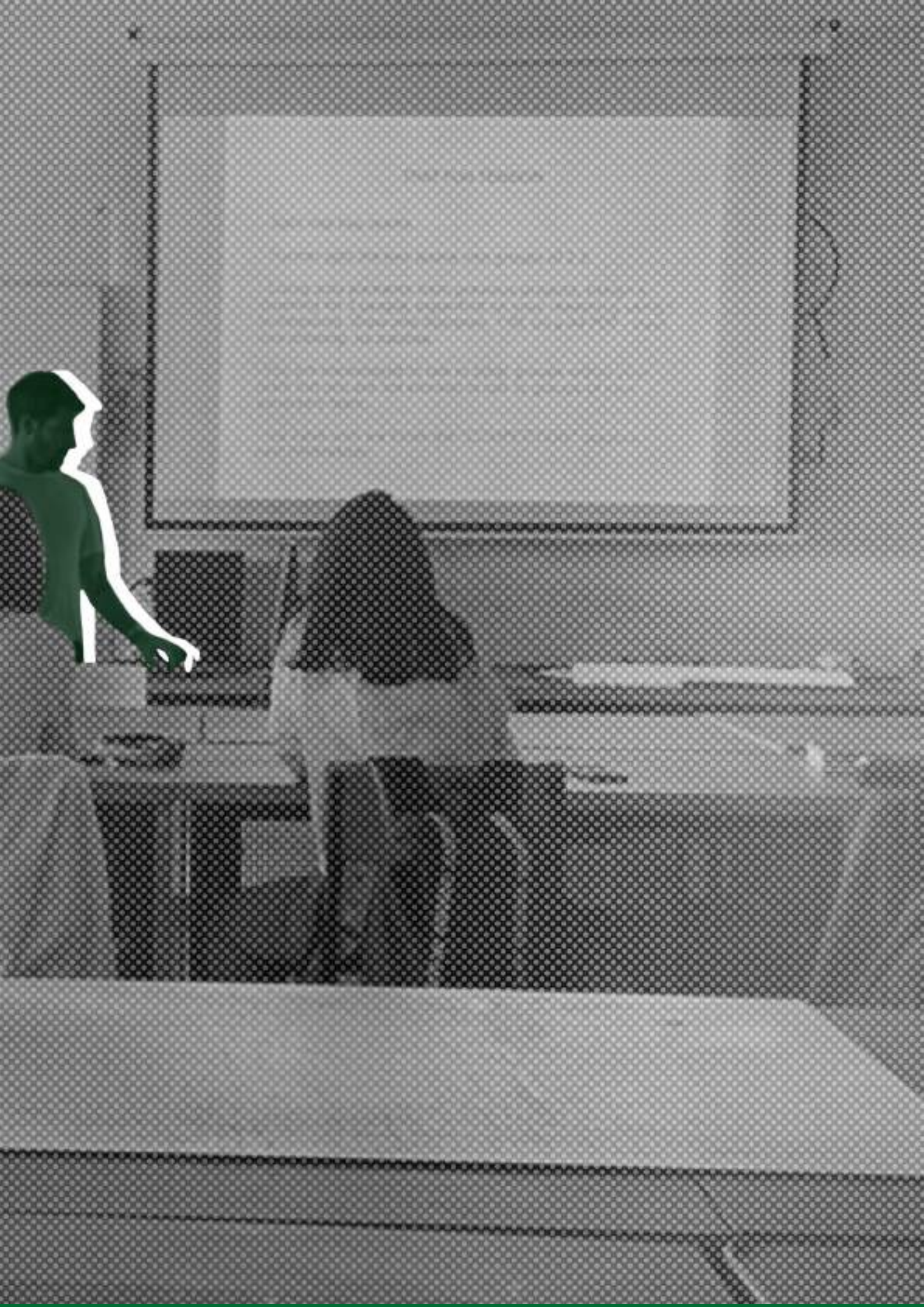
179. Percurso principal do rio que foi objeto de estudo, 2016, Miguel Santos. Fonte: <https://www.miguelsantos.org>.

Porque somos todos matéria.

Francisco Moura Veiga é arquitecto, formado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Co-fundador do atelier A Forschung, é editor e co-fundador da Cartha Magazine e tradutor do programa para a Rádio Antecâmara “When Socrates was an Architect”. Neste momento é assistente do Studio VOLUPTAS, na ETH em Zurique e desenvolve a sua tese de doutoramento na mesma instituição.

FRANCISCO MOURA VEIGA: BUILDING IDENTITY





BUILDING IDENTITY

Francisco Moura veiga

O workshop liderado por Francisco Moura Veiga, foi marcado pelo seu incentivo à crítica, pelo seu pragmatismo, praticidade e a capacidade de fazer “zoom in/zoom out” que é necessário para um processo de autocrítica do projeto. Ao longo do exercício, revelam-se ferramentas de pensamento e metodologias de trabalho que se esperam tornar intrínsecas a como fazer no futuro.

“Quem somos?” Numa curta viagem leva-nos a estimular o pensamento acerca do habitar, desfazendo ideais pré-concebidas da cultura ou sociedade em que vivemos, desconstruindo os termos “tipologia” e “habitar”.

Num exercício que se dividiu em segmentos, inicialmente é dada uma tarefa que tem de ser realizada num espaço de minutos, com o objetivo de perceber qual a leitura individual dos alunos, face à habitação e as suas diferentes problemáticas.

De seguida, uma interação entre todos, que em conjunto têm que responder às questões inerentes à habitação, identificando os problemas que acham ser os mais relevantes nos dias de hoje. Várias temáticas foram abordadas durante esta conversa, quer num contexto de desenho de projeto e da matéria-prima aplicadas, à forma da tipologia ou a sua flexibilidade, a sustentabilidade na construção e os métodos passivos de aquecimento e arrefecimento. Também se discutiram o contexto socioeconómico, da habitação como alvo de especulação, da importância da economia circular e das práticas coletivas como a arquitetura expansiva. Neste sentido, depois de se perceber as temáticas que eram mais pertinentes, o desafio foi reunir potenciais consensos e proceder-se à definição de critérios para o desenvolvimento de uma ideia de arquitetura.

Foram formados dois grupos de maneira estratégica, um grupo experimental, ao qual é ensinado o método de resolução “Playful Reframing”¹ e o grupo de controlo que é livre de resolver o exercício usando qualquer método que prefira. Os grupos, partiram para a parte prática, onde puderam testar diversas soluções e produzir uma planta de uma tipologia que respondesse aos critérios anteriormente identificados.

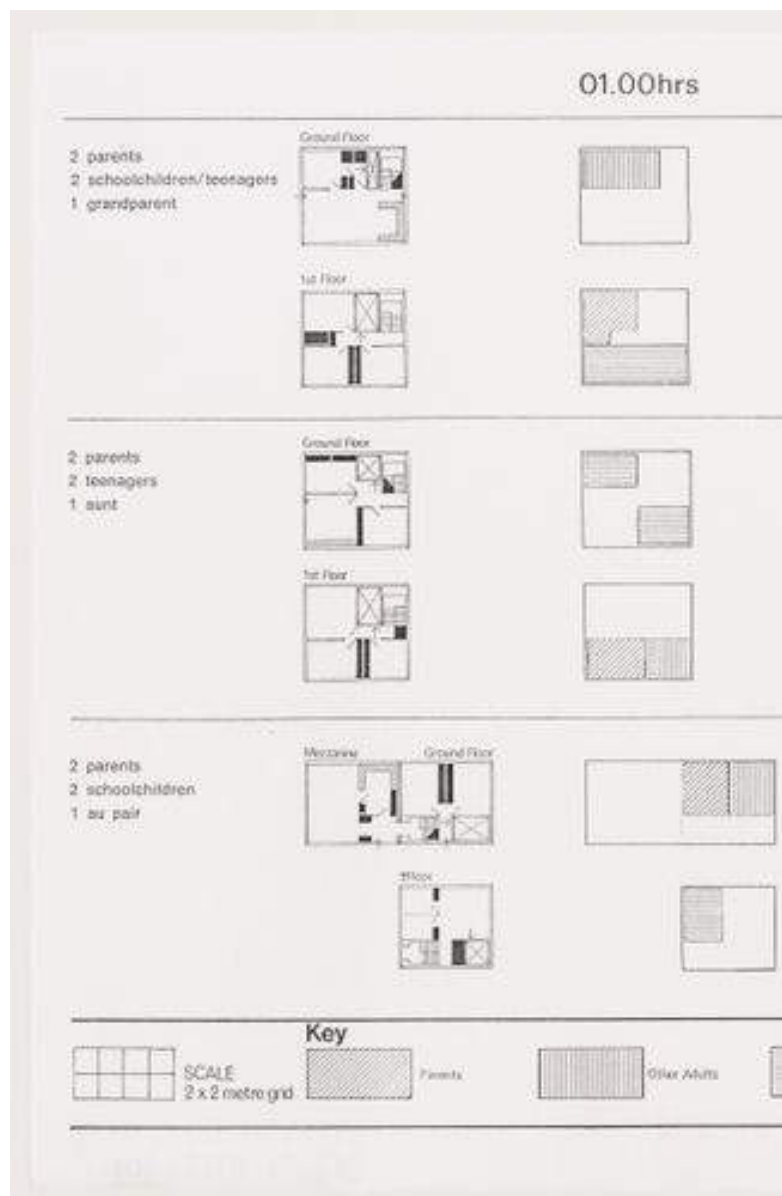
Esta divisão em dois grupos foi montada de maneira a criar uma competitividade colaborativa. Neste ambiente os competidores têm oportunidade de colaborar numa discussão prévia dos critérios e serem os próprios a discutir e ponderar qual é o melhor resultado, algo que Francisco Moura Veiga acredita resultar numa tensão divertida e positiva.

Um dos objetivos do workshop, é a fomentação do pensamento crítico relativo ao papel do Design na resposta às problemáticas atuais. Esta ferramenta nos dias de hoje, deve criar respostas aos desafios da sociedade e não ser usada como a procura de uma forma icónica. É uma abordagem em forma de desígnio, um ato de expressar uma intenção ou uma vontade na sua raiz. Todo o projeto tem a sua origem em interações. Um dos papéis essenciais

do arquiteto é compreender essa intenção, situá-la no contexto no qual se insere, enriquecê-la e dar-lhe forma, que, por sua vez, acaba por ser uma síntese da sociedade, da cultura e do local em questão. Em essência, o projeto representa a síntese da análise realizada naquele momento e a proposta para oferecer a melhor resposta possível, de acordo com a visão do arquiteto e as condições.

Num momento final de reflexão, discutiu-se de forma imparcial as decisões arquitetónicas em causa, para perceber qual dos grupos respondeu às problemáticas da melhor forma. A necessidade de desprendimento e humildade neste momento foi e é essencial para o crescer de um espírito verdadeiramente crítico, libertar o ego e sentimento de autoria do projeto e ganhar distância e imparcialidade nas discussões.

No final, voltamos ao início e refizemos o exercício inicial com as novas experiências e métodos aprendidos durante o workshop, no entanto, nesta segunda vez os resultados não se mantiveram.



180. Diagram for Towards a 24-hour economic living toy, 1967. Fonte: CCA.

¹ “Playful Reframing” é um método que consiste numa proximidade produtiva e um distanciamento crítico, é uma ferramenta para desconstruir preconceitos e normas que formatam a nossa forma de perceber e de produzir arquitetura

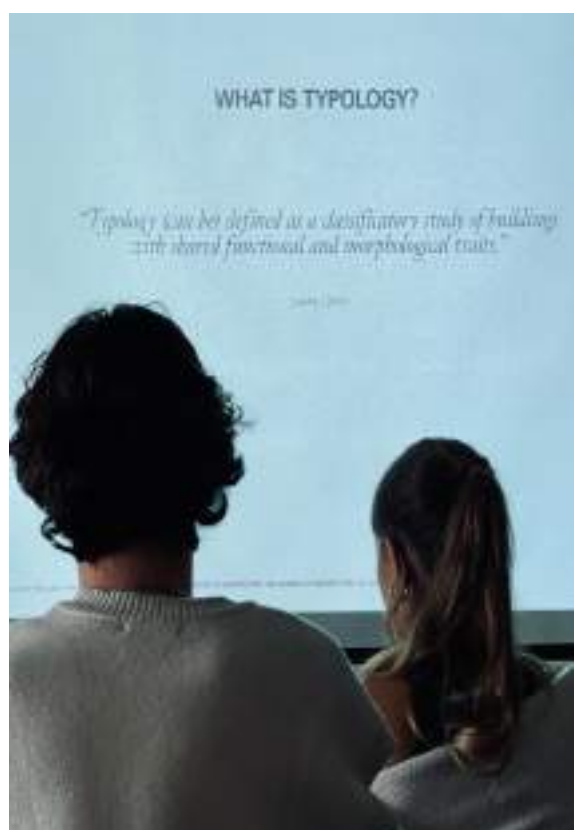
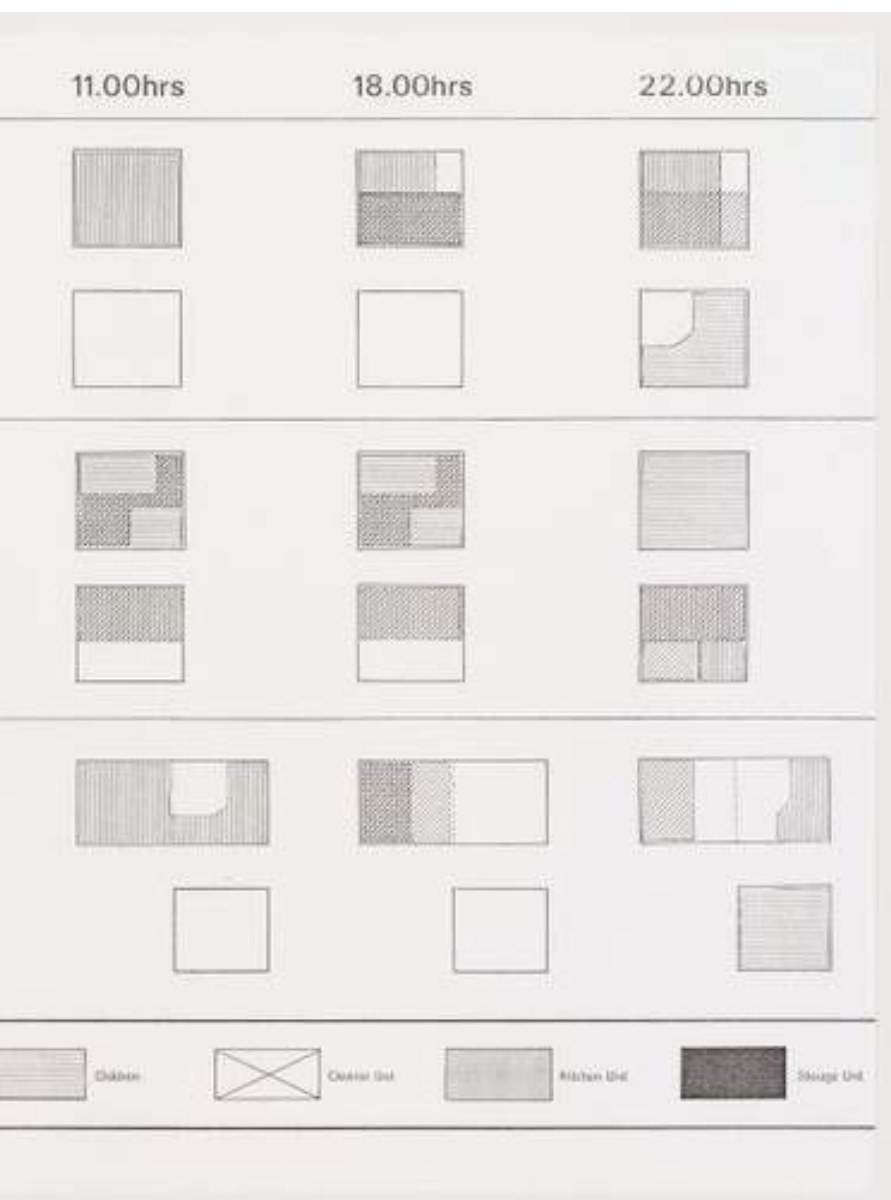
Quem somos?

O que é a tipologia?

O que significa habitar?

O que queremos para nós, para a sociedade e para o mundo em que vivemos?

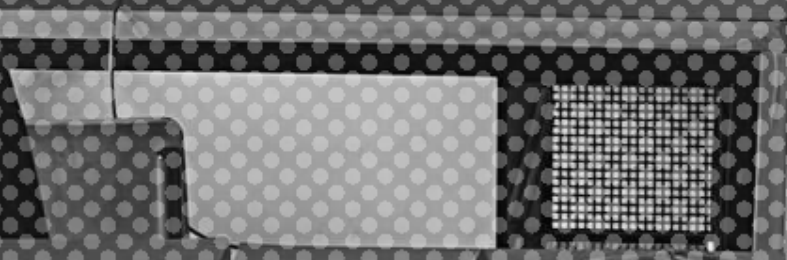
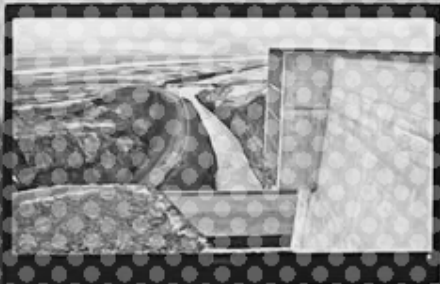
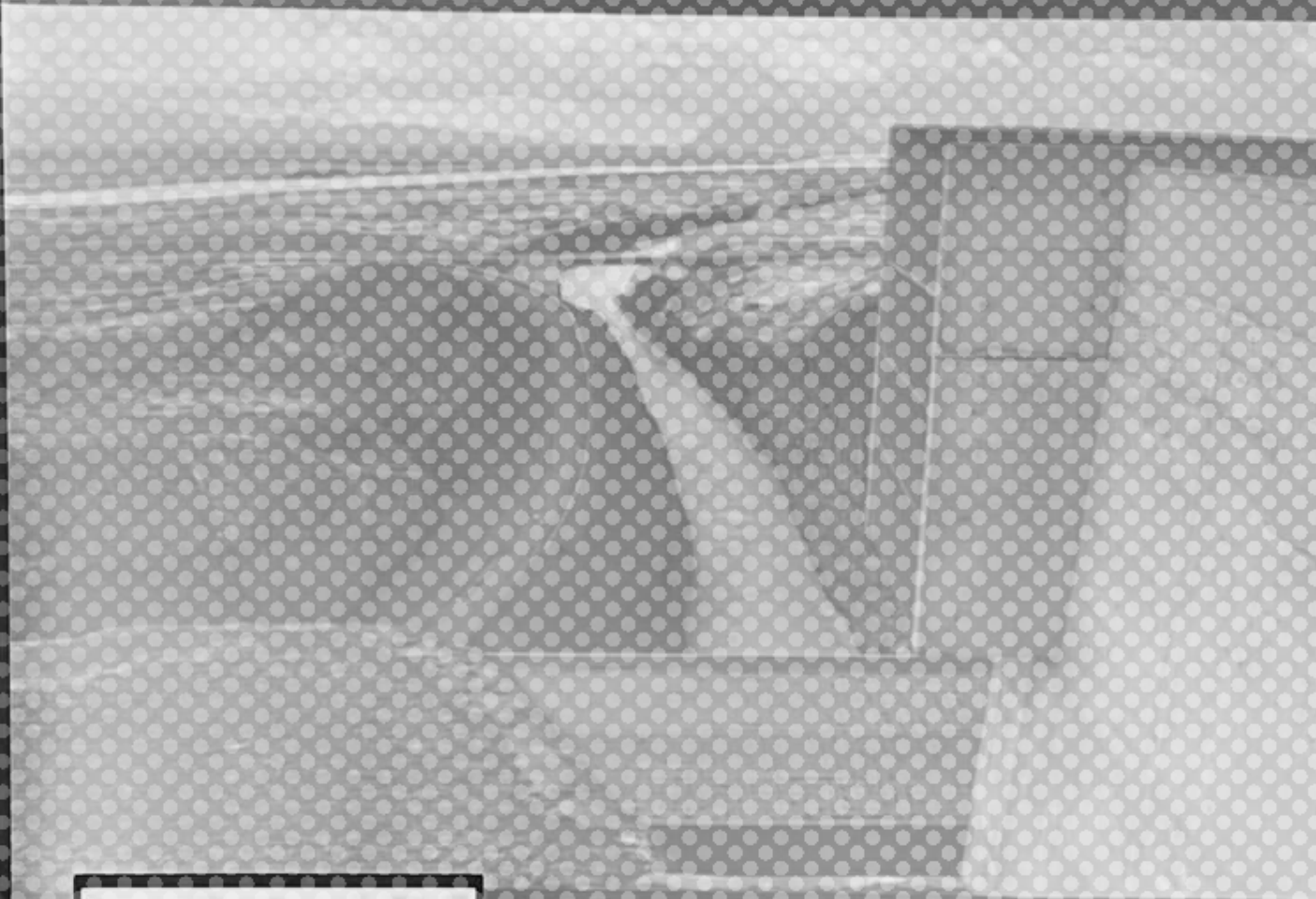
De que forma o vamos conseguir?



Inês Vieira Rodrigues é arquiteta, formada pela em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP, 2012) com a dissertação “Rabo de Peixe - sociedade e forma urbana”, publicada em Caleidoscópio Editor, 2016. Iniciou a sua carreira nos M-Arquitectos (Ponta Delgada, 2013-2014), seguindo-se a Feld architecture (Paris, 2015), em Portugal, fez parte da equipa da Summary (Porto, 2017-2020). Atualmente é investigadora e doutoranda do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, venceu a 18.ª edição do Prémio Fernando Távora, com a proposta “Viagem às arquiteturas energéticas insulares”.

INÊS VIEIRA RODRIGUES: VIAGENS ÀS AR-





VIAGENS ÀS ARQUITETURAS ENERGÉTICAS INSULARES

Inês Vieira Rodrigues

O que é energia? Que tipos de energia existem nas Ilhas? E qual o impacto destas infraestruturas na paisagem?

Inês Vieira Rodrigues partilha com o atelier, o processo da sua investigação sobre a produção de energia elétrica na Islândia e nos Açores. As questões levantadas vão sendo esclarecidas pela partilha do processo de investigação e das viagens aos centros de produção elétrica nestas ilhas. Na Islândia, as energias geotérmicas e hídricas representam a totalidade de produção de energia elétrica, não sendo explorados nenhuns combustíveis fósseis. Ainda assim, existe uma prospeção para investir na produção eólica futuramente.

Sobre a realidade insular de Portugal, traduzida pelo relato da visita de Inês Rodrigues aos Açores, percebemos que existem 50 centrais de produção de energia geotérmica de diferentes dimensões, das quais os recursos energéticos variam de ilha para ilha dentro do arquipélago.

“O mar constitui-se um obstáculo à difusão da energia, entre ilhas.” As ilhas são ecossistemas energéticos e demonstram a importância da autonomia de energia no contexto insular, devido à sua isolamento e imposição física do mar que bloqueia uma corrente de energia contínua. A crise do petróleo dos anos 70 na Islândia despoletou o aumento da exploração de produção de energia, tornando-se das primeiras ilhas energeticamente independentes.

Na energia geotérmica, o processo é equiparado a uma panela de pressão, através de um recipiente de estanque sob o calor. À medida que as águas da chuva vão enchendo o reservatório, a água é aquecida pela energia da terra e a pressão aumenta. Por outro lado, a energia hídrica, obtém-se através da potência das massas de água que fluem intensamente devido à queda de grande escala, como acontece nas barragens.

A energia é uma grandeza física abstrata que se relaciona com a capacidade de produção de ação e/ou movimento, que pode ser expressa de diversas formas. Das mais antigas formas de arquitetura energética como é o caso dos moinhos de vento, de água, para produção de energia mecânica ou de velas, para impulsionar os veleiros. O ser humano tem vindo a intervir sobre energias ao longo dos tempos, e a realidade atual é que a infraestrutura energética tem vindo a ganhar uma escala enorme e transformadora do território.

Onde se encontra o arquiteto na paisagem energética? Qual o seu papel? Inês Rodrigues demonstra que quando a arquitetura é convocada para a percepção e integração em obras com esta origem, a mesma ganha uma dimensão mais consciente no que toca ao local, às condicionantes e potencialidades. O arquiteto tem a sensibilidade de olhar para o planeamento da paisagem energética e conferir-lhe uma preocupação com o espaço envolvente. Qual é a relação da infraestrutura com a paisagem? Como integrar estas construções num território e conferir-lhe o impacto e escala adequado? Neste sentido, a arquitetura pode ter um papel mediador na paisagem.



182. Central Geotérmica Hellisheidi, Islândia, 2022, Inês Rodrigues.
Fonte: Revista Público.

O que é energia?

Que tipos de energia existem nas Ilhas?

E qual o impacto destas infraestruturas na paisagem?



183. Central Geotérmica da Ribeira Grande, São Miguel, Açores, 2022, Inês Rodrigues. Fonte: Ordem dos Arquitetos.

Proposta Conjunta
12 Intervenções
Glossário

Descrição



1. Recuperar a identidade: Preservar as qualidades do local.

2. Reaproveitar: Intervir sobre infraestruturas obsoletas, elementos criadores de paisagem possibilitando um novo uso.

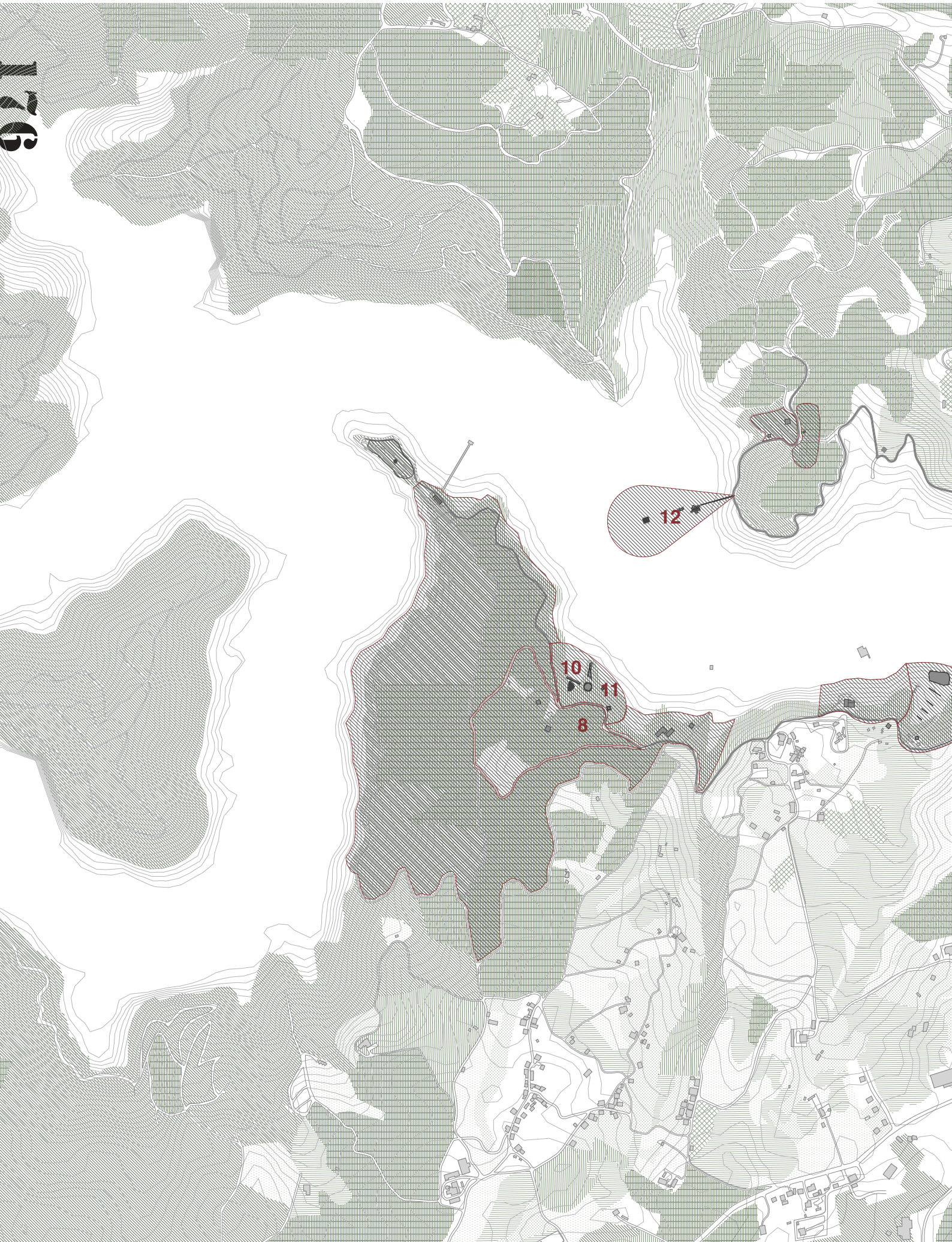
3. Cultivar a política intermunicipal: Utilizar a infraestrutura como ponto de ligação físico e político. A barragem do Cabril e a EN2, como via partilhada e elemento agregador das duas margens.

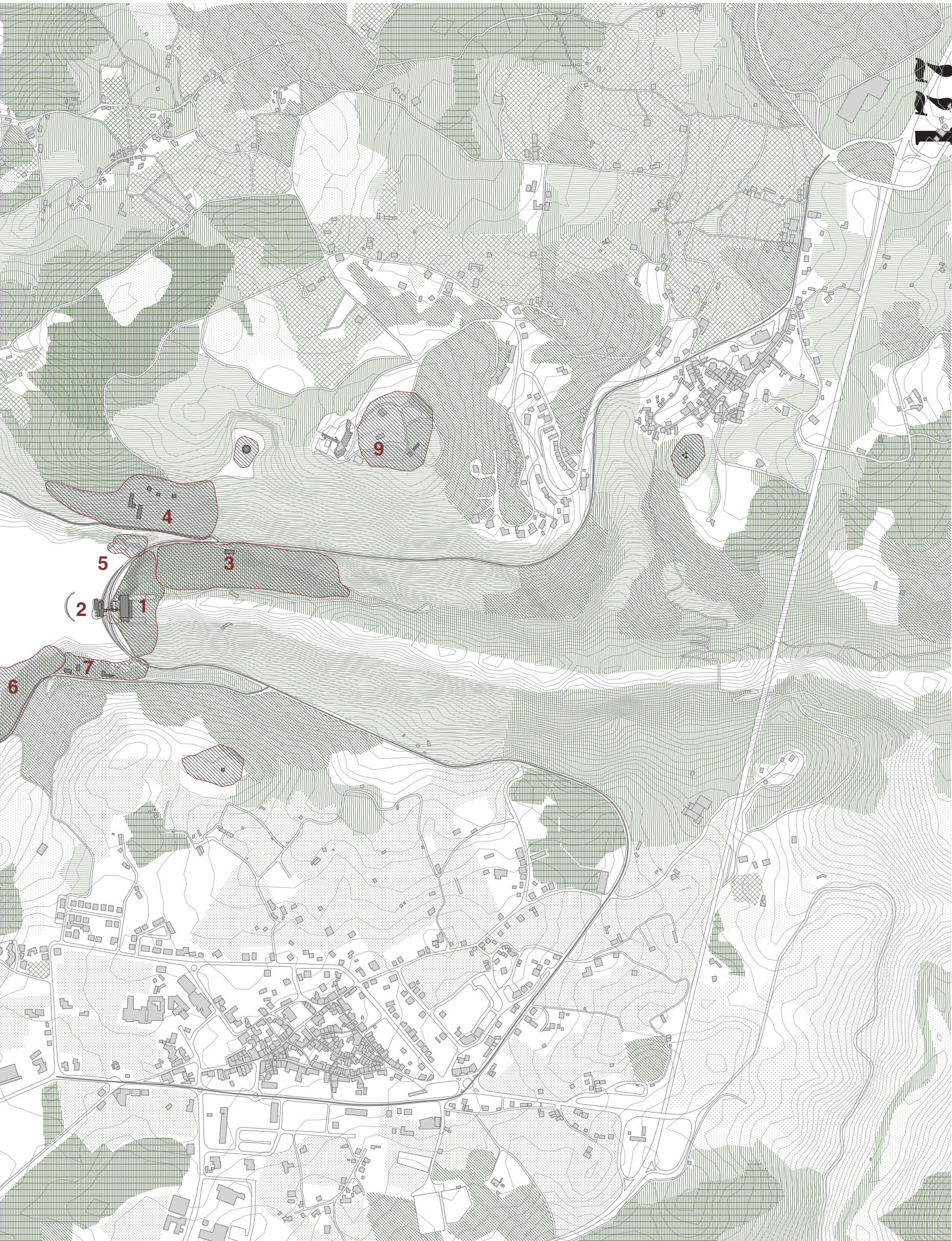
4. Reparar: Reflorestar o território com uso de espécies autóctones que promovam a diversidade, que regenerem as margens e que purifiquem a água do Zêzere.

5. Re-imaginar um futuro pós-Antropoceno: Um cenário multi-espécies, onde todas as necessidades das mesmas são respeitadas. Fim ao “monopensamento”. Futuro comum.

6. Arquitetura para além de casas: Arquitetura como método de planeamento e estratégia. Uma forma de contaminar comportamentos, pensamentos e ações.

7. Gesto Justo!





1

É urgente preservar as tradições que tornam as comunidades rurais únicas, de forma a perpetuar a sua identidade cultural e histórica.

Projetando e recuperando espaços onde atividades como as bandas filarmônicas, os grupos de teatro e os ranchos se possam desenvolver, o arquiteto pode ter um impacto significativo na conservação do legado cultural e histórico destas terras.

2

A preservação do espaço público comum é um recurso fundamental para a coesão social e a vivência comunitária.

O mercado, também de filete a identidade de práticas c

4

O campo é um lugar de e para todos.

(Co)Habitar o campo deve partir da relação entre o “eu” com o “outro”, o coletivo, e daí com um espaço “rural” vivo, dinâmico e de realidades plurais.

6

A água é um bem comum.

Tirar partido deste bem por via de desportos náuticos pode ser a opção mais sustentável, pois o mesmo não coloca em causa a integridade dos ecossistemas locais, ao mesmo tempo que promove atividades recreativas e o desenvolvimento económico nas regiões envolventes.

9

A floresta deve representar vida e não uma indústria.

Criar condições para permitir vida, biodiversa, sem monoculturas, que não levem ao confronto da erradicação de vida. O fogo sempre existiu e vai continuar a existir, deve-se portanto aprender a domina-lo e usá-lo de modo a que as florestas permaneçam como espaços vitais de equilíbrio.

10

(RE)PARAR!

Reparar na paisagem é saber ver com atenção, ver o que foi negligenciado, e reconhecer a urgência de uma intervenção. Mas reparar na paisagem não basta. Precisamos de saber a parar, e de reparar a paisagem, de restaurar o equilíbrio ecológico perdido. A reparação não é apenas física; é simbólica e necessária para resgatar o relacionamento entre o homem e a natureza. Onde o ser humano não vê a natureza apenas como algo a explorar, mas como algo a proteger e preservar.

enquanto espaço de troca não só de bens, mas ideias e saberes, preserva tradições locais, realidade do território e contribui para a manutenção culturais enraizadas na história coletiva.

5

Mobilidade para todos.

É necessário repensar o atravessamento da barragem pela EN2, e aproximar Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno.

O reúso é uma estratégia fulcral para a regeneração das áreas rurais.

A adaptação de estruturas pré-existentes permite revitalizar essências, reforçar tradições e criar novas oportunidades que assegurem um futuro promissor para a população e biodiversidade local.

7

Repensar habitats e relações multiespécies.

Num território transformado pela infraestrutura hidráulica, a água pode ser um espaço de biodiversidade.

8

Espécies resinosas não são floresta.

É urgente gerir a floresta e devolver à Natureza os seus agentes ativos.

11

Os sentidos são a ligação imutável entre o homem e natureza.

São a ferramenta mais pura que atua no nosso ser. Temos de sentir a efervescência do fogo que consome. Temos de ouvir os medos e desabafos da floresta a morrer. Acordar da inércia e sentir a preciosidade da inexistência de tempo.

3

GLOSSÁRIO

180

A

Açude _Obstáculo de terra ou madeira colocado perpendicularmente a um curso de água, destinado a represar as águas.

“Construção erguida no leito da ribeira com o objetivo de represar e elevar o nível da água. Até atingir 8 metros, onde a água galga, considera-se açude, para além disso fica sem efeito.”. (Costa dos Santos, José (2002), Moinhos da Ribeira de Pera)

Acupuntura _A arte de pequenas intervenções cirúrgicas no território.

Agricultura _O cultivo do solo, por meio de procedimentos, métodos e técnicas próprias. Com o propósito de produzir alimentos para o consumo humano, ou para serem usados como matérias-primas na indústria.

Água _O recurso natural mais abundante no planeta, que mantém o equilíbrio nos ecossistemas, no entanto, nem todo poder ser aproveitado pelo Homem.

Albufeira _Plano de Água formado numa bacia criada por uma Barragem, delimitado pelo Nível de Pleno Armazenamento (NPA).

Alterações Climáticas _Variações dos padrões meteorológicos de longo prazo na Terra, como a temperatura, os níveis do mar e a precipitação.

Ambientalismo _Um movimento que procura a proteção e preservação do meio ambiente, baseado na preocupação com questões relacionadas à degradação ambiental, esgotamento dos recursos naturais, poluição, perda de biodiversidade e mudanças climáticas. Engloba uma variedade de abordagens e atividades, desde a advocacia por políticas ambientais mais rigorosas, até à promoção de práticas sustentáveis no quotidiano.

Analogia _Relação de semelhança entre conceitos. Uma comparação inusitada entre dois objetos diferentes. Usa-se para explicar algo desconhecido ou complexo, por meio de comparação com algo mais familiar ou compreendido.

Antropoceno _É a Era marcada pelo impacto do Homem na Terra.

“The Anthropocene is the name given to a geological period

in which human-made stuff has created a layer in Earth’s crust: all kinds of plastics, concretes and nucleotides, for example, have formed a discrete and obvious stratum.” (Morton, Timothy (2016), Aesthetics, Ethics and Objects in the Anthropocene)

“Con el concepto de futuros multiespecies, este volumen tiene el objetivo de avanzar la comprensión sobre las maneras en que un conjunto de procedimientos archivo, escucha situada, transmisión, nomadismo, hacer con desde el arte, la especulación y el activismo pueden estimular comprensiones de las relaciones entre los humanos y el planeta, más allá del antropocentrismo.” / “La irrupción de lo no humano en las prácticas artísticas desafía la fantasía antropocéntrica que coloca al ser humano sobre las demás especies para poner de manifiesto una relacionalidad multivinculante con el mundo.”. (Castro, Azucena (2022), Futuros Multiespecies)

APA _Agência Portuguesa do Ambiente. A entidade responsável e reguladora, pela implementação das políticas de ambiente em Portugal.

APRH _Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos. A Associação científica e técnica, sem fins lucrativos, que pretende fomentar o tratamento interdisciplinar dos problemas da água, no país.

Aquicultura _Trata do estudo e criação (ou cultivo) controlado de espécies aquáticas tais como peixes, moluscos, crustáceos, etc.

Arquitectura _“(…) uma extensão da cultura, não apenas como manifestação de design e estética, mas também como expressão profunda da identidade e dos valores de uma sociedade (...)”. (Correia, Lucinda (2021), Contra-Arquitectura)

Artifício _Um tipo de habilidade, astúcia, construção humana ou recurso técnico, usado normalmente para atingir um objetivo. Um feito pelo ser humano, um artefacto ou obra de arte, uma construção. Um meio ou recurso técnico para alcançar um propósito específico.

Ativista _Alguém que se envolve ativamente em ações destinadas a promover, defender ou lutar por uma causa específica. Este tipo de envolvimento pode assumir diversas formas, incluindo organização de atividades com o propósito de alcançar mudanças sociais, políticas ou ambientais.

Autóctone _Ver Espécie Espontânea. Uma espécie que pertença naturalmente a um território.

B

Baldios_Terras comuns, não cultivadas ou não utilizadas, mas associadas a zonas rurais. Em Portugal os baldios têm uma história significativa e são geridos por comunidades locais. Os moradores, por vezes, têm direitos coletivos sobre essas terras, e as decisões sobre o uso das mesmas são tomadas de maneira conjunta na comunidade.

“Terrenos destinados a servir de logradouro comum dos vizinhos de uma povoação ou de um grupo de povoações.” / “São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais, definidas como o conjunto dos compartes. São compartes os moradores de uma ou mais freguesias ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio. Não sendo propriedade privada das juntas de freguesias, nem pertencendo ao domínio público do Estado, os terrenos baldios fazem parte do sector comunitário, ou seja, a sua proprietária é a própria comunidade.”. (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)

Barragem_Uma estrutura construída para reter e controlar o fluxo de água. São projetadas para represar a água para diversos propósitos, como gerar energia (Centrais Hidroelétricas), abastecimento de água e controlo de cheias.

Casa do poder das Nações. (Swyngedouw, Erik (2015), Liquid-Power)

Bem-estar_Hoje em dia está associado a uma ideia de conforto pessoal.

“(…) positive psychology stresses that we should all stop comparing ourselves to each other and focus on feeling more grateful and empathetic instead.” (Davies, William (2015), The Happiness Industry). “(…) an affective part that has its evaluation based on emotions and feelings, a cognitive part that relies on memories, stored information and barometers based on expectations upon life quality and a contextual part, that relates to the context proper to all individuals (…).” (Petermans, Ann (2016), Happiness in Place and Space)

Bioclimático_Uma abordagem que considera as condições climáticas e as características biológicas para otimizar o conforto ambiental em espaços construídos. Um encontro da arquitetura sustentável com soluções construtivas mais ecológicas e eficientes.

Biodiversidade_Variedade de organismos vivos encontrados num determinado ambiente, incluindo

diversidade de espécies, diversidade genética dentro das populações de espécies e diversidade de ecossistemas. Uma ampla variedade de formas de vida existentes na Terra.

Biofilia(biophilia)_A ideia inata de que os seres humanos têm de sentir uma ligação, uma afinidade e uma atração pela natureza e pelos elementos naturais. Existe uma tendência inata para a procura de conexões com outras formas de vida nos ambientes naturais.

Biosfera_A região da Terra onde existe vida. Inclui todos os organismos vivos, desde as mais simples bactérias até às complexas plantas e animais. É a zona que compreende a parte da Terra onde os seres vivos podem ser encontrados, incluindo a superfície terrestre, os oceanos, as áreas subterrâneas e a atmosfera.

Biótico / Abiótico - Biótico (Fauna + Flora + Micro-organismos) – Seres vivos, como as bactérias, protozoários, fungos, plantas e animais / Abiótico – seres “não” vivos, fatores como a radiação solar, a água, os gases, o vento. (Castro, Azucena (2022), Futuros Multiespecies)

C

Campo_Terreno não povoado.

“The countryside is where the radical changes are (...)”, “I don’t think there should be more planning in the countryside, or that it will be the next big place for architects to intervene. The attraction to megastructures in the industrialized interior is precisely because they have nothing to do with architects. They are ultra-utilitarian warehouses, divorced from architectural ambition.”. (Koolhaas, Rem (2017), Countryside – A Report)

Casa_O lugar emocional, de segurança, conforto e bem-estar, independentemente de ser uma estrutura física específica.

Capitalismo_Política de Sistema Económico baseado na propriedade privada dos meios de produção e exploração, com fins lucrativos.

Capitalismo Verde_Proveniente de uma política enganadora, associada ao conceito de sustentabilidade, que resulta numa manipulação que apoie a “natureza barata” (exploração de recursos).

“Como se ha señalado desde las humanidades ambientales y los estudios culturales³¹, el concepto de sustentabilidad es muchas veces apropiado por discursos de desarrollo (“desarrollo sustentable”, “capitalismo

verde”, “ecomodernidad”, “greenwashing”) para apoiar políticas que produzem ajustes mínimos com o objetivo de que o sistema que deu origem à crise ecológica do Capitaloceno continue desenvolvendo-se em lo que Jason Moore denomina uma “ecología-mundo”³² baseada na constante exploração de “naturalezas baratas” para alimentar as economias de Occidente.”. (Castro, Azucena (2022), Futuros Multiespecies)

Capitaloceno_Ver Antropoceno + Capitalismo.

Catástrofe - Um acontecimento referente a uma manifestação de um ou mais riscos que podem tornar-se desastrosos e que envolvem destruição, uma calamidade. Também pode identificar-se uma situação de má qualidade, que causa uma impressão negativa, pode acabar mal ou estar mal feita.

CCDR_Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional. A Entidade pública portuguesa que tem como objetivo principal promover o desenvolvimento regional e a coesão territorial.

Chã_Uma extensa área plana de terra, como uma planície ou um planalto.

Chthulucene _“Name for the dynamic ongoing sym-chthonic forces and powers of which people are a part, within which ongoingness is at stake. Maybe, but only maybe, and only with intense commitment and collaborative work and play with other terrans, flourishing for rich multispecies assemblages that include people will be possible. I am calling all this the Chthulucene—past, present, and to come.”. (Halaway, Donna (2016), Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene)

Clima_Um padrão a longo prazo das condições do tempo em regiões específicas, influenciado por diversos elementos e fatores climáticos que atuam na atmosfera. Um conjunto de aspetos e variáveis climáticas que atuam numa determinada localidade ao longo do tempo.

Climate Breakdown_O colapso das condições climáticas globais, devido ao aquecimento global proveniente de ações humanas, como queima de combustíveis fósseis, queimadas e emissões de gases de efeito estufa. Não implica apenas um aumento da temperatura global, como uma série de consequências adversas como eventos climáticos extremos mais frequentes e intensos: elevação do nível do mar, acidificação dos oceanos, perda de biodiversidade e alterações nos padrões de precipitação.

Colonização_Estabelecer um controlo e posse de um território. Envolve geralmente migração de espécies e pode estabelecer-se uma ocupação invasiva numa determinada região, com o objetivo de expansão.

Comum_Algo que seja compartilhado por uma comunidade. Uma área que possa estar disponível para uso e acesso de todos e para todos, tal como poderá ser relativo a todos, em oposição ao que possa ser privado.

Comunidade_Um composto de expectativas, interações ou comportamentos com propósito, que os humanos realizam entre si. É uma condição que individualiza a organização e a separa dos outros com o motivo de agrupar as pessoas que possam compartilhar os mesmos desejos, motivações, ou até mesmo um lugar, em que apenas quando juntas, faz sentido.

Constrangimentos_Todos os projetos estão sujeitos a um conjunto de constrangimentos externos que têm de ser observados cuidadosamente. Dizem-nos o que “não pode ser ou acontecer” (como impossibilidades, ou condicionantes), e saber identificar limitações. Cada constrangimento é uma oportunidade.

Construção_Ação de construir. Dar forma a algo.

Consumismo “If consumption and materialism remain both cause and effect of individualistic unhappy cultures, the vicious circle is a profitable one for those involved in marketing.”. (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

COP28_28ª Edição Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2023 ou Conferência da CQNUMC (Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima).

COS_Carta de Ocupação dos Solos.

Cultura_Um conjunto de conhecimentos, comportamentos, costumes, expressões, que caracterizam uma sociedade ou comunidade específica. É uma dinâmica que está em constante evolução, que pode também ser influenciada por interações culturais, migrações e eventos históricos. Cada comunidade é única na sua cultura e a diversidade cultural é uma característica fundamental da experiência humana.

D
Decrescimento_Uma redução deliberada e sustentada do consumo e da produção de bens e serviços.

Desenvolvimento Sustentável_Satisfação das necessidades do presente, sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

Desperdício - Uma utilização inadequada ou uma perda de recursos, devido a ações ou processos ineficientes, descuido ou falta de consideração. Implica uma utilização desnecessária de recursos que poderiam ter um melhor aproveitamento.

Dopamina Um componente químico do cérebro, que funciona como um sistema de recompensa neurológica. "(...) a dopamina é libertada dos nossos cérebros quando existe uma recompensa por uma boa decisão, tal como nos, os animais também são governados por prazeres e por dor, repetindo as ações que lhes trazem recompensas e evitando aquelas que lhes trazem dor". (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

Diversidade A presença de diferenças variadas, em termos de características ou qualquer outra forma de distinção. A valorização da multiplicidade de perspetivas, experiências e identidades presentes numa determinada comunidade, sociedade ou ambiente.

E

Eco-Ativismo Grupos e organizações que se dedicam a enfrentar problemas ambientais como a mudança climática, a poluição, a destruição de habitats naturais, a perda de biodiversidade e outros desafios que afetam a saúde e o equilíbrio dos ecossistemas e a qualidade de vida das pessoas.

Ecocídio Destruição em massa da Natureza. Uma destruição extensa e deliberada do meio ambiente natural, incluindo ecossistemas, fauna, flora e recursos naturais. Um dano ambiental significativo provocado por atividades humanas que resultam em impactos irreversíveis ou de longo prazo para o equilíbrio ecológico do planeta.

Ecologia O ramo que estuda as interações entre os organismos e o ambiente. As relações dos seres vivos com os habitats físicos. Uma compreensão sobre a conservação da biodiversidade, na gestão de recursos naturais e na abordagem de questões ambientais e globais, como a mudança climática e a perda de habitats.

Economia Circular "Visa dissociar o crescimento económico dos impactos ambientais - com objetivos como: reduzir o uso de matéria-prima para reverter o modelo extractivista do sistema económico atual; impulsionar práticas de reutilização, evitando descartar padrões para matérias e materiais que ainda tenham valor de uso para diferentes partes da sociedade; aumentar a reciclabilidade dos bens através da implementação de um acordo de mercado eficaz para materiais secundários.". (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)

Economia de meios Permite otimizar a utilização dos recursos disponíveis a partir da produção de conhecimentos objetivos, precisos e oportunos.

Ecossistema

Um sistema complexo composto por uma comunidade de organismos vivos (como plantas, animais, microorganismos) que interagem entre si no ambiente físico onde vivem (como solo, água, ar). Uma unidade funcional composta por elementos bióticos e a bióticos.

Emergência Climática A crescente consciência de que as mudanças climáticas representam uma ameaça existencial à humanidade e ao planeta. Uma ação que se torna imediata e decisiva, necessária para mitigar as mudanças climáticas.

Ensaio "(...) o ensaio pessoal propriamente dito – o aparelho formal de introspeção honesta e de compromisso sustentado com as ideias, tal como descrito por Montaigne e desenvolvido por Emerson, Woolf e Baldwin – está em eclipse. (...) A este propósito acho oportuno mencionar mais duas lições que aprendi com Henry Finder. Uma foi que, qualquer ensaio, mesmo um texto de reflexão, conta uma história. A outra foi que Só há duas maneiras de organizar as matérias: "Isto é como aquilo" e "Isto resulta daquilo". Talvez estes preceitos pareçam óbvios, mas qualquer pessoa que corrija trabalhos liceais ou universitários sabe que não são. Para mim, em particular, não é evidente que um texto de reflexão deva seguir as regras do drama. E, no entanto, não é verdade que uma boa discussão começa por formular um problema difícil? E que a seguir propõe uma saída para o problema através de uma solução audaciosa, e levanta obstáculos sob a forma de objeções e contra-argumentos para, no fim, por via de uma série de inflexões, nos levar a uma conclusão imprevista, mas satisfatória? (...) Se o leitor aceitar a premissa de Henry, de que uma peça de prosa bem conseguida consiste em material organizado sob a forma de uma história, e se comungar da minha convicção de que as nossas identidades consistem nas histórias que contamos sobre nós próprios, faz sentido que obtenhamos uma forte dose de substância pessoal no trabalho de escrever e no prazer de ler.". (Franzen, Jonathan (2018), O fim do fim da Terra)

Escada de Peixes Estrutura construída em torno de barreiras naturais ou artificiais, para facilitar a transportação de peixe e espécies que necessitam de migração.

Espécie Espontânea

Espécie vegetal, autóctone, cujo surgimento não foi resultante da intervenção humana direta, nomeadamente por plantação.

Espécie Invasora Espécie suscetível de, por si própria, ocupar o território de uma forma excessiva em área, provocando uma modificação significativa nos ecossistemas em que ocorre.

Estação Náutica A integração e desenvolvimento de atividades turísticas relacionadas com a água, tais como navegação, mergulho, pesca, desportos aquáticos, turismo de observação de vida marinha.

ETAR_Estação de Tratamento de Águas Residuais

Ética_O estudo do comportamento humano e os princípios morais que orientam as ações individuais e coletivas. Uma contribuição para o bem-estar individual e coletivo, na construção de uma sociedade mais justa.

Etimologia_A origem das palavras num só estudo, sobre a formação, evolução e significado, ao longo do tempo.

Extrativismo_Cultura de extração implementada na época do colonialismo. / O olhar para Terra, e o que a constitui, como um recurso.

F

Felicidade_Uma cultura que valoriza apenas otimismo, vai produzir patologias de pessimismo, com sintomas tais como: depressão, falta de sono, falta de libido. / O sentido de comunidade também desperta a felicidade.

“A negative frame of mind, including depression itself, is known to be socially contagious.” / “We have become obsessed with money and acquisition at the expense of our social relationships in our own human fulfilment.”. / “Para perceber um termo psicológico como a felicidade, humor, ou motivação, é preciso percebê-lo tanto como ocorre nos outros, como ocorre em cada indivíduo. Eu sei o que felicidade significa, porque eu sei como descrevê-lo nos outros e sei reconhecê-lo na minha própria vida.”. (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

Fogo_É uma manifestação de combustão com emissão de luz e calor.

“O fogo é a síntese do contexto.” / “(...) só conseguimos mudar a magnitude com que ele se expressa, se alterarmos antecipadamente o seu contexto, isto é, a vegetação suscetível de arder.” (J. Pyne, Stephen (2023), Piroceno) .

G

Galeria Ripícola_Formações de espécies vegetais autóctones nas zonas de transição entre ecossistemas aquáticos e terrestres.

Green Ethics_

“(…) emerged with the environmental movement of the 1970s. That movement focused largely on the important task of finding a better way to act toward nature, but our current times require something else: that we derive na ethics from the ways nature acts on us.”. (Kohn, Eduardo (2013), Forest for the Trees)

Green Washing_Ver Capitalismo Verde.

H

Hegemonia_Um domínio ou influência exercida por parte de um grupo ou poder sobre outros, seja no âmbito internacional, político, económico, cultural ou social. Um domínio de ideias, valores ou normas sobre outros indivíduos, numa sociedade.

HEZ_Hidroelétrica do Zêzere (criada em 1945), EDP.

Holoceno_Últimos 11.700 anos da história do Planeta Terra.

Hulha Branca_Água em queda aproveitada para produção de energia elétrica.

Hulha Negra_Carvão fóssil, negro, de aparência compacta, bandado, que, depois da antracite, é o que tem maior percentagem de carbono.

Humano_Uma descrição de características físicas e mentais da espécie Homo Sapiens, quanto a comportamentos e qualidades distintivas da espécie humana em relação a outros seres vivos - compaixão, empatia, solidariedade, criatividade.

I

ICNF_Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

IHRU_Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. A entidade pública promotora da política nacional de habitação.

Incêndio_É uma ocorrência de fogo não controlado, que pode ser extremamente perigosa para os seres vivos e todas as estruturas envolventes.

Indígena_Membro de uma tribo que resiste à colonização e que vive em simbiose com o meio natural, alguém com proximidade ao local que o corpo habita.

Invasor_Influências que entram num domínio cultural, social ou político, de forma intrusiva ou indesejada, podendo provocar mudanças perturbadoras. Algo ou alguém que também poderá entrar de forma não autorizada ou ilegal, associando-se conotações de violação, ocupação ou interferência indesejada.

J

Jusante _A posição para que flui um curso de água. A direção para a qual o curso de água corre.

Justiça Ambiental _A garantia de que todos possam ter o direito a um ambiente sustentável, saudável e seguro, incluindo equidade no acesso aos recursos naturais, participação pública nas decisões ambientais e proteção dos direitos das comunidades mais afetadas nestas questões. Reconhece-se que as comunidades mais vulneráveis enfrentam uma carga desproporcional de impactos ambientais negativos, tais como, a poluição do ar, degradação do solo e exposição a produtos químicos tóxicos.

Justiça Social _A distribuição equitativa de oportunidades, recursos e direitos na sociedade, com o objetivo de garantir que todos os membros de uma comunidade, tenham acesso a condições de vida dignas e igualdade de oportunidades. A promoção de políticas e práticas que combatam a discriminação, a marginalização e a exclusão social.

L

Leito _O fundo de um rio, onde a água corre. A parte do canal que está permanentemente coberta pela água.

Limite _É uma linha/barreira imaginária de extremo, como impedimento de ultrapassar para além do estipulado de um determinado objetivo. / Limite físico de extremo que se poderá, ou não, atingir.

Lógica _A procura pelo entender de um pensamento que poderá ser organizado de maneira consistente e coerente para chegar a conclusões verdadeiras com base em premissas válidas.

Lugar _Um espaço físico, num sentido básico, numa área ou ponto específico terrestre. Um espaço que também poderá ser conceitual ou figurativo, como um “lugar na mente”, para a descrição de uma ideia ou conceito abstrato.

M

Manifesto _Ação/ Reação a cerca de um problema.

Margem _Barreira que deveria agir como filtro, mas não funciona. Limites adjacentes ao limite do rio cuja composição afeta o estado da água.

“O dorso da Albufeira.”. (Ferraz, Telmo (1960), Lodo e as

Estrelas).

Meandro _Curva acentuada de um rio que muda de forma e posição consoante as variações de maior ou menor energia e cargas fluviais durante as várias estações do ano.

Memória _Retenção e recuperação de experiências, conhecimentos, habilidades e percepções, ao longo do tempo. Uma caracterização fundamental à identidade pessoal.

Metáfora _Uma comparação implícita entre duas coisas diferentes, destacando uma semelhança subjacente entre elas através da utilização de uma palavra ou expressão, num determinado contexto, para descrever algo de forma simbólica ou figurativa.

Mineração _A extração de minerais, metais, combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás natural, e outros recursos naturais do solo ou subsolo da Terra, para uso Humano. Uma atividade essencial à economia global agregada ao provável desenvolvimento de impactos ambientais significativos.

Montante _A direção de onde é proveniente o curso de água num rio. Refere-se à zona onde está armazenada a água das Barragens nas Albufeiras.

Multiculturalismo _A coexistência de diversas culturas dentro de uma sociedade ou comunidade. O reconhecimento e valorização da diversidade cultural, promovendo a igualdade de direitos e oportunidades para todos os grupos culturais.

Multiespécies _A diversidade biológica e a coexistência de várias espécies num mesmo habitat, reconhecendo as diferentes interações entre as mesmas e os papéis que desempenham na estrutura e funcionamento dos ecossistemas.

N

Não-Humano _Todos os organismos que não o Ser Humano. Produções fora de uma proveniência e alcance Humano.

Natural _Uma ocorrência não produzida ou modificada por humanos. Algo que estará em conformidade com leis ou padrões fundamentais da natureza, da física, da biologia ou de outros campos científicos.

Natureza _O mundo físico, de seres vivos, e ambientes naturais, com processos naturais, que existem independentemente da intervenção humana.

Neoliberalismo Uma ideologia económica e política que enfatiza a liberdade individual, a iniciativa privada e o mercado livre, como os principais motores do desenvolvimento económico e social. Define-se por uma redução de regulamentações governamentais que pode gerar uma instabilidade financeira, bem como um enfraquecimento dos serviços públicos.

Novo Bauhaus Europeu Um movimento criativo e interdisciplinar em desenvolvimento, que proporciona um espaço de encontro para conceber futuros modos de vida, entre a arte, cultura, inclusão social, ciência e tecnologia, que visa aproximar o Pacto Ecológico e participar na construção de um futuro inclusivo e sustentável. (in Direção Regional de Cultura do Centro)

NPA Nível de Pleno Armazenamento da Albufeira.

O

Object Trouvé A ideia de que objetos comuns podem ser transformados em arte por meio de alguma seleção, contexto ou apresentação, desafiando as noções convencionais de habilidade técnica e originalidade na criação artística.

ODS Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Objetivos de desenvolvimento sustentável que representam um apelo urgente à ação de todos os países.

Omni-Crisis Uma crise generalizada que não está limitada a uma única esfera, mas sim com ramificações e impactos em múltiplos domínios.

Ontologia O que é existir? Ciência do ser. A natureza da realidade, a estrutura do ser e a essência das coisas.

P

Pacto Ecológico Europeu Conjunto de iniciativas estratégicas que promovem uma transição ecológica para a União Europeia, com o objetivo de alcançar a neutralidade climática até 2050.

Paisagem Uma área vista através de uma determinada perspetiva ou uma descrição de uma região geográfica mais extensa.

Património O conjunto de bens materiais e imateriais que são considerados valiosos para uma sociedade, seja no contexto histórico, cultural, arquitetónico, artístico ou social. Recursos naturais, áreas protegidas e ecossistemas que possam ser considerados

valiosos para a biodiversidade.

Passadiço “Parte superior do açude por onde pessoas e animais transitavam, pelo menos durante algumas épocas do ano.” (Costa dos Santos, José (2002), Moinhos da Ribeira de Pera)

Permanência O ato de ficar. A ideia de continuidade, estabilidade ou durabilidade de algo.

Permacultura “É a integração harmoniosa da paisagem e das pessoas, fornecendo alimentos, energia, abrigo e outras necessidades materiais de forma sustentável.” / “A permacultura favorece e agricultura orgânica.” / “Projetos de permacultura devem incluir e enfatizar culturas perenes – para manter e reter os solos, fornecer ferragem, combustível e alimentos.” / “Dá prioridade a plantas e animais que são abundantes e habituais num determinado local, e não daqueles que dependem da irrigação e da aplicação de produtos sintéticos.” / “As estratégias da permacultura são democráticas, com empregos acessíveis a todos.” (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)

Plano de Água Massa de Água e respetivo leito.

Plantationocene Consiste no conjunto de impactos no Planeta Terra criados pela cultura de extrativismo, da expansão da monocultura e do trabalho forçado. (Halaway, Donna (2016), Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene).

Pluriverso A realidade não é uniforme ou unificada, mas sim composta por uma variedade de perspetivas, sistemas de crenças, narrativas e mundos possíveis. Estes universos podem ser físicos, sociais, culturais, mentais ou simbólicos.

PNA Plano Nacional de Água. A agência que estabelece as políticas nacionais da água e os princípios e orientações a aplicar pelos planos de gestão de regiões hidrográficas e outros instrumentos de planeamento das águas.

PNEBPH Programa Nacional das Barragens de Elevado Potencial Hidroelétrico. Promove a seleção de locais para um conjunto de aproveitamentos com vista ao cumprimento dos objetivos de produção de energia com origem em fontes renováveis.

PNEUA Programa Nacional para o Uso Eficiente da Água. Programa que associa a melhoria da eficiência de utilização da água à consolidação de uma nova cultura de água em Portugal.

POA_Plano de Ordenamento de Albufeiras. Planos que estabelecem as medidas adequadas à proteção e valorização dos recursos hídricos na área a que se aplicam de modo a assegurar a sua utilização sustentável.

POACBSL_Plano de ordenamento das albufeiras do Cabril, Bouçã e Santa Luzia

Pullotocrats_Grupos de indivíduos que detêm um grande poder ou influência, devido à riqueza substancial que possuem, e que, beneficiam financeiramente da produção ou perpetuação da poluição. Identificam-se nomeadamente, como indústrias de combustíveis fósseis

Pós-Antropocénico_A proposta de uma nova época geológica que destaca o impacto significativo das atividades humanas sobre os sistemas terrestres e o ambiente global.

Possibilidade_A capacidade de algo ser possível, uma oportunidade, probabilidade ou potencial para que possa ocorrer algo dentro de um determinado contexto ou condição.

Produção_O processo de criar, fabricar ou gerar algo, podendo ser um bem tangível, um serviço, ou determinadas ideias, incluindo conhecimentos, em diferentes áreas da atividade humana.

Progresso_Um avanço ou melhoria contínua em direção a um estado melhor, mais desenvolvido, mais satisfatório. Um conceito relacionado a crescimento, evolução ou aprimoramento em diferentes áreas da vida humana. Mudanças positivas e benefícios para a sociedade.

Purificar_Processo de remoção de impurezas, bactérias, sedimentos ou substâncias químicas da água, para a podermos tornar segura para consumo humano ou não humano.

Q

Quietude_Qualidade de quieto. Estado iminente de calma e serenidade.

R

RAN_Reserva Agrícola Nacional

REN_Reserva Ecológica Nacional

Reconstrução_Intervenção sobre uma estrutura existente com objetivo de manter e potenciar o que já existe. Qualquer obra que consista em realizar de novo, total ou parcialmente, uma construção existente no local de implantação ocupado por esta, após a sua demolição total ou parcial.

Reparar_O processo de identificar e corrigir problemas, defeitos ou danos, num determinado equipamento, estrutura ou sistema, com o objetivo de restaurar a funcionalidade e desempenho originais.

Resiliência_A capacidade de recuperar, adaptar e superar adversidades, desafios ou situações de stress. A habilidade de enfrentar e lidar com mudanças repentinas, fracassos ou dificuldades.

Revolução_Uma mudança drástica, radical e fundamental. Uma rutura significativa com o status quo ou com um sistema estabelecido, que poderá resultar em transformações profundas e duradouras na sociedade.

Revolução Agrícola_A transição de práticas agrícolas tradicionais, para práticas mais modernas e produtivas, geralmente a envolver o uso de tecnologias, máquinas agrícolas e métodos de cultivo mais eficientes e sustentáveis.

Rio_Uma corrente de água natural, em grande extensão e volume, que flui numa direção definida pela linha de curso. Podem formar-se através de fusão de riachos, córregos ou outras correntes menores de água. Desaguam nos oceanos, mares, lagos ou até mesmo, outros rios.

S

Silêncio_O silêncio é o cessar da experiência auditiva.

“Se a natureza é silenciosa, está morta.” (Ferraz, Telmo (1960), Lodo e as Estrelas)

“(…)a arquitetura é a arte do silêncio petrificado.” / “Uma experiência poderosa de arquitetura silencia todo ruído externo: ela foca nossa direção e nossa própria existência, e, como se dá com qualquer forma de arte, nos torna cientes da nossa solidão original.” (Pallasmaa, Juhani (2011), Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos).

Somatório_A totalização de quantidades.

Stakeholders_Todas as partes interessadas ou envolvidas num determinado projeto ou empreendimento. Poderão incluir diversos indivíduos, grupos, organizações ou entidades que são afetadas direta ou indiretamente pelas decisões relacionadas com o projeto. Poderão ser internos ou externos à organização e poderão ter

diferentes níveis de influência, interesse e poder, em relação ao projeto.

Stress_Estado de limite. Limite de qualquer conceito.

“stress [...] is simply a particular type of reaction to any excessive demand.” / “A society designed to measure and manage fluctuations in pleasure and pain, [...] may be set up for more instances of mental breakdown than one designed to help people speak and participate.”. (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

T

Terrain-Vague_Espaços urbanos abandonados, subutilizados ou não desenvolvidos, caracterizados por uma ambiguidade funcional e potencial para uma reinvenção ou reapropriação.

Terricídio_O Homicídio do Planeta Terra.

Thinkthanks_Durante a segunda guerra mundial, foi usado para descrever um sítio seguro para discutir planos e estratégias. A partir dos anos 60 começou a ser utilizado para descrever organizações privadas sem fins lucrativos de investigação, pesquisa e análise. Produzem relatórios e recomendações, destinadas a influenciar políticas públicas, debates e tomadas de decisão.

Topoanalysis_Uma análise topográfica. Uma exploração poética e filosófica da relação entre espaço, mente e experiência humana.

Topophilia_O apego emocional e afetivo que as pessoas têm por determinados ambientes ou paisagens. A importância das relações emocionais com o ambiente construído e natural para a compreensão da identidade pessoal, cultural e social.

Transgressão_O ato de quebra ou ultrapassar limites, regras ou normas estabelecidas, resultando em comportamentos considerados inaceitáveis, incorretos ou ilegais.

U

Unidade_Item que faz parte de um sistema ou do que é produzido em série.

UOPG 1_Plano de Urbanização da Vila de Pedrógão Grande – Unidades Operativas de Planeamento e Gestão.

Urgente_Estado de ânsia. A necessidade de priorizar determinadas atividades ou situações devido à

importância ou urgência.

V

Vernacular_Particular ou característico de um País (Nação, Região, etc.). Arquitetura que se ocupa de edifícios domésticos e funcionais e não de edifícios públicos ou monumentais.

Z

Zonas Inundáveis_Corresponde às áreas contíguas à margem dos cursos de água que se estendem até à linha alcançada pela maior cheia conhecida, com probabilidade de ocorrência num período de 100 anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ateliermob, Trabalhar com os 99%. (2022). **Pedrogão Grande: O Direito à Arquitetura Pós Incêndio**. Tigre de Papel.

Benedito, S. (2021) **The Canary in the Mine: Wildfires and Rural Communities in the Mediterranean Hinterland**. Harvard GSD. Fonte: <https://issuu.com/gsdharvard/docs/canary-in-the-mine/s/16382652>

Correia, L. (2021). **Livro Verde/Green Paper Contra-Arquitetura Re-Construir a Realidade/Counter-Architecture Re-constructing Reality**. Efabula.

Ferraz, T. (1960). **O lodo e as estrelas**. Âncora Editora.

Fundação EDP. (2014). **50 anos ao serviço da hidroelectricidade e do país- Cabril os aproveitamentos hidroeléctricos de Cabril e Bouçã**.

Koolhaas, R. (2020). **Countryside, A report**. Taschen.

Santos, M., & Wainwright, J. (2024). **River(s) Wear: Water in the Expanded Field**. SAGE.

